



### **Universidade Federal de Minas Gerais**

Reitora: Prof.<sup>a</sup> Sandra Regina Goulart Almeida  
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

### **Faculdade de Letras da UFMG**

Diretora: Prof.<sup>a</sup> Sueli Maria Coelho  
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

**FuLiA/UFMG** – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

### **EDITORES**

Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG, Brasil)  
Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA/UFMG, Brasil)

### **EDITORES DE SEÇÃO**

#### **Dossiê – FUTEBOL, LÍNGUA GLOBAL DO SÉCULO XXI**

Dr. Elcio Cornelsen (UFMG, Brasil)  
Dr. Francisco Pinheiro (U. de Coimbra, Portugal)  
Dr. Marcel Vejmelka (U. de Mainz, Alemanha)

### **CONSELHO EDITORIAL**

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru  
Álvaro do Cabo, UFRJ  
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ  
Andréa Sirihal Werkema, UERJ  
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ  
André Mendes Capraro, UFPR  
Arlei Damo, UFRGS  
**Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV**  
Cleber Dias, UFMG  
Edônio Alves Nascimento, UFPB  
Euclides de Freitas Couto, UFSJ  
Fabiana Lúcia Campos Baptista, Uni-BH  
Fábio Franzini, UNIFESP  
Flávio de Campos, USP  
**Francisco Ângelo Brinati, UFSJ**  
**Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal**  
Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália  
**José Carlos Marques, UNESP**  
José Geraldo Vinci de Moraes, USP  
Leda Maria da Costa, UERJ  
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG  
Luis Maffei, UFF-RJ  
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR  
**Luiz Henrique de Toledo, UFSCar**  
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG  
**Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha**  
Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ  
Pablo Alabarces, UBA, Argentina  
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad

Plínio Ferreira Guimarães, IFES  
Rafael Fortes Soares, UFRJ  
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ  
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP  
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel  
Silvio Ricardo da Silva, UFMG  
Tatiana Pequeno, UFF  
Victor Andrade de Melo, UFRJ  
**Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES**  
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

**PARECERISTAS AD HOC**

Abilio Pacheco de Souza  
Ana Caetano de Faria  
Ana Laura Eckhardt de Lima  
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão  
Camila Volker  
Carlos Augusto Novais  
Carlos Costa  
Caroline Patatt  
Caroline Soares de Almeida  
Elcio Loureiro Cornelsen  
Felipe Tavares Paes Lopes  
Gustavo Cerqueira Guimarães  
José Soares de Magalhães Filho  
Josiclei de Souza Santos  
Kaio Carvalho Carmona  
Leandro Olegário  
Lígia Rodrigues Balista  
Márcio Mitsuo

Mauricio Mendonça Cardozo  
Naiara Souza da Silva  
Raphael Rajão Ribeiro  
Roberta Pereira da Silva  
Wagner Xavier de Camargo

**COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA,  
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**  
Gustavo Cerqueira Guimarães

**REVISÃO**

Autores/as dos artigos

**PROJETO GRÁFICO**

PeDRa LeTRa

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS**

Núcleo FULIA

**IMAGEM** (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)

*Um a zero #2, 2012*

**IMAGEM DA CAPA**

*Breiti, 1991*

Breiti, guitarrista da banda Die Toten Hosen, Rio de Janeiro, Brasil.

Fonte: <https://www.dth.de/band/mitglieder/breiti>.

## APRESENTAÇÃO

### Futebol, língua global do século XXI

Elcio Cornelsen; Marcel Vejmelka | 3-7

## DOSSIÊ

### A camisa canarinho: um mito moderno em disputa

Marcel Vejmelka | 8-31

### Lionel Messi, „A última dança“! Die Konstruktion von Heldenerzählungen im Liveticker

Robert Schade | 32-46

### Tradução, literatura e futebol nas entrelinhas da crítica

Mauricio Mendonça Cardozo | 47-70

### Tradição na era global: o futebol em poemas de cordel do século XXI

Elcio Loureiro Cornelsen | 71-97

### Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol (estudos dolabélicos # 1)

Gustavo Cerqueira Guimarães | 98-130

### “Tudo é um jogo”: diferentes contornos da relação entre violência e futebol em dois escritores da Amazônia brasileira

Tânia Sarmiento-Pantoja | 131-144

### O futebol e a sociedade brasileira em crônicas de Luis Fernando Veríssimo

Carlos Costa | 145-158

### A escrita feminina na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*

Augusto Sarmiento-Pantoja | 159-184

### Nos paradoxos da linguagem: relatos sobre futebol e sexualidades

Wagner Xavier de Camargo | 185-195

## **PARALELAS**

### **Uma Análise sobre a cobertura de dois podcasts de futebol durante os primeiros dias da Copa do Mundo FIFA 2022**

Carlos Roberto Praxedes dos Santos, Lucas Pasetto Koerich | 196-219

## **ENTREVISTA**

### **Time do Povo e Fiel Torcida: as contexturas das construções simbólicas do Corinthians em produtos editoriais – entrevista com Celso Unzelte**

Núbia Azevedo | 220-238

## **POÉTICA**

### **Messi**

Mário Alex Rosa | 239-240

## Futebol, língua global do século XXI: XV Congresso Alemão de Lusitanistas

A importância do futebol no mundo da língua portuguesa é extraordinária, seja em nível das seleções nacionais (particularmente a brasileira e a portuguesa), seja em relação à presença de determinados clubes (outra vez brasileiros e portugueses) no palco internacional, e evidentemente a respeito da relevância de clubes, campeonatos e da prática futebolística em geral nos contextos nacionais e regionais, ampliando o enfoque para os países africanos de língua portuguesa e para as diásporas de língua portuguesa espalhadas pelo mundo.

De maneiras diferentes, entretanto com certas analogias produtivas, a língua portuguesa e o futebol funcionam como meio de expressão e canal de comunicação de circulação global, facilitando encontros e diálogos de pessoas e coletivos, os mais diversos intercâmbios de experiências interculturais. Mesmo que o jogo de futebol, enquanto prática, não disponha de palavras próprias, este esporte/desporto possui todo um jargão especial e articula diferentes linguagens no século XXI, oriundas da evolução histórica do esporte/desporto e fortemente marcadas pelas inovações tecnológicas na área da comunicação.

O próprio jogo no campo é traduzido para as linguagens e culturas das torcidas e claques, para a sua encenação e análise midiáticas, para a sua presença cotidiana na cultura popular. Na dimensão discursiva, não somente a mídia e a imprensa transmitem as suas linguagens do futebol, pois também as artes, a literatura, o audiovisual, a filosofia e a estética contribuem com representações e reflexões cada vez mais diversificadas e complexas.

Neste eixo entre o futebol e o português enquanto “linguagens globais do século XXI”, conforme podemos constatar a seguir, a seção **Dossiê** contempla estudos a partir de diferentes ângulos interdisciplinares, em um amplo leque de expressões culturais no mundo lusófono, e inicia-se com o artigo “A camisa canarinho: um mito moderno em disputa”, no qual Marcel Vejmelka analisa a dimensão histórica do mito da camisa amarela da seleção brasileira de futebol frente à sua apropriação por movimentos de extrema-direita no Brasil entre 2013 e 2023. Idealizada pelo escritor, jornalista, tradutor e desenhista Aldyr Garcia Schlee (1934-2018) em 1953, a “amarelinha” conheceria um futuro de glória e se tornaria um

dos símbolos identitários dos brasileiros tanto no país, quanto no exterior, a ponto de o Brasil ser designado de o “país do futebol”, em que se praticaria o “futebol-arte”. Todavia, o sentido de unidade identitária da camisa canarinho cairia por terra no decorrer da última década em virtude de sua apropriação indevida por movimentos do nacional-populismo autoritário.

A contribuição seguinte é „Lionel Messi, ‘A última dança!’ Die Konstruktion von Heldenerzählungen im Liveticker“ (“Lionel Messi, ‘A última dança!’ A construção de narrativas heroicas no Live-Ticker”), de Robert Schade, na qual seu autor efetua uma análise narratológica da partida final da Copa do Mundo FIFA de 2022, que reuniu as seleções da França e da Argentina, tomando por base publicações de dois sites de lances: a página minuto a minuto do portal de notícias *GloboEsporte* (GE) e a página minuto a minuto da revista esportiva alemã *Kicker*. Em termos metodológicos, Robert Schade propõe três parâmetros de análise ao focar o craque argentino Lionel Messi: intermedialidade (imagens, hipertextos); estilo narrativo; emocionalidade.

Por sua vez, a terceira contribuição para o dossiê é “Tradução, literatura e futebol nas entrelinhas da crítica”, em que o escritor, pesquisador e tradutor Mauricio Mendonça Cardozo apresenta uma reflexão sobre as noções de “futebol-arte” e de “tradução-arte” ao aproximar o “objeto-jogo-de-futebol” do “objeto-arte-literária”. Elemento decisivo nessa aproximação seria o entendimento que ambos os objetos, após concretizados – a partida de futebol e, respectivamente, a obra literária – tornar-se-iam passíveis de ressignificações por parte da crítica, seja a literária, seja a esportiva materializada nos inúmeros debates pós-jogo promovidos por comentaristas ou por torcedores.

A quarta contribuição é o artigo “Tradição na era global: o futebol em poemas de cordel do século XXI”, de Elcio Loureiro Cornelsen, no qual o autor enfoca poemas rotulados como “literatura de cordel”, publicados recentemente na plataforma digital *Recanto das Letras*. Trata-se de um estudo que propõe reflexões sobre possíveis transformações derivadas da passagem do suporte tradicional – os folhetos impressos e veiculados, sobretudo, em feiras populares – para o meio digital, com toda a sua potencialidade de ampliar o círculo de leitura e recepção em âmbito global.

O próximo artigo do dossiê é “Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol”, no qual o pesquisador e escritor Gustavo Cerqueira Guimarães, a convite dos organizadores desta seção temática do Congresso, analisa o poema “Lajinha revisitada”, do poeta, pesquisador, artista e roteirista mineiro Marcelo Dolabela, seu conterrâneo. Dela, originam-se reflexões sobre a relação entre Futebol, Literatura e Geografia, na medida em que apontam para a importância das conexões geográfica e histórica em sua poética, como alguém que, na infância em sua cidade natal Lajinha, localizada na região da Serra do Caparaó, na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, sonhava em se tornar jogador de futebol, mas que se transferiria nos anos 1970 para a capital do estado, Belo Horizonte, em plena ditadura, tornando-se um dos expoentes da geração da Poesia Marginal.

Em seguida, temos a contribuição da pesquisadora Tânia Sarmiento-Pantoja, intitulada ““Tudo é um jogo’: diferentes contornos da relação entre violência e futebol em dois escritores da Amazônia brasileira”. No referido artigo, a autora propõe uma análise de contos dos escritores paraenses Clei Souza e, respectivamente, Ademir Braz, que se associam ao universo futebolístico e, ao mesmo tempo, apresentam diferentes cenários sociais da Amazônia brasileira, marcados por violência. Seus contos apresentam características da literatura contemporânea, em que história e ficção se relacionam em um jogo de agregação ou de ressignificação de dados históricos frente à precariedade e à violência enquanto fenômenos sociais.

A próxima contribuição para o dossiê é “O futebol e a sociedade brasileira em crônicas de Luis Fernando Veríssimo”, de Carlos Augusto Carneiro Costa. No referido artigo, o autor analisa uma série de crônicas do escritor e jornalista gaúcho, as quais foram publicadas no contexto das eleições para a Presidência da República do Brasil em 2018, e cujos conteúdos remetem à memória da ditadura militar (1964-1985) como uma “fantasmagoria do terror”, que ainda reverbera em tempos atuais, sendo o autoritarismo, por assim dizer, congênito um de seus principais traços sintomáticos. Desse modo, assim argumenta o autor, Luiz Fernando Veríssimo estabelece em suas crônicas, marcadas por tom crítico e, ao mesmo tempo, irônico, uma relação entre futebol, literatura e política, sendo esta última pauta da pelo autoritarismo e pela violência de Estado, que encontram eco em amplos segmentos da sociedade brasileira.

Por sua vez, no artigo “A escrita feminina na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*”, Augusto Sarmiento-Pantoja propõe a análise de formas de resistência presentes em contos de autoria de mulheres que compõem a célebre coletânea de contos de fute-

bol *Onze em campo e um banco de primeira*, organizada pelo escritor brasileiro Flávio Moreira da Costa e publicada em 1998. Em seus contos, as escritoras Hilda Hilst, Ana Maria Martins e Edla van Steen apresentariam “suas leituras da realidade política, social e cultural brasileira a partir das lentes femininas do futebol” e adotariam formas de resistência ao autoritarismo e à violência contra mulheres dele emanada.

Encerrando o dossiê, em “Nos paradoxos da linguagem: relatos sobre futebol e sexualidades”, Wagner Xavier de Camargo aborda o tema do futebol visto sob uma ótica pessoal ao tecer, em tom ensaístico, conjecturas sobre o universo futebolístico e a linguagem do futebol, enquanto elemento simbólico, a partir da inter-relação entre homo e heterossexualidades. Ponto de partida é uma reflexão sobre um xingamento direcionado ao árbitro de um derby disputado entre Palmeiras e Corinthians no estádio Allianz Parque, em novembro de 2019. Integrados ao ambiente do futebol, mas presentes na vida social como um todo, xingamentos são práticas agressivas e violentas de verbalização que carregam em si diversos preconceitos, como bem alerta o autor, em uma sociedade machista, sexista e homofóbica.

Com exceção desse último artigo, de caráter ensaístico, todos os demais artigos que integram o dossiê resultam de estudos apresentados na seção 3 – “Futebol, língua global do século XXI?”, coordenada por Francisco Pinheiro (Universidade de Coimbra), Marcel Vejmelka (Johannes-Gutenberg-Universität Mainz) e Elcio Loureiro Cornelsen (Universidade Federal de Minas Gerais), dentro do 15º Congresso Alemão de Lusitanistas, realizado na Universidade de Ciências Aplicadas de Zwickau (Westfälische Hochschule Zwickau – WHZ), na cidade de Zwickau, Alemanha, de 19 a 23 de setembro de 2023.

Na seção **Paralelas**, Lucas Pasetto Koerich e Carlos Roberto Praxedes dos Santos realizam “Uma análise sobre a cobertura de dois *podcasts* de futebol durante os primeiros dias da Copa do Mundo FIFA 2022”. No referido artigo, os autores analisam três episódios dos *podcasts* esportivos *Futebol no Mundo* e *Posse de Bola*, veiculados entre os dias 20 e 22 de novembro de 2022, no contexto da Copa do Mundo FIFA no Qatar. Trata-se de uma contribuição relevante para se refletir sobre o sensível crescimento do formato *podcast* e de seu consumo na contemporaneidade, a partir da avaliação da cobertura de um megaevento esportivo como o Mundial da FIFA. Em seu estudo, os autores demonstram que há divergências editoriais no modo como os referidos *podcasts* cobriram a Copa do Qatar.

Na seção **Entrevista**, a pesquisadora Núbia Azevedo apresenta conversa realizada com o escritor jornalista, pesquisador, professor e comentarista esportivo Celso Unzelte sobre o tema “Time do Povo e Fiel Torcida: as contexturas das construções simbólicas do Corinthians em produtos editoriais” como parte de sua pesquisa em nível de Doutorado, intitulada *Do mythos ao lógos: um mapeamento das construções simbólicas em produtos editoriais acerca do Sport Club Corinthians Paulista* (2024) e desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. José Carlos Marques junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UNESP-Bauru. Na entrevista, Celso Unzelte relata sobre as construções simbólicas associadas ao Sport Club Corinthians Paulista, seu clube de coração, bem como sobre o processo de produção da *Bíblia do corintiano* (2010), obra publicada no ano do centenário do clube mais popular de São Paulo.

Por fim, na seção **Poética**, o inédito poema *Messi*, do poeta mineiro Mário Alex Rosa, apresentado em português e espanhol, lembra-nos da genialidade deste jogador argentino. O poema é uma fusão feliz entre o esporte e a arte, no qual o autor habilmente utiliza elementos poéticos para descrever a forma como Lionel Messi se movimenta em campo, transmitindo a ideia de que o jogador argentino é mais do que apenas um atleta excepcional; ele é um artista em campo.

Fica, aqui, nosso agradecimento a todos os autores e autoras que colaboraram com textos para a composição deste número. Fazemos votos para que prosigamos em nossos estudos e produções nas diversas áreas, percorrendo as sendas do futebol, pensado também como uma das línguas globais do século XXI.

Boa leitura!

Belo Horizonte, Coimbra e Gernersheim, 13 de junho de 2024.

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

**Francisco Pinheiro**

Universidade de Coimbra/Portugal

**Marcel Vejmelka**

Universidade de Mainz/Alemanha

## A camisa canarinho: um mito moderno em disputa

The Yellow Jersey: a modern myth in dispute

**Marcel Vejmelka**

Universidade Johannes Gutenberg de Mainz/Alemanha  
Doutor em Estudos Latino-americanos/Brasileiros, Freie Universität Berlin  
vejmelka@uni-mainz.de

**RESUMO:** A progressiva apropriação da camisa canarinho da seleção brasileira pelos movimentos da extrema-direita no Brasil entre 2013 e 2023 apresenta um contraste drástico com a imagem positiva e alegre do Brasil e do futebol brasileiro na segunda metade dos anos 1990, época em que a seleção brasileira foi construída e lançada como logomarca global. O veículo mais produtivo para esse projeto foi, sem dúvida, a camisa verde-amarela, com forte referência ao halo mítico que o uniforme tinha acumulado a partir da Copa do Mundo de 1970 no México, instituindo o Brasil como “país do futebol” e representante do “futebol-arte” e transformando o seu uniforme em mito moderno barthesiano. Neste artigo pretendo analisar a dimensão histórica desse mito, numa tentativa de entender a lógica da sua apropriação e ressignificação ao longo da década passada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Seleção brasileira; Camisa canarinho; Amarelinha; Mito moderno; Roland Barthes.

**ABSTRACT:** The extensive appropriation of the Brazilian national team’s yellow jersey – the “amarelinha” or “camisa canarinho” – by extreme right-wing groups between 2013 and 2023 stands in stark contrast to the positive image of Brazil and Brazilian football in the second Half of the 1990s, when the “Seleção” was being built up as a global trademark. This process was centred around the yellow jersey, with strong references to the mythic halo the shirt had incorporated since the World Cup in Mexico in 1970, when Brazil consecrated itself as “home of football” and the avatar of the beautiful game – “futebol-arte” –, and its shirt became a modern myth (R. Barthes). In this article, I will analyse the historical dimension of this myth and try to comprehend the logic of its appropriation and resignification during the last decade.

**KEYWORDS:** Brazilian National Team; Yellow Jersey; Modern myth; Roland Barthes.

## 1. O “SEQUESTRO” DA AMARELINHA

Poucos dias antes do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil em outubro de 2022, a revista alemã de cultura futebolística *11FREUNDE* publicou um artigo sobre o massivo apoio que o então Presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, recebia por parte de jogadores de futebol ativos e aposentados. O texto de Louis Richter leva o título “untragbar”, um trocadilho com os significados de “impossível de se vestir” e “insuportável”, e começa da seguinte forma:

Breve jogo associativo: Quais serão os elementos mais prováveis a serem associados com a eternamente bela camisa amarela da seleção brasileira? Algumas sugestões: elegância. Dribles artísticos. Pelé. Ronaldinho. Grandes triunfos. Jogo Bonito. Difícil de imaginar, mas para muita gente no Brasil, hoje em dia, a camisa representa algo completamente diferente. Para muitos representa um futuro incerto sob um governo de ultradireita.<sup>1</sup>

A ameaça constatada pelo jornalista alemão em outubro de 2022 foi confirmada, de forma dramática, pelos acontecimentos em Brasília no dia 8 de janeiro deste ano, após a cerimônia de posse do terceiro mandato do Presidente Lula. As imagens com a multidão invadindo as instituições e os símbolos fundamentais do Estado Brasileiro deram volta ao mundo. O fato de os golpistas estarem vestidos quase exclusivamente de amarelo – com alguns elementos verdes – naquela altura não era novidade nem surpresa, somente veio para confirmar um processo de apropriação das cores nacionais brasileiras e, mais concretamente ainda, da camisa amarela da seleção brasileira, por parte da extrema-direita e especificamente do bolsonarismo ao longo da década anterior.

É interessante que só após aquele dia, a CBF se viu na obrigação de se manifestar a respeito do uso de “sua” camisa oficial por determinados grupos políticos e pelo próprio ex-presidente da República. Frente ao vandalismo do “8 de Janeiro”, a instituição que representa o futebol brasileiro se posicionou, de forma

---

<sup>1</sup> RICHTER. Untragbar. Tradução minha, no original: “Kurzes Assoziationsspiel: Welche Dinge und Attribute werden wohl am ehesten mit dem ewigschönen gelben Trikot der brasilianischen Nationalmannschaft in Verbindung gebracht? Ein paar Vorschläge: Eleganz. Dribbelkünstler. Pele. Ronaldinho. Große Erfolge. Jogo Bonito. Für viele Menschen in Brasilien steht das Trikot dieser Tage aber kaum vorstellbar für etwas ganz anderes. Für viele von ihnen symbolisiert es eine unsichere Zukunft unter einer ultra-rechten Regierung”.

fraca e – nesse sentido – eloquente, reclamando a camisa verde-amarela para todo o Brasil.

Essa situação – resultado e cúmulo da evolução histórica da progressiva apropriação da tradicional camisa verde-amarela da seleção brasileira pelos movimentos da extrema-direita no Brasil entre 2013 e 2023 – é muito estranha para quem ainda se lembra da carreira global da camisa amarela da seleção brasileira nos anos 1990, à base do imaginário internacional que os triunfos e a arte de jogar das décadas anteriores tinham construído. Naquela época, como consequência da cooperação entre CBF e Nike – iniciada em 1996 e pioneira no que conhecemos hoje como normalidade na atuação e presença das grandes marcas patrocinadoras de times e seleções no futebol internacional – a seleção brasileira foi reconstruída e lançada como logomarca global, representando não somente o recordista em campeonatos mundiais (quatro e cinco, respectivamente a partir de 1994 e 2002), mas também o Brasil como “país do futebol” e representante monopolista do “futebol-arte”.



Pronunciamento da CFB em 9 de janeiro de 2023. Fonte: X, @CDF\_Futebol.

O meu objetivo aqui é reconstruir e analisar – numa perspectiva externa, enfocando a presença e dinâmica internacional do fenômeno – a dimensão histórica desse mito moderno barthesiano, para tentar entender a lógica da sua apropriação e ressignificação que teve lugar ao longo da década passada.

## 2. O MITO MODERNO

O “mito moderno” enquanto conceito analítico foi concebido e analisado por Roland Barthes no seu clássico *Mitologias* em 1957 e até hoje possibilita detectar a maneira como determinados significados no discurso geral – não somente verbalizado – são produzidos, modificados, impossibilitados..., como alguns símbolos chegam a significar algo de forma “imediata”, com efeito de aparente “naturalidade”. Nesse sentido, o mito moderno constitui um “sistema semiológico secundário”.<sup>2</sup>

No nível da *parole*, enquanto enunciação linguístico-discursiva, se realiza o sobrecarregamento significativo e simbólico do elemento em questão, do significado através do significante. No seu livro, Barthes reflexiona sobre os meios e as expressões de tais mitologias, particularmente na relação entre palavra e imagem, *parole* e imaginário:

[O] mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas.

Esta fala é uma mensagem. Pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica. [...] A imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impondo a significação de uma só vez, sem analisá-la e dispersá-la. Mas isso já não é uma diferença constitutiva. A imagem se transforma numa escrita, a partir do momento em que é significativa: como a escrita, ela exige uma *lexis*.<sup>3</sup>

Tal como, para Barthes, um mito francês no domínio do esporte é o *Tour de France*, não é difícil conceber, a partir dessas reflexões, o futebol (em si) como um mito fundamental do Brasil moderno, manifesto e detectável nas mais variadas formas de representação, como acabamos de ler no texto barthesiano:

---

<sup>2</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 218.

<sup>3</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 132.

Atingimos assim o próprio princípio do mito: transforma a história em natureza. [...] tudo se passa como se a imagem provocasse *naturalmente* o conceito, como se o significante *criasse* o significado: o mito existe a partir do momento preciso em que a imperialidade francesa adquire um estatuto natural: o mito é uma fala *excessivamente* justificada.<sup>4</sup>

### 3. FUTEBOL, SELEÇÃO E CAMISA AMARELA NO BRASIL

#### 3.1 Política com futebol

Tradicionalmente, futebol e política possuem uma longa e forte tradição de ligações, conexões, entrelaçamentos nos mais diversos níveis. As esferas do futebol e da política se influenciam, interferem uma na outra, dependem uma da outra, fazem uso uma da outra. A importância extraordinária do futebol na cultura popular desde os princípios da história do esporte bretão foi a base e o contexto para a politização do jogo e o seu uso para fins políticos, particularmente para atores e regimes populistas, no mundo inteiro. Perante essa tradição, o destaque dado ao mundo futebolístico pelo bolsonarismo não é novidade nem surpresa. A novidade está na intensidade e profundidade – inclusive no excesso – com que o futebol foi apropriado e ressignificado nesses acontecimentos.

No governo Bolsonaro destacam, por exemplo, as duas edições da Copa América de 2019 e 2021, ambas realizadas no Brasil. O primeiro torneio foi um exemplo clássico do governo atual do país anfitrião querer aproveitar um megaevento internacional para se apresentar positivamente e completar esse efeito com o campeonato do time de casa, o que aconteceu com o triunfo brasileiro em 2019. Já a Copa América de 2021 é um caso inusitado, pois aconteceu em plena pandemia e a oferta do governo de Bolsonaro – em última hora – de organizar o torneio uma vez mais para substituir a Argentina e a Colômbia, se casou perfeitamente com o posicionamento geral do Presidente brasileiro em relação ao Covid-19. Realizar essa Copa América ia muito além do mero futebol, pois o importante era provar que tinham razão aqueles que – como Bolsonaro – negavam a realidade da pandemia.

---

<sup>4</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 150-1.

Outro exemplo característico da utilização e manipulação do mundo futebolístico para fins políticos e propagandísticos por Jair Bolsonaro é justamente a camisa de futebol. A camisa de um time, tradicionalmente, é um símbolo do amor e da fidelidade que o seu portador sente pelo respectivo clube ou time. Esse simbolismo fundamental do futebol ficou esvaziado e praticamente eliminado pelo gesto repetitivo de Jair Bolsonaro, quem durante as suas campanhas e a sua presidência, vestiu as camisas de grande parte dos clubes do futebol profissional brasileiro, do tope até as divisões inferiores. Num levantamento minucioso, Victor Figols comprova um total de 74 a 81 diferentes uniformes vestidos em público por Bolsonaro.<sup>5</sup>

Esses exemplos mostram algo interessante: Pode-se achar ridículo, ofensivo ou uma falta de respeito ..., mas essa forma de apropriação das camisas de times não tem a mesma dimensão como o que aconteceu com a camisa da seleção, justamente porque a “amarelinha” adquiriu o status de um mito moderno.

Por um lado, não é de estranhar o porquê e o modo como a direita conseguiu se apropriar do símbolo central da “pátria em chuteiras”, livrando-o de qualquer valor futebolístico ou cultural, reduzindo-o a mais um sinônimo de nacionalismo livre de significados concretos. Por outro lado, é difícil responder por que foi tão grave esse “detalhe” de acrescentar a camisa canarinho ao catálogo simbólico da direita e desabilitá-la, pelo menos durante algum tempo, para a sua utilização pelo resto das pessoas.

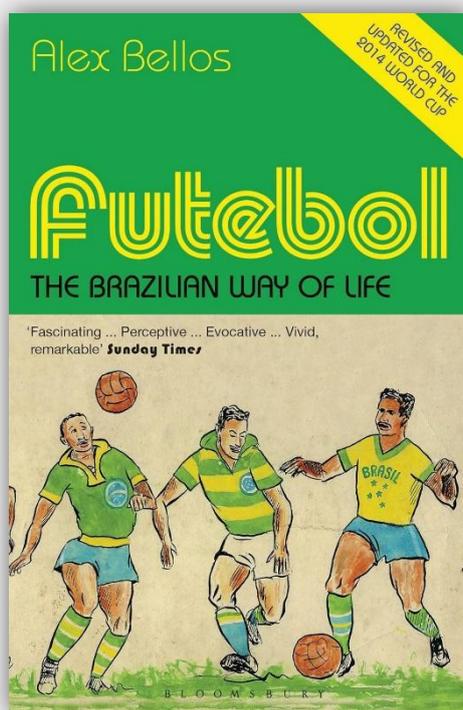
Já durante a ditadura militar, o futebol e particularmente a sua modalidade do “jogo bonito” sofreram uma apropriação institucionalizada e universal por parte da política e do regime, que aproveitou ao máximo o triunfo do tricampeonato no México em 1970, momento auge da camisa canarinho. Mesmo assim, não aparece como um momento em que o regime ou a direita “roubasse” um símbolo ou mito. Por que, então, tinha e tem tanta importância a direita bolsonarista hoje vestir a camisa da seleção brasileira como se fosse “sua”?

---

<sup>5</sup> FIGOLS. As camisas de Bolsonaro. O levantamento foi comentado em diferentes portais internacionais, entre eles poder360 e UOL (<https://rb.gy/vst51u>).

### 3.2 Como a “amarelinha” virou mito

Após o trauma de 1950, a seleção brasileira abandonou a até então tradicional camisa branca e em 1953 a CBD abriu um concurso para desenhos de uma nova camisa. Em numerosas fontes podemos ler como Aldyr Schlee ganhou esse concurso, cumprindo de forma singular os critérios da CBD de que a nova camisa deveria conter as quatro cores da bandeira brasileira – verde, amarelo, azul e branco.



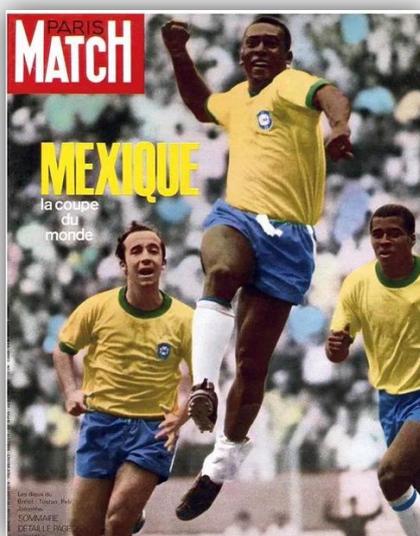
Os desenhos de Aldyr Schlee para o concurso de 1953, na capa de uma das reedições do livro de Alex Bellos. Fonte: Bloomsbury, divulgação.

Vale a pena ler a extensa entrevista com Aldyr Schlee que Gustavo Guimarães publicou na revista *FuLiA/UFMG*, onde o gaúcho expressa a sua ignorância, durante muito tempo, de ter criado um símbolo nacional de relevância global:

Mas um jornalista escocês, Alex Bellos, que escreveu aquele livro *Futebol: The Brazilian Way of Life* (2002), ele me acompanhou, e tem um capítulo inteiro dedicado a essa questão do futebol brasileiro e da representação do futebol brasileiro através de um ícone indiscutível, nacional e internacional, hoje, que é a camisa. Ele me convenceu disso, né. Você fez um símbolo brasileiro, mais usado que a bandeira, está aí em tudo

que é lugar. Naquele tempo, nas quadras de tênis, nos autódromos... não é só no futebol. A camisa que você criou é um símbolo nacional e tal.<sup>6</sup>

A dramaturgia histórica foi quase perfeita: com exceção da estreia pouco exitosa em 1954, quando o Brasil só chegou às quartas de final na Suíça, a nova camisa foi a vestimenta da tão desejada conquista do campeonato mundial em 1958 na Suécia, e com o bi e tricampeonato de 1962 e 1970, finalmente virou um dos símbolos da hegemonia brasileira no futebol mundial. É verdade que, na Suécia, o Brasil jogou a final com a segunda camisa, a azul, e por isso nas imagens em preto e branco aparecem em tom cinza; e a Copa do Chile ficou quase despercebida no resto do mundo. Mesmo assim há fotografias coloridas dos dois torneios que começam a divulgar a imagem amarela do futebol brasileiro. E o mito nascente – reforçado também pela brutalidade física da eliminação do Brasil em 1966 na Inglaterra – se consolida definitivamente em 1970, quando a Copa do México e a demonstração do poder e da arte da seleção brasileira são transmitidas na televisão ao vivo e em cores para o mundo inteiro.



Capas da revista *Paris Match*, de 19 jun. 1970 e de 25 jun. 1956, respectivamente.

Da mesma forma como o jovem soldado negro na capa da revista *Paris Match* nos anos 1950 manifesta – na leitura de Roland Barthes – o mito do Impé-

<sup>6</sup> GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI. Conversa com Aldyr Schlee, p. 149-150. Uma visão histórica resumida da camisa desenhada por Schlee se encontra em BENTO RIBEIRO; SOUZA SILVA. A camiseta canarinho da seleção brasileira de futebol.

rio Colonial Francês e faz com que esse significado pareça como algo “natural” no momento da sua percepção,<sup>7</sup> a capa dessa revista em 1970 recorre ao mito do futebol brasileiro vestido de amarelo. Através de três camisas amarelas (vestidas por Tostão, Pelé e Jairzinho – que aliás nem é preciso conhecer o identificar) se transmite a união entre futebol, triunfo e o Brasil— além da profecia do tricampeonato realizada dois dias depois. Também não interfere nesse processo a palavra “MÉXIQUE” grafada em letras grandes, ela serve somente para situar o mito “brasileiro” espacial e temporalmente na Copa do Mundo de futebol no México em junho de 1970.

### 3.3 O mito globalizado

É importante notar que esse mito fica limitado, inicialmente, à dimensão futebolística, principalmente tendo em vista o golpe de 1964 e a instalação da ditadura militar no Brasil, que tirou grande proveito propagandístico do tricampeonato de 1970. Mas a partir dessa base, as seguintes décadas estão marcadas por uma transformação e ampliação do mito, abrangendo outras dimensões do Brasil para além do futebol a partir dos anos 1980, como resume Flávio de Campos:

A atribuição de sentidos ao verdeamarelismo alterou-se no início da década de 1980. Com a Copa de 1982, a campanha pelas Diretas Já de 1984 (Leonelli; Oliveira 2004) e a eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, a utilização das cores nacionais e das camisetas da seleção de futebol foram ressignificadas e associadas a uma refundação democrática da república brasileira: a Nova República.<sup>8</sup>

Falta somente acrescentar aos elementos enumerados na citação a dimensão em que o futebol se politizou desde dentro e interveio diretamente na política, particularmente através da Democracia Corinthiana, por sua vez um mito moderno de relevância internacional.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> “Eis-me pois, uma vez mais, perante um sistema semiológico ampliado: há um significante, formado já ele próprio por um sistema prévio (*um soldado negro faz a saudação militar francesa*); há um significado (aqui uma mistura intencional de “francidade” e de “militaridade”); há enfim uma *presença* do significado através do significante”. BARTHES. *Mitologias*, p. 138.

<sup>8</sup> CAMPOS. Verdeamarelismo na ponta das chuteiras, p. 86.

<sup>9</sup> Meu contato mais recente com o contínuo poder global do mito moderno da Democracia Corinthiana se deu na autobiografia do político e publicista franco-alemão Daniel Cohn-Bendit,

Os anos 1990 viveram uma intensa recuperação e atualização da mitificação incipiente dos anos 1970 e 1980, um período de pouco mais de 20 anos em que a camisa foi carregada continuamente com o simbolismo do tricampeonato, do futebol-arte, do melhor futebol do mundo, do sofrimento causado pelo fato do futebol mais bonito do mundo não ganhar mais nenhum Mundial, que certamente acrescentou boa quantidade de simpatia à percepção internacional.

Essa simpatia, espelhada numa imagem de futebol-arte e alegria inocente, foi integrada na até então maior campanha publicitária e de marketing do futebol mundial, quando em 1996 a companhia estado-unidense Nike assinou um contrato exclusivo com a CBF para entrar e se consolidar no mercado do futebol. Depois do tetracampeonato conquistado em 1994, quebrando um jejum de 24 anos, ainda em camisas amarelas produzidas pela Umbro, a Copa de 1998 na França foi “preparada” com uma série de clipes publicitários com jogadores da seleção brasileira – Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos... – em momentos descontraídos e lúdicos cheios de malabarismos com a bola que beiravam o impossível. Pouco importava que a seleção do tetracampeonato tivesse jogado um futebol “de resultados” que pouco tinha de “arte” e da respectiva “brasilidade” que constituía o mito.

O título da campanha em português – “joga bonito” – foi usado no mundo inteiro e aludiu a duas expressões centrais do mito futebolístico brasileiro: o “jogo bonito” como sinônimo do futebol criativo, e – indiretamente enquanto paráfrase – o “futebol-arte” enquanto essência daquilo que a seleção brasileira chegara a simbolizar no palco global.<sup>10</sup>

---

grande aficionado do futebol brasileiro na sua variante “futebol-arte” e amigo de longos anos de Sócrates. O livro foi publicado em 2018 em francês e em 2020 em alemão e é marcado pela visão política e progressista do futebol representada pelo “Doutor” (cf. VEJMELKA. Futebol na literatura alemã – parte VII).

<sup>10</sup> Um dos clipes mais famosos foi rodado num aeroporto, onde os jogadores passam o tempo de espera brincando com a bola: [rebrand.ly/4rcxc9w](https://rebrand.ly/4rcxc9w). A campanha se manteve durante muitos anos, sempre com a mesma combinação de arte futebolística e alegria inocente “à brasileira”, como por exemplo num clipe produzido para a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, que mostra a Seleção sambando (<https://cx4z.short.gy/rK9pPX>) e em murais em cidades alemãs anunciando a chegada “dos brasileiros” para o torneio (<https://cx4z.short.gy/dxVryR>). Vale a pena observar, que nessa campanha de 2006, fica evidente que o imaginário “brasileiro” (= a camisa verde-amarela) serve para significar mais do que “o Brasil”, ali a intenção é representar toda uma filosofia de futebol, e com isso uma filosofia de vida (comercializada, evidentemente). No centro ainda está a imagem verde-amarela do futebol-arte, mas participam craques da época de outros países (patrocinados pela Nike) e atua como locutor-provocador o então já aposentado *enfant terrible* e jogador cultuado francês, Eric Cantona. Paralelamente, a Nike lançou a campanha “Ginga: the soul of Brazilian foot-

Na retrospectiva é interessante observar que essa imagem alegre e inocente estava intimamente ligada com a passagem do Brasil para uma nova época, com a introdução do plano Real em 1994, com o governo estabilizador e “sério” de Fernando Henrique Cardoso de 1995 a 2003, e finalmente com as esperanças despertadas pela vitória de Lula nas eleições presidenciais em 2002. Na Europa, a camisa brasileira virou acessório de moda, expressão de um estilo de vida, sem manter necessariamente a sua ligação original com o ambiente do futebol. Funcionava de forma já consideravelmente autônoma em *raves* e clubes, nas férias praieiras, no cotidiano urbano. Para além da logomarca futebolística, a camisa verde-amarela passou a simbolizar a imagem desse Brasil simpático e amável, de uma nação que – na opinião pública internacional – tinha sofrido muito com uma profunda e duradoura crise econômica e política para finalmente se transformar, com muito esforço, mas também com otimismo exemplar, no “país do futuro” que até então parecia ser somente uma eterna promessa.

Essa imagem majoritariamente positiva e voltada para o futuro viveu múltiplas interpretações e manifestações, inclusive contestações críticas, que na sua totalidade contribuíram para constituir o mito moderno da “amarelinha”. Um indício dessa onipresença do mito e a sua flexibilidade nos mais diversos discursos é o surgimento da camisa amarela até em contextos bastante afastados do futebol, como a música alternativa.

Em 1991 – muito antes das campanhas imagéticas e de marketing e da onda brasileira nos círculos da música alternativa –, a banda de punk rock alemã Die Toten Hosen visitou o Rio de Janeiro para gravar a música “Carnival in Rio (Punk was)” com o famoso ladrão inglês Ronnie Biggs.<sup>11</sup> No vídeo para a música vemos os integrantes da banda – conhecidos pela sua enorme paixão futebolística (bastante

---

ball” com clipes e um documentário de longa-metragem [<https://cx4z.short.gy/nwRicZ>] contando histórias de brasileiras e brasileiros “normais” vivendo o seu sonho através do futebol. Como um todo, o futebol começou a ser integrado na construção imagética e midiática de um estilo de vida moderno, na Europa viraram famosos e famigerados os minicampos de futebol nas cidades – particularmente nas periferias e nos bairros “problemáticos”.

<sup>11</sup> O vídeo pode ser visto no canal oficial dos Toten Hosen no youtube: <https://cx4z.short.gy/kFfofD>. A música foi single em 1991 e faixa incluída no álbum *Learning English, Lesson 1*, do mesmo ano, com covers de músicas clássicas do punk rock em inglês. A visita ao Rio e a gravação da música, por sua vez, copiam e homenageiam outro mito da cultura pop, pois já em 1978, os dois últimos integrantes dos Sex Pistols, Paul Cook e Steve Jones, tinham visitado Biggs no Rio para gravar com ele o single “No one is innocent”.

controvertida no contexto do movimento punk alemão) e seu amor pelo time da sua cidade, o Fortuna Düsseldorf – usando camisas de vários clubes cariocas e também da seleção brasileira. Nos arquivos on-line da banda encontramos uma foto do guitarrista Breiti jogando futebol na praia vestido com a “amarelinha”.<sup>12</sup>



Breiti, guitarrista de Die Toten Hosen, no Rio, em 1991.

Fonte: <https://www.dth.de/band/mitglieder/breiti>. Capa da *FuLiA/UFMG*, v. 9, n. 2, 2024.

De dentro do Brasil, e significativamente por causa da sua implementação e circulação global, vem o gesto marcante e expressivo da banda de metal mineira Sepultura, que a partir de meados dos anos 1990 – justamente quando estava conquistando fama internacional – começou a usar a camisa da seleção brasileira, exatamente em uma versão produzida pelo selo da banda – em combinação com outras insígnias verde-amarelas – para expressar sua “brasildade”, enriquecida com a dimensão crítica de representantes do “sul global”.<sup>13</sup>

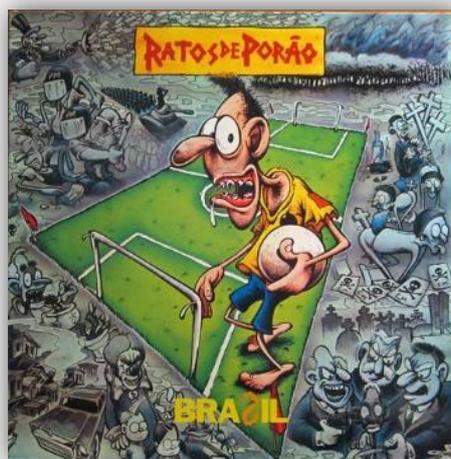
<sup>12</sup> Cf. Primeiro show no Rio em 1992, <https://cx4z.short.gy/72m8bd>.

<sup>13</sup> Depois de deixar a banda, em 1998 Max Cavalera iniciou o projeto Soulfly, onde continuou usando formas de expressão musical e simbólica “brasileiras”, usando a camisa da CBF e camisas adaptadas ao estilo da Seleção. No primeiro álbum, gravou a faixa futebolística “Umbabarauma”, cover de “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)”, de Jorge Benjor de 1976, e exaltação da ginga brasileira no futebol. Essas referências ao futebol não vem por acaso, pela sua naturalidade em São Paulo e pela origem italiana da família, os irmãos Max e Igor Cavalera são torcedores assumidos do Palmeiras.



Sepultura em 1996, em camisas “brasileiras” produzidas pelo selo Roadrunner.  
Fonte: <https://bloggallerya.com/2021/08/30/roots-1996-sepultura/>.

Outro exemplo, um pouco mais diferenciado, é a famosa capa do disco *Brasil* (1989) do grupo punk paulistano Ratos de Porão, onde a camisa – contextualizada com a bola na mão da figura central e o estádio de futebol no fundo simbolizando um Brasil marcado por injustiça, corrupção e repressão – articula a crítica ao governo, ao elitismo, à desigualdade, mas ao mesmo tempo funciona também como marcador de “brasilidade” para uma das poucas bandas do mundo “underground” brasileiro que conseguiu visibilidade e sucesso internacionais.



Capa original do disco *Brasil*, do Ratos de Porão (1989).

Em julho de 2021, após a derrota brasileira no final da controversa Copa América, o líder e cantor da banda, João Gordo, retomou essa capa num *tweet* para criticar a realização do torneio e o apoio de Neymar Jr. ao bolsonarismo.

Em todos esses casos, na afirmativa de uma brasilidade em palcos internacionais ou enquanto crítica ao sistema político, econômico e social vigente, o simbolismo recorre ao mito do futebol e da camisa canarinho da seleção brasileira – que possui a capacidade de transmitir essa densidade de significados.



Postagem de João Gordo, jul. 2021. Fontes: discogs.com; X, @joao\_gordo.

### 3.4 Como o símbolo do mito foi esvaziado

Ao longo dos anos 1990, em certo paralelismo com a divulgação mais ampla do imaginário futebolístico do Brasil, o marketing excessivo da Nike e da CBF iam causando o progressivo esvaziamento do mito em que tinha construído a sua estratégia. Já em 1998, a parceria entre as duas entidades evidenciou o seu lado negativo e perigoso. Uma simples derrota – o 3 a 0 contra a França na finalíssima da Copa do Mundo daquele ano – fez surgir teorias conspiratórias em volta da condição e escalação do atacante Ronaldo, e até uma CPI da CBF/Nike a partir de 1999.<sup>14</sup>

Talvez o excesso de 1998 marque o começo do declínio desse simbolismo generalizado da camisa, sobrecarregada com as intenções e ambições do patrocinador Nike e de uma CBF desafortadamente corrupta. O pentacampeonato conquistado em 2002 não deu continuidade ao mito nem

<sup>14</sup> Cf. CABO. Será que 15 anos depois.

iniciou uma nova fase, ao contrário intensificou o seu esvaziamento através do marketing e da comercialização.<sup>15</sup>

Desde a assinatura do contrato em questão durante a presidência de Ricardo Teixeira (até 2012), a CBF não se livrou de escândalos subsequentes e da permanente sombra da corrupção. Com a quantidade cada vez maior de dinheiro envolvido no marketing do futebol brasileiro, da seleção e dos jogadores destacados, ocorreu uma transformação profunda no futebol e no perfil dos craques. Os grandes nomes e rostos da época – Ronaldo, Ronaldinho ou Rivaldo, entre outros – reapareceram mais tarde em vários momentos negativos do futebol brasileiro e inclusive como adeptos do bolsonarismo.

O balanço entre a realidade esportiva e a imagem construída pelo marketing é complicado, em detrimento contínuo do mito que alimenta os discursos envolvidos. O tetracampeonato de 1994 foi uma conquista sem traços do “jogo bonito”, a atuação da seleção brasileira na final na Copa do Mundo de 1998 foi literalmente uma farsa, e em 2002 Ronaldo já parecia incorporar o símbolo do novo “craque” clonado e descartável... Desde então, o futebol brasileiro vem apostando na reutilização da mesma fórmula, até chegar ao “produto” Neymar Jr., enquanto as atuações da seleção brasileira nas Copas do Mundo desde 2006 ficaram todas entre medíocres e catastróficas. É difícil manter a “naturalidade” do mito e de seu significado quando os jogadores e o jogo não estão à sua altura durante muito tempo. Esse quadro negativo reduz o mito criado nas décadas anteriores a um mero símbolo político, ao mesmo tempo mostra a artificialidade e construção desse mito antes aparentemente “natural”.

Essa contradição e resistência contra as evidências da realidade ficam visível também na campanha da Nike para a Copa de 2018 na Rússia, que tenta manter o mito do “jogo bonito” sob a nova etiqueta da “brasileiragem”, enriquecendo o ideal do futebol-arte com a ideia de um futebol de rua, indomado e autêntico, incluindo uma autocitação do clipe rodado no aeroporto da campanha de 1998 com a sua integração na cena inicial de 2018 e com um Ronaldo gordo e decadente repetindo o seu chute de 1998.<sup>16</sup> Um detalhe interessante nessa cam-

---

<sup>15</sup> Basta lembrar o dedo erguido de Ronaldo ao comemorar os seus gols, gesto abertamente patrocinado pela campanha publicitária da marca de cerveja Brahma.

<sup>16</sup> Na cena final do clipe, um menino vestido de “amarelinha” grita “Esta camiseta tem história!” e aparece o lema da nova campanha, “Vai na brasileiragem” (<https://cx4z.short.gy/px5Z0s>).

panha é o limitado protagonismo da camisa amarela, talvez numa tentativa de “neutralizar” o imaginário em relação às cores e ao seu imaginário frente à sua evolução nos anos posteriores a 2013.

#### 4. MOMENTOS DECISIVOS DA APROPRIAÇÃO DO MITO: 2013, 2014 E 2016

Não foi por acaso que os protestos que em última instância levaram à ascensão do bolsonarismo – iniciados pelo aumento do preço do transporte público em São Paulo –, estalaram num contexto futebolístico, durante a Copa das Confederações no Brasil em 2013. Esse minitorneio preparatório para a Copa de 2014 simbolizava os conflitos internos de um megaevento organizado por um governo progressista, mas conforme as exigências da FIFA e da comercialização global do futebol, e ao mesmo tempo providenciou um palco ideal para a projeção internacional dos manifestantes:

Porém, não é casual que ele tenha se realizado e visibilizado às vésperas do início da Copa das Confederações de futebol masculino, promovida pela FIFA no país sede da próxima Copa do Mundo, no ano anterior. Rapidamente, a revolta com os enormes gastos impostos pela FIFA ao governo brasileiro transformava-se no objeto privilegiado dos protestos que correram todo o Brasil. Como salientado em outro lugar, contra ou a favor, foi o futebol que propiciou o idioma que uniu grande parte dos brasileiros.<sup>17</sup>

A partir daí, primeiro nos protestos contra a organização da Copa do Mundo de 2014, a seguir no movimento contra a Presidente Dilma e o governo do PT, o uso a camisa amarela foi ganhando protagonismo:

Na campanha eleitoral de 2014, os coordenadores da candidatura de Aécio Neves (PSDB) procuraram se apropriar do verdeamarelismo ao convocar seus eleitores a comparecerem às urnas vestidos com as camisetas da seleção brasileira de futebol no primeiro e no segundo turnos. Nas manifestações contra Dilma, a camiseta da seleção brasileira uniformizava e organizava os defensores do impeachment.<sup>18</sup>

Os problemas “estruturais” ou “sistêmicos” do governo Dilma – representativos de certo modo do todo o governo PT desde 2002 – ficaram extraordinariamente patentes ao redor da ambição e determinação de hospedar outra Copa do Mundo e apresentar o Brasil como nação muito mais do que somente em vias de

<sup>17</sup> GUEDES/SILVA. O segundo sequestro do verde e amarelo, p. 84.

<sup>18</sup> CAMPOS. Verdeamarelismo na ponta das chuteiras, p. 93.

desenvolvimento. Ao mesmo tempo, o tratamento do esporte-rei e símbolo nacional por parte da FIFA e do Governo Brasileiro tinha o potencial de causar mais descontentamento do que conflitos comparáveis em outros contextos. Nesse cruzamento de possíveis motivos se percebe que o poder dessa apropriação pela extrema direita se origina também nos conflitos causados pelos governos Lula e Dilma ao redor da copa de 2014.



Bolsonaro, Trump e a camisa canarinho, em março de 2019.

Fonte: Deutsche Welle, <https://cx4z.short.gy/JioexB>.

A apropriação culmina, em termos simbólicos, durante a presidência de Bolsonaro na entrega de uma camisa oficial e personalizada (com o número 10, oficialmente em homenagem a Pelé) da seleção brasileira como presente para o presidente estado-unidense Donald Trump em 19/03/2019, durante a sua visita na Casa Branca.<sup>19</sup>

Nesse processo de apropriação cada vez mais massiva e abrangente, a camisa e a seleção deixaram de representar um Brasil diferente do oficial, um Brasil “apesar de tudo, para todos” e começou a significar somente uma parte do Brasil, um grupo político e social que rejeita e combate justamente essa força integrativa que deu origem ao mito. Em vez de unificar, a camisa canarinho passou a dividir e separar, como constata também Ramon Oliveira e Washington Farias:

Dito diferentemente, o uso da camisa amarela gerou, em sujeitos-torcedores contrários ao impeachment, um sentido de associação política aos apoiadores do processo de impeachment. Antes, a camisa amarela, vista como símbolo de unanimidade nacional entre os sujeitos-torcedores, passou a representar uma filiação política, e não mais apenas ao sentido de união entre Estado, seleção e nação.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Cf. FLORENZANO. Apropriações da verde e amarela.

<sup>20</sup> OLIVEIRA; FARIAS. Os novos sentidos da “amarelinha”, p. 13.

Com esse processo, se reverteu uma evolução histórica que o futebol tinha em grandes partes articulado e possibilitado: a democratização do Estado-Nação e de seus símbolos que, na leitura clássica de Roberto DaMatta, providenciou o fundamento para a extraordinária força do futebol em quase todas as esferas da vida e realidade brasileiras:

Já observara Roberto DaMatta, em 1994, que “no caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino, as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos”.<sup>21</sup>

Em sua análise do processo, em que consta também a citação do ensaio de DaMatta, Simoni Lahud Guedes e Edilson Almeida da Silva criticam a falta de resistência por parte da população e dos grupos políticos mais progressistas contra a sucessiva apropriação do mito futebolístico que, originalmente, significara o Brasil inteiro:

Pois bem, nessa divisão, a direita acabou por monopolizar o uso do verde-amarelo e, por esta via, procurou se constituir na única portadora de uma narrativa legítima sobre o Brasil. Quanto a isso, pode-se afirmar que não houve qualquer reação dos segmentos mais alinhados com a esquerda. Pelo contrário. Muitos brasileiros aposentaram suas camisas da seleção nacional com o escudo da CBF. Há, inclusive, relatos de pessoas que teriam jogado fora suas camisas. Vestir as cores nacionais ou usar a bandeira transformou-se, de uma hora para outra, para aqueles situados em posição oposta, em signo de adesão ao golpismo.<sup>22</sup>

Entretanto, resta a dúvida se há resistência viável e reação efetiva contra essa forma de apropriação de um mito geral. Em primeiro lugar porque não se trata exclusivamente da questão de quem usa o símbolo fundamental do futebol brasileiro para quais fins. A apropriação da camisa amarela tem motivos muito mais complexos e profundos, como o bolsonarismo como um todo também.<sup>23</sup> Um elemento decisivo da ascensão do candidato Jair Bolsonaro à presidência é, por e-

---

<sup>21</sup> GUEDES; SILVA. O segundo sequestro do verde e amarelo, p. 79.

<sup>22</sup> GUEDES; SILVA. O segundo sequestro do verde e amarelo, p. 84.

<sup>23</sup> Uma possibilidade de resistência se vislumbra no exemplo do São Paulo FC: “Segundo Figgols, outro suposto motivo de o presidente ainda não ter aparecido em público com o uniforme do São Paulo tem contornos políticos. ‘Ele não encontrou tanta receptividade nem portas abertas como em outros times’, afirma o pesquisador. As últimas gestões do clube paulista sempre tiveram integrantes pouco simpáticos à figura de Bolsonaro” (<https://www.90min.com/pt-BR/posts/bolsonaro-nao-vestiu-camisa-sao-paulo-presidente-homofobia-politica>).

xemplo, a apoio das igrejas evangélicas que, por sua vez, vem ganhando força e influência à base de uma profunda transformação dos valores que atravessam a sociedade brasileira.

De novo, a ligação com o mundo do futebol é imediata e decisiva, pois foram particularmente os jogadores que serviam como exemplos influentes de “crentes” e que divulgavam a mensagem do evangelismo literalmente no peito. Quer dizer, ficaram “invisíveis” ou pelo menos visíveis somente por baixo da camisa verde-amarela – quando se tratava de jogos da seleção brasileira – as mensagens evangélicas dedicadas a Jesus ou Deus que um número significativo e crescente de jogadores – também da seleção – exibia no momento de comemorar o gol. Esse gesto concretiza o elo importante – não intrinsecamente ligado ao futebol nem à camisa da seleção – entre o bolsonarismo e o seu gesto de apropriação da amarelinha mítica.



Postagem do então Presidente eleito Lula de “amarelinha camisa 13”, durante a Copa do Mundo, 24 nov. 2022. Fonte: X, @LulaOficial.

Em segundo lugar, a camisa de futebol se mostra extraordinariamente adequada e aberta para “inscrições” no duplo sentido de uma escrita impressa no tecido e da inserção de signos modificadores de seu significado: pelas mãos de

Bolsonaro, o nome “Trump” é inscrito no mito da camisa 10 brasileira, a de Pelé, com o qual o populista estado-unidense não tem nenhuma ligação semântica nem simbólica. Da mesma forma, Bolsonaro cooptou o lugar do número de jogador com o código “22” da sua candidatura à reeleição durante a campanha de 2022, e Lula respondeu com o uso do número “13” na sua iniciativa de reconquistar a camisa para a esquerda. No seu *tweet* de 10 de novembro de 2022, ele junta duas afirmações contraditórias: “A camiseta não é de partido político, é do povo brasileiro.” E logo em seguida: “[...] a minha terá o número 13”. Dessa forma, a camisa não será recuperada.

## 5. PERSPECTIVAS

É muito interessante que o processo de apropriação da camisa canarinho por parte de um conglomerado não muito bem definido na direita do leque político mostre paralelos e analogias centrais com histórias de apropriação ou sequestro de determinadas marcas de roupa “significativas” no âmbito da cultura popular e das subculturas.

Nos anos 2000, a marca inglesa Lonsdale, antes situada entre o boxe e as subculturas urbanas britânicas, virou marca preferida de neonazistas alemães por causa da ideia de que o seu nome continha as letras “NSDA”, quase reproduzindo a sigla do partido hitlerista alemão.<sup>24</sup> A reação da marca para combater essa apropriação é duplamente interessante, pois as campanhas de diversidade, tolerância e respeito que lançou apostaram fortemente na cooperação com clubes de futebol explicitamente antifascistas.<sup>25</sup>

Essa evolução reproduziu e repetiu o que várias marcas das subculturas britânicas tinham experimentado em décadas anteriores: As camisas “button down” de Ben Sherman, as camisas polo de Fred Perry, as botas “Docs” de Dr Martens – todas originalmente adotadas e “mistificadas” por movimentos juvenis apolíticos ou progressistas a partir dos anos 1960 – em algum momento passaram a ser usadas por grupos nazistas e apropriadas como símbolo de identidade.

---

<sup>24</sup> Cf. a referência na página alemã da Lonsdale: <https://cx4z.short.gy/l3yNkz>.

<sup>25</sup> A marca documenta a sua estratégia de resistência na sua página oficial (<https://cx4z.short.gy/ZqdWqi>) e o jornal esquerdista *die tageszeitung (taz)* conta a história (<https://cx4z.short.gy/S5R3E7>).

Recentemente, em 2022 e numa sinistra analogia com o que aconteceu no Brasil com a camisa canarinho, o grupo trumpista militante dos Proud Boys adotou a icônica polo preta com faixas douradas da Fred Perry como seu “uniforme”, ao que a marca reagiu interrompendo a venda do modelo nos EUA.<sup>26</sup>

Por trás das marcas e do estilo de se vestir, o movimento *skinhead* representa o exemplo mais radical de sequestro e resignificação de toda uma cultura juvenil ou subcultura, transferindo-a durante os anos 1980 do contexto multicultural, migratório e ligado ao Reggae no Reino Unido dos anos 1960 e 1970 para os grupos neonazistas e racistas. Em uma reportagem sobre o tema, Eddie Smith resume:

There’s so much to celebrate within the Skinhead style. Practicality, stylishness, heritage, community, but all of that now rings hollow as the clothes are soaked in an air of racism and thuggishness; connotations that will never be erased. [...] They stole the look, and they hijacked the culture.<sup>27</sup>



Um “Proud Boy” vestido de Fred Perry. Fonte: CNN, <https://cx4z.short.gy/RR8QTM>.

Essa dificuldade ou até impossibilidade de recuperar um mito roubado tem a ver com a natureza do mito moderno enquanto elemento da direita, como constata o próprio Roland Barthes na parte teórica de seu ensaio fundador:

Estatisticamente, o mito localiza-se na direita. Aí, ele é essencial: bem alimentado, lustroso, expansivo, falador, inventa-se continuamente. Apo-

<sup>26</sup> Na página estado-unidense da Fred Perry consta o pronunciamento contra essa apropriação, o “Proud Boys Statement” (<https://cx4z.short.gy/Uez0CB>), o jornal britânico *The Guardian* resume a situação (<https://cx4z.short.gy/V6fXdF>).

<sup>27</sup> SMITH. *The Hypocrisy of the Skinhead*.

dera-se de tudo: justiças, morais, estéticas, diplomacias, arte domésticas, Literatura, espetáculos. A sua expansão tem a exata medida da omissão do nome burguês.<sup>28</sup>

Frente a essa “inércia” do mito ao se deixar ocupar por significações de direita, Barthes apontou para a complicada tarefa de decifrar os mitos e de torná-los acessíveis também para posicionamentos e atitudes “de esquerda”:

O mito da esquerda é inessencial. Para começar, os objetos de que se apodera são escassos, apenas algumas noções políticas, salvo se recorrer ele próprio a todo o arsenal dos mitos burgueses. [...] E além disso, é um mito accidental, o seu uso não faz parte de uma estratégia, como no caso do mito burguês, mas simplesmente de uma tática, ou, na pior das hipóteses, de um desvio; se o mito de esquerda existe, é como adaptação a uma comodidade, e não a uma necessidade.<sup>29</sup>

Essa questão do mito de esquerda e de direita funciona como uma chave para focar as relações entre futebol e política no nível simbólico e semiológico. Porque não pode ser mera casualidade a analogia que aqui surge com a diferenciação proposta pelo técnico argentino César Luis Menotti, opondo um futebol de direita com outro de esquerda, isto tanto no nível da filosofia do esporte quanto no estilo de jogo concretamente.

O mito global do futebol brasileiro como avatar do “jogo bonito”, do “futebol-arte”, pode ser lido como construção a partir de um futebol “de esquerda” jogado pelos times brasileiros e principalmente pela seleção. Visto assim, a utilização da camisa canarinho e a subsequente apropriação pela oposição de direita – tornando o mito num mito “de direita” – a partir de 2013 só consegue redefinir uma série de significados e simbolismos ligados à camisa porque a partir de algum momento a seleção brasileira não tem conseguido mais estar à altura do mito que se criara em torno do seu futebol.

No século XXI, o futebol brasileiro jogado pela seleção não parece ter mais ligação com o simbolismo das décadas anteriores, às vezes é considerado indigno da camisa que veste. Este vazio em termos estéticos e de sucesso se combina com as origens do auto esvaziamento do mito preparadas também já nos anos 1990, e

---

<sup>28</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 168-169.

<sup>29</sup> BARTHES. *Mitologias*, p. 167.

hoje seria questionável para “qual Brasil” a seleção nacional iria representar ao conquistar um título importante.

Se Menotti teve razão com a sua diferenciação do futebol de direita e de esquerda, com todas as contradições internas – a sua dialética –, então seria de esperar que o próprio futebol sofresse a próxima transformação, se posicionasse de forma progressista no espectro político e que uma seleção brasileira portadora de valores positivos; que uma seleção desligada das elites de direita, socialmente consciente e responsável – e de repente nem a masculina e sim a feminina – conquistasse um título internacional jogando um futebol corajoso, “artístico”. Porque assim talvez seria possível reverter partes dos danos causados pela apropriação anti futebolística e conservadora dessa camisa que já foi símbolo da alegria do povo e mito global.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BENTO RIBEIRO, Maria de Fátima; SILVA, Naiara S. da. A camiseta canarinho da seleção brasileira de futebol. **FuLiA/UFMG**, Belo Hte, v. 8, n. 1, p. 62-82, 2023.
- CABO, Alvaro Vicente G. T. P. do. Será que 15 anos depois os “lobos/hienas da bola” continuarão a gargalhar?. **Ludopédio**, São Paulo, v. 73, n. 8, 2015.
- CAMPOS, Flávio de. Verdeamarelismo na ponta das chuteiras: reconfiguração da identidade nacional brasileira e Golpe de Estado (2013-2018). In: FISCHER, Thomas; KÖHLER, Romy, REITH, Stefan. (Orgs.). **Fútbol y sociedad en América Latina: Futebol e sociedade na América Latina**. Frankfurt am Main / Madrid: Iberoamericana / Vervuert, 2021, p. 85-98.
- FIGOLS, Victor de Leonardo. As camisas de Bolsonaro (ou muito além de uma coleção de camisas de futebol). **Ludopédio**, São Paulo, v. 159, n. 5, 2022.
- FLORENZANO, José Paulo. Apropriações da verde e amarela. **Ludopédio**, São Paulo, v. 163, n. 25, 2023. <https://rb.gy/3be6ib>.
- GUEDES, Simoni Lahud; SILVA, Edilson Márcio Almeida da. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, La Plata, n. 3, 2019, p. 73-89.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; SCHLEE, Aldyr; PIAZZI, Giulia. Conversa com Aldyr Schlee (parte II). A criação da camisa canarinho e seu recente uso político [c/ áudio]. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 2018, p. 139-153.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Divididos pela camisa amarela: o legado político e esportivo da Copa de 2014 na América do Sul. **Ludopédio**, São Paulo, v. 109, n. 32, 2018. Disponível em: <https://rb.gy/ikwxt0>.

OLIVEIRA, Ramon do Nascimento; FARIAS, Washington S. de. Os novos sentidos da “amarelinha”: relações discursivas entre político e esportivo na camisa da seleção brasileira na copa 2018. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2021.

RICHTER, Louis. Untragbar. 11Freunde, Berlim, 2022. Disponível em: <https://rb.gy/d68jrv>.

SMITH, Eddie. The Hypocrisy of the Skinhead: Fashion, Fascism, and Cultural Appropriation. **Bricks Magazine**, 6 de novembro de 2020. Disponível em: <https://rb.gy/3m50er>.

VEJMEKKA, Marcel. Futebol na literatura alemã – parte VII: “Sob as chuteiras, a praia”, de Daniel Cohn-Bendit. Memórias futebolísticas de um revolucionário franco-alemão. **Ludopédio**, São Paulo, v. 165, n. 6, 2023.

\* \* \*

**Recebido em:** 29 set. 2023.

**Aprovado em:** 08 jan. 2024.

## Lionel Messi, „A última dança“! Die Konstruktion von Heldenerzählungen im Liveticker

Lionel Messi, „The last dance“!  
The construction of heroic narratives in the live ticker

Lionel Messi, „A última dança“!  
A construção de narrativas heróicas no Live-Ticker

**Robert Schade**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil  
DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst)  
Doutorado em Literatura Comparada, Universidade de Potsdam, Alemanha  
rrschade@gmail.com

**ZUSAMMENFASSUNG:** Im folgenden Artikel möchte ich das Finale der Fußballweltmeisterschaft 2022 zwischen Frankreich und Argentinien aus einer narratologischen und sozialtheoretischen Perspektive anhand von zwei Live-Tickern analysieren. Dabei werden die folgenden Parameter analysiert: 1) Intermedialität (Bilder, Hypertexte), 2) Erzählstil und 3) Emotionalität. Die beiden Ticker, so die These, präsentieren jeweils unterschiedliche Erzählstile, die den Superstar Lionel Messi in den Mittelpunkt stellen. Eine multiperspektivische Heldengeschichte (*globoesporte*) und eine post-heroische, eher lineare Berichterstattung über das Ereignis (*kicker.de*).

**SCHLÜSSELWÖRTER:** Postheroismus; Fußball; Live-Ticker; Lionel Messi; Ulrich Bröckling.

**ABSTRACT:** In the following article, I would like to analyse the 2022 World Cup final between France and Argentina from a narratological and social-theoretical perspective on two live tickers. The following parameters will be analysed: 1) intermediality (images, hypertexts), 2) narrative style, and 3) emotionality. According to the thesis, the two tickers each present different narrative styles focussing on the superstar Lionel Messi. A multi-perspective heroic story (*globoesporte*) and a post-heroic, more linear coverage of the event (*kicker.de*).

**KEYWORDS:** Postheroism; Football; Live ticker; Lionel Messi; Ulrich Bröckling.

**RESUMO:** No presente artigo, pretendo analisar a final da Copa do Mundo de 2022 entre França e Argentina a partir de uma perspectiva narratológica e teórico-social em dois sites de *lances*. Os seguintes parâmetros serão analisados: 1) intermedialidade (imagens, hipertextos), 2) estilo narrativo e 3) emocionalidade. Segundo a tese, os dois sites de *lances* apresentam estilos narrativos diferentes, com foco no *craque* Lionel Messi: Uma história heroica com várias perspectivas (*globoesporte*) e uma cobertura pós-heroica e mais linear do evento (*kicker.de*).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-heroísmo; Futebol; Lances; Lionel Messi; Ulrich Bröckling.

## EINLEITUNG

EinFußballspiel versteht sich für den interessierten Zuschauer heute auchdann als Live-Ereignis, wenn das Spiel selbst nicht live gesehen werden kann. Zu diesem Zweckdienensogenannte Livetickerim Internet, auf denen das Spiel in Echtzeitnachverfolgt werden kann. In dem folgenden Artikelmöchte ich einen Vergleich zwischen zwei solchen Tickern anstellen, die das Spiel aus unterschiedlichen kulturellen Perspektiven,sowohl sprachlich als auch bildlich,beschreiben. Dabei werden neben einigen Gemeinsamkeiten zwei ganz unterschiedliche Erzählungen desselbenSpielsfestgestellt: eine heroische und eine postheroische Erzählweise.

Der Begriff *Ticker*leitet sich ursprünglich aus den tickenden Geräuschen eines Fernschreibers ab. Dabei hat sich das Prinzip seit dem ersten Auftreten in den 1990er Jahren kontinuierlich weiterentwickelt, vor allem durch die erweiterten Möglichkeiten des Internets. So ist es zum Beispiel möglich, Hyperlinks einzubetten–etwa mit Grafiken, Statistiken und Möglichkeiten der Interaktivität.<sup>1</sup> Dabei haben sichdie Livetickerim Bereich des Fußballs im Laufe der Zeit zu einemimmer immersiverenGenreentwickelt, durch welchesdas Spiel auch nebenbei verfolgt werden kann, was sicherlich auchdurch die stärkere Präsenz privater, zahlungspflichtigerTV-Sender bestärktwurde. Liveticker (im Portugiesischen am ehesten mit *lances*zu übersetzen) in der Fußball-Berichterstattung versuchen dabei, das Spielgeschehen vor allem sprachlich, aber auch unter dem unterstützenden Einsatz von Bildern, Statistiken oder Hyperlinks darzustellen. Dabei „erzählen“ sie nicht vom Ende her, sondern eben beinahe„live“: Eine Unmittelbarkeit und Beinahe-Synchronizität mit dem aktuellen Spielgeschehen ist dabeidas Ziel der Darstellung. Der Text, der die einzelnen Spielszenenwiedergibt, tritt beinahe zeitgleich mit dem Geschehen sowie gestückelt auf und ist in der Regel flüchtiger Natur (die wenigsten Fußballinteressierten lesen einen Livetickernach dem Ende des Spielgeschehens).

---

<sup>1</sup> SIEHR. Der Live-Ticker als Gegenstand von Sprach- und Medientextreflexion, S. 105.

Im Folgenden möchte ich das WM-Finale 2022 zwischen Frankreich und Argentinien auf der brasilianischen Seite *globoesporte* (die Online-Plattform Sport des TV-Senders *globo*) untersuchen. Vergleichend dazu soll der Ticker auf *kicker.de* (die Onlineversion der zweimal wöchentlich erscheinenden deutschen Sportzeitschrift mit dem Schwerpunkt auf Fußball) untersucht werden. Das am 18. Dezember 2022 stattfindende Finale schloss die besonders in Deutschland (weniger in Brasilien) sehr kritisch rezipierte Weltmeisterschaft in Katar ab. Argentinien ging dabei nach einem hochdramatischen Spiel mit 4:2 nach Elfmeterschießen als Sieger des Turniers hervor. Protagonist des Spiels und der Berichterstattung war dabei Lionel Messi, der als weltbester Spieler galt und bis zu diesem Zeitpunkt noch nie eine WM mit seinem Heimatland Argentinien gewinnen konnte. Zudem war abzusehen, dass es sein voraussichtlich letztes Spiel bei einer Weltmeisterschaft werden würde. Eingedenk der unterschiedlichen journalistischen Medien sollen die folgenden Parameter untersucht werden: 1) die intermediale Dimension (die Einbettung von Bildern sowie Hypertexten), 2) die Erzählweise und 3) die Emotionalität der Berichterstattung im Liveticker. Die leitende These ist dabei die folgende: Auf beiden Medien werden jeweils unterschiedliche Erzählweisen des Spiels und des Protagonisten Lionel Messis inszeniert, einerseits eine mehrperspektivische Heldengeschichte (*globoesporte*) sowie andererseits eine postheroische, linearere sowie nüchternere Berichterstattung des Geschehens (*kicker.de*).

Laut dem Soziologen Ulrich Bröckling ist die Heldenfunktion in den westlichen postheroischen Gesellschaften weitgehend eingeeht, im Sport aber sehr wohl immer noch präsent:

Auf der einen Seite taucht seit den 1980er-Jahren in unterschiedlichen Kontexten das Attribut »postheroisch« auf und beansprucht zeitdiagnostische Plausibilität; auf der anderen Seite vergeht kaum ein Tag, an dem nicht frische Helden und Heldinnen ausgerufen oder altbewährte wieder hervorgeholt werden. Abschwächung und Intensivierung heroischer Energien laufen parallel.<sup>2</sup>

Hierbei sind laut Bröckling Heroismus und Postheroismus ineinander verschränkt, z.B. gibt es noch immer eine gewisse gesellschaftliche Faszination für

---

<sup>2</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 11.

Macheroder Innovatoren. Dabei ist insbesondere der Sport, in dem das Thema Heroismus noch immer virulent sei:

Der diagnostizierten Fragwürdigkeit und Antiquiertheit von Heldenfiguren steht vielmehr ein fortdauernder Heldenhunger gegenüber, der reichlich bedient wird. Wiederbelebte und neu geschaffene Heldenfiguren bevölkern die Welten der Comics und Computerspiele, Superhelden-Blockbuster brechen Kassenrekorde, und auch der Leistungssport liefert fortlaufend heroisierbares Personal.<sup>3</sup>

Nach Bröckling spielt vor allem die Möglichkeit der Identifikation mit den sportlichen Ausnahmekönnern bei Abwesenheit existenzieller Ausnahmesituationen (wie zum Beispiel dem Krieg oder Naturkatastrophen) eine bedeutende Rolle, herrscht also eine Situation des ernstesten Spiels vor, welche die Faszination für Sportler antreibt, indem das Geschehen vom Zuschauer aus der Distanz verfolgt werden kann: „Sporthelden verheißen Spannung und liefern ebenso attraktive wie unverfängliche Identifikationsangebote, die perfekt auf den postheroischen Heldenbedarf abgestimmt sind: Ein sportlicher Wettbewerb ist weder ein Krieg, noch sind Sportler furchtgebietende Herrschergestalten“.<sup>4</sup>

## **BILDER UND HYPERTEXTE**

Laut Ulrich Bröckling verfügt der Heldencode auch über „[...] eine ästhetische Dimension: das Heroische als Inszenierung und Stil. Heldengeschichten und –darstellungen folgen erzählerischen und künstlerischen Konventionen [...]. Sein Glanz ist nicht nur ein literarischer Topos, sondern auch ein Effekt von Beleuchtungstechniken“.<sup>5</sup> Bezogen auf die im Folgenden zu untersuchenden Spielberichte des WM-Finales 2022 soll analysiert werden, wie die Heldengeschichte jeweils auch über Bilder und Hypertexte inszeniert und unterfüttert wird – oder eben nicht.

Auf *globoesporte* findet sich in der Vorberichterstattung zum Spiel ein Foto von Lionel Messi mit der Überschrift „A última dança“. Darunter heißt es, dass

---

<sup>3</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 13.

<sup>4</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 204.

<sup>5</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 60.

„Lionel Messi chega para a final da Copa do Mundo numa versão mais próxima de Diego Maradona. O craque argentino disputará, neste domingo, sua última partida em mundiais pela seleção. Dono de recordes e números impressionantes, o camisa 10 tenta seu primeiro título de Copa“.<sup>6</sup> Das Schicksal des argentinischen Ausnahmespielers wird hierbei, in seinem letzten Spiel bei einer Weltmeisterschaft, in tragische Dimensionen überhöht. Messi wurde in den Monaten und Jahren zuvor in den Medien häufig als der „Unvollendete“ bezeichnet – das Geschriebene muss also im Kontext seines einzigen, nicht gewonnenen Weltmeisterschaftsfinals 2014 verstanden werden. Auch wenn, wie von Bröckling konstatiert, eine existenzielle Dimension fehlt, wird eine Erzählung von Widerständen inszeniert, die sich der Held, kurz vor seinem Ende seiner Karriere, noch ein letztes Mal entgegenstemmt. Was ihn zu diesem Zeitpunkt von seinem großen Vorgänger Diego Maradona trennt, ist eben der Gewinn jenes Weltmeistertitels, der wohl wichtigsten kollektiven Auszeichnung eines Profifußballers. Weiter unten ist in der Vorberichterstattung ein weiteres Foto von Lionel Messi abgebildet, auf dem er ganz der Pathosformel eines Siegers gemäß in der Rückenansicht abgebildet ist: Dabei stechen seine breiten Schultern, nach oben gerissene Arme und die hochsymbolische Rückennummer 10 hervor. Wieder ist das Foto mit „A última dança“ überschrieben, wobei „Messi versão ‚Maradona‘ lidera Argentina para se despedir das Copas com título“.<sup>7</sup>

Auffällig und nicht überraschend ist neben dem ständigen Vergleich mit Diego Maradona zudem das Framing der Erzählung durch eine gewisse Politisierung. Argentinien, im Jahr 2022 ein Land in einer schweren Wirtschaftskrise, benötigt positive Helden. Die Krise erscheint hierbei als ein besonderer Ort der Heldenerzählung. So erscheint auf *globoesporte* ein eingebetteter Link von X (vormals *twitter*), auf dem das stilisierte Bild eines Street-Art-Bildes von Messi auf einem Hochhaus abgebildet ist. Darüber ist der Text des Journalisten Rodrigo Nunes Lois zu lesen: „Messi e o rosto da esperança para a Argentina na Copa do mundo e além. Craque representa capacidade de superação

<sup>6</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>7</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

para o país, que atravessa momento difícil, com inflação acima de 90% em 2022“.<sup>8</sup> Messi als das Gesicht, das einer ganzen Nation Hoffnung gibt –dies verdeutlicht und verdichtet die Bedeutung des Fußballs und des Helden Lionel Messis für Argentinien. Neben *twitter*-Stimmenfinden sich in dem Livetickerverlinkte Fotos und Videos (u.a. des französischen Präsidenten Emanuel Macronsowie seines argentinischen Pendants Alberto Fernández) undden Fans, vor allem die argentinischen mit ihren Gesängen, integriert. Auch werden über einen X-Account aktuelle Bilder aus Messis Heimatstadt Rosario eingeblendet, wie erwartet findet man dort hauptsächlich spärlich bevölkerte Straßenzüge vor.<sup>9</sup>

Unter einem weiteren eingefügten Video steht geschrieben, Messi sei auf der Suche nach seiner „consagração com título mundial“.<sup>10</sup> Der Begriff der *consagração* (Weihe) hat natürlich vor allem eine religiöse Denotation –und so spricht auch Herfried Münkler in seinem Aufsatz „Heroische und Postheroische Gesellschaften“ von 2007 über den religiösen Hintergrund des Heroischen:

Weil die Idee des Opfers, bei dem einer sich hingibt, um das Ganze zu retten, ohne Religionsbezug schwerlich gedacht werden kann, haben heroische Gesellschaften zumeist einen religiösen Kern. Oder anders formuliert: Die Erosion des Religiösen befördert die Entwicklung postheroischer Dispositionen.<sup>11</sup>

Münkler denkt den Religionsbezug freilich in kollektiver Weise und für heroische Gesellschaften,und so wird hier auf Elemente des Religiösen lediglich angespielt.

Ein weiteres Video zeigt Lionel Messi, der, vermutlich im Kabinentrakt des Stadions, als Kapitän seine Mannschaft anführt. Dabei ist über dem Videozu lesen, dass „Lionel Messi e companhia chegaram ao Lusail para a final da Copa do Mundo“.<sup>12</sup> Auffällig ist hier wiederum die Überhöhung des Einzelspielers zuungunsten seiner Mitspieler. Auch Ulrich Bröckling stelltüber die Dynamikder Konstruktion von Helden fest: „Um die Handlungsmacht beim Helden zu bündeln, müssen die Anteile anderer Akteure [...] zumindest verkleinert werden. Heroische Narrative sind hochselektive und daher unwahrscheinliche Wirklichkeitskonstruktionen, die gesellschaftliche

<sup>8</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>9</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>10</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>11</sup> MÜNKLER. Heroische und Postheroische Gesellschaften, S. 175.

<sup>12</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

Komplexität zugunsten eindeutiger Urheberschaftsfiktionen radikal vereinfachen“.<sup>13</sup> Der Mannschaftsport Fußball zeigt sich in dieser Inszenierung als Verdichtung auf den Star, den singulären Ausnahmeathleten, der mindestens das gesamte Team, wenn nicht sogar die ganze Nation auf den Schultern trägt. Unterstützt wird die Berichterstattung auf *globoesporte* durch Interviews mit argentinischen Anhängern. In einem kurzen Video ist zu sehen, wie ein argentinischer Fan (der beim brasilianischen Verein Fluminense Rio de Janeiro spielende Argentinier Germán Cano) mit seinem Sohn auf den Schultern vor dem Stadion steht. Dabei antwortet der Sohn auf die Frage nach dem möglichen Ergebnis mit „3 a 0 Messi“.<sup>14</sup> Wiederum steht Messi hier *–pars pro toto–*für die argentinische Auswahl. Vielfach werden im Folgenden auch Parallelen zu Diego Maradona, der anderen ikonischen Nummer 10 Argentiniens (und Weltmeister 1986), gezogen.

Durch die Einblendung von Statistiken wird die Ausnahmestellung der Nummer 10 Argentiniens auch empirisch mit Zahlen unterlegt. So ist kurz vor Spielbeginn eine Liste in den Ticker integriert, die Messi mit den meisten Spielen bei einer Weltmeisterschaft, nämlich 26 an der Zahl, zeigt<sup>15</sup> –Zahlen, die den Helden auch numerisch von seinen Mitspielern und allen anderen Spielern abheben, neben seinen Statistiken zu Toren und Vorlagen.

Ähnlich, wenngleich inklarreduzierter Form, steht Lionel Messi in der Vorberichterstattung auch auf der deutschen Seite *kicker.de* im Vordergrund. Auf einer der im Vergleich zu *globoesporte* insgesamt deutlich geringeren Fotografien ist Messi aus leichter Untersicht mit konzentrierter Miene abgelichtet. Dabei wird unter dem Bild suggestiv gefragt, ob „[...] Lionel Messi seine großartige Karriere mit dem Weltmeistertitel krönen“ könne. Dies sei nur eine „der vielen offenen Fragen vor Beginn des WM-Finales“.<sup>16</sup> Auch hier versucht sich der Ticker an einem Spannungsaufbau und der Konstruktion eines Erzählstrangs, wenngleich er die Personalie Messi und seine individuelle Karriere nur als eine Frage unter Vielen behandelt.

<sup>13</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 41.

<sup>14</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>15</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>16</sup> ARGENTINIEN GEGEN FRANKREICH, ohne Seitenangabe.

Neben Messi ist auf beiden Livetickern auch der französische Stürmerstar Kylian Mbappé auffällig präsent. Hierbei kommt es zu einer Heroisierung der sich gegenüberstehenden Protagonisten, die dann tatsächlich auch das Spielgeschehen bestimmen sollten (sowohl Messis als auch Mbappés werden zusammen fünf der sechs Treffer in der regulären Spielzeit inklusive der Verlängerung erzielen). Laut Ulrich Bröckling sind „[t]riumphierender und tragischer Held [...] komplementäre Modelle, tauchen aber auch als unterschiedliche Entwicklungsphasen ein und derselben heroischen Figur auf, und zwar sowohl als Narrative von Aufstieg und Fall als auch umgekehrt von Ruin und Resurrektion“<sup>17</sup> – was sich sowohl auf die Karriere einzelner Spieler oder Teams als auch auf die 90 Minuten des Spiels beziehen kann. Die Berichterstattung des Spiels an sich sowie die immer wieder neu ans Spielgeschehen anzupassende Modellierung des Gegensatzes von Held und tragischer Figur möchte ich nun im nächsten Unterkapitel beleuchten.

## ERZÄHLWEISE

Im Folgenden sollen die Faktoren Dramatisierung und Emplotment im engeren Sinne untersucht werden, also die Frage, wie das eigentlich unvorhersehbare Spiel in eine erzählerische Ordnung gebracht wird. Es ist zunächst voranzustellen, dass wir es hier selbstverständlich nicht mit einer geschlossenen Erzählung zu tun haben (können). Im Gegensatz zu einem nachträglichen Spielbericht verläuft die Berichterstattung beinahe synchron zum Spielgeschehen ab – ein Charakteristikum des Tickers, das für die Heldenerzählung sogar eine gewisse Attraktivität besitzt. Die narrativ erzeugte Offenheit sieht auch Ulrich Bröckling als wichtig für die Heldenerzählung an: „Nur wenn der Ausgang der Geschichte oder die Details ihres Verlaufs nicht von vornherein absehbar sind, kann sich die Größe des Helden zeigen“.<sup>18</sup> Es ist zu beobachten, dass Lionel Messi dabei, wie gesehen, konstant und von vornherein im Mittelpunkt der Berichterstattung steht. Am Ende schließt sich auf *globoesporte*, begünstigt durch den Spielverlauf, die Erzählung als Heldengeschichte. Der Fokus auf den Ausnahmespieler schließt also mit einem *happy ending* ab, das vorher freilich nicht abzusehen war. Doch

<sup>17</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 50.

<sup>18</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 62.

zunächst möchte ich einige Betrachtungen zum Begriff des Heroismus und seiner Inszenierung anstellen.

Der deutsche Historiker Herfried Münkler berichtet in seinem Aufsatz über heroische und postheroische Gesellschaften darüber, dass über den Helden ganz banalerweise erst einmal berichtet werden muss:

Wie keine andere Figur der soziopolitischen Typologie ist der Held auf eine narrative Verdoppelung angewiesen. Von Helden muß berichtet werden. Wenn sie heroisch agieren, aber keiner da ist, der dies beobachtet und weitererzählt, ist ihr Status prekär: Sie müssen dann selber erzählen, was für Helden sie sind. Auch wenn man ihnen glaubt, riecht ihr Bericht nach Eigenlob. Ohne den rühmenden Bericht eines selbständigen Beobachters vergeht die heroische Existenz der Helden mit dem Augenblick des heldenhaften Auftritts.<sup>19</sup>

Heldentum braucht zunächst also einmal überhaupt Erzählungen, sowohl Erzählungen der Karriere des sportlichen Helden (wie etwa sein Aufstieg, Titel sowie verpasste Titel) als auch in kleinerer Dimension, des Spielberichts im engeren Sinne (Gelegenheiten wie verpasste Gelegenheiten, heldenhafte wie tragische Momente innerhalb des Spielgeschehens). Ulrich Bröckling schlägt in dieselbe Kerbe, wenn er feststellt, dass sich

[e]ine Theorie des Heroischen [...] nur auf Narrationen beziehen [kann]. Es gibt keine Helden jenseits dessen, was und wie über sie erzählt wird. Keine Tat und kein Tod sind heldenhaft, wenn nicht jemand sie so nennt. Auch Heldenbilder, Heldenmonumente oder Heldenkulte und ihre Praktiken bilden semiotische Einheiten, die auf Geschichten verweisen.<sup>20</sup>

Die Verbindung zwischen Fußball und Erzählung kann dabei auf eine gewisse Tradition zurückblicken. Im brasilianischen Kontext stehen dabei Nelson Rodrigues' Chronik hervor, die oft einen einzelnen Spieler (in den 1950er und 60er Jahren vor allem die brasilianischen Volkshelden Pelé und Garrincha) herausheben und, manchmal in überhöhter bis ironischer Form, ihre gottgleichen Fähigkeiten besingen. Auch der Journalist und Schriftsteller Rodrigues reflektiert die brasilianische Passion für die großen Einzelspieler: „Wie dem auch sei, es lohnt jedenfalls, sich einmal über den *Kollektivgeist* und die *Solidarität* Gedanken zu

---

<sup>19</sup> MÜNKLER. Heroische und Postheroische Gesellschaften, S. 176.

<sup>20</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 19.

machen. Der brasilianische Fußball lebte immer von ‚einsamen Sternen‘. Die anderen sind als äußerst wertvolle Helfer unverzichtbar. Das Schlachtenglück aber entscheidet einzig und allein der Star“.<sup>21</sup> Ähnlich wie Bröckling betont Rodrigues das prekäre Gleichgewicht von Protagonisten und ihren Helfern, die unabdingbar für die Konstituierung des Helden sind. Dies lässt sich auch an der Berichterstattung auf *globoesporte* gut beobachten. Von vornherein konzentriert sich die Erzählung auf Lionel Messi, oder, wie er im Laufe des Berichts bezeichnet wird: *La Pulga, o camisa 10, o gênio, o craque*. Auch der französische Superstar Kylian Mbappé wird deutlich von den anderen Spielern der französischen Auswahl abgehoben. Dabei kommt es zu einer Verdichtung eines Spieles zweier Auswahlen auf das Duell zweier Kontrahenten: Es scheint, als trete Messi in einem Privatduell gegen Mbappé an. Auf *globoesporte* wird Messis Teamkollege bei Paris St. Germain, Kylian Mbappé (der sich zudem vor dem Spiel abfällig über den südamerikanischen Fußball geäußert hatte – ein Detail, was das Duell in den Augen argentinischer und auch südamerikanischer Fansvielleicht noch weiter anfeuerte), ebenfalls herausgehoben. Der Mechanismus Held und Gegenspieler wird von vornherein auf den Tickern in Gang gesetzt: „Zum Agon braucht es Antagonisten, weshalb zu jedem Helden ein Kontrahent gehört, der ihn herausfordert, zum Bösen verführt oder zu vernichten droht und der ihm vor allem in puncto Kampfeswille nicht nachsteht“<sup>22</sup> – so kann auch laut dem Soziologen Ulrich Bröckling die Dynamik der Heldengeschichte in die Metaphorik des archaischen Kampfes gerückt werden.

Auf empirischer Ebene wird die These der prominenten Heldenerzählung im brasilianischen Medium, rein quantitativ gesehen, unterstützt: Während bei *globoesporte* Lionel Messi 181 Mal namentlich genannt wird, wird sein Mitspieler Ángel di María jeweils 64, sein Kontrahent Mbappé 110 Mal erwähnt. Auf *kicker.de* nehmen sich die Zahlenbereits etwas anders aus: Messi wird 43, Mbappé 30 sowie di María 26 Mal aufgezählt. Die deutsche Seite *kicker.de* versucht dabei das Spielgeschehen im engeren Sinne in eine linearere Erzählform (die ohne Hypertexte auskommt) zu bringen, *globoesporte* hingegen ein multiperspektivisches Geschehen mithilfe vom Außenreportern und der Einbeziehung anderer Medien

<sup>21</sup> RODRIGUES. *Gooooooooo! Brasilianer zu sein ist das Größte*, S. 114-115.

<sup>22</sup> BRÖCKLING. *Postheroische Helden*, S. 33.

abzubilden. Während *globoesportes* tark auf Lionel Messi fokussiert, ist die Berichterstattung auf *kicker.de* im Einzelnen analytischerauf die Mannschaften und taktische Details, weniger auf Einzelspieler, fokussiert.

So ist es ebenjener Lionel Messi, der in der 22. Minute das Elfmeterstor zum 1:0 für Argentinien besorgt. Während auf *kicker.de* vom Führungstor durch den Kapitän (eine mehr oder weniger funktionelle, wenngleich symbolische Rolle) die Rede ist, ist es auf *globoesporte* die *camisa 10*, der *craque*, der den Elfmeter verwandelt –und zudem „com categoria“.<sup>23</sup> Kurz später, in der 28. Spielminute, liegt der argentinische Superstar am Boden. Augenscheinlich hat er sich verletzt. *Globoesporte* vermeldet nach kurzer Behandlungspause erleichtert, es sei „TUDO BEM COM ELE“.<sup>24</sup> Auch beim Tor zum 2:0 durch Ángel di María zeigt sich, dass die Berichterstattung im brasilianischen Liveticker zentrierter auf Messi und sein individuelles Können ist. Während auf der deutschen Homepages das Tor als kollektivere Aktion beschrieben wird (Messi wird in der Nacherzählung des Treffers nicht einmal erwähnt),<sup>25</sup> ist Messi im brasilianischen Ticker sogar zeitweise Subjekt der Beschreibung: „MacAllister solta para Messi no meio-campo, e o camisa 10 toca rápido para Álvarez na direita [...]“.<sup>26</sup>

Auf *kicker.de* wird im Anschluss mit großer Anerkennung betont, dass Messi im Sinne des Kollektivs auch Defensivarbeit verrichte.<sup>27</sup> Dabei ist interessant, dass Messi gesondert herausgehoben wird. So stellt auch Herbert Münkler fest, dass

Helden [...] in der Regel keine Freunde der tagtäglichen Arbeit [sind], zumal wenn sie in physische Plackerei ausartet. Sie überlassen die Arbeit anderen, von denen sie mit Produkten wohlversorgt werden: entweder in aller Freundschaft oder eben, wenn erforderlich, durch Zwang und Gewalt. Die Helden sind somit auf die Arbeitenden angewiesen. Es können nicht alle Helden sein, sondern deren Anzahl bleibt in der Regel recht begrenzt. Die heroische Gemeinschaft ist dann eingebettet in eine unheroische Gesellschaft, die sie mit allem Notwendigen versorgt und dafür von den Helden gegen äußere Gefahren und Bedrohungen geschützt wird. Dabei legen die Helden allergrößten Wert darauf, daß sie nicht mit den Arbeitenden verwechselt werden. Sie grenzen sich von diesen strikt ab, und eine der wichtigsten Formen der

<sup>23</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>24</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>25</sup> ARGENTINIEN GEGEN FRANKREICH, ohne Seitenangabe.

<sup>26</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>27</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

Abgrenzung ist das heroische Ethos und die damit verbundene Orientierung an der Ehre. Diese markiert die Grenze zwischen dem Innen und Außen der heroischen Gemeinschaft und sichert die Exklusivität einer Gemeinschaft von Helden.<sup>28</sup>

Es ist hier natürlich verlockend, Münklers Beobachtung auf den Fußball und das Funktionieren eines Mannschaftsgefüges zu übertragen, wenngleich das im modernen Fußball nur noch begrenzt funktioniert (niemand arbeitet hier selbstverständlich aus Zwang oder aufgrund von Androhung von Gewalt). Dennoch ist die Rolle des argentinischen Stars alles andere als die des schweren Arbeiters –er ist daher auf die Zuarbeit seiner Mannschaftskollegen angewiesen. Nach der ersten Halbzeit, in der Argentinien völlig verdient mit 2:0 führt, schreien die argentinischen Fans den Namen ihres Idols Messi. Der Journalist Bruno Cassucci, dessen X-Account eingebettet ist, kann das bestätigen: „Todos os holofotes estão nele“.<sup>29</sup>

In der 80. Minute kommt für Argentinien die kalte Dusche. Frankreichs Nummer 10, Kylian Mbappé, verwandelt den Elfmeter zum Anschlusstreffer. Nur zwei Minuten später ist es erneut Mbappé, der zum Ausgleich für Frankreich trifft. Dabei ist es zunächst der französische Flügelspieler Coman, der „consegue desarmar Messi no meio-campo“<sup>30</sup> und damit den weiteren Angriff einleitet. Interessant ist hier aus lexikalischer Sicht auch der brasilianische Begriff des *desarmar* (der aus dem militärischen Kontext kommt und mit *entwaffnen* übersetzt werden kann), der allerdings eine gängige Ausdrucksweise darstellt, jemandem den Ball abzunehmen. Auffällig ist allerdings, wie oft betont wird, dass ein französischer Spieler gerade Lionel Messi „entwaffnet“. Auf *globoesporte* ist dann nach den ersten 90 Minuten, in denen Frankreich sich ins Spiel zurückgekämpft hat, von einer „revolução francesa“<sup>31</sup> (gegen den argentinischen König Messi, so bleibt zu fragen) die Rede.

Doch schon in der Verlängerung berappelt sich der „König“ Messi und trifft wiederum zum 3:2. Messi ist dabei in der Beschreibung des Tores durch den brasilianischen Liveticker von Beginn an Subjekt (und damit Protagonist): „Gol de Messi! Messi toca para Enzo Fernandez, que solta para Lautaro Martínez na

<sup>28</sup> MÜNKLER. Heroische und Postheroische Gesellschaften, S. 180-181.

<sup>29</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>30</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>31</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

direita. O atacante bate firme e Lloris defende. No rebote, Messi chega batendo e marca o terceiro da Argentina!“<sup>32</sup> Auf der deutschen Seite *kicker.de* liest sich der Entstehungsprozess des 3:2 wiederum etwas anders, nämlich zurückhaltender im Hinblick auf Messi: „Messi bringt Argentinien wieder in Führung! Nach einem langen Ball legt Lautaro Martinez vor dem Strafraum auf Messi ab und bekommt von Fernandez den Ball an der Grenze zum Abseits rechts wieder. Den Schuss aus spitzem Winkel pariert Lloris noch gut, beim Abpraller ist der Keeper machtlos, weil Messi richtig steht und die Kugel aus wenigen Metern über die Linie drückt“<sup>33</sup> Nach dem abermaligen Ausgleich von Frankreich durch einen Elfmeter von Mbappé geht es ins Elfmeterschießen, in welchem Messi und Mbappé jeweils den ersten Elfmeter verwandeln. Argentinien gewinnt das Spiel letztlich mit 4:2 nach Elfmeterschießen.

## EMOTIONALITÄT

„Für uns Brasilianer übersetzt sich der Fußball nicht in technische und taktische, sondern in rein emotionale Begriffe“,<sup>34</sup> schreibt Nelson Rodrigues bereits im Jahr 1956 auf vielleicht etwas ironische Art und zielt dabei auf die emotionale Verfasstheit der Akteure während des Spiels. So stellt auch *globoesporte* nach Ende des Elfmeterschießens die Emotionen der beteiligten Akteure in den Mittelpunkt: „EMOÇÃO TOMA CONTA. A Argentina conquista seu terceiro título Mundial, e a emoção toma conta em campo. Scaloni chora, jogadores choram, torcedores choram... Bonitas as imagens no estádio Lusail!“<sup>35</sup> Während alle Dämme brechen, steht hier schnell wieder der Hauptakteur Messi im Mittelpunkt des Geschehens. Nach dem Spielende heißt es im brasilianischen Ticker: „SÓ ALEGRIA! Messi e sorriso de canto a canto! O camisa 10 da seleção argentina conquista, finalmente, o tão sonhado título da Copa do Mundo. Todos abraçam Messi, um por um!“<sup>36</sup>

Als wäre es lediglich Messi (und nicht auch andere Spieler), der nach der Finalniederlage 2014 endlich den ersehnten Titel mit Argentinien feiern darf,

<sup>32</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>33</sup> ARGENTINIEN GEGEN FRANKREICH, ohne Seitenangabe.

<sup>34</sup> RODRIGUES. *Gooooooooo! Brasilianer zu sein ist das Größte*, S. 29.

<sup>35</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>36</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

konzentriert sich hier alles auf die Nummer 10 Argentiniens. Der Kapitän Messi darf anschließend die Trophäe aus den Händen des FIFA-Präsidenten entgegennehmen und rechtsie auf dem anschließenden Siegerfoto mit Feuerwerk in die Höhe. Wieder heißt es, dass „o camisa 10 conquista o tão sonhado tricampeonato para a Argentina“.<sup>37</sup> Die Erzählung hat spätestens jetzt ihre kreisförmige Struktur geschlossen: der tragische Held, der seit Jahren vom kollektiven und auch seinem persönlichen Triumph, der ihm bisher verwehrt blieb, träumte, darauf auch nach Rückschlägen wie 2014 hinarbeitete, darf jetzt endlich die Früchte seines verdienten Erfolgs genießen. Sein letzter Tanz hat den Erfolg gebracht. Er macht dadurch eine ganze Nation glücklich, die sich seit Jahren in einer politischen und wirtschaftlichen Krise befindet. Er wird – dies nur als Fußnote – zudem zum besten Spieler des Turniers gewählt und ausgezeichnet.

Auch auf *kicker.de* wird der Triumph der Argentinier inszeniert, wenngleich deutlich sparsamer und auch in kollektiverer Manier. Dies verdeutlicht vielleicht auch die Ikonografie des gewählten Fotos. Darauf ist der vermeintliche Moment nach dem letzten Elfmeter zu sehen. Acht argentinische Spieler laufen, wahrscheinlich um den letzten Schützen Montiel zu herzen, von links nach rechts. Im Hintergrund sind argentinische Fans zu sehen, die wild jubeln. Als einziger Spieler ist Lionel Messi demütig inmitten seiner jubelnden Spielerkollegen auf die Knie gerutscht. „Das argentinische Auf und Ab hat ein Ende – die Südamerikaner sind Weltmeister! Messi krönt damit seine großartige Karriere mit dem ersehnten Titel. Für Argentinien ist es der dritte WM-Titel nach 1978 und 1986“<sup>38</sup> steht darunter. Das individuelle Schicksal Messis wird zwar auch thematisiert, wenngleich es von den Informationen über die argentinische Auswahl gerahmt wird.

Auf *globoesporte* finden sich im Anschluss noch zwei Videos. Eines, welches Messis wichtigste Momente während der Weltmeisterschaft 2022 zeigt und wiederum mit „a última dança de um gênio“ unterschrieben ist, sowie ein weiteres Video, das durch eine exklusive Kamera auf Messi von dem Moment zeugt, in welchem der letzte Schütze Argentiniens den entscheidenden Elfmeter verwandelt,

<sup>37</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

<sup>38</sup> ARGENTINIEN GEGEN FRANKREICH, ohne Seitenangabe.

überschrieben mit „A FESTA DE MESSI“.<sup>39</sup> Eine Kamera, die nur auf ihn gerichtet ist: das Schicksal eines Superstars, der besonders im brasilianischen Liveticker von Anfang an Teil der Heldenerzählung ist, die im Verlauf des Spiels durch mehrfache Einbettung unterschiedlicher (journalistischer, statistischer, bildlicher, filmischer). Links genährt wird und am Ende geschlossen werden kann. Die Inszenierung eines Helden in postheroischen Zeiten gelingt im brasilianischen Liveticker durch den Einsatz multimedialer Mittel, während es im deutschen Liveticker nur ein Erzählstrang unter vielen bleibt, mit deutlich weniger Aufwand inszeniert.

\* \* \*

#### LITERATURANGABEN

ARGENTINA-FRANÇA. <https://bit.ly/47jn5mO>. Zugegriffen am: 25. Nov. 2023.

ARGENTINIEN GEGEN FRANKREICH. <https://bit.ly/3TG3yKo>. Zugegriffen am: 25. Nov. 2023.

BRÖCKLING, Ulrich. **Postheroische Helden**. Ein Zeitbild. Berlin: Suhrkamp, 2020.

MÜNKLER, Herfried: Heroische und Postheroische Gesellschaften. In: SPREEN, Dirk/TROTHA, Trutz von (Hrsg.): **Krieg und Zivilgesellschaft**. Berlin: Duncker und Humblot, 2012, S. 175-188.

RODRIGUES, Nelson: **Goooooooool!** Brasilianer zu sein ist das Größte. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.

SIEHR, Karl-Heinz: Der Live-Ticker als Gegenstand von Sprach- und Medientextreflexion. In: KERN, Friederieke/SIEHR, Karl-Heinz (Hrsg.): **Sport als Thema im Deutschunterricht**. Fachliche Grundlagen – Unterrichtsanregungen – Unterrichtsmaterialien. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam, 2016, S. 101-128.

\* \* \*

Recebido em: 1º dez. 2023.  
Aprovado em: 28 dez. 2023.

---

<sup>39</sup> ARGENTINA-FRANÇA, ohne Seitenangabe.

## Tradução, literatura e futebol nas entrelinhas da crítica

Translation, literature, and football between the lines of criticism

**Mauricio Mendonça Cardozo**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, Brasil  
Doutorado em Letras, USP/Universidade de Leipzig  
maumeluco@gmail.com

**RESUMO:** No futebol, o jogo se joga a cada um dos 90 e tantos minutos de uma partida, o que também significa dizer que é no decurso desse tempo que o jogo vai se construindo como objeto crítico, estético, histórico, desportivo etc., ganhando novos ritmos e tensões, ensaiando reviravoltas, redesenhando hierarquias e se evidenciando, assim, como experiência intensamente efêmera e dinâmica. Ao apito final do árbitro, o jogo se encerra, os sujeitos de sua construção vão para os vestiários, o placar se torna definitivo; no entanto, a construção do jogo como objeto de leitura não cessa nesse mesmo instante, na medida em que sobrevive como objeto de debate e disputa da crítica e do comentário desportivo, ganhando suas mais diversas ressignificações. Partindo de um esforço de aproximação entre o objeto-jogo (de futebol) e o objeto-obra (literária), em sua condição comum de objetos de um processo contínuo de ressignificação por parte da crítica, este trabalho propõe uma reflexão sobre as noções de *futebol-arte* e de *tradução-arte*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Futebol-arte*; *Tradução-arte*; Crítica de tradução literária; Crítica de futebol.

**ABSTRACT:** During a football match, the game is played for about 90 minutes, and it is during this time that the game is constructed as a critical, aesthetic, historical object, acquiring new rhythms and tensions, creating twists and turns, reshaping hierarchies, and thus revealing itself to be an intensely ephemeral and dynamic experience. When the referee blows the final whistle, the game is over, the players go to the changing rooms, the final score is known, but the game remains in construction as an interpretive object, as it continues to be debated and contested by both ordinary people and soccer analysts, undergoing every possible re-signification. Starting from an attempt to relate the worlds of football and literature, since both produce objects which keep being reinterpreted by critics, this essay discusses the concepts of *football-art* and *translation-art*.

**KEYWORDS:** *Football-art*; *Translation-art*; Literary translation criticism; Football criticism.

## INTRODUÇÃO

Futebol é mais arte do que ciência.  
Quando encanta, fica para sempre.

Fernando Diniz.<sup>1</sup>

Se mais risco corre, quem não corre risco algum – para começar este meu “jogo de risco” parafraseando Fernando Diniz –,<sup>2</sup> este ensaio se arrisca já pelo quanto aposta em uma relação aparentemente inusitada entre futebol e tradução literária, mas que se prova mais produtiva do que podemos suspeitar à primeira vista. A propósito da própria noção de “risco” – que surge circunstancialmente na referida fala de Diniz, mas que também está presente em seu pensamento sobre o futebol, associando-se frequentemente ao privilégio da força do improviso e impondo-se, nesse sentido, como forma de reação às convencionalidades de um futebol fundado exclusivamente no cálculo e em formas pré-definidas de organização tática e de posicionalidade –, poderíamos lembrar, por exemplo, que também o universo artístico, em geral, e o literário, em particular, faz dessa mesma noção uma questão de ordem crítica e estética.<sup>3</sup> Nesse âmbito, o risco se associa, não raro, a um enfrentamento produtivo do acidental, do incidental, do erro, do equívoco e das mais diversas formas de limite da arte e da literatura, também constituindo, nesse sentido, uma reação a formas mais tradicionalmente estabelecidas de produção artística.

Na condição de objeto estético, o jogo de futebol já foi inúmeras vezes relacionado ao mundo da literatura, a exemplo da distinção paradigmática de Pier Paolo Pasolini entre *futebol de poesia* e *futebol de prosa*.<sup>4</sup> Por sua vez, a literatura e suas formas particulares de tradução, na condição de objetos privilegiados de leitura e de um processo contínuo de ressignificação por parte da crítica, também

---

<sup>1</sup> MANSUR. Fernando Diniz, técnico do Atlético-PR: “Futebol é mais arte que ciência” (entrevista cedida por Fernando Diniz ao jornal *O Globo*, em 2018).

<sup>2</sup> Em resposta a Mano Menezes, que teria considerado “arriscada” a indicação para o cargo de treinador (interino) da seleção brasileira, Diniz, citando Guimarães Rosa, afirma: “Na vida, quem não corre risco nenhum, mais risco está correndo”. GZH. Fernando Diniz responde Mano sobre conciliar trabalho no Fluminense com Seleção Brasileira: “Viver é perigoso”.

<sup>3</sup> Exemplo emblemático, nesse sentido, é – já no título, mas também na proposta – o CD *Poesia é risco*, de Augusto de Campos, com arranjos musicais e sonorização de Cid Campos, lançado em 1995 (Polygram).

<sup>4</sup> Vide: PASOLINI. O gol fatal.

encontram seus pontos de aproximação com o universo do futebol. Neste ensaio, proponho uma reflexão sobre as manifestações críticas que têm o futebol, a literatura e a tradução literária como objeto, organizando-a em quatro momentos: no primeiro, de *transição defensiva* – uma vez que se trata, aqui, de discussão já em andamento –, esboço um modo particular de aproximação entre o jogo de futebol e a obra literária como objetos da crítica; no segundo momento, de *organização defensiva*, retomo, em síntese, a discussão em torno da ideia de *futebol-arte*; em seguida, fazendo uma *transição ofensiva*, apresento a ideia de *tradução-arte*, de Augusto de Campos, cunhada justamente a partir da noção de *futebol-arte*; e, para rematar o jogo deste ensaio em *organização ofensiva*, faço uma incursão por um caso *clássico* da crítica de tradução de poesia no Brasil, tentando pensá-lo a partir de distinções resultantes da aproximação com o universo da crítica de futebol.

**DO JOGO JOGADO AO OBJETO-JOGO, DO JOGO DE ESCRITA AO OBJETO-OBRA:  
A CRÍTICA COMO SOBREVIDA**

No futebol, como sabemos, o jogo se joga ao longo de cada um dos 90 e tantos minutos de uma partida, o que também significa dizer que é no decurso desse tempo que o jogo começa a se construir como objeto (crítico, estético, histórico, desportivo ou de mero entretenimento), ganhando novos ritmos e tensões a cada instante, ensaiando reviravoltas, redesenhando hierarquias, mas também evidenciando aos poucos, dentre os vários personagens que integram a história do jogo, aqueles que figurarão como protagonistas e antagonistas, coadjuvantes ou meros figurantes. Ao apito final do árbitro, encerra-se o *jogo jogado*, os personagens-autores de sua construção vão para os vestiários, o placar se torna definitivo, as mais diversas estatísticas (número de cartões, posse de bola, passes errados, chutes ao gol etc.) são consolidadas; mas o jogo, como objeto de leitura e interpretação, comentário e discussão, este não cessa de se construir nesse mesmo instante. Ao contrário, na condição de objeto das mais variadas manifestações críticas, por vezes de elevado potencial de significação e longe de inequívoco, o jogo depois do jogo, esse *objeto-jogo* como forma de sobrevivida do *jogo jogado*, ganha ares de obra, quiçá mesmo no sentido de uma *obra aberta*, que convida o leitor-espectador a se instalar na

antessala da condição de inacabamento do objeto-jogo como obra e a participar ativamente na articulação de seus possíveis e (não raro) insuspeitáveis significados.<sup>5</sup> Afinal, seja de modo mais casual e informal (como na conversa pública ou privada entre torcedores e simpatizantes de determinado time), seja de modo profissional e especializado (na crítica e no comentário desportivo), o *objeto-jogo* sobrevive como objeto de debate e disputa, transformando-se e ressignificando-se a partir de suas mais diversas perspectivas de interpretação.

É como se, no correr do relógio, o *jogo jogado* fosse se escrevendo diante de nós (a muitas mãos... e pés) feito obra literária, mas – à diferença desta – explicitasse, já no decorrer de sua própria construção, os mínimos detalhes de cada drible, cada passe, cada lance de seu processo e de sua história de escrita.<sup>6</sup> Na experiência desse *jogo jogado*, do jogo propriamente dito, acompanhado e vivenciado (integral ou parcialmente) por amadores e profissionais do futebol na condição de espectadores, uma partida de futebol vale por tudo o que acontece e por tudo o que se associa ao que acontece ao longo dos 90 e tantos minutos de sua fruição – experiência impactada, *ça va sans dire*, pelos retrospectos históricos, pelas circunstâncias em que se inscreve cada jogo e por todo o conjunto de expectativas que se armam antes do início de qualquer partida. No entanto, é na condição de *objeto-jogo*, como sobrevida do *jogo jogado* – a partir das lembranças do jogo ouvido ou assistido (registradas na memória do espectador) ou do retorno a seus registros materiais (fonográficos, fotográficos e filmográficos) –, que o jogo de futebol se torna, por excelência, objeto de crítica – por mais que um gesto de leitura comece a se esboçar no decorrer do próprio jogo e a crítica já comece a reagir ao jogo no tempo real de sua escrita, ainda que deixando em suspenso seu juízo até o desfecho da partida.

---

<sup>5</sup> Cf. CAMPOS, H. A obra de arte aberta. Vale lembrar que o texto de Haroldo de Campos, publicado originalmente no *Diário de São Paulo*, em julho de 1955, e republicado na primeira edição de *Teoria da Poesia Concreta (Textos críticos e manifestos 1950-1960)*, em 1961, antecipa a produtiva noção de “obra aberta” desenvolvida por Umberto Eco em seu *Opera Aperta*, publicado em 1962.

<sup>6</sup> Como, aliás, também propõe o técnico escocês Jamie Hamilton: “football differs from other mediums of aesthetic experience in a crucial way: unlike the vast majority of music, film, theatre, literature etc., the direction of a football match is not written in advance. Rather, the action unfolds in front of us in real time. It’s not unusual to hear commentators proclaim ‘you just couldn’t write this script!’”. HAMILTON. Dice games. Fernando Diniz, aesthetics and the manipulation of chance.

No caso das obras literárias, para lembrar o óbvio, aquilo que poderíamos caracterizar, aqui, como o *jogo de escrita* não costuma se explicitar, senão *a posteriori* e, não raro, de modo dissimulado. Isso porque, em geral inexistindo para os leitores e para a crítica antes de sua publicação, é como se a obra literária se oferecesse ao leitor *in medias res*, depois do jogo jogado da escrita, já na condição de *objeto-obra*. À diferença do jogo de futebol, portanto, a obra literária só começa a se tornar objeto de leitura e fruição, para seus leitores e críticos, em uma condição de sobrevida de seu *jogo de escrita*, depois do apito final de seu autor, das intervenções de todo o processo de edição e de alguma forma de publicação. Em geral, identificaremos justamente nas forças e nos esforços de leitura do *objeto-obra* – fundadores de seu processo complexo e heterogêneo de recepção – o gesto constitutivo da chamada *vida da obra literária*, muito embora possamos supor, para efeito desta discussão, que essa *vida* da obra já se configura como uma espécie de *sobrevida* do jogo jogado da escrita da obra literária.

Nesse sentido, podemos considerar, em síntese, que é numa condição de sobrevida que o jogo de futebol e que a obra literária se tornam objeto de leitura e de crítica: o *objeto-jogo*, como sobrevida do *jogo jogado*, depois do apito final; e o *objeto-obra*, como sobrevida do *jogo de escrita*, a partir de sua publicação.

É oportuno lembrar, aqui, que essa aproximação evoca a discussão que o pensador Walter Benjamin realiza em seu famoso ensaio intitulado “A tarefa do tradutor”. Conhecido e reiteradamente citado como um dos mais importantes ensaios sobre o pensamento moderno e contemporâneo da tradução, cabe observar que, no corpo de sua reflexão, Benjamin também realiza um breve excursão sobre a noção de vida, em geral, e sobre a noção de vida das obras literárias, em particular. E é justamente nesse movimento do ensaio que o pensador alemão associa, àquela forma radical de leitura crítica de uma obra, a que chamamos de *tradução*, uma noção de *sobrevida*. Para Benjamin, nessa perspectiva, a tradução não derivaria tanto da vida da obra literária quanto de sua sobrevida [*Überleben*].<sup>7</sup>

Proponho, diante disso, uma aproximação do jogo de futebol e da obra literária a partir dessa condição muito particular de objetos de leitura e de crítica,

---

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor, p. 104.

tomando, como eixo comum dessa aproximação, a percepção benjaminiana da *tradução* como sobrevida. Para tanto, permito-me nuançar a proposição de Benjamin, assumindo que a tradução (propriamente dita) não constituiria necessariamente a forma de sobrevida *par excellence* da obra literária, mas apenas seu caso mais paradigmático e radical de leitura e crítica. Em outras palavras, gostaria de pensar os esforços de leitura e de crítica do *objeto-jogo* como uma forma de tradução e, nesse exato sentido, como uma forma de sobrevida do *jogo jogado*. E, de modo análogo, gostaria de pensar também os esforços de leitura e de crítica do *objeto-obra* (a obra literária) a partir desse mesmo viés nuançado da noção benjaminiana de tradução e, portanto, como uma forma de sobrevida do *jogo de escrita*.

#### **FUTEBOL-ARTE VERSUS FUTEBOL DE RESULTADO**

Em julho de 2023, ao noticiar Fernando Diniz como o novo técnico da seleção brasileira – ainda que em condição interina, enquanto a CBF aguardava a então prometida (e jamais cumprida) vinda do técnico italiano Carlo Ancelotti –, o perfil da FIFA nas redes sociais parabenizava o novo técnico brasileiro, desejando-lhe sucesso e afirmando: “Chegou a hora do futebol arte!”.<sup>8</sup>

A repercussão foi imediata, colocando lenha na fogueira de uma discussão muito presente no cenário da crítica futebolística brasileira, no mínimo, desde a transição daquela geração que, embora sem conquistar títulos, encantaria o mundo na Copa de 1982 (sob a direção de Telê Santana) para a geração que, sem despertar maior encanto, voltaria a “erguer o caneco” na Copa de 1994 (sob a direção de Carlos Alberto Parreira): aquela, talvez como última expressão categórica do futebol brasileiro como *futebol-arte*, esta, como consolidação, no Brasil, de um modo, senão mais físico e solidamente defensivo, por certo mais reativo de jogar, a que me refiro, aqui, a partir da noção de *futebol de resultado*.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> REDAÇÃO DO GE. Perfil da Copa do Mundo dá boas-vindas a Fernando Diniz na Seleção: “Chegou a hora do futebol arte”.

<sup>9</sup> Longe de se tratar de termo inequívoco, a noção (posterior à de *futebol-arte*, mas que se define frequentemente por contraste a ela) é corrente na crítica desportiva brasileira como síntese da tensão entre a dimensão estética (no horizonte do encanto) e a dimensão

Se esse *futebol de resultado* – na seleção brasileira, identificado mais recentemente com o trabalho da comissão técnica dirigida por Tite<sup>10</sup> – costuma ser sintetizado na vaga ideia de que tudo o que acontece em campo se coloca a serviço de um bom resultado final do jogo, custe o que custar – e seja lá o que um tipo de futebol teleologicamente guiado, como este, possa significar do ponto de vista esportivo, tático e estético –, cabe lembrar, com Camila Pereira e Hugo Lovisolo,<sup>11</sup> que sua contraparte, a noção de *futebol-arte*, bem como sua construção como valor identitário, remonta mais precisamente à atuação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, em que se destacava a atuação de Leônidas, jogador que encantaria o mundo e seria exaltado pelos jornais europeus como o “diamante negro”. Leônidas surgia, então, como o grande representante de um estilo modelar para a definição do que viria a se disseminar como o paradigma do “jogador brasileiro de futebol”. A esse estilo de jogar futebol, os jornais franceses da época se refeririam explicitamente nos termos de uma “forma de arte”, dizendo, então, que “os brasileiros são perfeitos artistas com a bola nos pés. Dribles não são segredos para eles. Seus movimentos são ágeis e sua sutileza é notável. Um time formidável”.<sup>12</sup>

No contexto brasileiro, como destacam Antonio Jorge G. Soares, Tiago L. Bartholo e Marco Salvador:

[...] a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira [os autores afirmavam isso em 2007,], tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o jornal *Diário Associados* de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França. “Foot-ball mulato” atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro, que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação.<sup>13</sup>

---

competitiva (no horizonte do resultado final) do jogo de futebol, como aponta Jamie Hamilton. HAMILTON. Dice games. Fernando Diniz, aesthetics and the manipulation of chance.

<sup>10</sup> Seria preciso lembrar, no entanto, que esse treinador passaria muito longe de alcançar *resultados* mais expressivos nas duas Copas do Mundo em que dirigiu o selecionado nacional.

<sup>11</sup> PEREIRA; LOVISOLO. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro.

<sup>12</sup> PEREIRA; LOVISOLO. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro, p. 42.

<sup>13</sup> SOARES; BARTHOLO; SALVADOR *apud* MOSTARO. O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo, p. 358.

Os autores se referem ao artigo “Foot-ball mulato”, de Gilberto Freyre, em que o ensaísta retratava o estilo brasileiro de jogar nos seguintes termos:

[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.<sup>14</sup>

Como explica Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro,<sup>15</sup> a noção de *futebol-arte* acabaria se disseminando e se desenvolvendo amplamente nas décadas seguintes, sobretudo a partir do forte aporte mediático. E, elegendo a cada nova geração outros jogadores como protagonistas, a exemplo de Garrincha e Pelé, chegaria a sua consolidação definitiva na Copa de 1970.

Como contraponto a essa imagem ideal e idealizada de um *futebol-arte*, José Carlos Marques e Nathaly Barbieri M. César,<sup>16</sup> reiterando o discurso crítico de vários outros estudiosos contemporâneos, propõem que o chamado *futebol-arte* seria mais um caso de exceção do que uma regra do futebol brasileiro. Além disso, os autores chamam a atenção para o forte viés ideológico dessa construção identitária, reforçada tanto durante o Estado Novo quanto durante a ditadura militar no Brasil.

Já para Simoni Guedes, expressões como futebol “à brasileira”, “futebol mulato”, ou ainda o *futebol-arte* não se refeririam a manifestações paradigmáticas do futebol brasileiro, mas, sim, a recortes de momentos pontuais do desempenho dos jogadores. Para a autora, portanto, a ideia de um “estilo de jogo”, como construção identitária, seria fundada tanto sobre um exercício da memória quanto sobre um esforço de silenciamento, tanto sobre aquilo que escolhemos destacar e

---

<sup>14</sup> FREYRE. Foot-ball mulato, p. 4.

<sup>15</sup> MOSTARO. O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo.

<sup>16</sup> MARQUES; CÉSAR. O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada, p. 20.

exaltar quanto sobre aquilo que preferimos calar e esquecer. Ou ainda, nas palavras da própria autora:

No caso do futebol brasileiro, o que fazemos quando separamos e destacamos estes momentos, na verdade absolutamente raros, de “dribles” ou “pedaladas”, é reafirmar e reificar a forma como desejamos nos ver e, com isso, produzimos, reproduzimos e, eventualmente, reformamos e reinventamos essa forma em um processo contínuo.<sup>17</sup>

Não caberia aqui discutir em que medida Fernando Diniz representa (ou não) mais um capítulo dessa longa história de construção da imagem do *futebol-arte* brasileiro (ou mundial), muito menos caberia aqui enveredar pela discussão de sua concepção particular de jogo – por exemplo, nos termos de um futebol aposicional, como descrito por Jamie Hamilton<sup>18</sup> –, do desenvolvimento de seu trabalho ao longo de sua carreira e de suas perspectivas de futuro no mundo do futebol. O fato é que, em um país contemporaneamente dominado pelo chamado *futebol de resultado*, uma figura como Fernando Diniz – pelo tanto quanto se esforça para resistir (teórica e praticamente) a essa tendência dominante – acaba surgindo como um caolho que é rei em terra de cegos.<sup>19</sup> E ele próprio parece ter alguma consciência disso, já que não perde oportunidade de se valer dessa situação geral do futebol no Brasil para se projetar como ponto fora da curva, ou seja, para se construir como um treinador de perfil diferenciado, sensível à dimensão estética do futebol. Isso parece ficar muito claro na declaração que abre este texto como epígrafe, oriunda de uma entrevista cedida pelo treinador em 2018, quando estava à frente da comissão técnica do Clube Athletico Paranaense – àquela altura, a primeira equipe da elite do futebol brasileiro treinada por Diniz. Na ocasião, o treinador encerrava sua entrevista com a máxima: “Futebol é mais arte do que ciência. Quando encanta, fica para sempre”.

Além de reafirmar a relação fundadora do futebol com a arte, mesmo que não em termos absolutos – ou seja, sem excluir de todo a contribuição da ciência, o

<sup>17</sup> GUEDES *apud* MARQUES; CÉSAR. O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada, p. 15.

<sup>18</sup> HAMILTON. Dice games. Fernando Diniz, aesthetics and the manipulation of chance.

<sup>19</sup> Jamie Hamilton vai até mais longe do que isso em seu artigo, ao afirmar categoricamente: “There is probably no more misunderstood term in football than ‘aesthetics’. And make no mistake – to talk about Fernando Diniz is to talk about the aesthetics of football.”

que seria mesmo impensável, contemporaneamente, na prática profissional do futebol –, dois aspectos merecem maior atenção na segunda parte da máxima. Retomando a epígrafe, Diniz diz: “Quando [o futebol] encanta, fica para sempre”. Mais do que a tão almejada vitória [ou um bom empate], mais do que pretender ser fisicamente resistente e taticamente eficiente, esse tipo de futebol, a que se refere o treinador, tem por horizonte algo que se anuncia como sendo da ordem do “encantamento”. E isso significa dizer que esse tipo de futebol também precisa reunir qualidades encantatórias, seja por suas virtudes mágicas, que exercem uma espécie de fascínio sobre seus espectadores, seja por suas características estéticas, como no caso das obras de arte, em geral, ou da obra literária, em particular. Trata-se aqui, claramente, de uma subscrição do *futebol-arte*. Mas Diniz vai mais além, afirmando que, uma vez satisfeita essa condição – a de se configurar como um tipo de futebol que encanta –, o jogo “fica para sempre”, ou seja, o jogo transcende a própria condição de finitude do *jogo jogado*, perpetuando-se na memória, sobrevivendo como *objeto-jogo* ou – para me valer aqui da formulação que Benjamin usa para se referir à forma particular de vida que o interessa quando pensa a vida (ou melhor, a *sobrevida*) da obra literária – inscrevendo-se em outro plano, num plano além de sua simples manifestação vital, no plano que o pensador alemão identifica com o da própria história.<sup>20</sup>

#### ***FUTEBOL-ARTE, TRADUÇÃO-ARTE***

Se, como dimensão estética do jogo, independentemente de onde, como e com que frequência e abrangência ela ainda se prove válida hoje em dia, a noção de *futebol-arte* passa pela ideia de um jogo que não tem no horizonte apenas a vitória a qualquer custo e, portanto, não se organiza exclusivamente (nem prioritariamente) em torno dos resultados – é comum se dizer, nesse mesmo espírito, que não importa apenas vencer, que é preciso vencer jogando bonito, que é preciso vencer e convencer –, a ideia de *tradução-arte*, por sua vez, implica uma performance tradutória que não almeja apenas aquilo que mais convencionalmente se espera como o resultado final de uma tradução. A *tradução-*

---

<sup>20</sup> BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 105.

*arte* implica um tipo de jogo tradutório que vai além do horizonte mais imediato de se oferecer como um instrumento confiável e fidedigno de acesso ao original, que não se reduz a um esforço de conservação de sentidos e, portanto, que não se permite limitar nem por constrações de um pacto subserviente de fidelidade, nem pelos cálculos frios de uma inapetência essencialista.<sup>21</sup>

Diferentemente da ideia de *futebol-arte*, que nasce originalmente como uma espécie de mito fundador e, assim, traço paradigmático do futebol brasileiro, a expressão *tradução-arte* já surge como marca de um regime tradutório de exceção e, portanto, como esforço de ruptura com um contexto marcado por outro tipo de compreensão do jogo tradutório, aquele mais identificado com o horizonte convencional da prática tradutória. Enquanto o *futebol-arte* surge como rubrica da crítica, que assina um modo de leitura generalizante do *objeto-jogo* brasileiro desde a Copa de 38, a expressão *tradução-arte* é programática, na medida em que cumpre o fim de sintetizar o programa estético-crítico particular que instrui o trabalho de tradução do poeta e tradutor Augusto de Campos.<sup>22</sup> Nesse sentido, representa uma particularização do modo de compreender a tradução, delineando a relação pessoal de um poeta-tradutor com seu *jogo de escrita* e com o *objeto-obra* que dele resulta.

Em seu livro *Invenção*, por exemplo, Augusto de Campos afirma o seguinte a respeito desse modo particular de entender seu trabalho de tradutor:

O meu trabalho, como o de Haroldo, segue os preceitos da tradução criativa – “tradução-arte”, como gosto de chamá-la, “transcrição”, como ele prefere. Isto é, uma tradução que procura transpor para a língua receptora não só o sentido mas a riqueza dos valores formais (ritmos, rimas, assonâncias, aliterações, paronomásias, metáforas, etc.) e a poeticidade do texto original.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Embora esses pressupostos valham de modo emblemático para a ideia de *tradução-arte* aqui em questão, cabe observar que, hoje em dia, ao menos no Brasil, boa parte desses pressupostos também são válidos, em alguma medida, para outras modalidades e perspectivas de tradução, sobretudo quando minimamente informadas por uma visão mais contemporânea do que seja (e do que possa ser) traduzir.

<sup>22</sup> Em suas declarações, a exemplo do que se pode ver nas citações que se seguem, Augusto de Campos frequentemente estende sua compreensão de *tradução-arte* ao trabalho de seu irmão, o também poeta, tradutor e crítico Haroldo de Campos.

<sup>23</sup> CAMPOS. *Invenção*, p. 261.

Em entrevista datada de outubro de 2008, Augusto de Campos esclarece:

Entendo por “tradução-arte” o mesmo que Haroldo chamou de “transcrição”. Uma tradução que não se limite ao literal, mas recupere os achados artísticos do original e se transforme num belo poema em português e não num arremedo canhestro. É possível, sim, ser fiel aos experimentos do poema original sem “trair” seu conteúdo, mas isso exige duas condições básicas: a técnica artística (que é, segundo Pound, o teste da sinceridade, pois como ele acentua, se uma obra não merece boa técnica é porque lhe falta merecimento) e a identificação emocional com o texto de origem. Fácil não é. A maioria das traduções atuais do passado entre nós falha, desde logo, porque os tradutores carecem de conhecimentos de métrica. A regra é o pé-quebrado. Mas também não basta marchar com pé-de-chumbo metrificado, e colocar uma rima qualquer na ponta, invertendo e malversando a sintaxe. É preciso muita sensibilidade para recobrar a paixão concentrada do poema, aquela “espécie de matemática inspirada” para as nossas emoções, de que fala Pound.<sup>24</sup>

Nessa mesma entrevista de outubro de 2008, Augusto de Campos destaca outro aspecto importante de sua noção de *tradução-arte*, a saber, o procedimento de seleção das experiências tradutórias que o poeta-tradutor julga mais bem sucedidas – um aspecto que, ao longo de toda sua carreira, marcaria de modo imperativo a opção pela publicação de sua poesia traduzida sempre na forma de antologias. Fazendo referência a sua experiência de tradução da poesia de Emily Dickinson, por exemplo, Augusto de Campos afirma o seguinte: “Deixei de traduzir muitos poemas dela, que me dizem muito, por não ter conseguido achar a chave, ‘acertar na veia’, como se diz no futebol; aí, preferi tirar o time de campo”.<sup>25</sup>

Em entrevista publicada em novembro de 2008, Augusto de Campos explicita a matriz futebolística que dá origem ao termo:

<sup>24</sup> DICK. Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma” (entrevista cedida por Augusto de Campos à revista *IHU online*, em 2008).

<sup>25</sup> DICK. Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma”. Caberia observar que essa afirmação, reiterada pelo poeta-tradutor em várias outras entrevistas, lança luz de modo incisivo sobre a distinção, feita no primeiro momento deste ensaio, entre o *jogo de escrita* e o *objeto-obra*, explicitando o que, em geral, costuma ser dissimulado no jogo da literatura: que aquilo que se dá a público como obra é já uma forma de sobrevivência de um jogo anterior de escrita. E, nesse caso particular, Augusto de Campos faz questão de destacar que a passagem ao *objeto-obra* pressupõe também uma espécie de edição dos melhores momentos de seu *jogo de escrita* tradutório. No caso do futebol, analogamente, se podemos lembrar que o clássico gênero da edição de imagens dos melhores momentos de um *jogo jogado* é modo paradigmático de organizar a construção do *objeto-jogo*, talvez possamos pensar que, em alguma medida, é também de uma espécie de procedimento seletivo de edição que nossa memória se vale na construção daquilo que, *para nós* e *em nós*, sobrevive como *objeto-jogo*.

Quanto às minhas traduções [...], embora respeite e tenha até chegado a utilizar uma que outra vez, por mais técnico, o termo “transcrição”, cunhado por Haroldo, preferi sempre chamá-las de “tradução-arte”, em homenagem ao nosso “futebol-arte”, que tanto admiro.<sup>26</sup>

Já em entrevista publicada em 2011, ao discutir a repercussão da obra poético-tradutória dos poetas concretos, Augusto de Campos reforça a primazia do caráter estético-crítico de sua compreensão de tradução como arte:

[...] hoje, como antes, somos muito mais apreciados pelas traduções do que pela poesia, ou só por elas. O que é compreensível, ante o caráter provocativo da nossa fase ortodoxa, e o tempo maior que a comunicação exige para a assimilação de novos repertórios. Entretanto, ainda há muita incompreensão em torno das traduções. Há os que insistem em que só traduzimos para buscar reforço para as nossas propostas poéticas – o que é ridículo, porque traduzimos Dante, Shakespeare, Goethe, Keats, Byron. O que fizemos foi traduzi-los com arte. Mostrar que o seu valor não estava só na pauta vivencial, mas também, e principalmente, na sua linguagem poética. E há, ainda, a inveja de outros, que se sentem atingidos, por não terem técnica apurada para traduzir poemas poeticamente. Mas acredito que alguns poetas, inclusive, assimilaram bem a proposta da tradução artística. Sem desmerecer outros colegas, citaria Nelson Ascher e André Vallias entre os que mais aprecio.<sup>27</sup>

Em entrevista de setembro de 2012, Augusto de Campos destaca o regime de exceção da *tradução-arte* num contexto dominado pelo que poderíamos chamar, no espírito desta discussão, de uma *tradução de resultado*: “O mestre de todos foi Ezra Pound, cuja obra se opôs à tradução literal e firmou o conceito de crítica-via-tradução. Ainda assim, quando se trata de poesia, há poucos representantes da tradução-arte”.<sup>28</sup> E, mais recentemente, em entrevista de 2021, Augusto de Campos faz um movimento mais amplo de síntese e destaca sua compreensão da *tradução-arte* como um gesto criativo, capaz do dom da vida:

Com raras exceções [...], as traduções não eram vistas, em geral, como peças criativas, como o haviam sido em outras épocas. A partir das teorias e práticas poundianas, que constituíam o tradutor como “persona”, realçando a assimilação transmigatória de alguns textos vertidos para

<sup>26</sup> KASSAB; GOMES. Augusto de Campos. O “vocalista” da alma e da forma, p. 6 (entrevista cedida por Augusto de Campos ao *Jornal da Unicamp*, em 2008).

<sup>27</sup> PEREIRA. Entrevista com Augusto de Campos, p. 18 (entrevista cedida por Augusto de Campos à *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, em 2011).

<sup>28</sup> PRIKLADNICKI. Augusto de Campos: “As melhores traduções são aquelas que não parecem tradução” (entrevista cedida por Augusto de Campos à *GZH*, em 2012).

outras línguas, começamos a pensar na tradução como arte. Jakobson e Benjamin reforçaram teoricamente a proposta. Cujas premissas levam a uma concepção rigorosa da tradução. Só traduzir aquilo que se sustenta pelos próprios pés, como alta poesia na língua de chegada. O que permitiu se falar em “transcrição”, “tradução-arte”, “transdução”. Muito do que traduzimos partia da ideia de traduzir o aparentemente intraduzível, que era especialmente a poesia de invenção, a que trabalhava nas entranhas da linguagem, desde a poesia de um Arnaut Daniel até a poesia dos vanguardistas mais radicais como Mallarmé, Pound, Joyce, Cummings, Stein, Schwitters. Depois, fomos abrindo para outros grandes criadores, os “mestres”, na categorização de Pound. Sugerindo pensar em poesia “sem repetir”, como queria Duchamp. Ou melhor. Sem repetir para pior. Não desmereço a tradução literal, especialmente a de teor analítico e crítico, que nos instrui sobre o idioma, a linguagem, o estilo e o contexto. Sem ela eu não poderia traduzir Arnaut. O que procuramos demonstrar é que sobre as literais, de evidente utilidade, há as que chegam a *reviver* o original em outro idioma. Podem-se ensinar as técnicas. Mas o resultado depende de algum dom imponderável que tem várias gradações. Máxima quando se tem Janis Joplin interpretando o clássico “Summertime” de Gershwin e levando a canção aos píncaros. Fitzgerald traduzindo Omar. Pound, Rihaku.<sup>29</sup>

No horizonte da *tradução-arte*, como no do *futebol-arte*, portanto, não se trata apenas de jogar pelo resultado, de buscar o resultado convencionalmente programado para todo e qualquer texto traduzido. É preciso produzir um texto traduzido que, mesmo ao se servir rigorosamente do cálculo, da filologia e da linguística, seja sempre mais arte do que cálculo, mais arte do que filologia, mais arte do que linguística. É preciso produzir um texto traduzido que seja também poesia na língua de chegada, que se constitua também como uma forma de vida na cena contemporânea da poesia em que se inscreve – é preciso produzir um texto traduzido que, *quando encanta, fica para sempre*.

**AUGUSTO DE CAMPOS E PAULO VIZIOLI, TRADUTORES DE JOHN DONNE:  
TRADUÇÃO-ARTE VERSUS TRADUÇÃO DE RESULTADO**

Tendo em vista a discussão realizada até aqui, gostaria de fazer, a esta altura, uma breve passagem por um famoso episódio – por sinal, talvez um dos mais famosos episódios – da crítica de tradução brasileira dos anos 80 do século XX: a polêmica em torno das traduções, para o português, do poeta inglês John Donne, realizadas

<sup>29</sup> MELLO. “Muito do que traduzíamos partia da ideia de traduzir o aparentemente intraduzível”. Augusto de Campos em entrevista (entrevista cedida por Augusto de Campos ao Programa TOLEDO, em 2021).

por Augusto de Campos e por Paulo Vizioli – uma polêmica revistada posteriormente por vários estudiosos da tradução, como Rosemary Arrojo,<sup>30</sup> Paulo Henriques Britto,<sup>31</sup> José Ghirardi e John Milton,<sup>32</sup> entre outros.<sup>33</sup> Interessa-me, aqui, menos a especificidade dos objetos que se colocam em questão nesse enfrentamento crítico do que o modo particular como os trabalhos tradutórios de Campos (*John Donne: dom e danação*)<sup>34</sup> e de Vizioli (*O poeta do amor e da morte*)<sup>35</sup> são caracterizados por Nelson Ascher em sua resenha para o jornal *Folha de São Paulo*, em 28 de abril de 1985.<sup>36</sup>

A resenha tem por objeto a então nova tradução de Vizioli – que o crítico apresenta como um trabalho realizado “com cuidado e erudição”. Mas Ascher assume, como questão *sine qua non* de sua apreciação crítica, o imperativo do cotejo – que, em suas palavras, seria “obrigatório para qualquer crítico” – entre esta e sua antecessora, a tradução de John Donne elaborada por Augusto de Campos. E a primeira consideração do crítico, com foco no título das duas antologias, já caracteriza a proposta de Vizioli como uma jogada não tão feliz, uma vez que esta perderia de vista o que Ascher caracteriza como “a essência” da poesia de Donne. O título proposto por Augusto de Campos, diferentemente do de Vizioli, é referido pelo crítico como “mais apropriado” – portanto, como algo que poderíamos entender como mais próximo de uma jogada bem executada –,

<sup>30</sup> ARROJO. A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne.

<sup>31</sup> BRITTO. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne.

<sup>32</sup> GHIRARDI; MILTON. John Donne no Brasil.

<sup>33</sup> Vide, por exemplo: CARDOZO. Espaço *versus* prática da crítica de tradução literária no Brasil; e DE MARTINI. A *authoritas* do traduzido e a legitimação do tradutor: ou o dia em que John Donne foi chamado para defender os sonetistas.

<sup>34</sup> Publicado pela primeira vez em livro no ano de 1978, pela editora Noa Noa (CAMPOS. *John Donne, o Dom e a Danação*) e republicado em 1986, na obra *O anticrítico* (CAMPOS. *O anticrítico*, p. 37-83). Alguns dos textos já haviam sido publicados antes em jornais (desde pelo menos 1972), assim como parte das traduções já havia saído em livro, também em 1978 (CAMPOS. *Verso reverso controverso*, p. 131-149 – Prêmio Jabuti de Tradução em 1979). Em dezembro de 2023, as obras *O anticrítico* (Companhia das Letras) e *Verso reverso controverso* (Perspectiva) não apenas continuavam em circulação como ainda estavam disponíveis nos catálogos de suas editoras. Além de várias outras distinções de mérito, a tradução da poesia de A. Rimbaud renderia a Augusto de Campos o Prêmio Jabuti de Tradução em 1993.

<sup>35</sup> Lançada em 1985 (VIZIOLI. *John Donne: o poeta do Amor e da Morte*) e com uma segunda edição logo em 1986, a obra foi publicada por editora que não se encontra mais em atividade (J. C. Ismael Editor). Até onde pude averiguar, não houve reedições posteriores; atualmente, a obra está fora de catálogo, disponível somente em sebos. A tradução da prosa e poesia de W. Blake renderia a Vizioli o Prêmio Jabuti de Tradução em 1994.

<sup>36</sup> ASCHER. Donne em tradução erudita.

especialmente pelo quanto seria capaz de “sublinhar um dos recursos favoritos do poeta, o jogo de palavras”.

Ascher segue apresentando algumas diferenças entre as duas edições, mas defende a hipótese de que o que de fato distingue as duas traduções é a “concepção de tradução que as norteia”. Quanto à tradução de Paulo Vizioli, de cuja concepção tradutória o crítico claramente se afasta, Ascher a caracteriza como: “obra empenhada de um erudito”, “um valioso subsídio para o estudo e apreciação do autor, correta e esclarecedora”, obra “útil e muito necessária” por sua “função didática e informativa”, mas sem “nenhum lance realmente inventivo”, carente de “criatividade poética”, “com uma linguagem conservadora e com uma dicção poeticamente ultrapassada”, já que resultado do “trabalho de um erudito profissional e competente, mas poeta amador”. Quanto à tradução de Augusto de Campos, com a qual o crítico claramente se identifica, Ascher a caracteriza como o “trabalho magistral de um poeta”, “de certa forma, o próprio Donne em português”, resultado da elaboração de “um poeta-tradutor e inventor de linguagens profissional”, constituindo-se como “obra criativa”, com “linguagem própria e uma dicção poética condizente”.

No dia 5 de maio do mesmo ano, Vizioli escreveria sua réplica<sup>37</sup> à crítica de Ascher, visivelmente contrariado com a apreciação de seu trabalho. Organizandose defensivamente, Vizioli lembra que o mesmo crítico que teria saudado “com entusiasmo” sua tradução de William Blake, publicada no ano anterior (1984), declarando-o, então, “experiente tradutor de poesia, responsável, inclusive, pela melhor versão de *The Waste Land* [de T. S. Eliot] em língua portuguesa”, passava a caracterizá-lo, na resenha de abril de 1985, como “poeta amador”. Em transição ofensiva, Vizioli afirma ter “a nítida impressão” de que Ascher havia se revoltado “menos com as pretendidas deficiências” de seu trabalho do que com sua “petulância em incursionar por terreno onde antes perambulava Augusto de Campos”. E, organizandose ofensivamente, Vizioli faz sua contra-apreciação de um dos exemplos apontados por Ascher como insuficiência de seu trabalho,

---

<sup>37</sup> VIZIOLI. Paulo Vizioli responde a Ascher.

justificando que não teria traduzido “o poema com base na versão de Augusto de Campos, mas diretamente do original em inglês”.

Na tréplica<sup>38</sup> de Ascher, publicada no dia 12 de maio, o crítico rebate ponto a ponto a réplica de Vizioli, mas seria mais interessante observar, aqui, como a discussão crítica nesse espaço de réplica e tréplica passa a adquirir um teor escancaradamente metacrítico – de que, aliás, as duas partes se valem como expediente de defesa de suas posições pessoais –, em que ganham o primeiro plano tanto uma caracterização epistemológica da poesia e da tradução como objetos quanto uma descrição dos limites e das possibilidades da prática crítica. É como se a própria prática crítica fosse tratada, nesse espaço, como uma forma de tradução, como sobrevida de uma relação com os *objetos-obra* em questão (as traduções de Donne), nos mesmos termos do que discuto no primeiro momento deste ensaio.

Em sua réplica, Vizioli evoca, por exemplo, a complexidade da linguagem da poesia, questionando a possibilidade de justificar juízos de valor tão cabais – ele se refere a “vereditos de tamanha gravidade” – com base em análises de um que outro elemento isolado. Vizioli chega a admitir o que ele chama de “soberania” do crítico: “Quando ele gosta, ótimo! Quando não, paciência!”. No entanto, tampouco deixa de dar seu cutucão em Ascher, tachando discretamente seu exercício crítico de impressionista.

De sua parte, ao rebater em sua tréplica a imputação de certo entusiasmo com a tradução de Blake e alguma irritação com a tradução de Donne, Ascher afirma não ter em vista as “emoções alheias”, pretendendo tão somente “contribuir para a reflexão crítica”. O crítico destaca, nesse sentido, que seu objetivo não teria sido, portanto, apenas o de “avaliar”, mas também o de “contribuir para o debate sobre a tradução de poesia”. Ascher relembra, em seu benefício, o traço subjetivo de todo o exercício crítico, embora destaque que, em seu caso, a subjetividade é “mediatizada por certa objetividade”, lembrando que a tradução tem em comum com a crítica “a virtude de poder apresentar vários pontos de vista” e reiterando, assim, a tradução como operação que oscila entre objetividade e subjetividade, o que contribuiria para que não existam versões únicas e definitivas de nenhum

---

<sup>38</sup> ASCHER. Nelson Ascher rebate críticas de Paulo Vizioli.

texto – embora o crítico admita que seja possível falar de versões melhores e piores. Em relação a sua apreciação anterior de trabalhos de Vizioli, Ascher afirma que nenhum de seus julgamentos teria caráter absoluto, seriam sempre comparativos, ressaltando que “uma resenha é um parecer, resultado de uma análise” e que, nesse sentido, não haveria “espaço para reproduzir todos os passos que levam a determinada conclusão”.

Cabe observar, no entanto, que, a despeito de reconhecer que se enfrentam, no campo de sua resenha crítica, duas concepções diferentes de tradução e apesar de chegar a elencar uma série de possíveis qualidades do tipo de trabalho resultante da concepção de tradução de Vizioli, Ascher não se mostra capaz de se dar por satisfeito com o objeto central de sua resenha. É como se, de fato, como parece sugerir Vizioli em sua réplica, Ascher não conseguisse evitar de sentir falta do jogo de tradução de Augusto de Campos (criativo, inventivo: *arte*) no jogo tradutório de Vizioli (correto, esclarecedor: *útil*) ou, dito de outro modo, é como se Ascher só fosse capaz de ler o trabalho de Vizioli sob o signo de uma certa falta (falta de criatividade), de uma negatividade (por não convencer enquanto *arte*) – quando, em princípio, não teríamos diante de nós, senão, dois modos reconhecidamente competentes, ainda que notoriamente diferentes, de jogar o jogo da tradução.

Como conclui Rosemary Arrojo em seu artigo “A que são fiéis tradutores e críticos de tradução: Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne”,<sup>39</sup> o que parece estar de fato em jogo, em toda essa discussão, é uma maior ou menor adesão dos críticos às concepções de poesia, tradução e crítica que eles próprios encarecem e não exclusivamente um juízo de valor sobre os trabalhos em questão<sup>40</sup> – o que podemos entender como um modo de chamar a atenção, não para uma suposta invalidação dos juízos críticos em questão, mas para o

---

<sup>39</sup> ARROJO. A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne, p. 24-25.

<sup>40</sup> Para além dessa questão da adesão às próprias concepções poéticas e tradutórias, Paulo Henrique Britto demonstrará, em seu artigo “Fidelidade em tradução poética: o caso Donne”, como uma avaliação fundada em uma série de critérios objetivos, estabelecidos por ele, também é capaz de justificar uma avaliação que favorece a tradução de Augusto de Campos em face da tradução de Paulo Vizioli. Concordando com Britto, caberia observar, no entanto – como ele próprio também o faz –, que uma série diferente de critérios “objetivos” poderia levar a apreciação crítica desses mesmos poemas traduzidos em outra direção.

inexorável atravessamento destes pelas diferentes concepções que instauram determinado ponto de vista sobre aquilo que se recorta como objeto da crítica. Afinal, no mesmo gesto em que diz algo sobre determinado objeto, a crítica sempre fala também dos pressupostos e dos valores que fundam o lugar de onde o olhar crítico se articula. E esse traço, cabe lembrar aqui, é igualmente determinante de outras manifestações críticas, a exemplo do que ocorre na crítica e na crônica futebolística, invariavelmente atravessadas pelo confronto constante de diferentes visões não apenas de futebol, mas também do que deva e do que possa ser a própria crítica no mundo do futebol.

Talvez se possa dizer que nisso se evidencia a tão conhecida dificuldade de separar o que os críticos caracterizam por objetividade e subjetividade no exercício crítico. Mas ao invés de essa percepção contribuir como forma de modalização do exercício crítico, a naturalização dessa dificuldade – diante da qual, como críticos, seríamos, portanto, incapazes de performar um corte mais preciso entre sujeito e objeto –, não raro, produz o efeito oposto, tendendo a uma absolutização do ponto de vista particular do crítico. É como se, nesses casos, as condicionantes epistemológicas de inseparabilidade entre sujeito e objeto e toda a dificuldade envolvida no respectivo esforço de distanciamento – responsáveis por construir as chamadas condições de objetividade – não servissem, senão, de mero pretexto para justificar o caráter categórico dos *próprios* valores e da *própria* perspectiva crítica, o que se traduz, muito frequentemente, tanto em uma falta de abertura às diferenças que fundam outras perspectivas críticas quanto em uma espécie de regime de indistinção do outro – em prejuízo, é claro, da apreciação desse outro tomado como objeto.

Contudo, independentemente das preferências e adesões de cada parte, que fazem pender em diferentes direções os juízos críticos dos projetos tradutórios em questão, é interessante notar como os trabalhos de Paulo Vizioli e Augusto de Campos são caracterizados como representativos de modos diferentes de compreender o jogo da tradução no Brasil. No conjunto de sua apreciação crítica, Ascher descreve a tradução de Vizioli como um trabalho pautado pela correção e utilidade, realizado num horizonte mais tradicional e convencional da tradução, que, no espírito da reflexão desenvolvida neste ensaio, poderíamos considerar

como representativo de uma *tradução de resultado*. Ao mesmo tempo, justamente por se inscrever programaticamente como forma de arte e, nesse exato sentido, transcender as expectativas de resultados tradicionalmente almejados por uma tradução mais convencional, o trabalho de Augusto de Campos é caracterizado como “criativo”, “inventivo”, “trabalho magistral de um poeta”, uma escolha de atributos que reforça a descrição do jogo tradutório de Augusto de Campos como *tradução-arte*.

Aqui, trata-se tão somente de destacar como as diferenças entre essas modalidades de jogo são descritas: ora designando um tipo de jogo mais *reativo*, que *responde* a expectativas mais convencionais de um trabalho de tradução e, não raro com certa dose de resignação, projeta-se no horizonte do *melhor resultado possível*;<sup>41</sup> ora designando um tipo de jogo mais inventivo e criativo, que assume abertamente o risco de enfrentar desafios tidos como impossíveis e, na exata medida em que cria modos não convencionais de fazê-lo, projeta-se como uma *forma de arte*. Portanto, diferentemente do que parece fazer Nelson Ascher em sua crítica à tradução de Vizioli, não se trata, aqui, de identificar com o atributo “arte” e o “campo estético da criação” um jogo supostamente melhor ou pior do que aquele que se caracteriza a partir de uma preocupação mais central com o “resultado” e o “campo prático da utilidade”. No campo específico da tradução literária, como tão bem exemplifica esse embate crítico já antigo (mas ainda tão atual) em torno das traduções de John Donne para o português, as traduções podem ser sempre muito diferentes, mas traduções diferentes também podem ser diferentemente *bem ou mal sucedidas*, de tradutor para tradutor, de jogo para jogo de escrita de um mesmo tradutor. Isso para não entrar no mérito da própria discussão daquilo que se poderia entender por “bem” ou por “mal” sucedido em uma tradução, medida que talvez funcione melhor como valor avaliativo do jogo presumivelmente mais

---

<sup>41</sup> É nesse sentido exato que entendo traduções como a de Vizioli nos termos de uma *tradução de resultado*. Não porque o tradutor despreza a dimensão estética em seu trabalho de tradução poética, tampouco porque não se possa identificar em seu trabalho qualquer valor artístico, muito pelo contrário. Apenas porque esse trabalho não se apresenta programaticamente como forma de arte, nos termos do que faz Augusto de Campos, aderindo, antes, a uma perspectiva em que, não raro como espécie de atestado compulsório de humildade e franqueza, o tradutor funda o horizonte de sua prática no discurso das limitações e da negatividade de toda tradução, propondo-se, diante disso, a fazer “o melhor possível” ou, como se diz no mundo dos esportes, em geral, e do futebol, em particular: propondo-se a “dar o melhor de si”.

calculado e calculável de uma *tradução de resultado* do que como valor estético-crítico de um jogo que se projeta programaticamente para além dos horizontes do provável, como no caso da *tradução-arte*.<sup>42</sup>

### UM MINUTO DE ACRÉSCIMO

“Quando encanta, fica para sempre”: a temporalidade implicada na máxima de Diniz nos faz lembrar que aquele tipo de jogo designado como *futebol de resultado* pode até se perpetuar na memória do torcedor como a lembrança de uma grande vitória ou da conquista de um campeonato, mas, não raro, isso se dá muito mais pela excepcionalidade do resultado alcançado do que pelo objeto-jogo, propriamente dito – do qual, às vezes, os torcedores prefeririam se esquecer. Em contrapartida, alguns exemplos paradigmáticos daquele tipo de jogo designado como *futebol-arte* acabam ganhando uma sobrevida como objeto-jogo mesmo quando completamente malogrados do ponto de vista do resultado mais imediato – a exemplo da chamada *Tragédia do Sarriá*, a derrota do Brasil para a Itália, na Copa de 1982. Não é de se estranhar, portanto, que o *futebol de resultado* e o *futebol-arte* produzam modos muitos distintos de sobrevida de seus respectivos objetos-jogo.

Talvez isso possa nos ajudar a pensar também as diferentes formas de sobrevida das traduções de Augusto de Campos e de Paulo Vizioli. Afinal, quase quatro décadas depois desse embate crítico sobre as traduções de John Donne, caberia lembrar que – seja por força e mérito dos próprios textos traduzidos, seja em razão de circunstâncias não problematizadas aqui, mas que tampouco poderiam ser desconsideradas<sup>43</sup> – não é a *tradução de resultado* de Paulo Vizioli,

<sup>42</sup> Não se trata de afirmar, com isso, que não possamos nos referir ao produto da *tradução-arte* em termos de um jogo bem ou mal sucedido de escrita tradutória; trata-se apenas de destacar, aqui, que “bem ou mal sucedido” são termos mais propriamente avaliativos (de uma avaliação em termos de valores judicativos) do que críticos (num sentido mais forte de Crítica) e que, nessa mesma medida, esses termos não só não esgotam como ainda contribuem muito discretamente para uma discussão dos valores estético-críticos de uma tradução produzida como forma de arte.

<sup>43</sup> Por exemplo, o fato de Vizioli ter falecido em 1999, enquanto Augusto de Campos continuaria produzindo ativamente por décadas, intervindo diretamente na condução das reedições de sua obra; mas também o fato, nada desprezível, de que a recepção da tradução de Augusto de Campos seria alavancada pela gravação de Caetano Veloso de *Elegia*, música

mas, sim, a *tradução-arte* de Augusto de Campos que continua hoje em ampla circulação, que, por força do quanto ainda encanta, continua resistindo à passagem do tempo: como sobrevida do jogo de escrita tradutória da poesia de John Donne em português.

Para além disso, arriscando um último lance deste jogo, caberia ainda observar e reconhecer que, diferentemente de seu contexto de origem, em que surgia como traço programático do trabalho individual de Augusto de Campos e de alguns poucos poetas concretos, a *tradução-arte*, ao longo das últimas décadas, passaria a ter um papel fundador como modo de jogar o jogo da tradução de poesia, impactando de maneira decisiva o modo de traduzir das gerações seguintes, ao ponto de podermos dizer, hoje em dia, que o horizonte mais paradigmático da tradução de poesia no Brasil é exatamente aquele que tem em vista a tradução de poesia como poesia, ou seja, a tradução de poesia como uma forma de arte. Assim, se a noção de *futebol-arte* descreve um arco que vai da generalização mistificadora (a partir da Copa de 38) à caracterização de alguns casos de exceção no futebol brasileiro e internacional (nos dias de hoje), perdendo espaço para o *futebol de resultado*, seria perfeitamente razoável admitir que, impondo-se como horizonte concreto de possibilidade da tradução poética e, diante disso, ocupando amplamente um espaço antes dominado pela *tradução de resultado*, a *tradução-arte* vem se aproximando cada vez mais de um traço coletivo e paradigmático do jogo tradutório da poesia no Brasil.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne. In: ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.15-26.

---

de Péricles Cavalcanti para um poema de Donne traduzido por Augusto de Campos. E caberia lembrar, igualmente, que o próprio contexto de recepção da poesia de Donne em língua portuguesa se transformaria nessas últimas décadas, com a produção de novos estudos críticos e traduções de José Garcez Ghirardi, Fabio Cyrino, Lavínia Silveiras, Marcus de Martini, entre outros.

ASCHER, Nelson. Donne em tradução erudita. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 abr. 1985.

ASCHER, Nelson. Nelson Ascher rebate críticas de Paulo Vizioli. **Folha de São Paulo**, 12 mai. 1985.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor, tradução de Susana Kampff Lages. In: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marei Gagnebin; tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRITTO, Paulo Henriques. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. **Terceira Margem**. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, UFRJ, Rio de Janeiro, ano X, número 15, p. 239-254, 2006.

CAMPOS, Augusto de. **Verso Reverso Controverso**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Augusto de. **John Donne, o Dom e a Danação**. Florianópolis: Noa Noa, 1978.

CAMPOS, Augusto de. **O anticrítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAMPOS, Augusto de. **Invenção**. De Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti. São Paulo: Arx, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. A obra de arte aberta. In: CAMPOS, Haroldo. **Teoria da Poesia Concreta** (Textos críticos e manifestos 1950-1960). São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975, p. 30-33.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Espaço *versus* prática da crítica de tradução literária no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 205-234, 2007.

DE MARTINI, Marcus. A *authoritas* do traduzido e a legitimação do tradutor: ou o dia em que John Donne foi chamado para defender os sonetistas. **eLyra**: revista da rede internacional lyracompoetics, Porto, Universidade do Porto, n. 9, 2017, p. 259-283.

DICK, André. Augusto de Campos: em busca da “alma” e da “forma”. **IHU online**, São Leopoldo, 6 out. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/49MVMtj>. Acesso em: 19 abr. 2024.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

GHIRARDI, José; MILTON, John. John Donne no Brasil. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 45, p. 77-101, 2003.

GZH. Fernando Diniz responde Mano sobre conciliar trabalho no Fluminense com Seleção Brasileira: “Viver é perigoso”. **GZH**, Porto Alegre, 9 jul. 2023, Esportes. Disponível em: <https://bit.ly/3Uq4ORF>. Acesso em: 19 abr. 2024.

HAMILTON, Jamie. Dice games. Fernando Diniz, aesthetics and the manipulation of chance. **Medium**, EUA, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3JrnHgR>. Acesso em: 19 abr. 2024.

KASSAB, Álvaro; GOMES, Eustáquio. Augusto de Campos. O “vocalista” da alma e da forma. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 24 a 30 nov. 2008, p. 5-8. Disponível em: <https://bit.ly/4d8Pq3F>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MANSUR, Carlos Eduardo. Fernando Diniz, técnico do Atlético-PR: “Futebol é mais arte que ciência”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 fev. 2018, Esportes. Disponível em: <https://bit.ly/44eG427>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MARQUES, José Carlos; CÉSAR, Nathaly Barbieri Marcondes. O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2018, p. 1-22. Acesso em: 15. set. 2023.

MELLO, Simone Homem de. “Muito do que traduzíamos partia da ideia de traduzir o aparentemente intraduzível”. Augusto de Campos em entrevista. **TOLEDO**, Alemanha, jan. 2021, Cities of Translators – São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/4b2UZyB>. Acesso em 19 abr. 2024.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, 2014, p. 354-366.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal, tradução de Mauricio Santana Dias. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais!, São Paulo, 6 mar. 2005.

PEREIRA, Camila; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. (Orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PEREIRA, Cristina Monteiro de Castro. Entrevista com Augusto de Campos. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, ABRALIC, São Paulo, número 19, p.13-23, 2011.

PRIKLADNICKI, Fábio. Augusto de Campos: “As melhores traduções são aquelas que não parecem tradução”. **GZH**, Porto Alegre, 17 set. 2012, Cultura e Lazer. Disponível em: <https://bit.ly/3Qbr1Rb>. Acesso em 19 abr. 2024.

REDAÇÃO DO GE. Perfil da Copa do Mundo dá boas-vindas a Fernando Diniz na Seleção: “Chegou a hora do futebol arte”. **GE**, Rio de Janeiro, 4 jul. 2023, Seleção Brasileira. Disponível em: <https://bit.ly/3Q8pzPa>. Acesso em: 19 abr. 2024.

VIZIOLI, Paulo. **John Donne: o poeta do Amor e da Morte**. São Paulo: J. C. Ismael, 1985.

VIZIOLI, Paulo. Paulo Vizioli responde a Ascher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 maio 1985.

\* \* \*

Recebido em: 16 dez. 2023.  
Aprovado em: 19 abr. 2024.

## Tradição na era global: o futebol em poemas de cordel do século XXI

Tradition in the global era:  
football in the poetry of cordel in the 21st century

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil  
Doutor em Estudos Germanísticos, Freie Universität Berlin, Alemanha  
cornelsen@letras.ufmg.br

**RESUMO:** O presente estudo visa a contribuir para o debate teórico acerca de poemas tidos como “literatura de cordel”, publicados na plataforma digital *Recanto das Letras*, que possibilitam refletir sobre as implicações que derivam da mudança do suporte tradicional – os folhetos impressos – para o meio digital, que altera não só a relação da veiculação e da recepção, que se torna potencialmente global, como também dos temas que tais poemas veiculam. Nosso enfoque recai sobre três poemas que tratam do tema do futebol, que formam nosso corpus de análise: *Cristiano Ronaldo x Messi*, postado por Eryka Giulyane em 16 de março de 2012, *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, postado por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, e *Messi e a final da Copa de 2022*, postado por Julio Augusto em 20 de dezembro de 2022.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradição; Globalização; Folheto de cordel; Poesia popular; Plataforma digital.

**ABSTRACT:** The present study aims to contribute to the theoretical debate about poems considered “cordel literature”, published on the digital platform *Recanto das Letras*, which make it possible to reflect on the implications that derive from the change from the traditional support – printed chapbooks – to a digital medium, which changes not only the relationship between transmission and reception, which becomes potentially global, but also the themes that such poems convey. Our focus is on three poems that deal with the theme of football, which form our corpus of analysis: *Cristiano Ronaldo x Messi*, posted by Eryka Giulyane on March 16, 2012, *Neymar Junior: the time and destiny of a boy warrior*, posted by Sírlia Lima on June 23, 2014, and *Messi and the 2022 World Cup Final*, posted by Julio Augusto on December 20, 2022.

**KEYWORDS:** Tradition; Globalization; Cordel chapbook; Popular poetry; Digital platform.

## INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, uma das manifestações populares mais significativas da cultura brasileira, “uma expressão da voz popular, da memória e da identidade nacional”,<sup>1</sup> não ficou alheia a outro fenômeno igualmente popular ou, melhor dizendo, que se popularizou no Brasil a partir da década de 1930: o futebol. São vários os cordéis que têm por tema aspectos ligados ao esporte bretão, seja para cantar as façanhas de um jogador, o desempenho vitorioso de um clube ou da Seleção, e também escândalos, preconceitos, crises e atos de violência, que envolvem o futebol brasileiro.

Em pesquisa recente, intitulada *Futebol e Literatura no Brasil – dos primórdios aos dias atuais* (2020-2023; CNPq), tomando por base de dados diversos acervos digitais e publicações impressas, efetuamos um levantamento de folhetos de cordel que contemplam o tema do futebol. Embora lacunar devido ao caráter peculiar de circulação dos folhetos impressos, o inventário resultante da pesquisa, com um total de 160 títulos, nos permite uma série de inferências.

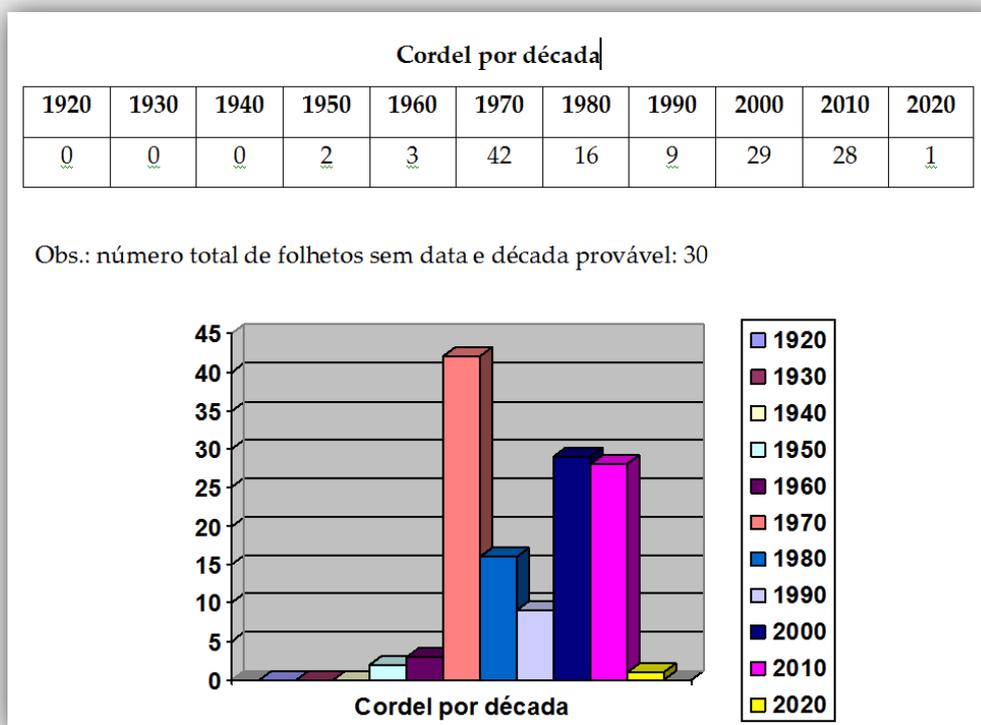


Fig. 1: tabela e gráfico elaborados pelo autor.

<sup>1</sup> MELO. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, p. 245.

Conforme pode ser observado na tabela e no gráfico abaixo, o ápice de publicações de folhetos de cordel que contemplam o tema do futebol foi atingido na década de 1970, muito por conta do triunfo da Seleção Brasileira ao conquistar o tricampeonato mundial na Copa do México. Certamente, o futebol passou a inspirar cordelistas desde o final da década de 1950, com a conquista do primeiro mundial em 1958, na Suécia, e mesmo em décadas mais recentes, verifica-se que o elevado número atingido na década de 1970 não voltou a se repetir.

TOTALIZAÇÃO	
Gênero Textual/Literário	Total de obras
Romances	54
Contos (antologias e livros de autor)	43
Autobiografias	95
Biografias	269
Cordel	160
Poesia	34
Ilustração e Quadrinhos	50
Teatro	9
Literatura Infantil e <u>Infantojuvenil</u>	308
Crônica	213
Coletâneas de mais de um gênero textual/literário	20
<b>TOTAL</b>	<b>1.255</b>

Tabela 1: tabela e gráfico elaborados pelo autor.

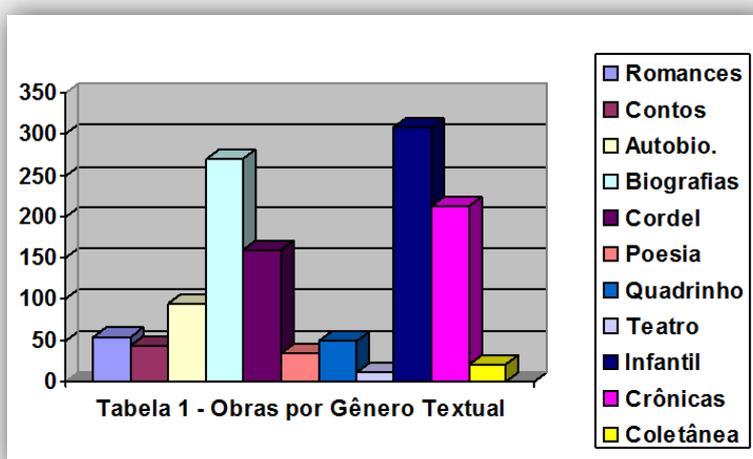


Fig. 2: Gráfico elaborados pelo autor.

No conjunto das obras pesquisadas, o gênero cordel representou um total de 160 títulos, sendo o 4º gênero mais contemplado com o tema do futebol, atrás da literatura infantil e infantojuvenil com 308 títulos, da biografia com 269 títulos e da crônica (crônicas publicadas em livros autorais e coletâneas), com 213 títulos (Tabela 1).

Uma das inferências resultantes dessa pesquisa em relação à literatura de cordel é o significado da conquista dos três primeiros títulos mundiais pela Seleção Brasileira, que inspiraram e impulsionaram sobremaneira a publicação de folhetos de caráter laudatório desde o final da década de 1950, em que encontramos, entre outros, folhetos como *Copa do Mundo 1962* (196-), de Raul de Carvalho, *O Brasil na Copa do Mundo* (196-), de Cuíca de Santo Amaro, *A vitória do Brasil* (19--), de João Severo de Lima, *O Brasil tricampeão* (197-), de José João dos Santos (Azulão), *Brasil, tricampeão do mundo* (197-) e *Brasil Tricampeão de Futebol* (19--), de Manoel d'Almeida Filho. Conforme se observa, é difícil precisar a datação de vários folhetos, principalmente aqueles publicados até a década de 1980, algo que o cordelista e teórico Franklin Maxado, conhecido como “Maxado Nordestino”, assinala com propriedade: “A data de um folheto ou de uma poesia oral também constitui dificuldade para sua determinação, pois a maioria dos poetas ou as editoras não a registram nas edições. Os antigos não colocavam lugar e até mesmo a autoria nos folhetos”.<sup>2</sup>

Todavia, o gênero textual cordel também não ficou incólume às transformações oriundas da era das plataformas digitais. Um exemplo disso é o portal *Recanto das Letras* (<https://www.recantodasletras.com.br>), tanto como espaço de divulgação, quanto como suporte para que jovens escritores contribuam com textos em diversos gêneros. De acordo com informações disponíveis na aba “Política Editorial”,

[o] Recanto das Letras é uma plataforma idealizada para facilitar a publicação e o compartilhamento de conteúdos de natureza poética, artística, informativa e educacional. [...] Os conteúdos enviados pelos usuários não passam por avaliação prévia e são publicados automaticamente, mas o Recanto das Letras poderá alterar a classificação ou apagar posteriormente e sem aviso prévio o que considerar inadequado, de acordo com o seu exclusivo critério.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53.

<sup>3</sup> RECANTO DAS LETRAS. Política Editorial, s/d.

Além dos textos em diversos gêneros e tipos textuais, contendo 50 “categorias de texto”, o portal *Recanto das Letras* integra também as páginas da Editora, da Livraria e da Rádio Recanto das Letras.

Nesse sentido, como parte da pesquisa desenvolvida atualmente, intitulada *Futebol e Literatura de Cordel – encontro de duas artes populares (2023-2026; CNPq)*, nossa contribuição visa a possibilitar reflexões sobre tais transformações resultantes da relação entre tradição e globalização, tendo em mente que a literatura de cordel se estabeleceu no Brasil como sistema literário a partir do final do século XIX, cujas origens possuem raízes lusitanas que remontam à Idade Média e elementos culturais das matrizes indígenas e africanas, sobretudo em relação à oralidade, junto aos menestréis e cantadores lusitanos.<sup>4</sup> Conforme aponta Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, a literatura de cordel enquanto poesia popular original do Nordeste brasileiro, posteriormente composta e difundida também em outras regiões do país, resultou “num patrimônio vocal que carrega heranças europeias, africanas, indígenas e árabes, congregadas em uma grande família”.<sup>5</sup>

## A TRADIÇÃO DO CORDEL

Inicialmente, para este estudo, adotamos a definição de tradição proposta por Caroline Kraus Luvizotto, fundamentada a partir de Max Weber, Eric Hobsbawm, Anthony Giddens e Marshall Sahlins, que consideramos pertinente para uma reflexão sobre a literatura de cordel:

Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 39; PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 28; MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 12-13.

<sup>5</sup> MENESES. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*, p. 228.

<sup>6</sup> LUVIZOTTO. *A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia*, p. 65.

De acordo com essa pesquisadora, “[a] ordem social baseada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações, e, nesse sentido, conhecer é ter habilidade para produzir algo e está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver”.<sup>7</sup>

Considerada pelo viés da tradição entendida aqui nesses termos, a literatura de cordel possui um substrato de origem marcante: a oralidade. De geração em geração, a memória popular garantia a transmissão e a conservação de histórias tradicionais em forma de poesia oral.<sup>8</sup> Não é por acaso que a literatura de cordel também se associe ao cancionário popular, como bem aponta Antonio Iraildo Alves de Brito:

Cantoria e cordel podem ser considerados como duas manifestações artísticas inseparáveis. Um e outro têm a mesma fonte: são essencialmente orais. Claro que literatura de cordel, como o próprio nome indica, tem mais relação com a escrita. Mas ambas são literatura oral, compostas para serem declamadas.<sup>9</sup>

No famoso poema de João Cabral de Melo Neto, publicado em *A escola das facas* (1980) e intitulado “Descoberta da literatura”,<sup>10</sup> encontramos versos que transmitem uma série de características da literatura de cordel, “a narratividade, o verso em redondilha maior, o tom monorrítmico”,<sup>11</sup> incluindo a própria oralidade, num tom que marca a “rememoração da infância” em “uma clara dimensão autobiográfica”<sup>12</sup> do eu lírico, entre o menino que lê e os trabalhadores do engenho sem letramento, que querem ouvi-lo recitar os versos de um “romance de barbante”:

No dia-a-dia do engenho,  
toda a semana, durante,  
cochichavam-me em segredo:  
saiu um novo romance.  
E da feira do domingo  
me traziam conspirantes  
para que os lesse e explicasse  
um romance de barbante.

---

<sup>7</sup> LUVIZOTTO. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia, p. 65-66.

<sup>8</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 25.

<sup>9</sup> BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 46.

<sup>10</sup> MELO NETO. *Descoberta da literatura*, p. 447-448.

<sup>11</sup> MARTINS. *Poesia, experiência e autobiografia*, p. 476.

<sup>12</sup> MARTINS. *Poesia, experiência e autobiografia*, p. 469-470.

[...]  
Sentados na roda morta  
de um carro de boi, sem jante,  
ouviam o folheto guenzo,  
a seu leitor semelhante,  
com as peripécias de espanto  
predita pelos feirantes.  
[...]  
que o leitor que lia aquilo  
como puro alto-falante,  
e, sem querer, imantara  
todos ali, circunstantes,  
receava que se confundissem  
o de perto com o distante,  
o ali com o espaço mágico,  
[...]<sup>13</sup>

Portanto, a literatura de cordel está ligada à voz, pois “os folhetos surgiram e desenvolveram-se através de ‘performances’ orais”.<sup>14</sup> Conforme aponta a pesquisadora Rosilene Alves de Melo, “o folheto impresso se tornou o suporte dessa forma poética até então marcada pela oralidade”.<sup>15</sup> Além disso, a literatura de cordel possui alguns traços característicos. Além de se originar da oralidade, apresenta determinados aspectos formais que lhe aproximam do repente, um dos principais gêneros musicais do cancioneiro nordestino: estrofação em sextilhas ou septilhas; métrica em redondilha maior, com sete sílabas poéticas; rimas nos versos pares, formando a sequência a-b-c-b-d-b, nas sextilhas, permanecendo os versos ímpares como versos brancos; rimas deslocadas nos versos 2, 4 e 7, e rimas paralelas nos versos 5 e 6, nas septilhas, formando a sequência a-b-c-b-d-d-b. Segundo Antonio Iraildo Alves de Brito, “[a]s estrofes, a métrica, as rimas marcam o ‘índice de oralidade’, a voz em potência no texto”.<sup>16</sup> E o estudioso da poesia popular é categórico ao afirmar: “Há regras, inclusive rígidas, a serem observadas”. E a própria designação de poemas classificados como literatura de cordel é geograficamente diversa, conforme ressalta Franklin Maxado: “Estritamente, então, a Literatura de Cordel é

---

<sup>13</sup> MELO NETO. *Descoberta da literatura*, p. 447-448.

<sup>14</sup> BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 47.

<sup>15</sup> MELO. *Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil*, p. 248.

<sup>16</sup> BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 54.

o nome desses livrinhos que ainda são conhecidos por abecês, folhetos, romances, e estórias. Ou ‘pasquim’ ou ‘pisquim’, no norte de Minas Gerais”.<sup>17</sup> Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses apresenta argumento semelhante ao afirmar que há uma variação considerável de designações para o cordel: “as denominações variam segundo várias categorias, conforme o suporte (folheto, ‘foieto’, livro, folhinha, romance), tradição (folheto antigo), lugar (arrecifes, poesia da rua), editores (livro de Athayde), conteúdo (histórias de João Grilo), origem social (poesia de matuto) e assim por diante”.<sup>18</sup> Inclusive, esse pesquisador apresenta uma variação maior do número de versos em termos de estrofação na literatura de cordel, embora, tradicionalmente, sextilhas e septilhas sejam predominantes em folhetos impressos: “as mais correntes são a parcela, a quadra, a sextilha, a setilha, as oitavas, as décimas”.<sup>19</sup>

Quanto à tipologia, inicialmente, tomando por base critérios propostos pela pesquisadora Marlise Meyer,<sup>20</sup> os folhetos podem ser “noticiosos” – baseados em reportagens da mídia sobre determinado fato ou evento acontecido ou que está para acontecer, ou celebridade, em geral, correspondendo a 08 ou 16 páginas, e “romances” – com tratamento temático amplo sobre histórias fictícias e figuras míticas, de 32 ou 64 páginas, sempre em um número correspondente à dobradura da folha de papel, em múltiplo de quatro. O mesmo é reiterado por Franklin Maxado, que se refere aos folhetos de 08 ou 16 páginas como aqueles que “tratam de fatos circunstanciais”, enquanto os folhetos de 32 ou 64 páginas “tratam de enredos de bravuras de amor, etc.”, além de indicar que o tamanho padrão dos folhetos é “de onze por dezesseis centímetros”.<sup>21</sup> Outro pesquisador que apresenta tipologia semelhante em seu estudo sobre literatura de cordel é o brasileiro norte-americano Marc Curran:

A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil. Consiste, basicamente, em longos poemas narrativos, chamados “romances” ou “histórias”, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou, raramente, 64 páginas, que falam de amores, sofrimentos ou aventuras, num discurso heroico de ficção. Esta é uma parte significativa

---

<sup>17</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 42.

<sup>18</sup> MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 228.

<sup>19</sup> MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 228.

<sup>20</sup> MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 3-4.

<sup>21</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 42.

do cordel em termo de número de poemas publicados, mas nem de longe representa todo o gênero. Um segundo tipo de impresso, o folheto de oito páginas de poesia circunstancial ou de acontecido, também contribui para o ‘corpus’ total, completa o quadro do duelo, chamado “peleja”, “desafio” ou termo equivalente. Assim, o cordel tem características tanto populares quanto folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoria designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e ‘performances’ da tradição oral. Além disso, conta com a participação direta do público, como plateia.<sup>22</sup>

Por sua vez, em termos de tradição, a classificação temática é aquela que representa um maior desafio para os pesquisadores. Franklin Maxado, por exemplo, propõe “uma classificação eclética de quem estuda e de quem é profissional da poesia de cordel”: “A classificação proposta leva em conta a maioria do conteúdo do folheto e o traço estilístico do autor”.<sup>23</sup> Dentre mais de 20 ciclos temáticos, um recebe destaque especial: “folhetos de época ou ocasião”; “De todos os ciclos, este é o mais jornalístico”, “pois abordam, noticiam, comentam, satirizam, interpretam, criticam ou opinam sobre fatos acontecidos e que têm interesse para a comunidade”.<sup>24</sup> Outro pesquisador que arriscou delimitar “núcleos temáticos” na literatura de cordel é Ivan Cavalcanti Proença:

- desafios,
- estórias relacionadas com ritos, religião, cerimônias,
- banditismo (Lampião, por exemplo),
- fatos locais,
- pornografia,
- temas de literatura e história universais.<sup>25</sup>

Todavia, de acordo com a brasilianista norte-americana Candace Slater, “[o] problema básico dessas categorias é serem amorfas. Se bem que possam ser definidas de certa forma por meio de subdivisão, este processo muitas vezes suscita mais problemas do que os que soluciona”.<sup>26</sup>

Além dos aspectos formais e temáticos, dentro da tradição, o folheto de cordel exhibe em sua capa não só o título e o nome do cordelista, como também alguma imagem, em geral, uma xilogravura, de autoria de um xilógrafo popular ou do pró-

<sup>22</sup> CURRAN. *História do Brasil em cordel*, p. 17-18.

<sup>23</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53.

<sup>24</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53-54.

<sup>25</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 47.

<sup>26</sup> SLATER. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*, p. 69.

prio cordelista, mas também reprodução de fotografias em clichês de impressão. Segundo Franklin Maxado, “os editores notaram que, com figuras, poderiam os folhetos chamar mais atenção e, conseqüentemente, vender mais. Assim, começaram a encomendar gravações em madeira, retratando os personagens ou passagens mais marcantes da estória”.<sup>27</sup> E de acordo com o pesquisador e artista plástico Antonio Fernando Costella, “os modestos folhetos de cordel encontraram na xilografia um recurso de ilustração que revelou-se acessível, barato e eficiente para enriquecer-lhes as capas”, criando “as bases de um ‘design’ popular e sertanejo”.<sup>28</sup> Além disso, ao longo do tempo, as contracapas passaram também a desempenhar função fundamental, conforme aponta Marlise Meyer:

As contracapas são também muito importantes no folheto, pois constituem uma útil fonte de informações. Podem trazer nome, endereço e até fotos do autor e também conselhos patrióticos, avisos diversos, propagandas de horóscopos e almanaques, quando não de casas comerciais e remédios.<sup>29</sup>

Sem dúvida, a composição de capas e contracapas foi se alterando ao longo das décadas, porém, estas passaram a compor as características do folheto de cordel em sua tradição. Para Marlise Meyer, as contracapas são fundamentais em termos de pesquisa: “É, portanto, através das contracapas que o mundo do cordel pode ser catalogado. Aliás, é pelas contracapas que se tem acesso, praticamente, a este mundo, tal a riqueza de dados variados que apresentam”.<sup>30</sup>

Um último traço que diz respeito à tradição seria a circulação de folhetos de cordel, originalmente comercializados em feiras e apregoados por “folheteiros” ou pelos próprios cordelistas. De acordo com Franklin Maxado, “[a] figura do folheteiro está intimamente ligada à da feira livre, como um bom vendedor e artista, distrai o povo e vende o folheto”.<sup>31</sup> No início dos anos 1980, Marlise Meyer descreveu a circulação de folhetos da seguinte maneira:

No Rio de Janeiro e São Paulo, os poetas migrantes retomam suas origens: vão à Feira de São Cristóvão (Rio) ou ao Largo da Concórdia (São Paulo),

---

<sup>27</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 48.

<sup>28</sup> COSTELLA. *Literatura de cordel e xilogravura*, p. 60; p. 62.

<sup>29</sup> MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 4.

<sup>30</sup> MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 5.

<sup>31</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 45.

narrando feitos e fatos à moda nordestina. Também nas grandes feiras cotidianas das capitais do Nordeste (Mercado de São José, em Recife; Passarinho, em Maceió; Alecrim, em Natal), em todas as feiras regionais espalhadas pelo interior, nas portas das igrejas, nas estações, em bancas fixas ou espalhadas pelo chão, encontram-se os folhetos de cordel expostos à venda, “a cavalo” num barbante, ou amontoados em cima de um caixote.<sup>32</sup>

Nessas oportunidades, seja a “palo seco”,<sup>33</sup> sem acompanhamento musical, ou ao som da viola, folheteiro ou cordelista declamaria alguns versos para chamar a atenção do público presente às feiras, para que estes se motivassem a adquirir o folheto. Desde o final do século XIX, era comum que folhetos fossem pendurados em barbantes, “cordéis”, para serem exibidos e comercializados em feiras.<sup>34</sup> Os títulos e as capas também serviam de chamariz para o público, sendo que muitos dos frequentadores das feiras não possuíam letramento, mas ficavam fascinados com a declamação dos folheteiros e cordelistas, a ponto de levarem para casa folhetos, para que alguém da família que soubesse ler pudesse declamar os versos. Portanto, tradicionalmente, o cordel possuía também um caráter didático, algo determinado pelo próprio meio em que se estabeleceu e foi difundido: “Disso, advém uma das razões por que o nordestino fala arrastado e cantado, geralmente com frases septassílabas, Muitos até aprenderam a ler com o folheto, fazendo este o papel de cartilha. Ou, propriamente dito, de abecê, quando antigamente era raro escola no sertão e no meio rural”.<sup>35</sup>

## O CORDEL NA ERA DIGITAL

Neste estudo, que se pauta pelo enfoque da tradição da literatura de cordel na era global, decidimos pensá-la a partir de uma das cinco vertentes de pesquisa no âmbito dos Estudos Culturais, formulada por Maria Manuel Baptista, pesquisadora da Universidade de Aveiro:

[...] estudo dos fenómenos relacionados com a Globalização, articulando-a com questões de desterritorialização da cultura, movimentos transnacionais de pessoas, bens e imagens. Neste domínio tem sido ainda objecto de

---

<sup>32</sup> MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 4.

<sup>33</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 44.

<sup>34</sup> COSTELLA. *Literatura de cordel e xilogravura*, p. 60.

<sup>35</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 45.

pesquisa a nova sociedade em rede, fenómenos de terrorismo, choques civilizacionais, a crise ambiental global, entre outras temáticas.<sup>36</sup>

Ao considerarmos “a nova sociedade em rede” enquanto “fenômeno relacionado com a Globalização” para enfocarmos, especificamente, em seus desdobramentos para a literatura de cordel, adotamos, portanto, um viés culturalista. Nesse sentido, o geógrafo Milton Santos afirma que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.<sup>37</sup> Embora o escopo seja amplo, passando por questões de “hipermercantilização” e “hiperconsumo” nos termos propostos por Gilles Lipovetzky,<sup>38</sup> focamos especificamente em questões de ordem tecnológica e comunicacional, na chamada “era digital”. Dalton Lopes Martins define “cultura digital” como “um conjunto de práticas sociais que acontecem de forma singular no espaço social digital”.<sup>39</sup> O “digital” teria como fundamento a sua capacidade singular de manipulação simbólica automática, o que a diferencia em relação a todos os outros suportes de manipulação que já foram antes desenvolvidos pelo ser humano”.<sup>40</sup> No nosso caso específico, consideramos as práticas sociais da cultura digital que “demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis”.<sup>41</sup>

Portanto, podemos pensar as plataformas digitais como diretamente associadas a “práticas informacionais” que “ampliaram a capacidade de acesso das pessoas a essas formas de estruturação de significado produzidas por outras pessoas, que nem sequer se teria a possibilidade de um dia ter contato”.<sup>42</sup> Trata-se, pois, de “formas sociais de apropriação de seus recursos técnicos”, que implicam “modos de transformação simbólica que dão passagem às novas formas de socialização”.<sup>43</sup> Em termos de teoria social da mídia, corroboramos a seguinte afirmação de John B.

---

<sup>36</sup> BAPTISTA. Estudos Culturais: o que e o como da investigação, p. 457.

<sup>37</sup> SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 273.

<sup>38</sup> LIPOVETSKY. *A sociedade de hiperconsumo*, p. 49.

<sup>39</sup> MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 3.

<sup>40</sup> MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 4.

<sup>41</sup> MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 4.

<sup>42</sup> MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 5.

<sup>43</sup> MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 8.

Thompson acerca de possíveis impactos dos processos de globalização dos meios e comunicação sobre a tradição, incluindo os digitais:

Mas estes desenvolvimentos enfraquecem a tradição? Não, necessariamente. Pois as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. A mediatização da tradição dotou-lhe de uma nova vida: a tradição se libertou das limitações da interação face a face e se revestiu de novas características. A tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. Mas o desenraizamento das tradições não as privou dos meios de subsistência. Pelo contrário, preparou-lhes o caminho para que se expandissem, se renovassem, se enxertassem em novos contextos e se ancorassem em unidades espaciais muito além dos limites das interações face a face.<sup>44</sup>

Sem dúvida, reflexões como essa nos permitirá avaliar as implicações da produção e veiculação de poemas tidos como “literatura de cordel” frente a procedimentos tradicionais. Conforme apontado na “Introdução”, o portal *Recanto das Letras* (<https://www.recantodasletras.com.br/>) tornou-se um autêntico espaço de produção e divulgação de literatura nos mais diversos gêneros, oferecendo oportunidades de circulação digital de textos para autores e autoras que, muitas vezes, não possuem acesso ao mercado editorial. Alguns exemplos de poemas de cordel que tomam por tema o futebol na era das plataformas digitais, publicados no portal *Recanto das Letras*, são *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), postado por Eryka Giuliane em 16 de março de 2012, *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* (2014), postado por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, e *Messi e a final da Copa de 2022* (2022), postado por Julio Augusto em 20 de dezembro de 2022, os quais selecionamos para formar nosso corpus de análise.

Nos anos 1990, Raymond Cantel já havia apontado para o interesse de corde-listas no tema do futebol, ao afirmar que “[o] futebol é o único esporte que chama a atenção dos poetas do ‘cordel’ e apenas em ocasiões especiais, quando a Seleção Brasileira vence o campeonato mundial, por exemplo, quando aparecem numerosos folhetos fazendo vibrar os acordes patrióticos”.<sup>45</sup> Entretanto, a seguinte afirmação

<sup>44</sup> THOMPSON. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, p. 160.

<sup>45</sup> CANTEL. *La littérature populaire brésilienne*, p. 73; tradução nossa. No original:

do pesquisador francês demanda reflexão sobre sua pertinência quando pensamos tanto no futebol globalizado, quanto na veiculação de poemas tidos como “literatura de cordel” em plataformas digitais: “Geralmente, são composições medíocres inspiradas em jornais. O mundo dos poetas de cordel quase não tem relação direta com o das grandes equipes internacionais” (CANTEL, 1993, p. 73; tradução nossa).<sup>46</sup> Os exemplos a seguir demonstram que esse quadro mudou desde então.

O primeiro poema analisado é *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), de Eryka Giulyane. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor” do portal *Recanto das Letras*, Eryka Giulyane reside no município de Sátiro Dias, na Bahia, e é professora, pós-graduada em Educação Infantil e Ludopedagogia, já tendo publicado poemas em algumas antologias, entre elas, *O que é que a Bahia tem?* (Litteris, 2009), *Letras do Junco* (Seleção de Luiz Eudes, 2011) e *O Amor e os seus Predicados* (Litteris, 2017). Quanto ao poema de sua autoria, em termos formais, ele apresenta 08 estrofes (sextilhas), métrica com 07 sílabas poéticas (redondilha maior), com variações em 06 sílabas, e rimas nos versos pares, segundo a estrutura a-b-c-b-d-b. Portanto, podemos constatar que o número de estrofes é bem reduzido, pois, segundo a tradição, folhetos “noticiosos”, como neste caso, costumam ter de 32 a 64 estrofes. Além disso, em termos de métrica a redondilha maior sofre algumas variações em determinados versos, o que também não é comum em folhetos de circulação tradicional. Além de ser veiculado em uma plataforma digital, o poema não possui capa e/ou contracapa, como um folheto tradicional, de modo que os paratextos limitam-se ao título, ao perfil da poeta e à data de postagem. Tomemos as seguintes estrofes como exemplos que ratificam nossas considerações analíticas:

Cristiano Ronaldo é  
Um jogador profissional  
Não só nesses gramados...  
Te falo de algo mais carnal  
É um ser muito galático  
E é difícil se ver igual.

---

*Le football est le seul sport qui retienne l'attention des poètes du cordel et seulement dans les grands occasions, quand l'équie du Brésil remporte le championnat du monde, par exemple Alors paraissent de nombreuses brochures qui foint vibrer la corde patriotique.*

<sup>46</sup> CANTEL. *La littérature populaire brésilienne*, p. 73; tradução nossa. No original: *Généralement ce sont des compositions médiocres inspirées par les journaux. Le monde des poètes du cordel n'a guère de rapports directs avec celui des grandes équipes internationales.*

Messi sempre foi o melhor  
 E não tem comparação  
 Pelo time Barcelona  
 Muito já foi campeão  
 Duvido que o Ronaldo  
 Tenha tanto medalhão.<sup>47</sup>

O poema *Cristiano Ronaldo x Messi*, embora possua outro suporte e circulação distinta dos procedimentos tradicionais dos folhetos de cordel, não deixa de dialogar com a tradição quanto a ciclos temáticos que se pautam por noções como “disputa”, “duelo”, “contenda”, “discussão” etc., um dos ciclos apontados por Ivan Cavalcanti Proença,<sup>48</sup> algo que se deve também ao próprio cancionero popular e às “pelejas” de repentistas e poetas. Podemos encontrar exemplos desse ciclo temático em folhetos como *Peleja de Garrincha com Pelé* (1965), de Antônio Teodoro dos Santos, *O duelo do galo e da raposa* (197-), de Jota Rodrigues, *Peleja de um cantador de côco com o diabo* (197-), de José Pachêco, *Duelo violento Vasco x Flamengo* (19--), de Pedro Lara, e *Discussão de José Martins com Artur Pereira* (19--), de José Martins dos Santos. No âmbito do futebol e do esporte em geral, isso se deve ao próprio caráter agonístico das disputas. No caso específico do poema de Eryka Giulyane, duas célebres figuras do futebol são eleitas como protagonistas que são decantadas em versos.

Por sua vez, cabe ressaltar que, ao considerarmos o ano de 2012, em que o poema foi postado, podemos situar ambos os craques no contexto de conquistas. Até aquele ano, Messi havia sido campeão de *La Liga*, o campeonato espanhol, pelo F.C. Barcelona nas temporadas 2004/2005, 2005/2006, 2008/2009, 2009/2010, e 2010/2011; Messi também conquistou a Supercopa da Espanha nas temporadas 2005, 2006, 2009, 2010, e 2011; o craque argentino também foi protagonista nas conquistas da *Champions League*, a liga dos campeões da UEFA, nas temporadas 2005/2006, 2008/2009, e 2010/2011; outros títulos conquistados por Messi até 2012 com o F.C. Barcelona foram a *Copa de Su Majestade el Rey* nas temporadas 2008/2009 e 2011/2012, a Supercopa da UEFA em 2009 e 2011, e da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, em 2009 e 2011. Além disso, até 2012, Messi ganhou sua primeira “Bola de Ouro” no Prêmio *Balon d’Or*, patrocinado pela revista francesa *France*

<sup>47</sup> GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

<sup>48</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 47.

*Football*, em 2009, também obteve conquistas de destaque com a Seleção Argentina: a Copa do Mundo FIFA Sub-20 em 2005, disputada nos Países Baixos, e a Medalha de Ouro na Olimpíada de Beijing, em 2008, com a Seleção Argentina Sub-23.

A galeria de troféus de Cristiano Ronaldo também atesta uma série de conquistas até 2012: pela equipe inglesa Manchester United, a *FA Cup*, Copa da Inglaterra, na temporada 2003/2004, a *Carling Cup*, Copa da Liga Inglesa, nas temporadas 2005/2006 e 2008/2009, a Premier League, o *Campeonato Inglês*, nas temporadas 2006/2007, 2007/2008 e 2008/2009, a Supercopa da Inglaterra em 2007, a *Champions League*, Liga dos Campeões da UEFA, na temporada 2007/2008, e a Copa do Mundo de Clubes da FIFA em 2008; pela equipe espanhola do Real Madrid, a *Copa de Su Majestad el Rey* na temporada 2010/2011, a *La Liga*, o campeonato espanhol, na temporada 2011/2012, e a Supercopa da Espanha em 2012. Além disso, Cristiano Ronaldo ganhou sua primeira “Bola de Ouro” em 2008. O fato de ter se transferido do futebol inglês para o futebol espanhol, tornando-se um integrante do time de “galáticos”, fez com que se estabelecesse não só a relação de comparação com Messi, como também potencializou a rivalidade entre Real Madrid e F.C. Barcelona, rivalidade essa que vai muito além das quatro linhas e que possui um longo histórico.

Portanto, Eryka Giulyane elege esses dois astros do futebol globalizado e mercantilizado, para enaltecê-los em seus versos, não só por aspectos associados ao desempenho técnico, como também por suas imagens midiáticas, como é o caso das seguintes estrofes:

Muito pouco me importa  
A quantidade de trofeis  
A preferência por Ronaldo  
Assume em mim outros papeis  
Ele é vitaminado  
Desde a cabeça aos pés.

É pra isso que te digo  
De salto é que vai jogar  
Fazendo pose para foto  
Pouco sabe conquistar  
Messi dribla e arrasa  
Está em primeiro lugar!<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

Entretanto, constatamos nessas estrofes duas vozes que se fazem presentes, como se discutissem sobre quem seria melhor, Cristiano Ronaldo ou Lionel Messi. Isso se evidencia também nas duas últimas estrofes do poema:

Meu amigo sabe de uma  
Vamos parar de brigar  
Sendo um ou sendo o outro  
O importante é jogar  
Apesar que o CR7  
é sempre o que vai ganhar!

É verdade meu amigo  
Deixe dessa confusão  
Ao invés de se avechar  
Ligue a televisão  
Para a gente ver o Messi  
Dar um show com esse bolão!<sup>50</sup>

Ao final, a “briga” e a “confusão” entre os amigos é superada pelo tom conciliatório, embora cada um permaneça enaltecendo um dos craques.

Por sua vez, o segundo exemplo de análise é o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* (2014), postado na plataforma *Recanto das Letras* por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, durante a Copa do Mundo no Brasil. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor”, a poeta Sírlia Sousa de Lima (\*1967) é original de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, onde reside. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil, Sírlia Lima figura ativamente na cena literária em sua terra natal, integrando o Movimento Feminino de Mulheres Cordelistas, o Cordel das Rosas, a Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore (CNRFF) e a Academia Clube da Poesia Nordestina. O poema laudatório dedicado a Neymar Junior guarda traços formais que evidenciam sua relação com a tradição do cordel: dos três poemas analisados neste breve estudo, é o único que apresenta número elevado de estrofes, ao todo, 33, em sextilhas, além de manter a métrica em redondilha maior, com sete sílabas poéticas, embora ocorram algumas variações, e também as rimas nos versos pares, segundo a estrutura a-b-c-b-d-b. Ele se apresenta como poema “noticioso”, referindo-se a Neymar Junior e a sua estreia na Copa de 2014, no Brasil,

---

<sup>50</sup> GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

como maior esperança para que a Seleção Brasileira conquistasse o tão sonhado Hexacampeonato em casa. Todavia, como os demais, o poema de Sírliá Lima apresenta como paratextos apenas o título, o subtítulo, o perfil da poeta e a data de postagem. Sua circulação se dá por meio da plataforma digital. A título de exemplo, selecionamos duas estrofes que ratificam nossas considerações gerais sobre o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*:

PREZADOS LEITORES  
VOU FALAR COM EMOÇÃO  
DESTE JOVEM QUE É PROMESSA  
AO FUTURO DA NAÇÃO  
NÃO SÓ POR SEU TALENTO  
E POR SUA VOCAÇÃO  
[...]  
AO ESTREAR NA COPA  
FEZ GRANDE ATUAÇÃO  
DIZENDO A QUÊ VEIO  
ACALMANDO O CORAÇÃO  
MOSTRANDO QUE O BRASIL  
VAI SER HEXA CAMPEÃO<sup>51</sup> (caixa alta no original).

Assim como procedemos em relação ao poema *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), de Eryka Giulyane, contextualizaremos tanto o desempenho de Neymar Junior, quanto especificamente a partida de estreia da Seleção Brasileira no Mundial de 2014. De 2009 a 2013, Neymar Junior havia defendido as cores do Santos Futebol Clube, que o revelara para o futebol. Foi um período de grandes conquistas para o “alvinegro praiano”, como reza um dos versos do hino do clube, tendo Neymar Junior como principal estrela da companhia: o Campeonato Paulista em 2010, 2011 e 2012; a Copa do Brasil em 2010, a Copa Libertadores da América em 2011, e a Recopa Sul-Americana em 2012. Há anos almejado pelo Real Madrid e pelo Barcelona, o craque promissor acabou por se transferir para o clube da Catalunha em 2013, onde se sagrou campeão da Supercopa da Espanha naquele ano. Com a Seleção Brasileira Sub-20, o jogador sagrou-se Campeão Sul-Americano em 2011, e também Campeão da Copa das Confederações FIFA em 2013.

Portanto, Neymar Junior se alçava como um jogador promissor na galeria de craques do futebol globalizado e mercantilizado, que tinha como suas estrelas maio-

---

<sup>51</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

res Cristiano Ronaldo e Lionel Messi. Sem dúvida, o significado que o jogador assumia para a Seleção Brasileira, veiculado também de maneira intensa pela imprensa e pelas redes sociais, serviu de inspiração para que a poeta potiguar Sírlia Lima dedicasse seus versos àquele que figurava como esperança para uma nova conquista. O próprio subtítulo do folheto sintetiza tal significado: *o tempo e o destino de um guerreiro menino*. Além de indicá-lo como um “menino”, jovem promessa aos 22 anos de idade em 2014, este é um “guerreiro” de seu “tempo”, cujo “destino” seria uma carreira de triunfos, que passaria também por conquistas com a Seleção Brasileira.

Nas duas estrofes citadas anteriormente, constatamos que a poeta enaltece em seus versos o desempenho de Neymar Junior no jogo de estreia da Seleção na Copa, precisamente, em 12 de junho de 2014, pelo Grupo A, em partida disputada no Estádio Neo Química Arena, em São Paulo, contra a Seleção da Croácia, terminando com o placar de 3x1, com gols de Neymar (2x) e de Oscar para a Seleção Brasileira, e de Marcelo, contra, para a Seleção Croata. O *ethos* da instância poética é de “EMOÇÃO”, diante do desempenho “DESTE JOVEM QUE É PROMESSA” por “TALENTO” e por “VOCAÇÃO”, que agiu “ACALMANDO O CORAÇÃO”, pressupondo-se que os corações estivessem aflitos antes da partida. Termos como “NAÇÃO” e “BRASIL” expressam a ideia de unidade que, na prática, a partir de 2013 cindiria a sociedade brasileira profundamente em termos políticos e culturais. O *ethos* da instância poética também se constrói a partir do posicionamento em relação à discussão sobre a realização da Copa no Brasil, conforme revelam as seguintes estrofes:

MESMO DISCORDANDO  
DESSA COPA NO BRASIL  
NÃO QUERO SER DO CONTRA  
NÃO QUERO SER HOSTIL  
MAS O BRASIL NÃO DÁ CONTA  
DE SUA POPULAÇÃO CIVIL

NÃO QUERO VER O BRASILEIRO  
SER TRATADO COMO RIFA  
SENDO O POVO ESCRAVIZADO  
PELOS CARTOLAS DA FIFA  
QUE PROCURA VOLUNTÁRIO  
DE IDIOTA AINDA GRIFA<sup>52</sup> (caixa alta no original).

---

<sup>52</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Nesse sentido, é interessante notar que, na estrofe seguinte, seus versos ganham tom premonitório, que, nos anos seguintes, se concretizaria na prática:

TENHO MEDO DO FUTURO  
QUE EM BREVE NOS ESPERA  
SEI QUE OS ROMBOS DA COPA  
VAI ABRIR GRANDE CRATERA  
NESSE PAÍS QUE AGONIZA  
VAMOS ENFRENTAR A FERA<sup>53</sup> (caixa alta no original).

Os versos de *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* não deixam de expressar também o futebol globalizado e mercantilizado, em que o craque brasileiro figura como um de seus maiores exemplos de sucesso em termos financeiros:

VAMOS DEIXAR O DINHEIRO  
FORA DO NOSSO DESTAQUE  
O QUE IMPORTA É FALAR  
DE NEYMAR NOSSO CRAQUE  
QUE JÁ VENCEU NA VIDA  
NÃO HÁ QUEM CONTRA-ATAQUE

JÁ GANHOU TANTO DINHEIRO  
QUE VISLUMBRA UM FUTURO  
SE SOUBER APLICAR  
NÃO VAI SER UM CARA DURO  
MESMO SENDO JOVEM  
É BOM QUE SEJA SEGURO<sup>54</sup> (caixa alta no original).

A expectativa de conquista do Hexacampeonato pela Seleção Brasileira, nutrida e renovada a cada Mundial desde 2006, ao final, é retomada, não obstante o tom de crítica ao futebol como “ópio do povo” e à realização da Copa no Brasil:

QUERO DIZER QUE ACREDITO  
NA FORÇA DA JUVENTUDE  
TAMBÉM SOU PATRIOTA  
O FUTEBOL NÃO ME ILUDE  
QUE O BRASIL POSSA VENCER  
E QUE DEUS NOS AJUDE<sup>55</sup> (caixa alta no original).

---

<sup>53</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

<sup>54</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

<sup>55</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Em suma: o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* traz uma série de elementos que constroem o protagonista como jovem celebridade do esporte, que, para além das quatro linhas, procura projetar sua imagem nas redes sociais e levar uma vida de festas, como nos versos “NEYMAR GOSTA DE FARRA/ COMO OS JOVENS DE SUA IDADE”.<sup>56</sup> Sem dúvida, o poema de Sírlia Lima guarda relação íntima com a tradição do cordel. Não obstante ter sido publicado em uma plataforma digital, por sua constituição formal e temática, bem poderia ter sido impresso, demandando para tal apenas o acréscimo de paratextos, como capa e contracapa.

Posto isto, passemos ao nosso terceiro e último exemplo de poema de cordel que contempla o tema do futebol, publicado no portal *Recanto das Letras*, intitulado *Messi e a final da Copa 2022 (2022)*, de Julio Augusto, postado em 20 de dezembro de 2022. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor”, apenas recentemente esse jovem poeta, que desde os 12 anos de idade compunha canções, descobriu sua verve literária em pleno isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, que assolou o mundo. Original do estado do Ceará, o poeta é filiado à União Brasileira de Trovadores (UBT), sessão Aracoiaba, no Ceará e considera-se trovador e cordelista. De todos os três exemplos que integram o corpus de análise do presente estudo, este é aquele que mais destoa da tradição dos folhetos de cordel: além de apresentar apenas 08 estrofes, estas não são sextilhas ou septilhas, mas sim quadras, estrofação não tão comum para os folhetos, mas muito presente nas “pelejas” do cancionero popular, embora mantenha a métrica com 07 sílabas poéticas (redondilha maior), com variações em 06 sílabas, e rimas cruzadas na estrutura a-b-a-b. Trata-se de um poema “noticioso”, como os demais, pois se refere a um evento – a Copa de 2022 no Qatar – e a um jogo em especial – a partida final reunindo as seleções da Argentina e da França, em que teria brilhado a estrela do craque argentino Lionel Messi. Quanto aos paratextos, o poema apresenta apenas o título, o perfil do poeta e a data de postagem, e sua circulação se dá pela referida plataforma digital, de modo semelhante aos demais poemas analisados até aqui. A título de exemplo que confirmam estas considerações, selecionamos duas estrofes:

Não torço pela Argentina

---

<sup>56</sup> LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Mas sim por Lionel Messi  
Que jogar bem é rotina  
e esta copa ele merece

Cada time bem treinado,  
jogo bonito se vê ...  
de um lado, Messi inspirado,  
do outro, craque Mbape!<sup>57</sup>

Nota-se, pois, que o *ethos* da instância poética se constitui como um torcedor de celebridade, algo muito comum na era do futebol globalizado e mercantilizado. Torce-se, por exemplo, pelo Liverpool, porque o craque egípcio Mohammed Salah joga no clube, ou pelo Manchester City, porque o norueguês Erling Haaland, o “Cometa Haaland”, é um de seus craques. Mas, nesse poema, não se trata de clubes, mas sim de seleções, em que a rivalidade Brasil x Argentina faz com que o poeta não torça por esta última, mas vibre com um triunfo pessoal de Messi. Ele não deixa de reverenciar Kylian Mbappé (grafado como Mbape no poema), craque da Seleção Francesa e do Paris Saint-Germain, portanto, companheiro de Messi, que se transferira do F.C. Barcelona para o clube da capital francesa em 2021.

A partida final da Copa do Qatar, disputada em 18 de dezembro de 2022 no Estádio Nacional de Lusail, colocou frente a frente os dois astros do Paris Saint-Germain em uma disputa acirrada, que terminou empatada em 2x2 nos 90 minutos e 3x3, na prorrogação, sendo que Mbappé marcou os três gols da França, e Messi marcou dois gols pela Argentina, que contou também com um gol de Ángel Di Maria. Na decisão por pênaltis, dois jogadores franceses desperdiçaram suas cobranças – Kingsley Coman e Aurelién Tchouaméni, levando a Seleção Argentina a conquistar o Tricampeonato Mundial. Além de Messi, que abriu a sequência de cobranças, converteram os pênaltis os jogadores Paulo Dybala, Leandro Paredes e Gonzalo Montiel. Os seguintes versos resumem a disputa nos 90 minutos, com destaque para os gols de Mbappé, aos 80 e aos 81 minutos, que decretaram o empate:

Quase perto do final  
por dois gols França perdia,  
e sequer dava um sinal  
que um dia reagiria.

---

<sup>57</sup> AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

Foi Mbape (*sic*) quem marcou  
e puxou uma reação;  
de dois a dois empatou  
e levou à prorrogação!<sup>58</sup>

Nas estrofes seguintes, o mesmo quadro se repete durante a prorrogação: Argentina em vantagem, com gol de Messi no 108º minuto, e França em busca do empate, assinalado por Mbappé no 118º minuto, de pênalti:

Na prorrogação, a França  
sofre mais um revés!  
Para Argentina, esperança  
gol de Messi com seus pés.

Quando o juiz colocou o apito  
na boca para acabar...  
jogo quase perdido  
Pênalti para empatar<sup>59</sup>

Por sua vez, as duas últimas estrofes do poema apresentam o quadro “Após a partida”, quando há a cobrança de penalidades máximas e o desfecho triunfal de Messi e de seus companheiros, que levaram a Seleção Argentina ao triunfo máximo, após 36 anos:

Muitos anos sem a taça,  
Argentina vai à luta!  
França, que tanto ameaça,  
nos pênaltis, perde a disputa.

Com técnica sem igual,  
Messi, da Argentina, encanta.  
É campeão mundial,  
Taça do mundo levanta.<sup>60</sup>

Portanto, megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA e celebrações do esporte em geral e, do futebol em especial, continuam a ser fontes de inspiração para que poetas componham seus versos. No caso específico de *Messi e a final da Copa 2022*, postado na aba “cordel” do portal *Recanto das Letras*, constata-se que sua relação, em termos formais, com esse gênero da poesia popular é mais

---

<sup>58</sup> AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

<sup>59</sup> AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

<sup>60</sup> AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

distante, se comparado aos outros dois. É de se supor que, conforme indicado anteriormente, a equipe da plataforma não tenha alterado a classificação desse poema, conforme reza sua política editorial, uma vez que os conteúdos são postados diretamente pelos usuários da plataforma e publicados automaticamente, sem que haja avaliação prévia.<sup>61</sup> Mas é importante salientar que, como experiente poeta e trovador, certamente, Julio Augusto estabelece relações, em termos de composição, com o cancionero popular.

### **CORDEL, ENTRE TRADIÇÃO E GLOBALIZAÇÃO – À GUIA DE CONCLUSÃO**

O presente estudo evidenciou mudanças significativas na concepção do que seja o gênero “cordel” em termos tradicionais frente à criação poética de textos veiculados em plataformas digitais e publicados sob tal rubrica. Inegavelmente, os acervos digitais, que tanto têm garantido a pesquisadores o acesso a milhares de folhetos publicados ao longo de décadas, com destaque para a Cordelteca, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular,<sup>62</sup> também são constituídos em forma de plataformas digitais. Além disso, diversos cordelistas criaram suas páginas na Internet, para divulgarem seu trabalho e comercializarem seus folhetos, como, por exemplo, Francisco Diniz e Valentim Quaresma,<sup>63</sup> e Olegário Alfredo (Mestre Gaio;).<sup>64</sup> A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) também disponibiliza cordéis digitalizados e comercializa cordéis impressos em sua página oficial.<sup>65</sup>

Entretanto, o caso aqui enfocado, do portal *Recanto das Letras* e os três poemas que contemplam o tema do futebol e formam o corpus de análise, nos permitiu uma série de reflexões sobre o próprio estatuto do “cordel” a partir de sua tradição, e de como ele figura na era da globalização, seja em termos formais, seja em termos de conteúdo temático. Pensarmos o próprio “cordel” como o varal em que os folhetos eram exibidos “a cavalo” sobre ele dá a dimensão que esse termo ga-

---

<sup>61</sup> RECANTO DAS LETRAS. Política Editorial, s/d.

<sup>62</sup> Conf.: CNFCP; [http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=65](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65).

<sup>63</sup> <https://www.projetocordel.com.br/2021/sobrenos.php>.

<sup>64</sup> <http://www.olegarioalfredo.com.br>.

<sup>65</sup> <https://ablc9.wordpress.com/sobre-nos>.

nhou como designação de um gênero da poesia popular que dialoga com o cancionário, bem diferente quanto ocupa o espaço da plataforma digital.

Se, por um lado, tais poemas procuram manter, mesmo que parcialmente, alguns componentes da estrutura tradicional dos folhetos, com estrofação em sextilhas, versificação em redondilha maior, com sete sílabas poéticas, e rimas a-b-c-b-d-b, por outro, eles contemplam temas do futebol na era global, com suas celebridades, como Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Neymar Júnior. O próprio termo “cordel”, neste caso, suscita reflexão sobre a pertinência de ser aplicado a poemas veiculados em plataformas digitais como a aqui estudada. A diferença de suportes – por um lado, o folheto composto a partir da dobradura do papel e, por outro, a página virtual – potencializa toda uma gama de aspectos, com implicações tanto em termos formais e estéticos – a ausência de capa ou contracapa, por exemplo, quanto em termos de circulação – o “folheteiro” da tradição no contato “face a face”, como diz John B. Thompson, dá lugar à recepção imediata e sem contato com os poetas, que pode ser efetuado, por exemplo, por outra ferramenta em rede, como o “chat” ou a aba “comentários”.

Todavia, devemos ter em mente que, como bem define Caroline Kraus Luvizotto,<sup>66</sup> o conceito de “tradição” deve ser pensado em sua dinâmica, e não como algo estático. Além disso, no caso específico do cordel, em dias atuais, convivem tanto poemas tradicionalmente impressos, que seguem padrões tradicionais passados de geração em geração em termos de composição e de circulação, quanto poemas que adentram o universo digital, igualmente com suas especificidades de veiculação e de recepção. Os três exemplos aqui analisados demonstram que pode haver, por assim dizer, uma gradação quanto à proximidade ou ao afastamento da tradição, mas, em termos culturais, alguns aspectos se impõem como distinção categórica entre o local e o global: a comercialização e a recepção a partir de performance oral tradicional, cujas raízes remontam às feiras populares dos grandes centros urbanos e de outras localidades do sertão nordestino.

Em 2018, a Literatura de Cordel foi registrada como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Como

---

<sup>66</sup> LUVIZOTTO. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia, p. 65.

bem aponta Rosilene Alves de Melo, “foi o resultado de um longo processo que envolveu diversos agentes – poetas e suas entidades representativas, intelectuais, instituições de pesquisa e o próprio IPHAN”.<sup>67</sup> O presente artigo demonstrou que pensar sua relação entre tradição e globalização pode suscitar importantes inferências sobre esta que é uma das mais ricas manifestações da arte e da literatura popular em versos, “uma fonte inesgotável de conhecimento histórico”.<sup>68</sup>

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Julio. Messi e o final da Copa 2022. **Recanto das Letras**. 20 dez. 2022. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/7676462>. Acesso em: 22 set. 2023.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o que e o como da investigação. *Carnets. Revue électronique d'études françaises de l'APEF*. Première Série – 1 Numéro Spécial, p. 451-461, jun. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 30 out. 2023.
- BRITO, Antonio Iraldo Alves de Brito. **Patativa do Assaré**: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.
- CANTEL, Raymond. **La littérature populaire brésilienne**. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1993.
- COSTELLA, Antonio Fernando. Literatura de cordel e xilogravura. In: COSTELLA, Antonio Fernando. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Campos de Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2016, p. 60-65.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.
- GYULIANE, Érika. Cristiano Ronaldo x Messi. **Recanto das Letras**. 16 mar. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3444295>. Acesso em: 22 set. 2023.
- LIMA, Sirlia Sousa de. Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino. **Recanto das Letras**. 23 jun. 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4855480>. Acesso em: 22 set. 2023.

---

<sup>67</sup> MELO. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, p. 246.

<sup>68</sup> MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 237.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade do hiperconsumo. In: LIPOVETZKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 23-59.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia. In: LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 65-79.

MARTINS, Aulus Mandagará. Poesia, experiência e autobiografia: João Cabral e a “Descoberta da literatura”. **Texto Poético**. v. 14, n. 25, p. 469-481, 2018.

MARTINS, Dalton Lopes. As práticas da cultura digital. In: ROCHA, Cleomar; MOURA, Magali Guedes de Magela (orgs.). **Cultura digital e economia da cultura**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018, p. 2-8.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, Rosilene Alves de. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, n. 72, p. 245-261, 2019.

MELO NETO, João Cabral de. Descoberta da literatura. In: MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 447-448.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Dossiê: Cordel e patrimônio. São Paulo, n. 72, p. 225-244, 2019.

MEYER, Marlyse. Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia... In: MEYER, Marlyse (org.). **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 3-5.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Imago, Brasília: INL, 1976.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Trad. Octacílio Alves Velho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (título original: *Stories on a String: The Brazilian Literatura de Cordel*; 1982).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. trad. Wagner de Oliveira Brandão; ver. Leonardo Avritzer, Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

\* \* \*

Recebido em: 09 nov. 2023.  
Aprovado em: 28 mar. 2024.

## Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol (estudos dolabólicos 1)

Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisited,  
poetry and football ('dolabólicos' studies 1)

**Gustavo Cerqueira Guimarães**

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique  
Doutor em Estudos Literários, UFMG  
gustavocguimaraes@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo analisa o poema "Lajinha revisited # 17"/ "Lajinha revisitada", de Marcelo Dolabela (1957-2020), artista da geração da Poesia Marginal, no qual os seis primeiros versos retratam um menino sentado à mesa do café sonhando em ser jogador de futebol. No entanto, ocorre uma mudança abrupta no destino do herói. Esse é o mote para que o artigo aborde as transformações sociais vivenciadas pelo próprio Dolabela nos anos 1970, incluindo a mudança de sua cidade natal na região da Serra do Caparaó, divisa com o Espírito Santo, para a capital, de Lajinha/MG para Belo Horizonte. Para tanto, mobilizaremos referências sobre alguns símbolos do município e da região, narrativas de testemunhas de eventos da vida do poeta, com peculiaridades de sua biografia, paratextos de suas obras e, especialmente, análises e comentários de alguns de seus poemas, ressaltando a importância das conexões geográficas e históricas na construção de sua poética. Afinal, quando se vive entre duas culturas, o indivíduo não se integra totalmente a nenhuma delas, vivendo numa posição de "marginalidade".

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcelo Dolabela; Lajinha/MG; Serra do Caparaó/MG/ES; Poesia Marginal; Futebol e poesia.

**ABSTRACT:** This article analyzes the poem "Lajinha Revisited #17" by Marcelo Dolabela (1957-2020), an artist from the generation of Marginal Poetry, which depicts in the first six verses a boy sitting at the coffee table dreaming of becoming a football player. However, there is an abrupt change in the hero's destiny. This is the foundation for the text to address the social transformations experienced by the poet himself in the 1970s, including his move from Lajinha/MG, his hometown in the region of Serra do Caparaó, bordering with Espírito Santo, to the capital Belo Horizonte. To do so, we will mobilize references to some symbols of the municipality and the region, narratives of events from the poet's life with peculiarities from his biography, paratexts from his works, and, especially, analyses and comments on some of Dolabela's poems, highlighting the importance of the geographic and historical connection in the construction of his poetics – Lajinha and Belo Horizonte. After all, when one lives between two cultures, the individual does not fully integrate with either, living in a position of "marginality".

**KEYWORDS:** Marcelo Dolabela; Lajinha/MG; Serra do Caparaó/MG/ES; Marginal Poetry; Football and poetry.

## 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

o poeta não busca obra mas crise  
vive para espalhar fome e problema  
abre ao sol sua própria valise  
e mostra que nem sempre traz poema [...].

“Matriz 3”, Marcelo Dolabela.<sup>2</sup>

Marcelo Gomes Dolabela nasceu no dia 17 de setembro de 1957 em Lajinha, Minas Gerais, e desde os anos 1970 radicou-se em Belo Horizonte, onde se estabeleceu profissionalmente como professor universitário e solidificou sua trajetória literária, infelizmente, interrompida em 2020 pelo seu falecimento. Embora a capital seja um dos cenários privilegiados de sua poética, ele nunca deixou de escrever, pensar e falar sobre a sua cidade natal, como no notável poema "Confidência de lajinhense", presente em *Lorem ipsus*, sua obra-prima, no qual se entrecruzam várias matrizes de sua escrita, como a do "poeta fracassado" – “quis ser Werther mas falhei/ quis ser Torquato e falhei/ quis ser Vladímir falhei// a poesia sabia que eu era fraco e me abandonou/ [...] em uma cidade de funcionários”.<sup>3</sup>

A seguir, será realizada uma análise do poema "Lajinha revisited #17", publicado na série "Futebol & Cia", em 2013, da revista eletrônica *Em Tese*.<sup>4</sup> Recentemente, este poema passou a integrar a série “Poemas lajinhenses” da antologia *Jogo que jogo* (2024), de Marcelo Dolabela, com o título de “Lajinha revisitada”.<sup>5</sup> Entretanto, antes de analisá-lo, traçaremos alguns contornos geográficos e históricos do município de Lajinha e da região da Serra do Caparaó, uma vez que Marcelo Dolabela exalta o nome de sua terra no título. Assim, propomos a exploração de novas perspectivas

<sup>1</sup> Texto derivado da palestra “Futebol na variante brasileira: A difusão do português pelo futebol”,

<sup>2</sup> DOLABELA. *Matriz*, s/p.; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 129.

<sup>3</sup> DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 149; DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 173.

<sup>4</sup> A série é composta por “Lajinha revisited #17” e mais três poemas: “Brasil é o planeta do futebol”, “Depois do jogo” e “Conversa no Xoq-Xoq”, analisados no estudo “Marcelo Gomes Dolabela: três poemas futebolísticos entre o rigor e a circunstância (estudos dolabélicos #2)”, do livro *Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais* (no prelo). A série “Futebol & Cia” foi publicada na seção Poéticas do dossiê “A literatura e a vida: formas de usar”, na primeira edição da *Em Tese* na era da eletrônica e democratização das revistas científicas brasileiras pela plataforma internacional OJS. Promovido pela pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, este periódico inovou à época pela qualidade do seu conteúdo artístico publicado em diálogo com os dossiês temáticos. Nessa edição, ao lado de Dolabela, por exemplo, encontra-se a série “Poemas do livro dos jardins”, de Ana Martins Marques, importante poeta belo-horizontina, 20 anos mais jovem que o poeta lajinhense.

<sup>5</sup> DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

críticas para a compreensão de sua vasta obra, já que até então esses aspectos raramente foram explorados.

Nas dedicatórias de dois de seus livros, Marcelo deixou registrado: "Às vezes a poesia chama Lajinha", sinalizando que um dos poemas de *Acre ácido azedo* traz a cidade no título (Fig. 1), e "Lajinha está onde estamos", mostrando como ele carrega suas memórias sempre consigo. Afinal, a sua sólida formação nesta cidade foi fundamental para a construção de sua poética.

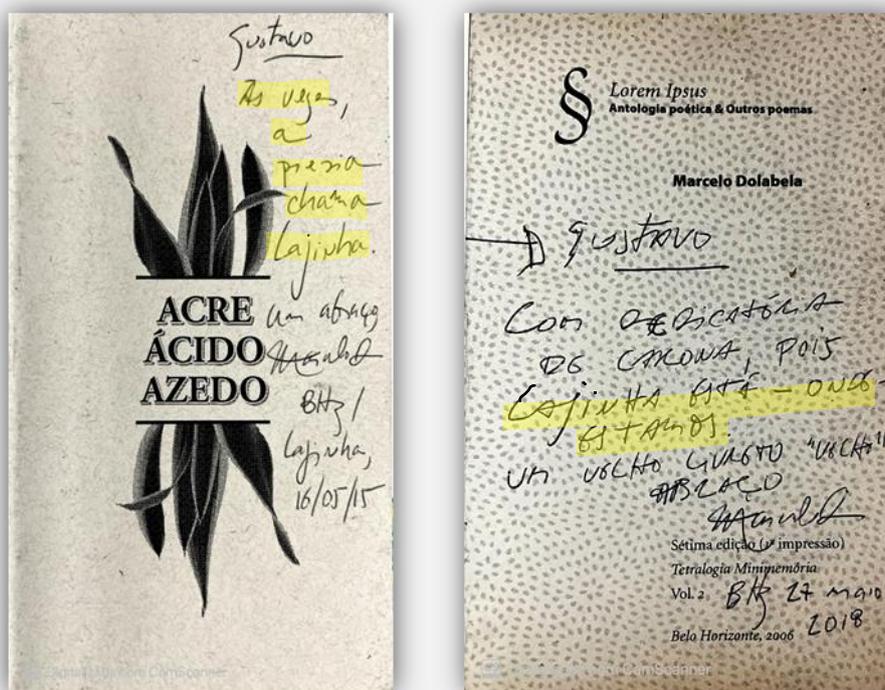


Fig. 1 - Contracapas de *Acre ácido azedo* e *Lorem ipsus* com dedicatórias de Dolabela.

Estas duas obras ocupam lugar especial na trajetória de Marcelo Dolabela. *Acre ácido azedo* (2015)<sup>6</sup> é um dos seus melhores livros recentes, enquanto *Lorem ipsus* (2006)<sup>7</sup> é uma antologia celebrativa de seus 30 anos de produção, num momento em que ele dizia estar “[...] ‘na hora de ter um livro com lombada’, em alusão clara aos volumes magros presos com grampos que até então havia organizado, diagramado e publicado na melhor tradição da *poesia marginal*”,<sup>8</sup> comenta Ana Caetano de Faria, poeta contemporânea de Dolabela.<sup>9</sup> Segundo esclarecimentos de Glauco Mattoso em *O*

<sup>6</sup> Conf.: *Acre ácido azedo*: <https://bit.ly/47zj521>.

<sup>7</sup> Conf.: *Lorem ipsus*: <https://bit.ly/3NLBIbl>.

<sup>8</sup> CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

<sup>9</sup> Ana Caetano de Faria é professora do ICB/UFMG, graduada em Medicina e mestra em

que é *Poesia Marginal* (1981), corrente poética à qual Dolabela se filiou nos anos 1970, "*marginal* é simplesmente o adjetivo mais usado e conhecido para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados *independentes* ou *alternativos*".<sup>10</sup> Este livro foge um pouco dos padrões das publicações de Dolabela, pois é um livro muito bem acabado, "com lombada" sustentando as 224 páginas. Já à primeira vista, para aqueles familiarizados com o assunto, o tamanho, 17cm x 11cm, e a capa verde, belíssima com letras brilhantes, assemelham-se aos livretos de cânticos religiosos que circulavam em Lajinha há cerca de meio século.

Ainda em diálogo com a tradição, o título do volume em latim é derivado da palavra usada no campo do jornalismo "[...] para preencher espaços em lugar do texto definitivo, no esboço que antecede o *layout*, na criação publicitária".<sup>11</sup> Segundo a pesquisadora da UFAL Gláucia Machado, falecida recentemente, autora do livro *Todas as horas do fim – sobre a poesia de Torquato Neto* (2005), "nomear uma antologia de poemas como *Lorem ipsus* parece provocação e autoironia. Um aviso de que aquilo que lemos está no lugar de outra coisa: espécie de projeto inacabado, texto provisório".<sup>12</sup> De outro lado, Ana Caetano amplia nossa percepção, esclarecendo-nos que este título "[...] pode ser também pensado como uma nota crítica sobre essa mesma produção tentando desconstruir seu aspecto profissional, bem acabado com a revelação do *esqueleto* do seu processo de produção".<sup>13</sup> E é justamente a essa *matéria dura* que proporciona apoio estrutural ao corpo humano que o poeta se reporta logo na abertura de *Lorem ipsus*:

poesia  
até com uma *costela*  
poesia  
confia  
em  
quem  
crema *lodo* balela<sup>14</sup>

---

Microbiologia pela UFMG e doutora em Imunologia pela USP. Atuou como Pesquisadora Visitante na Università di Bologna, Itália, na Rockefeller University, EUA, e na Universidade de Lisboa, Portugal.

<sup>10</sup> MATTOSO. *O que é Poesia Marginal*, p. 8.

<sup>11</sup> MACHADO. *Com a borracha que se escreve*, p. 9.

<sup>12</sup> MACHADO. *Com a borracha que se escreve*, p. 9.

<sup>13</sup> CAETANO. *Comentários* [e-mail], 2024, s/p. Grifos nossos.

<sup>14</sup> DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 17. DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 84. Grifos nossos.

O formato do poema também nos remete ao universo das estruturas, sendo que o último verso traz ainda um anagrama perfeito de “Marcelo Dolabela” – “crema lodo balela”. Nesse jogo, sua alcunha toma o sentido de um agente que crema/queima/condena *lodo* e balela.<sup>15</sup> Afinal, é nele, no poeta em estado de linguagem, que dá até a própria costela, que a poesia confia. O livro todo é muito bem estruturado, guiado em sua concepção pela *Antologia poética* de Carlos Drummond de Andrade, demonstrando a habilidade técnica e o pensamento apurado do poeta lajinhense. Sem dúvida, muitos poemas de *Lorem ipsus* podem servir como modelos exemplares, dignos de constarem entre os melhores tratados de versificação da língua portuguesa.

Antes de prosseguirmos, é imprescindível marcar que durante toda a sua trajetória, Dolabela circulou de maneira peculiar: fora do mundo virtual, com raríssimas exceções. Seus escritos eram apresentados em formato analógico, independente do mercado editorial, com tiragem pequena, geralmente entre 30 e 250 “exemplares”, e lançamentos alternativos sem grande promoção midiática. Apesar de possuir afinidade com diversas tecnologias, o poeta resistiu sem grande esforço ao uso do telefone celular e foi avesso às redes sociais.

Com mais de 60 obras publicadas, entre livros, livretos, plaquetes e livros-objeto, Dolabela circulou em diferentes circuitos artísticos ao longo de seus mais de 40 anos de intensa e ininterrupta atuação em Belo Horizonte. Isso evidencia seu compromisso em encarar a literatura como um projeto indissociável de sua existência, conforme demonstraremos a seguir, por meio de alguns indícios. Para tal efeito, mobilizaremos referências sobre fatos históricos e símbolos de Lajinha e da região; narrativas de testemunhas de eventos da vida de Dolabela; alguns *paratextos* de suas obras, segundo a concepção de Gérard Genette,<sup>16</sup> como títulos,

<sup>15</sup> Segundo o dicionário *Aulete Digital*, balela é “notícia falsa; dito sem fundamento; boato; mentira”. E uma das acepções de *lodo* é “depósito terroso com mistura [...] de *matérias animais* que se forma no fundo das águas”; a outra é “vileza”.

<sup>16</sup> GENETTE. *Paratextos editoriais*, 2009. Os elementos paratextuais são geralmente considerados elementos acessórios, situados “às margens” das obras, como bem ressaltou Gérard Genette na introdução do seminal livro *Paratextos editoriais*: “[...] para nós o *paratexto* é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 9). Assim, quando conveniente, abordaremos elementos que circundam os textos de Marcelo Dolabela com o intuito de mais satisfatoriamente compreendê-los, tendo em vista a escassez de material crítico produzido sobre os temas aqui tratados.

notas, prefácios e posfácios; além de analisar alguns poemas, especialmente o "Lajinha revisitada".

Também vale destacar que praticamente todos os livros de Marcelo Dolabela, inclusive os aqui mencionados, estão disponíveis para leitura on-line graças aos esforços do coletivo Musas & Moiras, que criou o portal do poeta situado no seguinte endereço: marcelodolabela.com.br.

## 2. PERTO DEMAIS DE CAPITAIS: UM MINEIRO LIMÍTROFE

[...] Não eu não sou do lugar  
dos esquecidos  
não sou da nação  
dos condenados  
não sou do sertão  
dos ofendidos  
você sabe bem

conheço o meu lugar  
conheço o meu lugar  
conheço o meu lugar  
conheço o meu lugar.

"Conheço o meu lugar", Belchior.<sup>17</sup>

Desde o início do século passado, o território que hoje conhecemos como Lajinha já apresentava uma conexão bastante significativa com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Situada ao extremo norte da Zona da Mata mineira, na região de Manhuaçu,<sup>18</sup> mais precisamente na divisa com o estado do Espírito Santo, a cidade é circundada pelos municípios de Ibatiba/ES, Iúna/ES, Chale/ES, Durandé/MG e Mutum/MG.

Sem dúvida, a circulação de pessoas e as trocas estabelecidas com o sul espírito-santense e o norte fluminense desempenharam um papel fundamental na formação sociocultural de seus habitantes, marcante para o poeta em questão. Há pelo menos quatro décadas, partem todos os dias ônibus da rodoviária de Lajinha com destino às capitais Vitória/ES, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro/RJ, as

<sup>17</sup> BELCHIOR. *Era uma vez um homem e o seu tempo*, 1979, faixa 6.

<sup>18</sup> Manhuaçu é um centro urbano representativo dentro do conjunto do qual Lajinha pertence. É um dos sete centros da Zona da Mata, que ainda inclui Cataguases, Juiz de Fora, Muriaé, Ponte Nova, Ubá e Viçosa.

quais estão localizadas a uma distância respectiva de 180 km, 330 km e 480 km. Vale lembrar que, até 1960, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil (Fig. 2).



Fig. 2 - Detalhe do mapa da região sudeste do Brasil, realçando Lajinha, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória.

A 70 km de Lajinha, destaca-se o Parque Nacional do Caparaó<sup>19</sup> (PNC), estabelecido em 1961,<sup>20</sup> com 31,8 mil hectares, entre Minas Gerais e Espírito Santo – este último estado concentra 70% da área total desta Unidade de Conservação.<sup>21</sup> Essas terras são algumas das mais altas do país, com altitude entre 630 m, no vale do rio Itabapoana, no extremo sul do parque, e 2.892 m, no Pico da Bandeira,<sup>22</sup> terceiro ponto mais alto do país, depois do Pico da Neblina (2.993 m) e do Pico 31 de Março (2.972 m), ambos localizados em Roraima.<sup>23</sup>

O PNC abrange a serra do Caparaó que, por sua vez, compõe uma grande área montanhosa denominada maciço do Caparaó. O maciço integra uma extensa cadeia de dobramentos da chamada Província Geológica Mantiqueira, na denominada Faixa de Dobramentos Ribeira. Tal faixa é de eventos muito antigos, de 630-550 milhões de anos atrás. A zona Oriental da Província da Mantiqueira, na divisa entre MG e ES, onde se encontra o PNC, faz parte do Complexo Juiz de Fora.<sup>24</sup>

<sup>19</sup> Caparaó é um termo tupi que se origina de "capara-óca", que significa casa feita do arbusto capara.

<sup>20</sup> Conf.: "O Parque Nacional do Caparaó foi criado em 24 de maio de 1961 pelo decreto federal n.º 50.646, assinado pelo então Presidente da República Jânio Quadros". Conf.: Parque Nacional do Caparaó: <https://bit.ly/3RKyx5d>.

<sup>21</sup> CAMELO. *Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil*, p. 11.

<sup>22</sup> O nome do Pico da Bandeira foi atribuído pelo imperador Pedro II em 1859, quando decidiu hastear a bandeira do Império no ponto mais elevado do Brasil naquela época. Conf.: SETUR (<https://setur.es.gov.br/regiao-do-caparao>).

<sup>23</sup> BRASÍLIA. *Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó*, 2015, p. 102; 189.

<sup>24</sup> BRASÍLIA. *Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó*, 2015, p. 94.

Atualmente, as atrações do Parque Nacional do Caparaó atraem milhares de turistas durante todo o ano. Especialmente no inverno, quando não chove, é possível chegar ao topo do Pico da Bandeira por meio de duas opções de acesso: a entrada pela portaria de Pedra Menina, em Dolores do Rio Preto, na vertente capixaba, e a entrada pela portaria de Alto Caparaó, localizada no lado mineiro (Fig. 3).

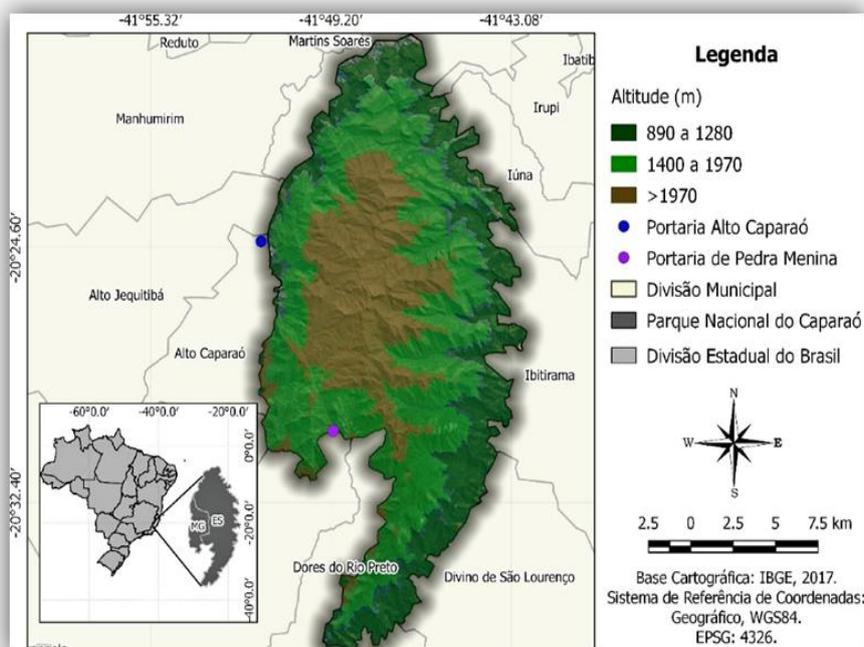


Fig. 3 - Localização do Parque Nacional do Caparaó, evidenciando os diferentes intervalos de altitudes e portarias de acesso. Fonte: IBGE 2017.<sup>25</sup>

Mas se hoje essas fronteiras vivem pacificamente, nem sempre foi assim, pois a "Guerra do Contestado" arrastou-se ao longo de décadas do século passado, em momentos mais intensos do que outros, inclusive em vários trechos limítrofes do país. Lajinha fazia parte dessa "Zona Litigiosa" ou "Faixa do Contestado", porque não se sabiam ao certo os limites entre os estados e as cidades. Também já foi considerada uma zona "neutra" e ainda espírito-santense – “A linha divisória dos dois estados nesta região foi indefinida e variou muito, desde o tempo em que eram capitânias, [...] Lajinha fora parte de Rio Pardo (Iúna, Espírito Santo)”.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> CAMELO. *Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil*, p. 12.

<sup>26</sup> HERINGER. *Cidade dos vagalumes, Laranja da Terra, Itabirinha, e o fim do Contestado (MG/ES)*, 2011, s/p.

As marcas dessas disputas são tantas que estão registradas em uma das quadras do “Hino do Município de Ibatiba”: “Eis o município ibatibense/ Força, união e distinção/ Do estado espírito-santense/ Membro desta área de tensão”.<sup>27</sup> A fronteira entre Lajinha e Ibatiba, cidade ao sul do Espírito Santo que integra o centro urbano de Alegre, merecia um estudo à parte devido à singularidade da separação dos municípios: uma linha reta de 35 km, incomum na região (Fig. 4). Isso já foi motivo de minhas inquietações em outra oportunidade:

Desde pequeno, me lembro bem, essa reta estranha no mapa me intrigava nas aulas de Geografia. Afinal, não havia nenhum rio e nenhuma montanha para separar os territórios, como é comum entre as outras divisas. Então, passaram uma régua, fizeram uma linha reta, foram no cartório e pronto! De repente, criaram Lajinha e Ibatiba (risos).<sup>28</sup>

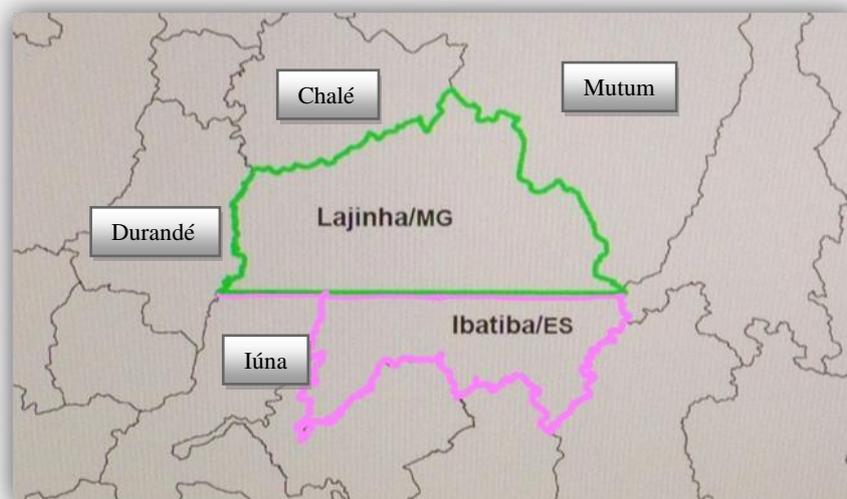


Fig. 4 - Mapa de Lajinha/MG e Ibatiba/ES.  
Clique no link para expandir o mapa: <https://goo.gl/1vygGX>.

Nos anos 1960, a região se destacou no noticiário político por conta de outro conflito, o primeiro movimento organizado por civis e graduados nas Forças Armadas contra o governo militar após o golpe de 1964, a iminente “Guerrilha de Caparaó”. Plínio Guimarães, professor de História do IFES/Ibatiba, pesquisou parte dessa trama em sua dissertação de mestrado, na qual compartilhou algumas informações sobre as estratégias daquele grupo: “[Em 1966,] a escolha da área se deu por não haver grandes corporações militares na região e pela proximidade com

<sup>27</sup> Letra e música de David Gomes Saraiva. Conf.: <https://goo.gl/ntMda>.

<sup>28</sup> GUIMARÃES; SCHLEE; PIAZZI. [...] Futebol local e narrativas de fronteiras, 2018, p. 134.

o Rio de Janeiro e São Paulo, permitindo o contato com a parte do Movimento Nacional Revolucionário responsável pelo apoio à Guerrilha a partir das cidades”.<sup>29</sup>

O documentário *Caparaó* (2007), de Flávio Frederico, vencedor do prêmio "É Tudo Verdade", remonta a história a partir do livro *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura* (2007), de José Caldas da Costa, e dos depoimentos de alguns dos guerrilheiros, como o do escritor baiano Araken Vaz Galvão (1936-2023), subcomandante do grupo e ex-sargento do exército, cujo codinome era Alencar:

[Nós] ocuparíamos a cidade [Presidente Soares/MG], prenderíamos a tropa que estivesse lá, tomaríamos as armas, faríamos lá uns discursos e tal e voltaríamos para esperar eles nos atacarem. O princípio básico da guerrilha é que quando o inimigo ataca, você recua, quando ele para, você fustiga, e quando ele recua, você ataca. Esse é o princípio básico, o ABC da guerrilha de Mao Tsé-Tung.<sup>30</sup>

Na Semana Santa de 1967, o enfrentamento não se deu, porque “os homens ‘barbudos’ e ‘cabeludos’ que circulavam nas redondezas do Pico da Bandeira foram denunciados pela própria população local, sendo surpreendidos pela PMMG [Polícia Militar/MG] entre fins de março e início de abril de 1967”.<sup>31</sup> No entanto, na perspectiva do gaúcho Hermes Machado Neto, um dos civis, restou algo de positivo, pois eles conquistaram “o objetivo principal, que era denunciar o regime estabelecido e demonstrar que existiam pessoas insatisfeitas, que existiam pessoas reagindo, sim”.<sup>32</sup>

Em versos datados de 1998, do poema ainda inédito intitulado "68, o título que ninguém ganhou", um longo poema narrativo em que o futebol é central, Marcelo Dolabela nos remete à região em que morava naqueles tempos de chumbo:

1968, o ano não foi terrível só na política. [...]
   
Eu tinha 11 anos.
   
Morava em uma *pequena cidade da face leste do Parque do Caparaó.
   
Norte da Zona da Mata.*
  
Já tocando os costados do município de *Mutum*.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> GUIMARÃES. *Caparaó, a lembrança do medo*, p. 34.

<sup>30</sup> FREDERICO. *Caparaó*, 2007, 27' 30".

<sup>31</sup> GUIMARÃES. *Caparaó, a lembrança do medo*, p. 20.

<sup>32</sup> FREDERICO. *Caparaó*, 2007, 68'.

<sup>33</sup> DOLABELA. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito. Livreto de poemas sobre futebol ainda a ser publicado. Grifos nossos.

Além de fazer fronteira com outro estado, Lajinha também faz divisa com a região mineira do Vale do Rio Doce, mais especificamente com a cidade de Mutum, conforme apontado por Dolabela. A cidade está relativamente perto de Aimorés/MG e Resplendor/MG, onde atravessa a Estrada de Ferro Vitória a Minas e onde vive o grupo indígena Krenak, que, inclusive, sofreu com os impactos da construção dessa ferrovia. Essa região faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, uma das mais relevantes do Brasil. Além disso, é palco de muitos conflitos, onde interesses diversos se chocam pela exploração mineral, utilização da água, controle da terra e pesca.

Voltando ao Caparaó, é oportuno frisar que Marcelo Dolabela, em 1973, em regime de internato, foi "estudar no Colégio Evangélico em Presidente Soares (hoje: Alto Jequitibá/MG), aos pés do Pico da Bandeira",<sup>34</sup> intensificando ainda mais seus laços com a região. Na época, a escola tinha ensino respeitado, atraindo estudantes de todo o país. A música tinha um espaço privilegiado, embora estivesse predominantemente ligada aos eventos da igreja presbiteriana e às comemorações cívicas executadas pela fanfarras. Antes, em Lajinha, o inquieto aluno já havia formado dois efêmeros grupos, Birds Road's Sorrow e Zero, tendo Sérgio Guimarães como parceiro em ambas as bandas.<sup>35</sup>

Atento às revoluções estéticas do país, como o tropicalismo, sempre refletido em sua obra, de forma direta ou indireta – "a bênção a todos os grandes tropicalistas do Planeta" –,<sup>36</sup> Marcelo, ainda criança, em 1968, começou a colecionar discos, adquirindo o álbum de estreia do grupo Os Mutantes, um dos mais inventivos do rock mundial.<sup>37</sup> Sua coleção de discos é uma preciosidade e os títulos também podem ser conferidos no portal do poeta.<sup>38</sup>

Vale destacar que Marcelo Dolabela estudou o ensino primário em Lajinha na Escola Municipal Comendador Leite, da 1ª série à 4ª série,<sup>39</sup> e na Escola Estadu-

<sup>34</sup> DOLABELA. Minivida até aqui – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

<sup>35</sup> DOLABELA. Minivida até aqui – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

<sup>36</sup> DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 19.

<sup>37</sup> Conf.: FERREIRA. Marcelo Dolabela, um herói ativista do *ABZ do rock brasileiro*, 2020. Curiosamente, em 1990, Dolabela assinaria o roteiro do curta-metragem sobre o integrante d'Os Mutantes intitulado *Maldito Popular Brasileiro: Arnaldo Dias Baptista*, de Patrícia Moran, hoje, professora da USP.

<sup>38</sup> Conf.: <https://marcelodolabela.com.br/index.php/bibliodiscografia/>.

<sup>39</sup> Durante seus dois primeiros anos do primário, Marcelo Dolabela foi aluno de Maria Alzira Cerqueira. Posteriormente, teve como professores Ebe Alves e Maria Eterna Gomes nos dois últimos anos de estudos no Comendador Leite. Essas informações foram compartilhadas por sua colega Neura Pereira, que, além de ter sido professora de História, há anos desempenha o papel de vereadora em Lajinha.

al Dr. Adalmário José dos Santos, da 5ª série à 8ª série. No decorrer dos anos de formação escolar, já surgiriam os primeiros traços de seu perfil artístico multifacetado – escritor, letrista, editor e colecionador. No portal do poeta, podemos encontrar, por exemplo, o seu primeiro "livro" montado em 1969, pouco antes de completar 12 anos, no qual Minas Gerais é um dos motivos de sua atenção (Fig. 5).<sup>40</sup>

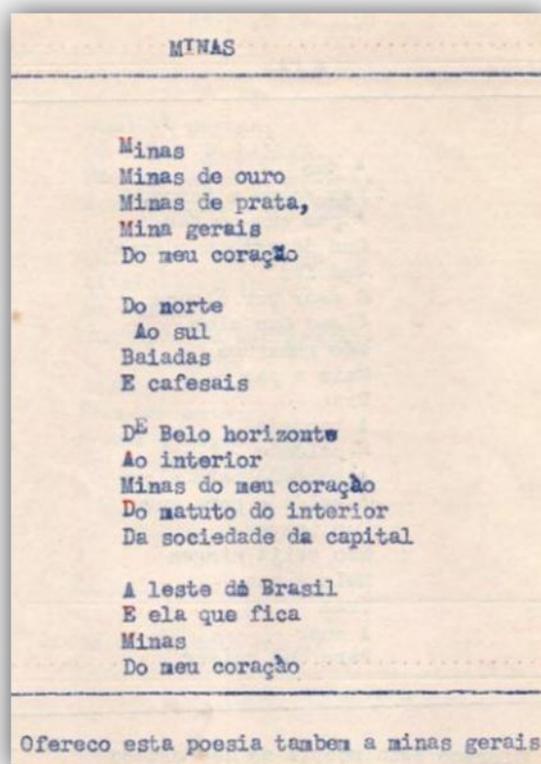


Fig. 5 - *Um as poesias*, Marcelo Dolabela.

Ainda na linhagem da infância, Minas Gerais assume o papel central em *Batuques de limeriques* (2005), obra infantojuvenil lançada pela Paulinas de São Paulo, uma das poucas publicações de Dolabela por meio de uma grande editora, que, aliás, foi muito bem-sucedida. O limerique, com sua forma poética sucinta de apenas cinco versos, revela-se como “[...] um poema de humor. De humor, não. De bom humor. Não o humor da piada. Mas o humor do *nonsense*. O humor sem-pé-nem-cabeça. Um poema que fala de coisas semelhantes e diferentes, ao mesmo tempo”,<sup>41</sup> como nos é sabiamente apresentado no livro.

<sup>40</sup> DOLABELA. *Um as poesias*, 1969, s/p. Conf.: <https://bit.ly/41XudVf>.

<sup>41</sup> DOLABELA. *Batuques de limeriques* [Apresentação], p. 3.

Marcelo Dolabela compôs 39 limeriques “[...] que amarram em um mesmo nó, em um mesmo novel: lugares, cidades, regiões e estados do Brasil + pessoas + profissões + ritmos e instrumentos musicais”.<sup>42</sup> E não é surpreendente que o vigésimo limerique seja dedicado a Minas Gerais e esteja posicionado no coração do livro, entre os 19 limeriques de cada lado, refletindo-os a partir do seu centro.

Havia um *músico* em *Minas Gerais*  
que tocava *tango* em forma de *jazz*  
em todo auditório  
era tão notório  
o *jazz* que vinha de *Minas Gerais*.<sup>43</sup>

Diferentemente do usual, o poeta associa Minas ao ritmo do *tango* e do *jazz*, apontando para elementos estrangeiros “notórios” presentes na cultura do estado, fazendo coro com os mineiros na voz de Milton: “sou do mundo, sou Minas Gerais” em “Para Lennon e McCartney”.<sup>44</sup>

Por fim, dentre os 39 destinos de todas as partes do Brasil, encontram-se três limeriques dedicados aos municípios próximos da cidade natal de Dolabela: Manhumirim, Chalé e Mutum, além do “harmônico” limerique lajinhense, que realça dois instrumentos de sopro:

Havia um *músico* lá em *Lajinha*  
que tocava *pistom* numa *gaitinha*  
a sua *harmonia*  
eu bem conhecia  
daquele *músico* lá de *Lajinha*.<sup>45</sup>

### 3. LAJINHA NO MAPA DA POESIA BRASILEIRA

no fundo do quintal um fantasma  
guarda meu mapa e  
minha ilusão de 7 léguas.

“Lajinhense nº um”, Marcelo Dolabela.<sup>46</sup>

<sup>42</sup> DOLABELA. *Batuques de limeriques* [Apresentação], p. 4.

<sup>43</sup> DOLABELA. *Batuques de limeriques*, p. 15. Grifos do autor.

<sup>44</sup> NASCIMENTO. Para Lennon e McCartney, de L. Borges, M. Borges e F. Brant. *Milton* (1970).

<sup>45</sup> DOLABELA. *Batuques de limeriques*, p. 17. Grifos do autor.

<sup>46</sup> DOLABELA. *Grão*; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 138.

A cidade que hoje é sede do município de Lajinha foi formada de terras que, em 1882, pertenciam à antiga *Fazenda São Domingos*, de propriedade de Francisco Tomaz de Aquino Leite Ribeiro, mais conhecido por Comendador Leite [...]. Em 1910, [...] obtiveram a escritura de um alqueire de terra [...] para a formação do patrimônio de *Nossa Senhora de Nazaré*, em honra de quem seria levantada uma capela. E assim nasceu o povoado que já em 1916, pela Lei Estadual número 665, de 23 de agosto, foi elevado a distrito, com o nome de *Lajinha do Chalé*, tendo sido instalado em junho de 1917. Em 1929, o topônimo passou a ser apenas *Lajinha*. Foi elevado a município em 1938, por desmembramento de Ipanema e parte de Mutum e Manhumirim.<sup>47</sup>

Por vezes, a história por trás de uma alcunha revela muito sobre a forma como lugares, pessoas, objetos, títulos de obras e poemas adquirem significados e/ou identidades. Chamo atenção para isso para expor um traço a respeito do antigo povoado de Nossa Senhora de Nazaré: a invenção do seu próprio nome a partir de uma ação pública coletiva por volta de 1910, conforme conta a tradição oral.

A criação do nome de Lajinha deu-se devido a uma solução encontrada pela comunidade para atravessar o rio São Domingos: a construção de "uma laje [de pedra] no vau, no tobo da cascata, que se localiza sob a ponte atual",<sup>48</sup> hoje, o centro da cidade. A conexão improvisada logo se tornou um ponto de referência e toda a gente começou a chamá-la de *lajinha* – "do outro lado da *lajinha*, pra cá da *lajinha*". Assim, a cidade adotou esse nome que reflete o elo das duas margens do rio. Lajinha é uma denominação acolhedora, um diminutivo, que nasceu da força da comunidade. Cabe aqui mencionar que o principal clube da cidade se chama União Futebol Clube, fundado em "19 de junho de 1938, seis meses antes de sua emancipação política".<sup>49</sup>

Marcelo Dolabela contribuiu enormemente para a estetização e propagação do nome de Lajinha por onde suas obras circularam, carregadas de criticidade, como exigia seu posicionamento ético. Em um dos versos do soneto "Cripotomnésia 3", ele revela sarcasticamente que "deus não nasceu em lajinha/ pra me livrar da rotina".<sup>50</sup> No entanto, um dos poemas mais emblemáticos de Dolabela sobre esta cidade está no livreto *Simples*, datado de 1980, no qual o autor, sempre

<sup>47</sup> BRASÍLIA. Lajinha [verbete]. *Plano de Manejo do Parque Nacional de Caparaó*, 1981, p. 32..

<sup>48</sup> LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 12.

<sup>49</sup> LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 64.

<sup>50</sup> DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 49; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 145.

com uma perspectiva crítica, alerta de forma concisa para a relação frágil entre o homem e a natureza:

lajinha: cultura de café  
cultura de boi  
o rio secou sem peixe.<sup>51</sup>

Essa breve e sofisticada composição de apenas três versos, quase um haicai, aponta para os desafios que a cultura cafeeira e a pecuária podem apresentar ao pequeno município de 20 mil habitantes. Quando essas atividades são implementadas de maneira desarmoniosa com a natureza, podem resultar na exaustão dos preciosos recursos hídricos e na deterioração da vida no ambiente aquático. É nesse contexto que a poesia de Marcelo Dolabela se destaca como uma poderosa ferramenta para a introspecção e a mudança. De passagem, é interessante saber que Dolabela, além de ter sido conhecido por suas ações coletivas, possuía algumas especificidades em sua vida: ele não dirigia automóveis e, desde os anos 1980, optou por excluir a carne de sua dieta, exceto peixes. Essas escolhas destoam do padrão dos jovens, sobretudo os que frequentavam bares lajinhenses e belo-horizontinos, onde a carne vermelha é a protagonista indiscutível.



Fig. 6 - Brasão de armas de Lajinha/MG.  
Fonte: Lajinha por dentro da história, p. 14.

Seguramente, estas são as duas principais atividades econômicas da região, evidenciadas nos seguintes versos do "Hino do Município de Lajinha": "Nas pasta-

<sup>51</sup> DOLABELA. *Simples*, s/p; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 142.

gens de grande valor/ Na beleza dos teus cafezais/ Representas assim orgulhosa/ Um pedaço de Minas Gerais!".<sup>52</sup> Já no brasão de armas, criado em 1981, também sobressaem o boi e os ramos frutificados de café, além do monograma de Maria, do arado e da Pedra Torta (Fig. 6).

Lajinha está situada a 500 metros de altitude acima do mar e possui temperaturas amenas, muito propícias para o cultivo do café. Foi nessa atmosfera que Erick Oliveira criou seu instigante curta-metragem *Antes de chegar na sua mesa, passa pelas nossas mãos* (2020), que circulou em vários festivais, vencendo o prêmio de melhor documentário pelo júri oficial do Filmaê, festival de filmes produzidos com celular. Encontrando desafios e falta de oportunidades de trabalho em sua área, o realizador decidiu colher café em 2017 e filmar essa dura atividade ao longo de três meses. É fascinante a sua câmera, lírica, entre os trabalhadores rurais e a captura das paisagens do município de Chalé e região através de um drone. A "panha" de café acontece uma vez por ano, entre o outono e o inverno, e é a única fonte de renda desses "apanhadores" – "[...] trabalham quatro meses, juntam dinheiro, estocam comida em casa, porque o município é muito ruim de emprego".<sup>53</sup>

Nesse documentário, podemos observar que a região se sobressai igualmente pelas suas proeminentes pedras (montanhas). Além da Pedra Torta, distinguida no filme e no brasão, destacam-se em Lajinha a Pedra da Baleia, onde se encontra o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, atração de romeiros no dia 12 de outubro, e a Pedra da Fortaleza, ponto mais alto da cidade, com 1360 m de altura, avizinha-da pela Pedra do Areado, um pouco menor.<sup>54</sup> Essa paisagem foi motivo de interesse de Marcelo Dolabela (Fig. 7), sendo estampada no início do livro de recordações que ele coeditou para seu pai em 2010.<sup>55</sup>

De Dolabela, por fim, ainda sobre as pedras da cidade, ressoam os dois primeiros versos do poema intitulado "Lajinha", de *Mel e sol*: "entre mil pedras/ entre

<sup>52</sup> Conf.: Hino do Município de Lajinha, de Jânio Vilas Boas – <https://bit.ly/3RHFjBR>. Gravado pelo compositor com arranjo e orquestração de João Anastácio da Silva Neto, subtenente da Polícia Militar – <https://bit.ly/48Egepn> [YouTube].

<sup>53</sup> OLIVEIRA. *Antes de chegar na sua mesa passa pelas nossas mãos*, 2020, 11'45".

<sup>54</sup> Imagens das pedras Fortaleza e Areado podem ser vistas no videoclipe "Fortaleza", de Luíza Boê, cantora nascida em Lajinha. Link: <https://youtu.be/s3TJVC1eOvk>.

<sup>55</sup> DOLABELA. *Memórias renascidas: René Dolabela 2010-2011*, 2010.

mil sonhos [...]",<sup>56</sup> e o soneto em tom melancólico "Lajinha on my mind", no qual o poeta exprime tragicamente no terceto final: "Pedra que engole gente e tudo devo-  
ra/ rio seco, lágrima de fogo sem conserto".<sup>57</sup> Afinal, esta cidade já mal cabe em  
suas memórias – "o finito se tornou desordem e o perto/ se fez longínquo [...]".<sup>58</sup>



Fig. 7 - Fotografia: Marcelo Dolabela, 1978. Ao fundo, as pedras da Fortaleza do Areado. Fonte: *Memórias renascidas*, de René Dolabela, 2010.

### 3.1 LAJINHA REVISITADA: SHAZAM! VIREI POETA, VIREI MARGINAL

não existe escola  
pra boa bola que rola  
em nossa caixola.

"11 haicais", Marcelo Dolabela.<sup>59</sup>

Amante de música, futebol e poesia, assuntos ordinários em seu cotidiano, Marcelo Dolabela, em sua derradeira obra intitulada *Lira dos 60 anos: meus poemas favoritos*, confessa sua adoração por Zico e Tostão e declara-se torcedor do União/MG, do Cruzeiro/MG, do Flamengo/RJ e da Ponte Preta/SP. "Do União Futebol Clube", de

<sup>56</sup> DOLABELA; DOLABELA. *Mel e sol*, s/p. Grifos nossos.

<sup>57</sup> DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 9; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 146. Grifos nossos. segundo Regina Guerra, este poema foi escrito em Lajinha no dia em que Rosângela e seus dois filhos perderam a vida, soterrados em casa, próximo à Policlínica, devido a um deslizamento.

<sup>58</sup> DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 9; DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 146.

<sup>59</sup> DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 56.

Lajinha, "escutei muitas histórias e guardo, em seu acervo, muitas camisas do time",<sup>60</sup> conforme declaração de Maria Regina Lage Guerra, sua legatária.

Recentemente, a *FuLiA/UFMG*, revista sobre futebol, linguagem e artes, publicou dois trabalhos de Dolabela sobre futebol: "11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra" e "Scoring a brace for Dolabela/Dois do Dolabela", poemas traduzidos para o inglês por Renato de Souza Alvim, lajinhense, atual diretor do Centro de Estudos Portugueses da California State University, Stanislaus, nos Estados Unidos.

Em seus poemas sobre futebol, com o mesmo afinco, por meio de uma linguagem simples e direta, ao mesmo tempo sofisticada, o poeta cria, através de metáforas, jogos de palavras e, sobretudo, do ritmo, uma atmosfera que transcende o campo de jogo e mostra parte de suas complexidades. Em seus poemas que abordam a seleção brasileira, por exemplo, Dolabela evitou cair na armadilha do nacionalismo barato que muitas vezes acompanha esse tema, convidando-nos a ver o futebol por outros ângulos e trazendo à tona reflexões sobre a sociedade e a importância da arte e do jogo como formas de expressão.

De maneira breve, mas muito potente, o futebol aparece de forma determinante em "Lajinha revisitada", publicado pela revista *Em Tese* da UFMG e intitulado "Lajinha revisited #17". Este poema, gentilmente enviado por Marcelo Dolabela, a pedido dos editores, já havia sido publicado anteriormente, sob o título "Shazam!", que passou ao primeiro verso, em *Coração malasarte* (1980), um dos primeiros livretos do autor a conquistar reconhecimento crítico, sendo elogiado por ninguém menos que Paulo Leminski, uma das principais influências de sua geração, que lhe escreveu o seguinte:

marcelo, ia auscultando com estetoscópio teu *coração malasarte* quando me lembrei que não sou médico nem tua poesia é cardíaca: falo então na qualidade de poeta, e mais nada. tua poesia tem duas dimensões que me fazem a cabeça: humor e anti-beletrismo. poesia sem graça não dá. o princípio do prazer que a poesia, toda poesia afirma, exige o deboche, o sarcasmo, a pirueta e a surpresa. anti-beletrismo: poesia feita com material reles e rueiro, consumístico e pop, pedestre e desmistificador [...].<sup>61</sup>

<sup>60</sup> GUERRA. Depoimento para Lajinha, 2021, p. 8.

<sup>61</sup> Conf.: LEMINSKI apud DOLABELA. Desfortuna crítica. *Lorem ipsus*, p. 213.

Os poemas futebolísticos de Dolabela não poderiam ser diferentes; é surpreendente como os traços marcantes elencados por Leminski também estão presentes neles – “humor e anti-beletrismo [...], poesia feita com material reles e ruiro, consumístico e pop, pedestre e desmistificador”. Afinal, o próprio tema é um verdadeiro convite para isso, como podemos conferir, enfim, em “Lajinha revisitada”:

Shazam!

o herói que há pouco menino  
a família sonhava doutor  
e jogava futebol no infantil  
tomava mingau de aveia  
com uma pitada de margarina

saiu  
talvez  
não volte

pro almoço nem  
pro café da tarde nem  
pro jantar e nem.<sup>62</sup>

Com uma dúzia de versos distribuídos em quatro estrofes, este curto poema, narrado em terceira pessoa, ganha muito com suas características épicas. Os primeiros versos nos transportam, de forma prosaica, para as memórias de uma criança que jogava futebol e cuja família almejava que se tornasse um doutor quando crescesse, além de uma pitoresca cena à mesa no café da manhã – “mingau de aveia/ com uma pitada de margarina”.<sup>63</sup>

Todavia, na metade final do poema, nas duas últimas estrofes, podemos perceber uma mudança abrupta acompanhando uma reviravolta no destino do “herói”. A tensão é habilmente provocada pela inclusão de três vocábulos isolados em versos: “saiu”, “talvez” e “não volte”, os quais se tornam mais intensos devido à repetição do “nem” ao final dos três derradeiros versos. Os dois primeiros estão conectados por uma conjunção aditiva, um “e”, e o último tem a função adverbial de negação, um categórico “não”.

<sup>62</sup> DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

<sup>63</sup> DOLABELA. *Jogo que jogo*, p. 137.

Além disso, merece destaque a sequência das refeições ao longo do dia: almoço, café da tarde e jantar. Essa progressão é marcada pelo sonoro vocábulo "pro", uma marca de oralidade no início dos versos, em contraposição ao termo "nem" no final, empregando uma sonoridade toda especial. Assim, com essas sofisticadas estratégias líricas, o texto se afasta de um simples enredo.

O primeiro verso do poema evoca a imagem de um dos super-heróis mais icônicos das histórias em quadrinhos, criado em 1940. Para aqueles que não sabem, Shazam circulou nos gibis brasileiros entre 1973 e 1978, alcançando seu apogeu de popularidade por meio da série televisiva de mesmo nome transmitida pela Rede Globo. Quando o menino Billy Batson pronunciava a palavra mágica "Shazam", um relâmpago o atingia, transformando-o em Capitão Marvel, um poderoso adulto que lutava pelos fracos e indefesos, pela justiça. Não seria essa também uma das sinas do nosso poeta?

Além disso, o termo SHAZAM é um acrônimo das iniciais de seis heróis da mitologia: Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio. Cada um desses deuses representa, respectivamente, suas virtudes fundamentais que são incorporadas pelo herói: a sabedoria, a força, a resistência, o poder, a coragem e a velocidade.<sup>64</sup>

Através desses novos elementos, podemos perceber que "Lajinha revisitada" é uma poesia caracterizada pela transformação e pelo deslocamento, ressaltando a vontade do próprio poeta de romper com o ordinário. Ao atribuir esse novo título, Dolabela nos convida a refletir sobre sua cidade natal, uma vez que o próprio significado do nome da cidade (ponte), como vimos, indica isso, adicionando uma perspectiva biográfica ao texto – ou "biografemática", como diria o pensador francês Roland Barthes –, como o jogo de bola que ele praticava na infância, um ambiente que, sem dúvida, moldou sua formação.

Abaixo seguem os primeiros versos do poema "Classe média", publicado no livro *A carne dos raios* (1980), em parceria com um de seus irmãos, Marconi Dolabela, onde o futebol aparece de modo bastante similar ao anterior. Digamos

---

<sup>64</sup> PIPOCA & NANQUIM. Tudo sobre Shazam nos quadrinhos (origem + principais títulos), 2019.

que seja um "poema-irmão" de "Lajinha revisitada", devido às suas semelhanças formais e temáticas:

nasce, sob  
expectativa, o pai  
diz:  
– vai ser médico  
anos depois o pai bate, porque  
o menino fugiu pra  
jogar bola  
sai de casa  
vira marginal [...].<sup>65</sup>

O trecho traz à tona de forma contundente a contradição entre pai e filho, representando a discordância entre diferentes gerações não sem violência. Nele, somos confrontados com a dura realidade desse garoto que, ao fugir de casa para jogar futebol, acaba sendo marginalizado pela sociedade. O poema aponta para a influência das expectativas sociais na escolha de uma profissão, destacando o aspecto de classe. Porém, há uma perspectiva criativa e bem-humorada, pois o menino se torna um "doutor" especializado em cuidar de corações frágeis:

numa esquina, abre peitos  
e coleciona corações  
no formol  
era médico  
dos desiludidos.<sup>66</sup>

Assim, os dois poemas, "Lajinha revisitada" e "Classe média", com sua aparente simplicidade, convidam-nos a repensar sobre as coisas familiares, naturais e prosaicas que compõem o nosso dia a dia, combinando astutamente elementos de ruptura e reconexão, além de trágicos e cômicos, que nos levam em direções interpretativas distintas. Afinal, a literatura (e a vida) se enriquece justamente pela sua plurissignificação.

Por outro lado, do ponto de vista propriamente biográfico, nosso poeta, em 1974, mudou-se para Belo Horizonte inicialmente para "cursar os dois últimos anos do Científico e fazer o técnico de Análises Clínicas".<sup>67</sup> Em 1976, já havia

<sup>65</sup> DOLABELA; DOLABELA. *A carne dos raios*, s/p.

<sup>66</sup> DOLABELA; DOLABELA. *A carne dos raios*, s/p.

<sup>67</sup> DOLABELA. *Minivida até aqui* – em forma de listinha. *Lira dos 60 anos*, segunda capa.

ingressado no curso de Medicina Veterinária na UFMG, onde, diga-se de passagem, seu pai, René Dolabela, natural de Lajinha, igualmente se formou em Odontologia, em 1951.<sup>68</sup> Vale ressaltar que o Dr. René, como era conhecido na cidade, desempenhou a função de presidente do União, com uma “atuação brilhante”, responsável por “aumentar significativamente o patrimônio do clube”.<sup>69</sup>

Outro aspecto importante do contraponto expresso[s] no[s] poema[s] se relaciona exatamente à influência do pai na escolha de Marcelo pela poesia. Sempre lembrava a visita guiada pelo pai ao túmulo do poeta Raul de Leoni em Petrópolis. O pai era, então, quem esperava que o filho fosse doutor, mas, por outro lado, mostrava-lhe o caminho torto da poesia. E ainda escolhia um poeta que, de certa maneira, foi ele mesmo, marginal e impermeável a qualquer enquadramento. Raul de Leoni [1896-1926] nunca se filiou propriamente a nenhuma escola poética e teve uma atuação fora dos holofotes, distante, embora fosse um admirador do parnasianismo de Olavo Bilac e do futurismo de Marinette.<sup>70</sup>

A mudança de Lajinha para o colégio interno em Alto Jequitibá e, em seguida, para a agitada capital, quando definitivamente deixa de morar com seus pais, é refletida em seus escritos, como no instigante poema "lajinha/belorizonte", no qual as disparidades entre o interior e a metrópole são ressaltadas lado a lado:

<i>Lajinha</i>	<i>Belorizonte</i>
do meu passado	beep! brrrrzz!
tenho duas	barambam!
pedras	fiuiii! clic!
e uma pedra	porrrmm!
e um papel	uuaaiii! ai!
mata	uuf! ooh!
achado num liv	bawwww! oof!
ro do drummond	barummmm!!!!!! <sup>71</sup>

Essa maneira contrapontística de enxergar o mundo, na qual o lugar de origem é uma referência, parece colocar o poeta sempre em uma posição de "marginalidade", vivendo em meio a duas culturas conflitantes – “Lajinha x Belo Horizonte; pedras x fiuiii! clic!; mata x ooh! bawww!” –, melancolicamente, como o narrador d’*O amanuense Belmiro*, clássico romance belo-horizontino dos anos

<sup>68</sup> DOLABELA. *Memórias renascidas: René Dolabela 2010-2011*, s/p.

<sup>69</sup> LAJINHA 2000: retrospectiva histórica, p. 65.

<sup>70</sup> CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p. Em *Lorem ipsus* há três títulos que reverenciam este poeta fluminense vitimado pela tuberculose: “Flores para Raul de Leoni”, “À maneira de Raul de Leoni #1” e “À maneira de Raul de Leoni #2”.

<sup>71</sup> DOLABELA. *Réveillon*, s/p. DOLABELA. *Jogo que jogo*, 143.

1930 de Cyro dos Anjos – com os pés na capital e a cabeça em Vila Caraíbas. Ou ainda, uma vez libertado de uma das culturas, o poeta seria incapaz de se integrar plenamente à outra, permanecendo à margem de ambas<sup>72</sup> – “Lajinha está onde estamos”, para lembrar a dedicatória de Dolabela na introdução deste trabalho. Assim, estar ao mesmo tempo em Lajinha e em Belo Horizonte, segundo a poeta Ana Caetano,

[...] operaria como gatilho/analogia da posição programática de Marcelo também como poeta marginal voluntariamente fora do universo formal das escolas literárias do seu tempo sem, no entanto, deixar de se inspirar no seu legado: o modernismo de Drummond e Bandeira, a vanguarda da poesia concreta [e visual] dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Wladimir Dias-Pino ou mesmo o rigor métrico e discursivo dos sonetos simbolistas. Marcelo foi um virtuoso da marginália, um mestre de [quase] todos os estilos e todas as escolas. Este é um estilo marcante e único da sua marginalidade que pode também remeter à duplicidade de suas referências geográficas e culturais. Sua relação com Belo Horizonte é celebrada em alguns poemas (“Maletta revisited #86”, a série de 17 poemas “Belo Horizonte, adeus”).<sup>73</sup>

No poema que se segue, de 1998, Dolabela destaca a interligação entre esses universos contrastantes, mencionando a BR-262, estrada que percorreu por décadas de Lajinha a Belo Horizonte:

Curva da Figueira.  
Trinta anos depois.  
Férias merecidas.  
O carro, que cruza a 262, direção Belo Horizonte-Vitória, quebra na  
[curva mais famosa].<sup>74</sup>

Em comentários sobre esta passagem do texto, Ana Caetano nos adverte ainda de que, embora gostasse de futebol, seria interessante notar que

Marcelo era um mineiro sedentário. Ele viajou muito pouco ao longo da vida, seja para outras cidades de Minas Gerais, seja para outros estados do país ou mesmo ao exterior. O peso de Lajinha e Belo Horizonte na vida do poeta ganha, assim, uma proporção realmente definidora da sua obra. [...] Ele impressionava pela cultura acumulada em leituras e sedimentada pela memória inigualável. Isto lhe permitiu desenvolver uma percepção atenta e crítica dos acontecimentos estéticos do mundo à sua volta sem dar muitas voltas ao redor dele.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> MATTOSO. *O que é Poesia Marginal*, p. 7-8.

<sup>73</sup> CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

<sup>74</sup> DOLABELA. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito.

<sup>75</sup> CAETANO. Comentários [e-mail], 2024, s/p.

Naqueles paradigmáticos anos 1970, nosso poeta foi testemunha atenta de uma série de transformações sociais que varriam o Brasil (e o mundo), libertando as pessoas das opressões impostas pelos regimes autoritários. Nessa época, ele começou a publicar seus primeiros versos e peças gráficas e acabou se interessando mais pelo mundo das letras, fazendo um novo vestibular na UFMG. Segundo o capítulo de livro “As margens da poesia”, “Marcelo veio a Belo Horizonte para estudar veterinária, pensando em se formar e *voltar para sua cidade*, dando continuidade à tradição da família na criação de gado. Mas seu gosto pela poesia o fez abandonar o curso já no sexto período para se tornar um calouro das Letras”.<sup>76</sup>



Fig. 8 – Colegas do curso de Letras/UFMG, Gláucia Machado, Jair da Fonseca e Dolabela (à direita), na janela do apartamento do poeta na rua Tupis, centro de Belo Horizonte. Fonte: *IstoÉ*, 1986.

De 1979 a 1984,<sup>77</sup> ao lado dos colegas Gláucia e “Gato” Jair (Fig. 8), Dolabela recebeu uma excelente formação acadêmica, além de participar ativamente dos movimentos cineclubistas e estudantis contra a ditadura, intervindo publicamente, de forma coletiva, por meio de revistas, fanzines, cartazes, plaquetes, panfletos, entre outros.

<sup>76</sup> CAROLINA et al. *As margens da poesia*, p. 83.

<sup>77</sup> Até 1982, o curso de Letras da UFMG funcionava ao lado do lendário Teatro Universitário (TU), na Rua Carangola, no bairro Santo Antônio.

Mas esta é apenas uma parte da história. Oportunamente, serão divulgados os estudos enfatizando algumas obras e parcerias de Dolabela e a formação de sua fortuna crítica.<sup>78</sup> Um bom exemplo recente é a publicação do texto "Marcelo Dolabela, o *fazedor*: vanguarda, rock e Raul de Leoni" (2020), de Jair Tadeu da Fonseca, parceiro do poeta nas publicações cemfloristas.<sup>79</sup> Nessa edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, comemorando os 300 anos de literatura mineira, o pesquisador de literatura da UFSC profere com assertividade:

[Marcelo Dolabela] principalmente foi *poeta* em tudo que fez. Entre as diversas faces de sua produção artístico-cultural, *il miglior fabbro* de nossa geração, da década de 1970 até o fim de sua vida [...]. E lembro que etimologicamente a palavra *poeta* vem do grego antigo *poietés*, que significa *fazedor*, derivado de *poieîn*, o verbo *fazer*, uma ação, ou seja, algo prático, bem ao contrário do senso comum sobre essa atividade, de uns tempos para cá. E assim chegamos a uma inevitável redundância reveladora, pois *fazer* poesia é *fazer* o que se *faz*.<sup>80</sup>

#### 4. BELO HORIZONTE, ADEUS E PERSPECTIVAS

que um dia eu receba  
da morte o abraço  
e ouça o mote:  
chega de fracasso.

Autobiografia lapidar, Marcelo Dolabela.<sup>81</sup>

[...] a humanidade sempre faz nossa partilha  
em equânime e em invisível igualdade.

"Humanidade é amor", Marcelo Dolabela.<sup>82</sup>

Marcelo Dolabela faleceu no dia 18 de janeiro de 2020, em decorrência de um acidente vascular cerebral ocorrido no dia 15 de outubro de 2018, uma segunda-feira, justa-

<sup>78</sup> Alguns comentários a esse respeito, consultar os vídeos: "A palavra do artista: a poesia de Marcelo Dolabela (1957-2020)", com Gustavo Cerqueira e Kaio Carmona, CCBM; UEM, 2021 (Disponível em: <https://bit.ly/3vxu7XW>); "Dois anos sem Marcelo Dolabela, com Kaio Carmona", Academia Mineira de Letras, 2022 (Disponível em: <https://bit.ly/3RNzuK8>).

<sup>79</sup> Para um maior aprofundamento no assunto, consultar a tese de doutorado *Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta*, de Clara Albinati Cortez, EBA/UFMG, 2021.

<sup>80</sup> FONSECA. Marcelo Dolabela, o *fazedor*: vanguarda, rock e Raul de Leoni, p. 40. Edição organizada por Jacyntho Lins Brandão (UFMG).

<sup>81</sup> DOLABELA. *Lorem ipsus*, p. 27

<sup>82</sup> DOLABELA. *Acre ácido azedo*, p. 56.

mente quando se celebrava o Dia do Professor.<sup>83</sup> Ele, que por décadas exerceu com zelo essa profissão no curso de comunicação das faculdades belo-horizontinas “Newton Paiva, Isabela Hendrix, Una, Uni-BH e, finalmente, Estácio de Sá”.<sup>84</sup> Antes de sucumbir à doença, enfrentou a fadiga, necessitando de cuidados por mais de um ano na iminência de recuperar a capacidade de expressão após o desenvolvimento de afasia. Nesse período, “nem um haicazinho, uma risível quadra, um soneto em ABAB ABAB CDC DCD”, como escreveu em um dos tercetos de “Confidência de lajinhense”.

O corpo de Marcelo Dolabela foi velado na famosa Casa do Jornalista em Belo Horizonte, o mesmo local onde ele organizou seu último evento poético e político, a “Virada da Resistência”.<sup>85</sup> Estavam presentes a viúva, alguns familiares, e muitos amigos, como o músico Arnaldo Baptista e a ex-companheira Glória Campos, profissional da área do design gráfico que, diga-se de passagem, coeditou muitos livros do poeta, como o extraordinário *Lorem Ipsum*. Ao longo da noite, talvez centenas de artistas, professores, ex-alunos, ativistas e admiradores tenham passado pelo sarau para se despedirem de Dolabela. Dentre as várias homenagens prestadas, relembro, aqui, justamente a leitura do poema “Lajinha revisitada”, que ganhou um significado ainda mais intenso nesse contexto de adeus.

À época do falecimento de Dolabela, Jacyntho Lins Brandão, atual presidente da Academia Mineira de Letras, um dos notáveis intelectuais brasileiros, publicou no *Portal BHAZ*:

Belo Horizonte perdeu um de seus mais expressivos poetas: Marcelo Dolabela. Digo *poeta* para englobar tudo que ele produzia em termos de literatura, de música, de cinema, performances e shows. De fato ele era, desde a passagem dos anos 1970-80, um dos articuladores culturais na cidade e deixa um acervo precioso, que seria desejável fosse conservado.<sup>86</sup>

<sup>83</sup> Dois dias antes, no dia 13 de outubro, num sábado, estávamos em Lajinha e bebemos juntos a última cerveja. Lembro-me de que falamos muito sobre como era voltar a morar nesta cidade, já que ele havia construído uma moradia ali recentemente e eu acabara de voltar após residir por quase três décadas em Belo Horizonte. No entanto, como saberia mais tarde, ficaria apenas nove meses, porque fui trabalhar em Maputo, Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane através do Leitorado/MRE, entre 2019 e 2023. Este é o último texto que escrevo representando essa universidade. Hoje, estou revisitando Lajinha novamente.

<sup>84</sup> DOLABELA. Marcelo: irmão, amigo, poeta e professor, p. 11.

<sup>85</sup> A “Virada da Resistência” ocorreu nos dias 29 e 30 de junho de 2018. Segundo o poeta Carlos Barroso, este foi o último evento coletivo que Marcelo Dolabela organizou, colaborando com o poema “Balada Lula Livre”, lido por mim, a seu pedido, de última hora.

<sup>86</sup> BRANDÃO. Adeus a Marcelo Dolabela, 2020. Jacyntho Brandão foi professor de grego e diretor da Faculdade de Letras da UFMG, além de vice-reitor.

O poeta não deixou filhos e hoje, Regina Guerra, formada em Farmácia, com quem se casou em 2011 e de quem foi amiga desde os tempos de estudos no ICB/UFMG, nos anos 1970, é sua herdeira e tomou a iniciativa de catalogar e preservar o acervo e a memória de Dolabela, além de pretender reeditar e divulgar a obra do autor, a exemplo da publicação da antologia *Jogo que jogo* (Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2024), destinada a leitores de todas as idades, em parceria com a Prefeitura Municipal de Lajinha.

Outra boa iniciativa ocorreu em 2021, com a instituição do "Dia Municipal da Cultura Marcelo Dolabela" através da Lei nº 1.668/2021, em celebração à memória do poeta. "De autoria do Poder Executivo Municipal, o projeto homenageia um filho ilustre do município e tem o objetivo de fortalecer ações culturais, oportunizar o surgimento de novos talentos e exaltar artistas, produtores culturais e demais personagens que lutam em prol da cultura lajinhense",<sup>87</sup> noticiou um dos portais da região, o *Diário de Manhuaçu*.

Mesmo residindo a maior parte da vida em outra cidade, [Marcelo Dolabela] manteve os laços sentimentais com a terra natal, tanto que Lajinha é o local onde seu corpo foi sepultado. Sua morte [...] foi noticiada em diversos veículos de imprensa e recebida com grande tristeza por produtores culturais e artistas do Estado de Minas Gerais. Brilhante intelectual e rara figura humana, [ele] é um orgulho para Lajinha e digno de receber tal homenagem.<sup>88</sup>

Finalmente, após o último adeus em Belo Horizonte, Marcelo Dolabela também foi velado em Lajinha na presença de familiares e amigos, alguns dos sete irmãos (Rubens, Marcos, Regina, Maria Hilda, Marconi, Maria Fâni e Marlon), além de sua madrinha Edméa Rabello, com quem manteve um elo muito forte ao longo de toda a sua vida. Foi sepultado no Cemitério Novo ao lado de seus pais René Dolabela (1929-2017) e Maria das Dores Gomes Dolabela (1935-1993), Dona Dorinha, onde jaz o epitáfio com um verso da canção "Súplica", de João Nogueira e Paulo César Pinheiro: "O nome a obra imortaliza".<sup>89</sup>

\* \* \*

<sup>87</sup> DIÁRIO DE MANHUAÇU. Lajinha institui Dia Municipal de Cultura, 31 ago. 2021.

<sup>88</sup> SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Marcelo Dolabela: 17/09/1957-18/01/2020*, 2021, p. 4-5.

<sup>89</sup> NOGUEIRA; PINHEIRO. Súplica. *Clube do samba* (1979).

Este texto é dedicado à gata Lajinha que me fez companhia enquanto eu o escrevia, mas infelizmente nos deixou aos sete meses, em 9 de janeiro de 2024, devido a uma sequência de eventos trágicos.

\* \* \*

### Pequeno perfil de um cidadão (in)comum

p/ Marcelo Gomes Dolabela

escreveu por tortas linhas  
a pólis safa e divina  
cantava com a voz que tinha  
pra nos livrar da rotina

ele nasceu *na* lajinha  
cidade pedra-retina  
soube ler a ladainha  
e fez da memória sina

contra a tolice assassina  
bradou grandes poeminhas  
por ruas belo-horizontinas

inda longe das marinhas  
lavrou letras cristalinas  
firme em direção à rinha.<sup>90</sup>

\* \* \*

---

<sup>90</sup> GUIMARÃES. *Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela*, 2021, contracapa.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Renato de Souza; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Scoring a brace for Dolabela/Dois do Dolabela. [Trad.]. **FuLiA/UFMG** [Dossiê: *Futebóis, carnavalizações, performances: sons da cultura popular*], Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 227-232, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/2QbW>.

ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro**. São Paulo: Globo, 2006 [1937].

A PALAVRA DO ARTISTA: a poesia de Marcelo Dolabela (1957-2020). [YouTube]. Gustavo Cerqueira Guimarães e Kaio Carvalho Carmona. Centro Cultural Brasil-Moçambique; Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique, 2021, 75'. Disponível em: <https://bit.ly/3vxu7XW>.

BELCHIOR. Conheço o meu lugar. **Era uma vez um homem e o seu tempo**, Composição: Belchior. WEA, Brasil, 1979, faixa 6.

BOÊ, Luíza; QERACÊ. Fortaleza. Lajinha: PeDRa LeTRa, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/s3TJVC1eOvk>.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Adeus a Marcelo Dolabela. **Portal BHAZ**, 06 fev. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/2Q6P>.

BRASÍLIA. **Plano de manejo: Parque Nacional do Caparaó**. Brasília: Secretaria do Meio Ambiente, 2015.

BRASÍLIA. **Plano de Manejo do Parque Nacional de Caparaó**. Brasília: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) / Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), 1981.

CAETANO, Ana. Comentários por e-mail [sobre “Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol”], 09 fev. 2024, s/p.

CAMELO, Mel de Castro. **Flora fanerogâmica de araceae do Parque Nacional do Caparaó, MG-ES, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel/PR, 2018.

CAROLINA, Ana; VILAÇA, Clayton; SOARES, Eduardo; GARCIAS, Tiago. As margens da poesia. In: SOUZA, Patrícia Fonseca de QUEIROZ, Sônia. **Editores mineiras: o lugar da poesia**. Belo Horizonte: Laped/UFMG, 2012, p. 81-9.

CONFLITO AGRÁRIO NA REGIÃO DO CONTESTADO entre Espírito Santo e Minas Gerais. Projeto “História nas Redes”, UFES, com Adilson Vilaça de Freitas e Wallace Tarcisio Pontes, nov. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gjMRU>.

CORTEZ, Clara Albinati. **Cemflores: poéticas políticas em Belo Horizonte nos anos oitenta**. Tese (Doutorado em Artes plásticas, visuais e interartes), Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2021.

COSTA, José Caldas da. **Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

DIÁRIO DE MANHUAÇU. Lajinha institui Dia Municipal de Cultura, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3R5THvR>.

DOIS ANOS SEM MARCELO DOLABELA, com Kaio Carmona. [YouTube]. Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, 2022, 14'. Disponível em: <https://bit.ly/3RNzuK8>.

DOLABELA, Marcelo. **Jogo que jogo**. Organização e apresentação: Gustavo Cerqueira Guimarães. Posfácio: Wilberth Salgueiro. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2024. 157p.

DOLABELA, Marcelo. **Lira dos 60 anos**: meus poemas favoritos. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2017.

DOLABELA, Marcelo. **Acre ácido azedo**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, abr. 2015.

DOLABELA, Marcelo. Futebol & Cia. **Em Tese** [Dossiê: *A literatura e a vida: formas de usar*], Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 356-61, abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3QHMT7P>.

DOLABELA, Marcelo. Minivida. **Lorem ipsus**: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006.

DOLABELA, Marcelo. **Batuques de limeriques**. Ilustração: Clô Paoliello. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção esconde-esconde).

DOLABELA. **Poeminhas & outros poemas**. Seleção: Ana Caetano. Belo Horizonte: Fahrenheit, 451, 1994.

DOLABELA, Marcelo. **Coração malasarte**. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.

DOLABELA, Marcelo. **Grão**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980a.

DOLABELA, Marcelo. **Réveillon**. Belo Horizonte: PrOVERbo, 1980b.

DOLABELA, Marcelo. 68, o título que ninguém ganhou [1998], inédito.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **Simples**. Belo Horizonte: Sonho de Valsa, 1980.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **A carne dos raios**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980a.

DOLABELA, Marcelo; DOLABELA, Marconi. **Mel e sol**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1981.

DOLABELA, Regina. Marcelo: irmão, amigo, poeta e professor. **Dia Municipal da Cultura**: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020). Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, p. 9-11.

DOLABELA, René. **Memórias renascidas**: René Dolabela 2010-2011. Editores: Marcelo Dolabela; Regina Dolabela. Lajinha; Belo Horizonte: Edição do Autor, 2010.

FERREIRA, Mauro. Marcelo Dolabela, um herói ativista do *ABZ do rock brasileiro*. **G1**, Rio de Janeiro, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Lutdkr>.

FONSECA, Jair Tadeu da. Marcelo Dolabela, o fazedor: vanguarda, rock e Raul de Leoni. **Suplemento Literário de Minas Gerais**: 300 anos de literatura. Edição especial organizada por Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte, nov. 2020, p. 40-1.

FREDERICO, Flávio. **Caparaó**. Documentário. Estúdio Kinoscópio Cinematográfica, 2007, 77'. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/4aK0R0e>.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad.: Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2009 [1987].

GUERRA, Regina. Depoimento para Lajinha. **Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020)**. Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, p. 6-8.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Pequeno perfil de um cidadão (in)comum [soneto a Marcelo Gomes Dolabela]. **Dia Municipal da Cultura: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020)**. Lajinha/MG: Prefeitura Municipal de Lajinha, 2021, contracapa.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; SCHLEE, Aldyr Garcia; PIAZZI, Giulia. Conversa com Aldyr Schlee (parte I): futebol local e narrativas de fronteiras [c/ áudio]. **FuLiA/UFMG** [Dossiê: *Futebol em contextos locais e regionais*], v. 2, n. 2, p. 127-55, 2018.

GUIMARÃES, Plínio Ferreira. **Caparaó, a lembrança do medo**: a memória dos moradores da região da Serra do Caparaó sobre o primeiro movimento de luta armada contra a ditadura militar – a Guerrilha de Caparaó. Dissertação (Mestrado em História), Juiz de Fora, UFJF, 2006.

HERINGER, Leonina. [Blog]. **Cidade dos vagalumes, Laranja da Terra, Itabirinha, e o fim do Contestado (MG/ES)** – Parte I: Laranja da Terra, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/48w5n1b>.

HINO DO MUNICÍPIO DE IBATIBA. Letra e música: David Gomes Saraiva. Disponível em: <https://goo.gl/ntMda>.

HINO DO MUNICÍPIO DE LAJINHA. Prefeitura Municipal de Lajinha. Composição: Jânio Vilas Boas. Disponível em: <https://bit.ly/3RHFjbR>. Gravação: Jânio Vilas Boas. Arranjo e orquestração: João Anastácio da Silva Neto. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/48Egepn>.

IBGE. Lajinha. Disponível em: <https://bit.ly/3tDjeU7>.

LAJINHA 2000: retrospectiva histórica. Editor geral: Aداuton de Souza Santos. Lajinha: Clave Editora, 2000.

LAJINHA por dentro da história. Coordenação geral: Geralda Sathler Alvim. Prefeitura de Lajinha, 2021.

LEMINSKI, Paulo. Desfortuna crítica. [Trecho de carta]. In: DOLABELA, Marcelo. **Lorem ipsus**: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006, p. 213.

MACHADO, Gláucia. Com a borracha que se escreve. In: DOLABELA, Marcelo. **Lorem ipsus**: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006, p. 9-14.

MARCELO DOLABELA (portal do autor): <https://marcelodolabela.com.br/>.

MATTOSO, Glaucio. **O que é Poesia Marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NASCIMENTO, Milton. Para Lennon e McCartney. Composição: Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant. **Milton**, Brasil, 1970, faixa 1.

NOGUEIRA, João. Súplica. Composição: Paulo César Pinheiro e João Nogueira. **Clube do samba**, Brasil, 1979, faixa 1.

OLIVEIRA, Erick Maximiano. **Antes de chegar na sua mesa, passa pelas nossas mãos**. Documentário. Lajinha/MG: GMA Produções, 2020, 14'. [YouTube]. Disponível em: <https://bit.ly/41MS5um>.

PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ. Disponível em: <https://bit.ly/3RKyx5d>.

PIPOCA & NANQUIM. [YouTube]. Tudo sobre Shazam nos quadrinhos (origem + principais títulos), 2019. Disponível em: <https://bit.ly/45soreO>.

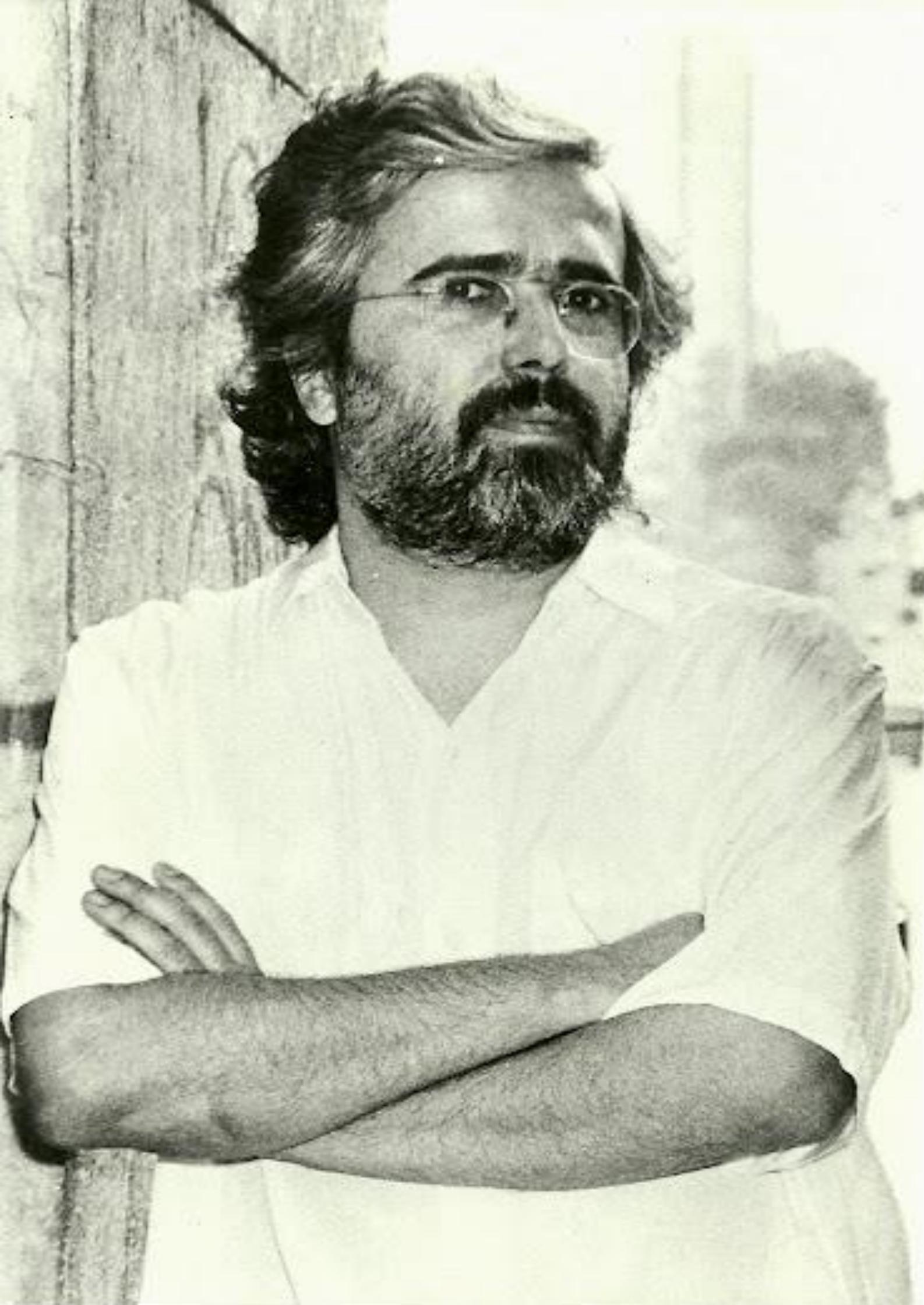
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, Esporte e Turismo da Prefeitura Municipal de Lajinha. **Dia Municipal da Cultura**: Marcelo Dolabela (17/09/1957-18/01-2020). [Livreto]. Pesquisa: Herbert Soares. Lajinha/MG, set. 2021. 12 p.

SETUR – Secretaria de Estado do Turismo do Espírito Santo. Disponível em: <https://setur.es.gov.br/regiao-do-caparao>.

SOUZA, Patrícia Fonseca de. Associação Cultural Pandora. In: SOUZA, Patrícia Fonseca de; QUEIROZ, Sônia. **Editoras mineiras**: o lugar da poesia. Belo Horizonte: Labed/UFMG, 2012, p. 33-6.

\* \* \*

Recebido em: 11 dez. 2023.  
Aprovado em: 11 jun. 2024.



## “Tudo é um jogo”: diferentes contornos da relação entre violência e futebol em dois escritores da Amazônia brasileira

Different contours of the relationship between violence and football in two writers from the Brazilian Amazon

**Tânia Sarmento-Pantoja**

Universidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil  
Doutora em Estudos Literários, UNESP  
t.sarmentopantoja@gmail.com

**RESUMO:** Uma das características mais proeminentes da literatura produzida nas últimas décadas é a relação de partilha que a ficção estabelece com as matérias historiográficas, seja para agregar e ressignificar o dado histórico, seja para evidenciar a precariedade ou a violência como fenômenos sociais, recortados de certas realidades, aspectos que nos parecem bastante adequados para uma reflexão – sempre atual – sobre futebol como mediador especulativo. Nesse sentido, o presente estudo analisa a produção de dois escritores que trazem diferentes cenários sociais da Amazônia brasileira para suas narrativas literárias, aliados à captura do universo futebolístico. Esses escritores são Clei Souza, com o conto “O jogo”, que integra a coletânea *O suicidado e outras histórias* (2021) e Ademir Braz, com o conto “Finalzinho de carreira”, que está na coletânea *A bela dos moinhos azuis* (2015). Seja no tratamento minucioso que Braz dá às precariedades que assolam a forma de vida amazônica; seja nas experiências insuportáveis, coladas à vida (violentamente) interrompida, no caso dos recortes propostos por Souza; em ambos os contos, o futebol se comunica ou é comunicado através das diatribes de alguma forma de violência, facilmente identificada na integração com os cenários sociais e, portanto, posicionado em uma chave residual e espectral na cultura e na sociedade brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Futebol, Violência, Ademir Braz, Clei Souza

**ABSTRACT:** One of the most prominent characteristics of literature produced in recent decades is the sharing relationship that fiction establishes with historiographical materials, whether to aggregate and give new meaning to historical data, or to highlight precariousness or violence as social phenomena, cut out from certain realities, aspects that seem quite suitable for a reflection – always current – on football as a speculative mediator. In this sense, the present study analyzes the production of two writers who bring different social scenarios from the Brazilian Amazon to their literary narratives, combined with capturing the football universe. These writers are Clei Souza, with the short story “O Jogo”, which is part of the collection *O suicidado e outras histórias* (2021) and Ademir Braz, with the short story “Finalzinho de carreira”, which is in the collection *A bela dos moinhos azuis* (2015). Be it in the meticulous treatment that Braz gives to the precariousness that plagues the Amazonian way of life; whether in the unbearable experiences, glued to the (violently) interrupted life, in the case of the excerpts proposed by Souza; In both stories, football communicates or is communicated through diatribes of some form of violence, easily identified in integration with social scenarios and, therefore, positioned in a residual and spectral key in Brazilian culture and society.

**KEYWORDS:** Literature; Football; Violence; Ademir Braz; Clei Souza.

## I

Há algum tempo, venho desenvolvendo investigações que envolvem o mapeamento de protagonismos e temas excêntricos e nesse processo tenho me deparado com condições organizadoras nos materiais que analiso. Em termos teóricos e metodológicos tenho procurado compreender esses materiais com base em algumas categorias, dentre as quais destaco as noções de rastro e residualidade, especialmente para pensar como a análise desses materiais podem envolver a reflexão sobre a violência, no caso específico do estudo que ora apresento, a violência na relação com o futebol e suas representações no texto literário.

Com Walter Benjamin sempre no horizonte, Jeanne Marie Gagnebin, compreende que o rastro “[...] só existe em razão de sua fragilidade”.<sup>1</sup> Embora muito comprometido com o registro ou arquivo, o rastro evoca igualmente o que chamo aqui de matéria perdida. Nesse sentido, a exclusão e a ausência são condições epistemologicamente implicadas na noção de rastro. O reconhecimento dessa fragilidade e da ameaça da perda que a envolve implica pensar sobre como as residualidades sobrevivem e repercutem em determinados espaços e não em outros e como elas são selecionadas tanto na esfera do apagamento, quanto na da permanência – e aqui penso mais de perto sobre os arquivos memoriais e suas relações com os protagonismos e temas excêntricos.

Essa afinidade, enfim, se apresenta como um ponto de tensão a habitar o trabalho do artista: a questão da sobrevivência do vestígio equivale (também) à questão da sobrevivência de uma matéria perdida e suas formas de representação no objeto artístico como uma tensão que, por sua vez, costuma extrair potência crítica direcionada ao lastro histórico e cultural. Nesse ponto, penso especialmente como as residualidades estão relacionadas às hierarquias estabelecidas na sociedade brasileira, especialmente as voltadas à condição étnica, de gênero e de classe social. E a fim de também pensarmos sobre a conexão com o tema do Simpósio Literatura e Futebol, como o futebol, na condição de mediador especulativo, é tam-

---

<sup>1</sup> GAGNEBIN. Apagar os rastros, recolher os restos, p. 26.

bém uma linguagem global que comunica uma cultura e sobre essa cultura, ao mesmo tempo em que também é comunicado enquanto parte dela.

Na cultura brasileira e mais especificamente na relação entre literatura e futebol a ferroada no peito do pé é a violência. Seja porque o futebol é movido por uma “[...] energia” de celebração e crueldade sobrepostas no rito,<sup>2</sup> seja por estruturar-se sobre uma partilha de agentes – jogadores, torcedores, árbitros, dirigentes – unidos por sentimentos de pertencimento a um grupo, mais propriamente a uma nação<sup>3</sup> que se estende a todos os espaços físicos ou virtuais envolvidos no jogo de futebol, ou seja, paisagens futebolísticas ora associadas à anterioridade do jogo, ora ao jogo propriamente dito, ora à celebração ou o enlutamento pós-jogo, a depender do resultado para cada um dos times e suas torcidas. Cada um desses momentos pode ser vivido, como se diz no Brasil, “com açúcar e com afeto”, mas também com o sabor ferroso do sangue. E como na cultura brasileira o futebol está profundamente imerso na vida, a vida que chora e que sangra, e, como, por fim, em alguns textos literários encontramos a conexão entre futebol e certas movimentações dessa mesma cultura, é possível extrair singularidades na análise das residualidades que envolvem as representações do futebol na ficção.

Nesse sentido, apresentamos aqui um estudo comparado sobre as representações de certas expressões literárias periféricas em uma literatura de língua portuguesa, particularmente, de expressão amazônica, em que proponho analisar o específico estabelecimento de uma relação triádica – literatura, futebol e violência – na produção de dois escritores que trazem diferentes cenários sociais da Amazônia brasileira para suas narrativas literárias, conectados à captura do universo futebolístico. Esses escritores são Clei Souza, com o conto “O jogo”, que integra a coletânea *O suicidado e outras histórias* (2021) e Ademir Braz, com o conto “Finalzinho de carreira”, que está na coletânea *A bela dos moinhos azuis* (2015).

Os textos que compõem *O suicidado e outras histórias* são narrativas curtas sobre a devoração da vida. Como bem afirma Nilson Oliveira sobre os contos de Clei Souza, que integram a referida coletânea: “Tais linhas operam, com efeito, nas

---

<sup>2</sup> STRATICO. O texto abjeto e performativo do futebol e da poesia, p. 75.

<sup>3</sup> SALGADO. *Bolas de papel: sociedade, gênero e território em contos de futebol argentinos*, p. 39.

situações mais cotidianas, em planos tomados pela lentidão, numa sequência sufocante, de tal maneira que aos poucos, na leitura, vamos percebendo que as saídas simplesmente desmoronaram” e essa vida no sufoco decorre “[...] numa periferia qualquer, mas sempre no limbo do acontecimento”.<sup>4</sup>

Em uma dessas narrativas, o conto “O jogo”, Souza nos coloca diante de uma situação recorrentemente relatada nas mídias jornalísticas do Brasil e infelizmente muito presente na vida social da Amazônia brasileira: um assassinato de encomenda. Nesse caso, trata-se de um matador anônimo, um *sniper* conhecido entre outros matadores, que se torna o alvo da encomenda e antes de ser assassinado vive a experiência de se perceber apreendido pela tensão e o medo sentidos por suas vítimas. A sentença de morte vem de seu envolvimento, como provável e única testemunha, em uma investigação contra um fazendeiro com aspirações políticas e contumaz mandante de vários assassinatos, alguns cometidos justamente pelo *sniper* protagonista do conto, agora sentenciado à morte.

Ameaçado, o matador se torna recluso em casa, adiando o inadiável. Porém, uma partida de futebol o força a sair de casa: torcedor do Flamengo ele decide ir assistir ao jogo em um bar, ou porque o amor pelo clube é uma situação afetivamente inevitável ou porque o matador, na condição de profundo conhecedor da inevitabilidade da morte aos condenados de encomenda, decide expor-se à situação, conformado com o desenrolar de seu destino. De todo modo, o rito de assistir ao jogo tem para a história contada o papel de amainar a tensão, mas, estruturalmente tem a função de sobrepor códigos a fim de potencializar a visibilidade de certas condições culturais e sociais relacionados ao tema do assassinato de encomenda.

Nesse processo, termos como “jogo” e “juiz” estendem significados que extrapolam a plasticidade da cena do jogo de futebol e da cena dos homens no bar, alcançando outras materialidades, mas sem afastar-se do drama do protagonista. Assim, diferentes enquadramentos da mesma função se apresentam entretecidas no mesmo universo: o árbitro de futebol ladrão, que deixa de marcar um pênalti favorável ao Flamengo assimila o juiz comprado que se vale de filigranas jurídicas para favorecer o fazendeiro, mandante de inúmeros crimes de encomenda, incluída

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA. As existências mínimas e o cadafalso, p. 11.

a morte por encomenda do próprio matador. Por esse motivo, “tudo é um jogo”, como pondera o narrador do conto, e nesse jogo não basta aplicar habilmente a técnica, ou seja, movimentar bem a bola em campo, no caso da partida que se desenrola na tela de uma televisão no bar ou conduzir com perícia o inquérito policial, que está no centro da morte encomendada do protagonista. Em um cenário historicamente marcado pela corrupção, pelo fisiologismo e pelo extermínio de quem incomoda ou se torna um estorvo, ganha o jogo quem melhor mobiliza poder. Nesse processo, a violência física e simbólica quase sempre associada à perversidade, entram em campo. E no contexto desesperador em que se encontra o protagonista, quem de fato mobiliza poder é o fazendeiro, com poder político e, sobretudo, financeiro para corromper juízes, exterminar testemunhas e outras “pontas soltas”.

O protagonista compreende muito bem esse jogo, pois nele já esteve muitas vezes na posição do peão, na condição de caçador, condição que não deixa de lembrar a do atacante, aquele que no jogo de futebol vai para a linha de frente do ataque. Contudo, ao compreender que havia se transformado em “ponta solta”, ele até tenta se resguardar, mas sabe bem que está na condição de caça, como é possível observar neste trecho: “Nunca imaginara que passaria por essa situação. Sempre estivera do outro lado. Na espreita. O caçador à espera do momento certo. Ao menos isso lhe dá agora uma vantagem, se alguém o estiver espreitando, ele na certa vai perceber”.<sup>5</sup>

A maior parte do desenvolvimento das ações da narrativa se passa em um bar, onde só há três pessoas: o dono do bar, também atendente e barista de improviso, o matador jurado de morte e um rapaz que estava “[...] de guarda-chuva, era baixo, usava óculos, o corpo franzino parecendo perdido na camisa rubro-negra que mesmo sendo pequena parecia feita pra alguém maior. Tinha movimentos tímidos”,<sup>6</sup> a quem o narrador vai chamar de “torcedorzinho” até a culminância de tudo. Nesse ponto há um encadeamento entre o que acontece no bar e o que acontece no jogo transmitido pela televisão. Enquanto o Flamengo corre atrás da bola para ganhar o jogo, pois o outro time só precisa do empate, na cena do bar o matador jurado de morte tenta esquecer a ameaça que o assombra, ainda que a ameaça esteja mais perto do que ele imagina, pois outro matador àquela altura já se encontra ao encalço da presa.

---

<sup>5</sup> SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 30.

<sup>6</sup> SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 31.

Vai pra frente do bar fumar um cigarro. Olha em torno, ninguém. Embora tudo esteja contra no jogo, ele está se sentindo feliz. O pouco é muito quando não se tem nada. Esses noventa minutos estão valendo mais que os últimos dias. Esquece da arma escondida na cintura, esquece dos seus invisíveis matadores que o estariam tocaiando no seu caminho de volta, esquece de que ele mesmo tocaiou muita gente a mando dos fazendeiros. Sua vida toda está absorvida pela final daquele campeonato. No tragar experimenta um prazer igual ao daqueles condenados que fumam o seu último cigarro!<sup>7</sup>

De fato, ir ao bar representa àquela altura um ato suicida – aliás, bem afinado ao termo “suicidado” presente no título da coletânea – ainda que o protagonista construa a ilusão de que pode se manter atento aos sinais de um ataque iminente. Marcimendes Silva, no estudo *Suicídio: trama da comunicação*,<sup>8</sup> faz uma distinção entre suicidando, o que ameaça ou tenta suicídio e o suicidado, aquele que ultrapassou a ameaça e efetivamente se matou. Silva vê o suicídio como ato de comunicação. Observamos essa diretriz no conto de Souza em dupla chave: se por um lado é possível reconhecer o protagonista como uma espécie de suicida, na medida em que se expõe à morte certa, usando como justificativa o desejo de ir a um bar assistir ao jogo de futebol, mesmo sendo conhecedor dos ardis que os matadores costumam utilizar para cumprir o serviço, por outro lado, a quase inexorabilidade da morte nesse tipo de crime consiste em uma forma de comunicação, que se encontra integrado ao modo como a história é contada. Nesse processo, os códigos do futebol, ou melhor, os códigos culturais do futebol no Brasil, são apropriados, para recomunicar problemas sociais entranhados em uma cultura mais ampla, no caso, os crimes de encomenda, mais especificamente o assassinato por conflito fundiário em que se faz intenso o envolvimento de latifundiários na grilagem de terras, por sua vez sustentados por aquilo que César Barreira chama de “sistema de pistolagem”: “O pistoleiro, que executa a ação, e o mandante, que comanda a ação constituem as peças-chaves e definidoras do ‘crime de pistolagem’. Essas peças são classificadas também como o autor material – o pistoleiro, e o autor intelectual – o mandante”.<sup>9</sup> E uma vez condenada à morte por um mandante, independente de quem seja, dificilmente a vítima sobrevive. Vejamos como o final do conto expressa este aspecto:

<sup>7</sup> SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 32.

<sup>8</sup> SILVA. *Suicídio: trama da comunicação*.

<sup>9</sup> BARREIRA. *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*, p. 54.

Acaba o jogo. O dono diz que precisa fechar porque já é tarde e a chuva deixou a noite soturna. É assim no interior. O freguês reclama que se fosse na capital, mesmo com chuva, muitos torcedores estariam nos bares comemorando, quem sabe até de manhã, ao que o torcedorzinho concorda com a cabeça, com cuidado pros óculos não caírem. Diz que vai embora dali pra uma grande cidade, pra ninguém mais o achar. Dali a dois dias estaria confundido com a multidão anônima. Ele paga a conta e diz com a fala já pastosa da bebida que entende o fechamento do bar, embora lamentando, e que já vai pra casa. O dono do bar vê os dois fregueses dobrarem a esquina cantando juntos o hino do Flamengo. A rua silenciosa faz o bêbado canto dos dois ecoarem claramente enquanto ele vai fechando o estabelecimento. Ele vai acompanhando em pensamento a letra que os dois entoam. Quando chega na parte da letra que diz “uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, ele ouve um estrondo de tiro. Vai até a porta e vê surgir da esquina o torcedorzinho, que o encara enquanto passa diante dele. O diálogo de olhos deixa claro que foi selado um pacto de silêncio, em nome da manutenção do bar e da vida de seu dono. Ele, em silêncio, vai vendo sumir no fim da rua fria e chuvosa o homenzinho cuja roupa preta e vermelha do time esconde outra vermelhidão. A justiça mais tarde inocentaria o fazendeiro no caso porque aquele que se descobriu ser a fonte das principais informações sobre o crime investigado havia sido morto em um suposto latrocínio.<sup>10</sup>

Nesse ponto sem volta em que se encontra a assassinato por encomenda do protagonista, o conto de Souza se localiza numa trajetória material muito precisa dos temas conectados no conto. Na Amazônia, a organização do sistema de pistola-gem remonta ao período ditatorial embora só passe a ter maior visibilidade na década de 90 do século XX. Relatórios produzidos em 2022 apontam que continua muito vivo, especialmente contra quilombolas, indígenas, sem-terras e posseiros.

Os dados sobre esse tipo de crime em território nacional são assustadores. Enquanto escrevia este estudo uma pesquisa divulgada pelo Conselho Indigenista Missionário, em 26 de julho de 2023,<sup>11</sup> baseada em dados de 2022, indica que 17% dos conflitos registrados no país, foram contra indígenas. Os números divulgados apontam também para casos de assassinatos e ameaças de morte contra indígenas, em 2021, números que aumentaram ainda mais em 2022, que registrou 416 casos, um aumento de 8,9% em relação ao ano anterior. Também de acordo com a Comissão Pastoral da Terra, em 2022:

[...] o número de assassinatos ligados a disputas pela terra aumentou cerca de 30% em relação ao ano anterior. Foram 47 mortos no ano pas-

<sup>10</sup> SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 33.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3WTL2zH>.

sado, sendo nove adolescentes e uma criança, ante 35 em 2021. Também foram registradas 123 ameaças de morte, número cerca de oito vezes maior que as 33 registradas em 2021. Segundo a CPT, é o maior registro em todo o século 21. Os indígenas foram os alvos mais frequentes (38%), com 18 mortos. Em seguida os sem-terra (19%), com nove.<sup>12</sup>

E nessa estatística nefasta ainda estão presentes “[...] três ambientalistas, três assentados e três trabalhadores rurais”.<sup>13</sup>

As residualidades dessas condições históricas vem ao conto “O jogo” não como quantitativos estatísticos, mas, sobretudo como um drama arqueologicamente posicionado em que o futebol funciona como lugar de enlace, em que os principais agentes envolvidos, todos anônimos, se encontram: o condenado à morte, o matador, a testemunha silenciada pelo medo e até o mandante, ainda que ausente da cena. E como lugar de enlace o futebol ao mesmo tempo comunica e é alcançado pela linguagem do crime de encomenda, que (também) se manifesta através dos códigos do futebol, no tecido ficcional.

## II

A residualidade é um parâmetro que também acompanha a coletânea de contos *A bela dos moinhos azuis*, de Ademir Braz. São 65 pequenos contos, ou assim os chama o escritor, mas na verdade assemelham-se mais a anedotas, seja pelo caráter de recorte fragmentado do cotidiano, seja pelo humor presente na maioria dos fragmentos. Dos 65 contículos um nos chama a atenção, justamente pela relação com o futebol. Trata-se de “Finalzinho de carreira”, que narra a inusitada história de Reizinho, “[...] pintor de paredes e árbitro de futebol nos finais de semana”. O caráter anedótico nasce aqui em função de circunstâncias abjetas: ao apitar uma partida, o árbitro decide finalizar o primeiro período do jogo antes do tempo regulamentar em função de um desconforto intestinal:

Reizinho regia uma partida de futebol da primeira divisão no estádio Zinho quando, aos poucos, foi se afastando do meio do campo até ficar próximo a saída para os vestiários. De repente, ainda aí pelos 25 minutos do primeiro período, ele apitou encerrando o jogo e saiu correndo do

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3QYERGC>.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3QYERGC>.

gramado. Quinze minutos depois, na volta do vestiário, foi abordado por um repórter que queria saber o motivo da interrupção abrupta, que deixara confusos atletas e arquibancada.<sup>14</sup>

Diante da indagação do repórter a respeito da situação inusitada Reizinho responde que comera uma “paçoca de rejeitos” e o alimento lhe provocou um aperreio dos diabos e por esse motivo foi obrigado a correr para o banheiro, mas garante ele, os minutos restantes seriam devidamente compensados no segundo tempo do jogo. E assim o foi, mas a notícia rapidamente se espalha entre os torcedores. Ao reencontrar o árbitro em outra partida, a turba recebe Reizinho aos gritos debochados de “paçoca de rejeito, paçoca de rejeito”. Reizinho reage e é quase linchado pela multidão.

É interessante notar aqui o papel do deboche associado à perturbação da ordem e ao mesmo tempo ao questionamento da autoridade pelo viés da violência, que emana da cena do jogo de futebol em campo. Sobre o deboche Verônica Guimarães Silva observa o seguinte:

Sobre o ato de debochar, torna-se necessário, aqui, uma explicação histórico-cultural para entender um elemento da cultura brasileira do feio – o deboche. Em português, “deboche” significa “devassidão, libertinagem”, especializando-se mais recentemente em “zombaria”. No Brasil adquire ainda o significado de zombaria explícita, impetuosa, com grande desregramento e excesso.<sup>15</sup>

E mais: o domínio do risível no país é algo consolidado e este domínio faz parte da história do feio, especialmente a feiura que não inspira nem dó nem piedade.<sup>16</sup> Portanto, recortar um determinado aspecto identitário e/ou identificatório da alteridade, compreendido pelos outros como feio e usá-lo como exercício sádico para extrair matéria risível é uma estratégia comumente observada entre indivíduos e entre grupos. Umberto Eco observa que “[...] o feio é também um fenômeno cultural”.<sup>17</sup> Ao ponderar que os fatores econômicos podem estar bastante implicados na forma como definimos a beleza, Eco avalia que o fator discriminante é sobretudo cultural ao definirmos se algo ou alguém é feio.

---

<sup>14</sup> BRAZ. *A bela dos moinhos azuis*, p. 70.

<sup>15</sup> SILVA. *A cultura brasileira do feio*, p. 187.

<sup>16</sup> SILVA. *A cultura brasileira do feio*, p. 188.

<sup>17</sup> ECO. *História da feiura*, p. 394.

Dentre os elementos que fazem parte da feiura e, portanto, passíveis de deboche, estão aqueles relacionados à escatologia: nesse sentido, processos fisiológicos em geral, quando enquadrados na linguagem do deboche, rendem o riso, mas também e quase sempre constituem o gatilho para situações violentas quando a agressão verbal de caráter injurioso – que serve de invólucro ao deboche – progride para a agressão física. O conto “Finalzinho de carreira” é um bom exemplo desse processo, pois associa de forma potente processos fisiológicos, como comer e defecar, a processos de comunicação violenta em um campo da experiência, o futebol, cada vez mais afeito à comunicação violenta para com as alteridades, sendo possível ainda observar como o futebol, enquanto uma linguagem global que fala a cultura e sobre a cultura, evidencia-se neste conto como estratégia por onde se expressa essa comunicação tóxica.

Em “Finalzinho de carreira” tudo começa com a ingestão da tal “paçoca de rejeitos”. E o que seria a “paçoca de rejeitos”? Trata-se de um tipo de comida, ou melhor, uma técnica de preparo de alimento pertencente à gastronomia popular do Nordeste brasileiro. Chama-se “paçoca” por ser resultante de mistura e/ou maceração de um conteúdo alimentar. A paçoca pode ser doce, quando feita com castanha de caju e amendoim; ou salgada, quando a receita é produzida com miúdos (vísceras) de ave, bovina ou suína ou com a reciclagem de outros tipos de proteínas. Como técnica gastronômica a paçoca está presente em todo o território brasileiro, mas o termo “paçoca de rejeitos” se encontra integrada à gastronomia nordestina. A referida “paçoca de rejeitos” é a paçoca feita com vísceras ou sobras de diversas carnes pré-cozidas. Uma receita conhecida e apreciada como sarapatel ou sarrabulho, feita com vísceras de porco, é um exemplo de paçoca de rejeitos. No sentido figurado, “paçoca de rejeitos” pode se referir a qualquer comida de difícil digestão ou ainda bagunça ou desarrumação.

No conto, não há como compreendermos a que modalidade de paçoca Reizinho se refere, apenas que ingeriu algo que lhe gerou um intenso desconforto ao ponto de ter que abandonar as suas funções de árbitro antes do tempo regulamentar. Portanto, não é exatamente o alimento o que potencializa a violência verbal desencadeada pela torcida, mas o que ele indicia: o uso do termo “paçoca de rejeitos” cola a figura de Reizinho à cultura nordestina e, embora, o espaço da narrativa

associe o episódio à cidade de Marabá, localizada no Sudeste do Pará – por conta das duas referências que faz ao Estádio Zinho Oliveira – sabemos que essa é uma região da Amazônia brasileira de grande presença de migrantes de outras regiões do país. Para compreender como o futebol se comunica com condições sociais e culturais próprias da cidade e da região que serve de cenário à narrativa do conto e como a cultura é um lugar enunciativo predominante nessa comunicação, é preciso lembrar que essa parte da Amazônia é profundamente marcada pela migração de nordestinos, sudestinos e sulistas para o Norte do Brasil. E nesse contexto a convivência entre as alteridades sempre foi desafiadora. No artigo “Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá”, Idelma Santiago da Silva pontua que:

A maioria dos migrantes para o sudeste do Pará procedia de grupos subalternos. Nos novos espaços ocupados, as relações entre estes e/ou outros grupos de migrantes foram de solidariedade, mas também de alteridade e construção de estereótipos discriminatórios. As denominações de caboclo (paraense) e maranhense (concepções de caboclo maranhense) são categorias empregadas nas fronteiras ambíguas entre conteúdos pejorativos e representações irônicas das relações desiguais entre grupos regionais de migrantes.<sup>18</sup>

Como afirma Clarissa Dubeaux Barros a “[...] determinação dos lugares sociais ou da posição de um sujeito em seu grupo é referida a seu corpo. Vestuário, cor da pele, tipo de cabelo, tamanho das mãos e é assim que se tornam ou não marcas de raça, gênero, etnia, classe e nacionalidade”.<sup>19</sup> Na cena do jogo de futebol Rezinho se destaca como um corpo, o do árbitro de futebol, mas a situação peculiar em que se envolve revelam pistas para a confluência de outros elementos culturais que igualmente vestem esse corpo, na medida em que para a turba aquilo que alimenta o corpo ganha mais importância do que a função exercida pelo protagonista em campo.

No mesmo estudo referido, Barros também afirma que nas “[...] culturas onde existe forte senso de pudor, o gosto pela sua violação manifesta-se através do oposto, onde reside o conceito de obscenidade. Rir dos comportamentos obscenos é uma tentativa de burlar a censura que mantém os códigos sociais estabeleci-

<sup>18</sup> SILVA. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá, p. 21.

<sup>19</sup> BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 75.

dos”,<sup>20</sup> e exemplifica que a vida dos humildes, as deformidades do aldeão foram apreciadas com sadismo na Idade Média da mesma forma que o nojo e os excrementos foram veículos para o riso no Renascimento.<sup>21</sup> Pode-se dizer o mesmo das culturas com grande senso de exclusão, como a brasileira, em que as referências identitárias reveladoras da alteridade podem ser transformadas em armas para atacar quem as possui. Conforme o já citado estudo de Silva muitos repertórios e experiências anteriores à migração permaneceram entre os migrantes radicados em Marabá. Silva ainda destaca o papel da diversidade vocabular e da culinária como elementos identitários e como fatores de identificação nas relações de vizinhança entre diferentes migrantes,<sup>22</sup> bem como os desafios da convivência, muitas vezes eivada de discriminações.

Desse modo, não é só a condição de árbitro, que ao tomar uma decisão incomum, leva a turba de energúmenos a usar o termo “paçoca de rejeitos” como insulto contra o desafortunado protagonista em uma espécie de celebração tipicamente constituída como comunicação tóxica. A leitura atenta do conto mostra que à condição de árbitro está sobreposta à condição de homem pobre – não esqueçamos que o narrador faz questão de destacar que se trata de um “pintor de paredes e árbitro de futebol nos finais de semana” – e nordestino, por conta da relação com o alimento citado, sem dúvida ligado à cultura nordestina, uma vez que no conto é especialmente através da expressão vocabular que o elemento culinário é reconhecido pelo seu lugar de origem. Todas essas condições são ainda potencializadas pela ligação com a ocorrência constrangedora do problema gastrointestinal que acomete Reizinho, tornada pública.

Ao acompanhar o raciocínio de Verônica Guimarães Silva, de que o feio na cultura brasileira está intimamente ligado às formas de vingança social, traduzidas em deboche, compreendo que o feio se expressa no conto de Ademir Braz através dos índices embolados do nordestino e do “cagão”, como vemos ao final do conto:

— Paçoca de rejeito! Ei, paçoca de rejeito!  
Azuado, Reizinho quis subir o alambrado para brigar. O estádio delirava, aos gritos e vaias, enquanto a polícia cuidava de conter o juiz. Se a

<sup>20</sup> BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 79.

<sup>21</sup> BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 79.

<sup>22</sup> SILVA. Fronteiras culturais, p. 23.

partida foi boa , ninguém percebeu – os olhos voltados inteiros para Reizinho; as vairs e piadas também.

Dias depois, quando escalado para nova arbitragem, Reizinho avançou o campo com um dos filhos, um adolescente magro e enfezado que se postou entre o portão e a linha central do gramado com uma sacola cheia de pedras e caquinhos de telha. No primeiro “fala paçoca” o adolescente zangado abriu a sacola, tirou uma baladeira e choveram pedradas no rumo das arquibancadas. Para evitar o linchamento de pai e filho, a polícia retirou-os sob escudos.

Reizinho nunca mais apitou uma partida oficial.<sup>23</sup>

A violência simbólica contra árbitros de futebol no Brasil é bastante conhecida dos profissionais envolvidos nessa prática desportiva: “Os árbitros interpretam a violência como falta de respeito, falta de capacidade de dialogar, a exposição de um indivíduo a situações constrangedoras e a tentativa de denegrir a imagem, neste caso, do profissional árbitro”.<sup>24</sup> Se existe um profissional que não pode errar é o árbitro de futebol. Se falhar deliberadamente em proveito próprio – mesmo em uma situação inadiável, como a de Reizinho – a reposta violenta não demora a chegar. Ela vem com os contornos do constrangimento depreciativo em que o deboche é o veículo enunciativo e as singularidades são o objeto da depreciação. Ao realçar essas singularidades o deboche toma um caráter profundamente excludente. É o que acontece com Reizinho. Açodado pela turba, Reizinho reage, mas a situação o marca para sempre, levando-o ao afastamento da função. A cena, focada no embate entre Reizinho e o filho contra a turba ensandecida, expressa o quanto os desafios da convivência entre alteridades alcançam diferentes níveis de agressividade. Nela, mais uma vez o futebol entra em campo, literalmente e simbolicamente, para ser comunicado e para comunicar, na medida em que é a na cena da partida final que se desenha e levanta a arena de guerra entre os torcedores e o árbitro.

Para concluir, seja na forma da violência física: o assassinato, como visto no conto “O jogo”, seja na forma de uma poderosa linguagem tóxica, baseada sobretudo na articulação com o deboche, como em “Finalzinho de carreira”, o estabelecimento da relação triádica – literatura, futebol e violência – quando se apresenta na ficção, por um lado evidencia a presença e a permanência das residualidades de certas condições históricas e culturais, fundadas no exercício (anti)ético da exclu-

<sup>23</sup> BRAZ. Finalzinho de carreira, p. 71.

<sup>24</sup> RIGHETO. *Árbitros: vilões ou mediadores do espetáculo*, p. 108.

são e representadas de diversas formas, por outro lado, a análise dos dois contos mostra que essa ficção voltada às representações do futebol tem insistentemente se valido do espelhamento, enquanto procedimento artístico e como estratégia de comunicação para mostrar como os diferentes universos se comunicam, todos atravessados pela face avassaladora da vontade autoritária de poder.

\* \* \*

#### REFERÊNCIAS

- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BARROS, Clarissa D. A beleza e a feiura na contemporaneidade. **Diálogos**, n. 9, 2013.
- BRAZ, Ademir. “Finalzinho de carreira”. In: \_\_\_\_\_. **A bela dos moinhos azuis**. Marabá: Editorial Iguana, 2015.
- ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina. (Org.). **Walter Benjamin**: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- OLIVEIRA, Nelson. As existências mínimas e o cadafalso. In: SOUZA, Clei. **O suicídio e outras histórias**. Belém: Mezanino Editorial, 2021.
- SALGADO, Vitor Lourenço Rodriguez. **Bolas de papel**: sociedade, gênero e território em contos de futebol argentinos. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá. **Espaço Plural**, v. 7, n. 15, 2006.
- SILVA, Marcimendes M. da. **Suicídio**: trama da comunicação. Ed. Livrus, 2017.
- SILVA, Verônica Guimarães Brandão da. **A cultura brasileira do feio**: por uma noção de beleza ampliada. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UnB, Brasília, 2017.
- SOUZA, Clei. **O suicídio e outras histórias**. Belém: Mezanino Editorial, 2021.
- STRATICO, Fernando. O texto abjeto e performativo do futebol e da poesia. **Aletria**, v. 22, n. 2, 2012.
- RIGHETO, Carla. **Árbitros**: vilões ou mediadores do espetáculo? Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2016.

\* \* \*

Recebido em: 18 dez. 2023.  
Aprovado em: 22 maio 2024.

## O futebol e a sociedade brasileira em crônicas de Luis Fernando Veríssimo

Football and Brazilian Society in Luis Fernando Veríssimo's short stories

**Carlos Augusto Carneiro Costa**

U. Federal do Sul e Sudeste do Pará, São Félix do Xingu/PA, Brasil  
Doutor em Letras: Estudos Literários

**RESUMO:** Um conjunto de crônicas de Luis Fernando Veríssimo enfoca o futebol na esteira da vida cotidiana no Brasil como tema derivante de aspectos ligados ao "autoritarismo socialmente implantado" (Pinheiro, 1991). A crônica "Recapitulando" foi possivelmente escrita às vésperas da Copa do Mundo de 1998. As crônicas "Marginais vermelhos", "Memória", "Respire fundo", "Os omissos" e "Desilusões", foram publicadas no contexto das eleições presidenciais de 2018. O presente estudo enfatiza a relação entre essas crônicas e a memória da ditadura militar de 1964. Apresenta o ambiente político das eleições de 2018 e alguns elementos próprios do autoritarismo que emergem dos textos como traços sintomáticos de uma fantasmagoria do terror. Portanto, o objetivo é examinar a maneira como traços da estrutura social brasileira, a exemplo da violência de estado e do autoritarismo, são articulados com o futebol e processos políticos recentes. O explícito diálogo entre futebol e literatura, realizado por meio do humor característico da crônica de Veríssimo, enseja a possibilidade de melhor compreender o modo como a sociedade brasileira se relaciona com seu passado ditatorial e a maneira como esse passado insiste em se fazer presente nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Futebol; Memória; Ditadura Militar; Luis Fernando Veríssimo.

**ABSTRACT:** A set of short stories by Luis Fernando Veríssimo focuses on football in the context of everyday life in Brazil as a theme derived from aspects related to "socially implanted authoritarianism" (Pinheiro, 1991). The short story "Recapitulando" was possibly written on the eve of the 1998 World Cup. The short stories "Marginais vermelhos", "Memória", "Respire fundo", "Os omissos" and "Desilusões" were published in the context of the 2018 presidential elections. The study emphasizes the relationship between these short stories and the memory of the 1964 military dictatorship. It presents the political context of the 2018 elections and some elements of authoritarianism that emerge from the texts as symptomatic traces of a phantasmagoria of terror. Therefore, the objective is to examine the way in which traits of the Brazilian social structure, such as state violence and authoritarianism, are articulated with football and recent political processes. The explicit dialogue between football and literature, carried out through the humor characteristic of Veríssimo's short story, gives rise to the possibility of better understanding the way in which Brazilian society relates to its dictatorial past and the way in which this past insists on being present today.

**KEYWORDS:** Short story; Football; Memory; Military Dictatorship; Luis Fernando Veríssimo.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Em uma crônica publicada no dia 04 de novembro de 2018, intitulada “Marginais vermelhos”,<sup>1</sup> Luis Fernando Veríssimo menciona um discurso proferido por Jair Messias Bolsonaro, em São Paulo, há A poucos dias da eleição para presidente, em que o então candidato ameaça eliminar ou banir os “marginais vermelhos” do país. No contexto da fala, “Marginais vermelhos” configura-se como uma expressão pejorativa usada para se referir a políticos e eleitores do PT, o Partido dos Trabalhadores. Diante do discurso, em elevado grau de ironia, Veríssimo se diz preocupado porque ele se identifica com a cor vermelha, pois torce para o time de futebol *Internacional*, de Porto Alegre, cujo uniforme oficial é vermelho. Também se identifica como marginal, uma vez que, segundo ele, as “crônicas são notações e comentários na margem das notícias, uma espécie de *pichação literária*, e eu faço crônicas”.

Os vocábulos “marginal”, “vermelho” e “pichador”, no contexto da crônica, articulam-se dentro de um mesmo campo semântico caracterizado pela ambiguidade. Essa ambiguidade é construída pelo próprio cronista, uma vez que retira a negatividade dos termos ao associar “marginal” com a profissão de escritor, “vermelho” com a cor predominante do clube de futebol para o qual torce, e ao afirmar-se “pichador literário”, pois o ato de pichar distorce a imagem, exigindo um olhar mais atento do observador. Porém, mais do que distorcer, a pichação, tal como descrita pelo autor, promove um novo plano de leitura, aquele talvez jamais imaginado pelo leitor, que o cronista tem a habilidade construir. Esse deslocamento de sentido é responsável pela produção do riso. A ironia é essencialmente ambígua.<sup>2</sup> O humor irônico será marca fundamental da crônica desse importante escritor gaúcho.

Há mais de meio século, Veríssimo escreve crônicas que tematizam diversos assuntos, sobretudo questões ligadas à realidade histórica brasileira. Sua produção não escapa ao que é visto pela crítica como unanimidade entre os cronistas

---

<sup>1</sup> VERÍSSIMO. *Marginais vermelhos*.

<sup>2</sup> BRAIT. *Ironia em perspectiva polifônica*, p. 98.

brasileiros: o tratamento literário dado a acontecimentos do cotidiano, tal como o discurso de Bolsonaro.

Enquanto gênero literário, desde o século XIX, a crônica é constituída pela ambiguidade.<sup>3</sup> Soma-se a isso a frequente representação de antagonismos sociais que também são formalmente estruturados na linguagem. O caso evocado acima apresenta, de um lado, por meio da perspectiva do referente (Jair Bolsonaro), uma visão autoritária, conservadora e excludente da sociedade brasileira. Do outro lado, na perspectiva do narrador, que na prática é a figuração textual do próprio autor, apresenta uma atitude de resistência.<sup>4</sup> O deslocamento de sentido dos referidos termos ridiculariza o discurso do candidato à presidência. Diante de um ato de fala que também se mostra ambíguo (afinal, eliminar ou banir os “marginais vermelhos” pode significar, entre outras coisas, expulsão do país, prisão ou até mesmo assassinato), a atitude do cronista demonstra coragem e sua produção apresenta mais um traço singular: a transgressão. É nesse terreno ambíguo, antagônico e transgressor que boa parcela da produção literária de Veríssimo se concentra, sobretudo aquela que diz respeito ao *corpus* deste estudo.

O recorte histórico tematizado pelas crônicas escolhidas de Veríssimo apresenta-se sob o ângulo do tempo presente como fantasmagoria. A transição da ditadura para a democracia ocorreu em 1985, mas seus efeitos permanecem “em nossa estrutura jurídica, em nossas práticas políticas, em nossa violência cotidiana, em nossos traumas sociais que se fazem sentir mesmo depois de reconciliações extorquidas”.<sup>5</sup> Por um lado, essa permanência se deve à incapacidade que o Brasil tem de elaborar o passado, de fazer justiça em relação a crimes cometidos pelo Estado autoritário. Por outro, a simpatia que boa parcela da população brasileira tem pela presença dos militares no poder garante legitimação social da continuidade de suas práticas. Nesse sentido, conforme Edson Teles e Vladimir Safatle, o Brasil incorre no risco de ser uma daquelas sociedades destinadas “a repetir o que são incapazes de elaborar”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> CANDIDO. A vida ao rés do chão.

<sup>4</sup> BOSI. *Literatura e resistência*.

<sup>5</sup> TELES; SAFATLE. *O que resta da ditadura*, p. 9.

<sup>6</sup> TELES; SAFATLE. *O que resta da ditadura*, p. 9.

## O CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018

O ano de 2018 no Brasil forneceu matéria de grande relevância não apenas para o campo da política interna e externa do país, mas também para o campo cultural. Em todo o território nacional, foram realizadas eleições para governadores, deputados estaduais e federais, senadores e presidente da República. Como é sabido, duas chapas polarizaram a disputa para o cargo de presidente.

De um lado, tivemos a chapa da coligação “O povo feliz de novo”, formada pelo Partido dos Trabalhadores, que trouxe o candidato Fernando Haddad como presidente, e o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), com Manuela D’Ávila, como vice. É importante dizer que a chapa teve tal formação porque o Partido dos Trabalhadores, usando de todos os recursos disponíveis, tentou oficializar a candidatura do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva que, como também é sabido, foi julgado e condenado por suposto crime de corrupção e lavagem de dinheiro.

Do lado oposto, tivemos a chapa formada pelo deputado federal e Capitão da reserva do exército Jair Messias Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal), como candidato a presidente, e o General da reserva do exército Hamilton Mourão, do PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), como vice. Nos dois turnos disputados, Bolsonaro e Mourão foram vitoriosos, com uma expressiva diferença de aproximadamente dez milhões de votos contabilizados somente no segundo turno.

Bolsonaro venceu as eleições com uma retórica de caráter fascista e que vinha sendo disseminada desde as eleições presidenciais de 2014, quando a ex-presidenta da república Dilma Rousseff foi reeleita, e ganhou mais densidade em 2016, na ocasião de seu processo de *Impeachment*. Objetivamente, o então candidato construiu e disseminou um discurso de ódio contra minorias étnicas (negros, índios e nordestinos), homossexuais, mulheres, membros do Partido dos Trabalhadores, professores, organizações sindicais e de ativistas políticos.

Os pilares de sustentação de sua campanha foram conduzidos por um discurso que manifestava: a) a necessidade de proteção da família brasileira, cujo núcleo estaria ameaçado, segundo Bolsonaro, pelo crescimento do número de homossexuais e pela regulamentação de casamento entre pessoas do mesmo sexo; b) a necessidade de implementação de políticas de segurança pública que

combatessem o crime organizado de forma indiscriminada, ainda que inocentes fossem mortos; c) a necessidade do culto à pátria; e d) a exacerbação da figura divina como força determinante e responsável por suas ações políticas.

Uma síntese de um conjunto de declarações de Bolsonaro pronunciadas ainda em campanha eleitoral permite ilustrar o teor autoritário e fascista com que pretendia governar o país: “1. O erro da ditadura foi torturar e não matar”; “2. Não vou estuprar você porque você não merece”; “3. Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”; “4. Mulher deve ganhar salário menor porque engravida”; “5. Pinochet devia ter matado mais gente”; “6. Eu sou favorável à tortura, tu sabes disso. E o povo é favorável a isso também”; “7. Através do voto você não vai mudar nada nesse país, só vai mudar quando um dia nós partirmos para uma guerra civil, fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil, começando pelo FHC. Se vão morrer uns inocentes, tudo bem”; “8. Gostar de homossexual, ninguém gosta. A gente suporta”.<sup>7</sup>

#### ANÁLISE DAS CRÔNICAS

Prestes a iniciar mais uma cobertura de copas do mundo, desta vez a de 1998, na França, Veríssimo escreveu a crônica “Recapitulando”,<sup>8</sup> em que sintetiza a trajetória da seleção brasileira de futebol ao longo de sete copas do mundo (1970, 1974, 1978, 1982, 1986, 1990 e 1994). A história brasileira percorrida ao longo de 28 anos pode ser pensada, do ponto de vista político e econômico, a partir da atuação da seleção brasileira nas referidas edições, com altos e baixos, apoteose e ostracismo.

A respeito da Copa do Mundo de 1970, Veríssimo destaca o contexto político ditatorial como condicionante de um sentimento contraditório, uma atitude ambígua, principalmente do ponto de vista daqueles que se opunham aos militares no poder. Porque torcer pelo Brasil, no México, era torcer a favor dos militares comandados pelo General Emílio Garrastazu Médici. Ao mesmo tempo,

<sup>7</sup> Trechos de declarações veiculados pela grande mídia ao longo de 2018.

<sup>8</sup> O texto utilizado neste estudo está publicado no livro *Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol*, de 2010. Entretanto, sua publicação original parece ter ocorrido em 1998, pouco antes de iniciar a Copa do Mundo na França. A construção narrativa dá pistas para essas afirmações. Logo no início, Veríssimo alude a um período de 28 anos de Copa do Mundo, a começar pela de 1970. Não tivemos acesso ao texto publicado em jornal.

desejar a derrota de Pelé e companhia em razão de correção de ordem ética era uma atitude das mais difíceis. Nesse contexto, era impossível torcer sem fazer uso dos diversos recursos linguísticos de conjunções adversativas. Boa parcela da população brasileira tinha motivos para torcer a favor e motivos para execrar. Impasse constituído. De acordo com a crônica,

Vivíamos numa espécie de clandestinidade clandestina, na medida em que a clandestinidade oficial era a guerrilha. Mas, que diabo, a seleção também era do outro Brasil, da nação sofrida tanto quanto do Estado mentiroso, e assim como o Saldanha aceitou ser técnico e disse de cara quais eram as 11 feras titulares, nós também nos empolgamos. Pra frente, apesar de tudo, Brasil.<sup>9</sup>

Aliado a esse sentimento patriótico em torno da seleção brasileira, pairava no país a euforia em torno do suposto “milagre econômico”. Em 1974, tal euforia já havia arrefecido, do mesmo modo como a euforia em torno da seleção brasileira também arrefeceu, pois a “mediocridade” do governo ditatorial (agora o presidente era Ernesto Geisel) andava em sintonia com a “mediocridade” da seleção brasileira. Aqui não se tratava exatamente de um impasse, de um antagonismo, mas de uma desilusão generalizada. A Copa do Mundo na Alemanha exigiu dos torcedores brasileiros o senso de resignação:

Na Copa de 74, o Brasil ainda vivia sob um regime militar, mas tínhamos uma forte razão sentimental para torcer pela seleção: era uma seleção tão medíocre que inspirava a caridade [...]. Médici tinha sido substituído por Geisel e, neste caso, a mediocridade era um estágio acima.<sup>10</sup>

Em 1978, na Argentina, a seleção brasileira tinha em seu comando um militar, Cláudio Coutinho, que teria incorporado ao futebol canarinho regras e métodos próprios da tecnocracia ditatorial da época, o que, conforme Veríssimo, fracassou diante do talento dos jogadores argentinos e do aporte de seu governo ditatorial. Tal fracasso só não foi pior porque, metonimicamente, representou também o fracasso do governo militar. Novamente, a desilusão foi completa: “A tecnocracia não merecia sobreviver às suas bobagens. Nem na seleção, nem no governo”.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 109.

<sup>10</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 110.

<sup>11</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 112.

A seleção brasileira da Copa do Mundo de 1982, na Espanha, era vista como uma das melhores de todos os tempos. A euforia com a seleção coincidia com os últimos anos da ditadura. Foi o último mundial disputado sob o regime militar. Por razões culturais, vencer aquela Copa poderia dar a impressão de que o governo merecia permanecer no poder. Perdê-la, considerando a qualidade dos seus jogadores, seria mais uma tragédia. O impasse foi resolvido com a frustração. Novamente, a desilusão foi ratificada:

Há quem diga que o triunfalismo das televisões brasileiras foi responsável, se não pela derrota em 82, então pela frustração arrasadora que veio depois, quase igual à de 50. Mas tanto o triunfalismo quanto a frustração se justificam; esperava-se muito daquele time do Telê [...]. O fato é que, como num folhetim antigo, fomos derrotados pela soberba.<sup>12</sup>

Em 1986, novamente no México, Veríssimo destaca que a seleção brasileira era uma seleção em declínio, indo na contramão do “milagre” econômico promovido pelo Plano Cruzado (Plano de Estabilização Econômica – PEE), do então presidente José Sarney. Derrota e frustração determinaram não apenas o fracasso da seleção, como também a instabilidade econômica que se seguiu ao ano da copa vencida novamente pela Argentina, desta vez com a ajuda da famosa “mano de Diós”. Conforme Veríssimo: “Nova derrota, nova frustração e uma leve suspeita de que continuávamos sendo os melhores do mundo, mas que já era tempo de provarmos isso na prática, senão o pessoal ia começar a desconfiar”.<sup>13</sup>

A Copa do Mundo de 1990, na Itália, teria sido o mundial que o Brasil não ganhou sem ser humilhado, a menos que se considere humilhação ser eliminado por 1 x 0 pelos seus principais rivais, os argentinos. Conforme Veríssimo, “o Brasil não ganhou nem bem nem mal e perdeu sem ser humilhado”,<sup>14</sup> o que pode ser compreendido com certo grau de estabilidade alcançado desde o último título conquistado, até então, em 1970. De acordo com Veríssimo, a seleção de 1994 começou com a de 1990. Quando tudo parecia ter desmoronado novamente; quando as esperanças em torno de um país chamado Brasil e de uma seleção

---

<sup>12</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 112.

<sup>13</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 113.

<sup>14</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 114.

brasileira de futebol pareciam ter se apagado diante do gol de Claudio Caniggia em Taffarel e da crise econômica dos primeiros anos da década de 1990, a conquista do tetracampeonato mundial na Copa de 1994 nos Estados Unidos, diante da Itália, foi um antídoto reconfortante, cujos efeitos durariam aproximadamente oito anos, até a conquista do último título mundial, até aqui. Segundo Veríssimo, “as gerações do nosso futebol depois de 70 seguiram a sequência que alguém já identificou como um ciclo reincidente na História: da Idade dos Deuses para a Idade dos Heróis para a Idade do Homem Comum”.<sup>15</sup>

De 2006 para cá, incluindo-se aqui a Copa de 1998, na França, euforia e frustração, ilusão e desilusão (esse antagonismo aporético) parecem dominar as nossas expectativas, tanto do ponto de vista político, quanto do ponto de vista esportivo, em se tratando de seleção brasileira de futebol.

Na crônica “Memória”,<sup>16</sup> publicada no dia 20 de setembro de 2018, dezessete dias antes do primeiro turno da eleição presidencial, Veríssimo faz uma aproximação entre o período da ditadura militar e o período eleitoral, alertando para o perigo do ressurgimento do fascismo não apenas no Brasil, mas no mundo. Expressando-se em primeira pessoa, descreve situações em que alguns de seus textos foram censurados pelos militares apenas por haver mencionado nomes de políticos contrários ao regime e por mencionar o nome de Darwin em uma crônica sobre a teoria da evolução. Denomina de “guerra suja” a prática de tortura e extermínio de opositores ao regime de 64 e menciona o fato de que, apesar da truculência, diversas notícias sobre esses acontecimentos vinham a público. Como em um monólogo, Veríssimo pergunta-se: “Por que estou lembrando, de novo, aqueles tempos?” Sua resposta parece ser direcionada a um universo indeterminado de sujeitos que teriam a consciência ofuscada pela história oficial do país, condição fundamental para a aceitação e legitimação de práticas fascistas.

Diante dessa situação, o autor elabora uma segunda pergunta, de forma indireta: “a questão é o que fazer com a memória”. Três caminhos possíveis são apontados: 1) *negar* que a ditadura tenha acontecido; 2) *justificar* o apoio a Bolsonaro pela simpatia pela ditadura; e 3) *mudar* a abordagem da história,

---

<sup>15</sup> VERÍSSIMO. Recapitulando, p. 114.

<sup>16</sup> VERÍSSIMO. Memória.

passando a lê-la a partir da perspectiva dos vencidos, e não dos vencedores. Com isso, Veríssimo faz um alerta aos leitores de modo geral para a necessidade de lembrar do que ocorreu durante a ditadura militar, a fim de que possam intervir no processo eleitoral. Isso só pode ocorrer, conforme o texto deixa subentendido, por meio da memória: “A memória daqueles tempos e o que fazer com ela tem muito mais relevância, nessa próxima eleição, do que se imagina”. Encerra com um apelo também dirigido aos leitores para quem a ditadura teria, supostamente, caído no esquecimento: “Quem não se lembra precisa ser lembrado”.

A crônica “Respire fundo”,<sup>17</sup> publicada no dia 02 de outubro (cinco dias antes do primeiro turno), retoma o modelo de análise comparativa entre passado e presente, delineado na crônica “Memória”, mas, desta vez, constrói sua argumentação na base de outros dois paralelos: *existência x morte*; *democracia x ditadura*.

Nos dois primeiros parágrafos, o autor faz uma aproximação semântica entre os termos “existência” e “democracia”, ressaltando a importância de se estar vivo e a necessidade da preservação de um estado de direito democrático. A mesma aproximação é feita entre os termos “morte” e “ditadura”, vistos como alternativas para os respectivos termos “existência” e “democracia”.

No terceiro e último parágrafo, Veríssimo dá visibilidade à diferença existente entre as duas alternativas para a existência e para a democracia. Segundo ele, da experiência da morte não há retorno e ele não teria: “a menor curiosidade para saber como é a alternativa para existir”. Porém, da experiência da ditadura, de um regime totalitário, é possível ter volta e, diz ele, “com uma lição aprendida”.

Objetivamente, o autor simula um diálogo com um possível leitor capaz de compreender o contexto do processo eleitoral brasileiro e a ameaça de retorno de um governo com características fascistas. O título da crônica é dirigido a esse leitor, em tom imperativo (respire fundo!), dando destaque para a tensão existente há A poucos dias da eleição. O texto é encerrado com as palavras do título, deixando ainda mais clara a presença de um interlocutor que, teoricamente, partilha do pensamento do autor. Entretanto, em dois momentos, Veríssimo parece

---

<sup>17</sup> VERÍSSIMO. Respire fundo.

se direcionar a leitores sem memória ou para quem o recente e violento passado brasileiro teria caído no esquecimento.

No primeiro deles, o autor diz: “[...] e *quem* tem saudade dela [a ditadura] precisa ser constantemente lembrado de como foi”. Aqui ele chama a atenção para a necessidade de uma educação da memória, de esclarecimento constante sobre a ditadura como estratégia que leve o leitor a escolher entre uma perspectiva ligada à vida e à democracia, e outra ligada à morte e à ditadura.

No segundo momento (terceiro parágrafo), Veríssimo se reporta a dois tipos de leitores. De um lado, aqueles que não viveram durante o regime militar e, portanto, não teriam lembranças dolorosas. Do outro lado, o autor situa os leitores que, segundo ele, viveram durante a ditadura e compreendem sua dimensão catastrófica. Para Veríssimo, essa segunda instância de leitores estaria mais propensa a rejeitar um candidato com perfil autoritário, justamente porque é testemunha ocular dos anos de autoritarismo: “Pior do que uma geração sem idade para se lembrar como foi são os que sabem como foi aquele tempo e querem repeti-lo”. Em ambos os casos, a reivindicação da memória da ditadura funciona como um apelo à escolha pela vida e pela democracia, e não por vias alternativas.

Na crônica intitulada “Os omissos”,<sup>18</sup> publicada no dia 01 de novembro de 2018, alguns dias após o segundo turno da eleição presidencial, Veríssimo projeta uma situação futura previsível, em que figuras públicas e partidos políticos que se omitiram em apoiar a candidatura de Fernando Haddad para presidente terão que fazer autocrítica sobre sua atuação no presente: “No fim, o ódio ao PT foi maior que o amor pela democracia”, diz o autor. A crônica encerra com a referência ao A um discurso proferido por Bolsonaro, em São Paulo, ocasião em que anunciou o banimento dos “‘marginais vermelhos’ do território nacional”.

Aludindo à dificuldade de identificação dos supostos “marginais vermelhos” para proceder ao banimento, em elevado tom de ironia, Veríssimo sugere “que se costure uma estrela vermelha na roupa dos marginais, para identificá-los”, e acrescenta dizendo que “deu certo em outros países”.

---

<sup>18</sup> VERÍSSIMO. Os omissos.

Mesmo sem especificar em quais países a prática deu certo, um determinado leitor é inevitavelmente levado a estabelecer relações com a Alemanha nazista, quando judeus eram identificados por uma estrela amarela gravada em suas roupas. Obviamente, a sugestão não tem sentido aqui, a não ser que seja considerada dentro de um campo semântico mais amplo, que leve em conta não apenas o texto na íntegra, mas a própria trajetória intelectual do autor, caracterizada pela crítica, na maioria das vezes em tom humorístico, a qualquer forma de poder autoritário.

A referência à prática nazista como algo que “deu certo” não ambiciona elogiar o totalitarismo, tampouco ofender o povo judeu, mas sim, ironizar e ridicularizar Bolsonaro, seu discurso e seu próprio eleitorado. Além disso, a aproximação feita entre o anúncio do extermínio dos “marginais vermelhos” e o genocídio judeu não tem outra intenção que não seja alertar para o perigo que o Brasil corria com a eleição do então militar da reserva.

A crônica “Desilusões”,<sup>19</sup> publicada no dia 08 de novembro, é formalmente elaborada por meio de um procedimento intertextual que põe em diálogo trechos de um famoso samba intitulado “Dança da solidão”, de autoria de Paulinho da Viola, lançado em 1972 (em plena ditadura), e uma série de eventos situados em um intervalo de tempo que inicia com o fim da ditadura e a redemocratização do Brasil, em 1985, e culmina com a eleição de Bolsonaro, em 2018.

A canção, que de forma sutil alude à precariedade da experiência histórica brasileira do período ditatorial, apresenta um “eu” que lamenta pelos fracassos na vida amorosa e se recorda de um conselho dado pelo pai, que dizia: “Quando eu penso no futuro / Não esqueço o meu passado”.<sup>20</sup> A recomendação não é mais do que um alerta sutil para que o filho, sempre que tomar decisões que irão determinar seu futuro, que as tome tendo como parâmetro seu passado de desilusões.

Migrando desse universo pessoal para o universo coletivo, Veríssimo faz referência à *ilusão* com a eleição de Tancredo Neves, primeiro presidente civil depois da ditadura, e a *desilusão* que se seguiu com sua repentina e misteriosa morte; à *ilusão* com Fernando Collor de Melo e *desilusão* com seu impeachment por

---

<sup>19</sup> VERÍSSIMO. Desilusões.

<sup>20</sup> VIOLA. Dança da solidão.

corrupção; à *ilusão* com o PT e a *desilusão* com políticos em geral; à *ilusão* com a conquista do título de Copa do Mundo dentro do Brasil e a *desilusão* com os 7 x 1 contra a Alemanha; à *ilusão* e *desilusão* com a seleção de Tite.

Ao mencionar a eleição de Bolsonaro como presidente da república, Veríssimo mostra-se profundamente *desiludido* com a escolha, “com a votação maciça para presidente, de um homem notoriamente despreparado para o cargo, por eleitores *desiludidos* e *iludidos*”. Por fim, menciona a ***ilusão*** de boa parcela da população em torno da seriedade do trabalho do juiz Sérgio Moro junto à Operação Lava-Jato e a *desilusão* com o pedido de exoneração do cargo de juiz e o aceite ao convite de Bolsonaro para assumir o Ministério da Justiça. Tanto Bolsonaro quanto Moro eram aclamados em 2018 como mitos e heróis nacionais por seus correligionários. De modo irônico, Veríssimo afirma que “até os mitos desiludem”.

A parte final da crônica é basicamente constituída por uma crítica ainda mais incisiva àqueles que elegeram Bolsonaro. Por meio da ironia, Veríssimo supõe que ele e os leitores que compartilham de suas ideias teriam sido acometidos por um estado de loucura que os levou a crer que houve ditadura no Brasil: “Foi tudo um delírio, vamos esquecê-lo. Rubens Paiva, Stuart Angel, Vladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e as centenas de supostos desaparecidos podem voltar. Acabou a farsa”. A lista dos nomes de militantes políticos mortos pela ditadura e a menção aos desaparecidos, seguida de um convite ao retorno à vida, funcionam como estratégia de confrontar discursos negacionistas da ditadura, como os constantemente proferidos por Bolsonaro.

Em síntese, a crônica parece sugerir que há um parâmetro para se pensar no futuro do país, após a eleição de Bolsonaro. Esse parâmetro seria a constante existência de um conjunto de processos políticos e expectativas criadas em torno do “novo”, do “diferente”, mas que fracassam, produzindo um profundo sentimento de *desilusão* em boa parcela da sociedade brasileira. Essa constante alternância entre ilusão e desilusão se configura como um antagonismo social, um profundo impasse na sociedade brasileira que tem impactos desastrosos em seu desenvolvimento. Assim, a reiteração desse antagonismo formal no texto pode ser entendida como mecanismo estruturante da própria sociedade brasileira.

## COMENTÁRIOS FINAIS

De modo geral, as crônicas apresentadas são reunidas em torno da memória da violência da Ditadura Militar e em torno da eleição de Bolsonaro, suas declarações fascistas e o risco de que a história sangrenta se repita. Quase sempre quando o futebol é tematizado, as reflexões não deixam de estabelecer pontos de contato com práticas autoritárias. A preservação da memória do passado violento como meio de evitar a repetição é tema bastante caro a Veríssimo. Em muitas de suas obras escritas décadas antes das eleições de 2018, o autor já alertava para a dificuldade que o Brasil tem de lidar com os problemas de seu passado, de preservar sua memória e construir bases amplas e sólidas de reflexão e luta contra o esquecimento.

A eleição de Bolsonaro foi em parte condicionada pela batalha entre a memória e o esquecimento. Qual dos dois foi o vencedor? A resposta ainda parece obscura. Veríssimo afirma que é difícil compreender como pessoas que viveram durante a ditadura e, por isso, têm memória dela, votaram em Bolsonaro. Neste caso, a resposta seria a de que a memória venceu a batalha. Mas essa memória, ao invés de provocar repulsa, perturbação, inquietação, choque e conseqüente reflexão crítica sobre o passado, ela é predominantemente saudosista.

A segunda parte da música mencionada por Veríssimo na crônica “Desilusões” parece escapar à sua análise crítica, talvez por razões óbvias de adequação ao tema. Mas- uma breve passagem de olhos em um dos trechos pode ser suficiente para aproximá-lo da questão tratada: “Apesar de tudo, existe / Uma fonte de água pura / Quem beber daquela água / Não terá mais amargura”.<sup>21</sup>

Talvez por estar profundamente *desiludido* com mais de cinquenta milhões de brasileiros que elegeram Bolsonaro, Luis Fernando Veríssimo tenha fechado os olhos para esse belo trecho do samba que estimula a manutenção da esperança, alude à superação das dificuldades e à solução afirmativa dos impasses entre *ilusões* e *desilusões*. Se tivesse considerado a passagem em seu texto, provavelmente diria que tudo o que o povo brasileiro precisa é achar o caminho dessa fonte. Mas sua negatividade crítica parece ser mais potente. Ilusão e

---

<sup>21</sup> VIOLA. Dança da solidão.

desilusão são constitutivas da estrutura formal das crônicas analisadas e parecem constituir a própria estrutura da sociedade brasileira. A participação da seleção brasileira em cada edição de Copa do Mundo incorpora esse antagonismo formal.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. “Narrativa e resistência”. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. **Revista Suplemento**. Edição Especial: A maioria da crônica. Org.: Humberto Werneck. Secretaria de Estado de Cultura. Belo Horizonte, 2012, p. 34-37.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. “Autoritarismo e transição”. **Revista USP**, 1991.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. “Recapitulando”. In: \_\_\_\_\_. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, pp. 109-115.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Marginais vermelhos. **Estadão**. São Paulo, 04 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3RrRniu>. Acesso em: 01 dez. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Memória. **Estadão**. São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3RoMuGI>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Respire fundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 out. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/4cfSBFa>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Os omissos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 nov. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/4bWFxF2>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Desilusões. **Estadão**. São Paulo, 08 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4cliNOG>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VIOLA, Paulinho da. “Dança da solidão”. In: \_\_\_\_\_. **A dança da solidão** (Disco). Odeon, 1972.

\* \* \*

Recebido em: 31 dez. 2023.  
Aprovado em: 14 jun. 2024.

## A escrita feminina na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*

Female writing in the collection *Onze em campo e um banco de primeira*

**RESUMO:** O presente estudo se concentra em analisar, formas da resistência na coletânea: *Onze em campo e um banco de primeira*, publicado em 1998. Neste estudo observamos como as escritoras brasileiras construíram suas leituras da realidade política, social e cultural brasileira sob as lentes femininas do futebol. A obra apresenta o olhar, de 13 escritores e três escritoras, sobre a temática do futebol, com textos que vão muito além das quatro linhas, pois expressam os efeitos do fim do regime ditatorial na sociedade brasileira, além das questões sobre a política, cultura e as paixões envolvidas ao futebol. Nos deteremos a analisar os contos: “Aguenta coração”, de Hilda Hilst, “Escanteio”, de Ana Maria Martins e “Que horas são?”, de Edla Van Steen, em busca de compreender como o tema do futebol será narrado para expressar várias outras formas de resistência ao autoritarismo social e de resistências em suas escritas, e como as autoras constroem significações e resistências em um campo temático, no qual as mulheres ainda têm sido alijadas e subalternizadas, nesse sentido, trataremos também da recuperação do debate sobre a proibição do futebol feminino em 1941, como resultado da expansão da participação de mulheres no esporte, evidenciado nos jornais, por conta da realização das primeiras partidas no estado de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita feminina; Futebol feminino; Autoritarismo; Resistência; Jornais.

**ABSTRACT:** The present study analyzes forms of resistance in the collection: *Onze em campo e um banco de primeira*, published in 1998. In this study, we observe how Brazilian writers constructed their readings of Brazilian political, social, and cultural reality under the feminine lens of soccer. The work presents the perspective of thirteen writers and three women writers on the subject of football, with texts that go far beyond the four lines, as they express the effects of the end of the dictatorial regime on Brazilian society, in addition to questions about politics, culture and the passions surrounding football. We will stop to analyze the short stories: “Aguenta coração”, by Hilda Hilst; “Escanteio”, by Ana Maria Martins; and “Que horas são?”, by Edla Van Steen, in search of understanding how the theme of football will be narrated to express various other forms of resistance to social authoritarianism and resistance in their writings, and how the authors construct meanings and resistance in a field theme, in which women have still been sidelined and subordinated, in this sense, we will also deal with the recovery of the debate about the prohibition of women's football in 1941, as a result of the expansion of women's participation in sport, evidenced in the newspapers, due to the of the first matches in the state of São Paulo.

**KEYWORDS:** Feminine writing; Women's football; Authoritarianism; Resistance; Newspapers.

## SEM SALTO ALTO

Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
futebol se joga na rua,  
futebol se joga na alma.  
A bola é a mesma: forma sacra  
para craques e pernas de pau.

Carlos Drummond de Andrade.<sup>1</sup>

O poema de Carlos Drummond de Andrade, presente no livro *Quando é dia de futebol*, nos mostra que o futebol, como todo e qualquer esporte precisa ser entendido em sua pluralidade, já que é para todas e todos, pois “se joga na alma”, sem diferença de cor, credo, sexo ou sexualidade. Apesar de ser constante o alijamento de pessoas e a construção de preconceitos, principalmente quando se trata da presença da mulher no futebol.

Neste estudo, observamos alguns aspectos da escrita feminina, na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*, organizado por Flávio Moreira da Costa, em 1998, o qual convida 13 escritores e três escritoras, para expor seus olhares sobre a temática do futebol. Tais textos se posicionam, para além das quatro linhas, ao narrarem as experiências do futebol, o alento e o desalento de atletas, familiares e da sociedade, além dos efeitos do esporte na vida daquelas pessoas. Podemos dizer, que no geral, esses textos filtram alguns reflexos do regime ditatorial (1964-1985), além de outras experiências de autoritarismo e violência vividas anteriormente, quando o futebol deixa as mulheres de escanteio, simulando o nascimento e o fim do futebol feminino ou mostrando como a mulher sofre quando escolhe tomar um lugar no futebol, ambiente que não as aceita ou apenas as admite.

Dos 16 contos publicados, nos informa Flávio Moreira da Costa, 11 deles já constavam na coletânea *Onze em campo*, publicada em 1986, naquela coletânea houve a colaboração de Edla Van Steen, mas não fica claro qual a natureza da colaboração. O livro contou com dois contos escritos por mulheres: “Escanteio”, de Ana Maria Martins; e “Que horas são?”, de Edla Van Steen. Optamos por analisar a

---

<sup>1</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 9.

coletânea de 1998, por conta do acréscimo do texto “Aguenta coração”, de Hilda Hilst, que para mim, subverte a forma e o tema, com uma linguagem erótica e política sobre sua realidade. O conto de Hilst é o único escrito exclusivamente para a coletânea. O livro ainda possui mais quatro textos incluídos nesta nova edição, são eles: “Já podeis da pátria filho”, de João Ubaldo Ribeiro; “O Esperança Futebol Clube”, de Orígenes Lessa; “Pênalti!”, de Marcos Rey; e “Corinthians (2) vs. Palestra (1)”, de Antônio Alcântara Machado. Da edição de 1986, também encontramos mais nove textos: “Lucrecia”, de Duílio Gomes; “Abril no rio 1970”, de Rubem Fonseca; “Na boca do Túnel”, de Sérgio Sant’Anna; “Juiz”, de João Antônio; “A solidão do goleiro”, de Flávio Moreira Costa; “Escapando com a bola”, de Luiz Vilela; “Vadico”, de Edilberto Coutinho; “Casados x Solteiros”, de Ricardo Ramos; e “O rei da superstição”, de Carlos Eduardo Novaes.

No artigo, procuramos fazer uma análise dos textos, mas também das estratégias de silenciamento da presença feminina no futebol, em esferas como o esporte, com a proibição de mulheres na prática do jogo, seja na escrita feminina sobre o futebol, que podemos ver na coletânea, que ainda possui pouca representatividade. Veremos a seguir como se deu a proibição do futebol feminino, as polêmicas sobre a fragilidade do corpo feminino e a empolgação produzida na sociedade, com a primeira partida de futebol feminino em São Paulo.

#### **ESCÂNDALO! PROIBIDAS DE JOGAR FUTEBOL**

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.<sup>2</sup>

O decreto-lei 3.199, que cria o Conselho Nacional do Desporto, proíbe as mulheres da prática do futebol, no artigo 54. A lei foi promulgada na ditadura de Getúlio Vargas, em 14 de abril de 1941, e acirra a polêmica sobre a presença feminina no futebol. Fica claro que desde o Estado Novo, o tema tem sido muito discutido, principalmente depois da realização da primeira partida de futebol feminino no

---

<sup>2</sup> BRASIL, Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, s/p.

estado de São Paulo, ocorrida em 17 de maio de 1940, no estádio do Pacaembu, como preliminar do confronto entre São Paulo e Flamengo, um amistoso de futebol masculino como preparação do time paulista que recebeu o campeão estadual carioca do ano anterior. A partida preliminar de futebol feminino, importou as equipes cariocas do Sport Club Brasileiro e do Cassino do Realengo. O jogo foi vencido pelo Brasileiro, por 2 a 0. A realização da partida criou polêmica na imprensa e na sociedade paulistana, com apoiadores e críticos em relação à prática do futebol entre as mulheres, vejamos algumas das matérias publicadas sobre o jogo em três dias consecutivos:



Imagem 1: Hoje, uma grande novidade. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 17 de maio de 1940.

O jornal *Correio Paulistano*, considera que “reina nesta capital grande entusiasmo pela partida preliminar entre os quadros femininos”,<sup>3</sup> na matéria do dia 17 de maio de 1940, data da partida. A chamada da matéria que encabeça a sessão de esportes do periódico, dando certo protagonismo ao jogo, uma vez que atenta para o fato de que quem é o protagonista é o futebol paulista, mesmo que “a novidade” seja uma partida de futebol feminino, ele ainda é uma “preliminar do jogo S. PAULO-FLAMENGO”,<sup>4</sup> colocando maior importância ao confronto masculino, inscrito em caixa alta. Na mesma edição, encontramos outros detalhes

<sup>3</sup> CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade, 17/05/1940.

<sup>4</sup> CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade, 17/05/1940.

sobre o ineditismo e do fato de serem duas equipes cariocas, que já se enfrentaram outras vezes, com certa rivalidade:



Imagem 2: Equipes cariocas, em destaque.  
Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 de maio de 1940.

Observemos que o jornal dá pequeno espaço para que Adyragram e Targina, jogadoras, respectivamente do S. C. Brasileiro e Cassino do Realengo, deem sua opinião sobre a expectativa para o jogo, mesmo que a fala seja, generalista e indireta, pois para o jornal “mostraram-se muito satisfeitos com a excursão e affiançavam que o público paulista terá optima impressão do jogo que vão realizar”.<sup>5</sup> O uso do verbo impessoal, muito utilizado pela imprensa da época silencia as personagens centrais da matéria. Ao menos temos seus nomes descritos, algo incomum, pois na maior parte das referências ao jogo, não encontramos, nem a escalação, nem as autoras dos gols, por exemplo. Esse periódico, possivelmente, pelo fato de o jogo ser noturno, no dia seguinte ao jogo não apresenta nenhuma matéria sobre as duas partidas, que terá cobertura jornalística mais detalhada no dia 19. No dia 18 de maio, encontramos notícia do jogo, na edição da Folha da Manhã:

<sup>5</sup> CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade. 17/05/1940.



Imagem 3: Agradou sobremaneira o futebol feminino  
Fonte: Folha da Manhã (SP), 18 de maio de 1940.

Notemos que o periódico dá mais visibilidade para o jogo masculino, destacando a derrota do S. Paulo, que realizou a partida principal contra o Flamengo, do que a partida feminina, a qual recebe a seguinte nota: “agradou sobremaneira o futebol feminino”.<sup>6</sup> Quando vamos a outros jornais encontramos apenas a referência à partida masculina, ou como ocorreu com o *Correio da Tarde* (SP) e o *Diário de Notícias* (RJ), em que temos uma mescla das duas partidas, observem o primeiro jornal:

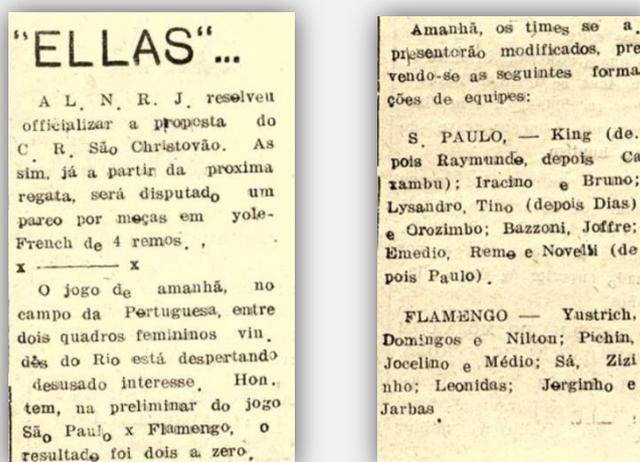


Imagem 4: “ELLAS”... Fonte: *Correio da Tarde* (SP), 18 maio 1940.

Esse recorte possui o título “ELLAS”..., inicia com uma nota sobre a presença feminina na regata pelo C. R, São Christovão. Em seguida, temos a notícia do futebol feminino, fazendo alusão ao jogo que ocorrerá no dia (19/05/1940), em Santos, no campo da Portuguesa Santista, que “está despertando desusado interesse”.<sup>7</sup> Em seguida, a nota retoma o resultado do jogo anterior, realizado em

<sup>6</sup> FOLHA DA MANHÃ. Novamente derrotado o S. Paulo por 2 a 0. 18/05/1940.

<sup>7</sup> CORREIO DA TARDE. “ELLAS”... 18/05/1940.

São Paulo, no Pacaembu. Após informar o placar de 2x0, temos a informação que outro jogo que ocorrerá no dia 19, mas curiosamente, encontramos a escalação dos times do São Paulo e do Flamengo, deixando de lado a notícia do futebol feminino, sem sequer informar o nome dos clubes femininos que realizaram ou realizarão a partida. O resultado do jogo masculino foi o mesmo do feminino, o Brasileiro venceu o Realengo, ambos clubes vindos do Rio de Janeiro. Denotando que em São Paulo, não havia equipes femininas e que o jogo foi promovido para incentivar a prática do esporte entre mulheres.

Vejamos como o *Diário de Notícias* (RJ), periódico de grande circulação na capital federal noticia a partida masculina e destina um parágrafo para o jogo feminino:

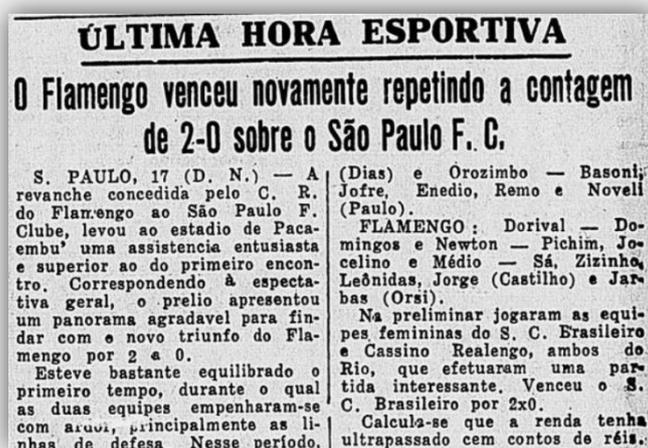


Imagem 5: Na preliminar jogaram as equipes femininas.  
Fonte: *Correio da Tarde* (SP), 18 maio 1940.

Vemos que a notícia divulgada se refere ao jogo masculino, desta vez, temos no final da matéria a informação de que “Na preliminar jogaram as equipes femininas do S. C. Brasileiro e Cassino Realengo, ambos do Rio, que efetuaram uma partida interessante. Venceu o S. C. Brasileiro por 2x0”.<sup>8</sup> Neste caso, temos a descrição do nome dos clubes, mas sem análise ou adjetivações sobre a partida, como será realizado pelo *Correio Paulistano*, que tem um projeto editorial que se detém a tecer análises sobre as partidas.

Ao lermos a edição do *Correio Paulistano*, de 19 de maio, vemos uma posição secundária ao jogo feminino, essa não é a notícia principal, mas também

<sup>8</sup> CORREIO DA TARDE. O Flamengo venceu novamente repetindo a contagem de 2-0 sobre o S. Paulo F. C. 18/05/1940.

não se trata de uma nota, quase invisível como em outros jornais. Curiosamente, como vimos em vários jornais e diversas matérias, a cobertura dada ao jogo se encontra em duas páginas distintas. Na página 16, primeira parte da notícia, temos um texto que mostra o debate sobre a prática do futebol entre mulheres, mas sem muitos detalhes:



Imagem 6: Pela primeira vez. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 de maio de 1940.

Ao lermos o subtítulo: “consequirá firmar-se em nosso paiz o futebol feminino?”, vemos a ressalva do jornal sobre o evento, mesmo que no texto encontremos diversos elogios à técnica e capacidade das moças (sem referi-las como atletas), mas isso poderia significar a quebra da soberania masculina nas quatro linhas. Desse modo, mantém-se a interrogação e a matéria explica o porquê da dúvida, já que seria essa a primeira vez que São Paulo teria contato com o futebol feminino.

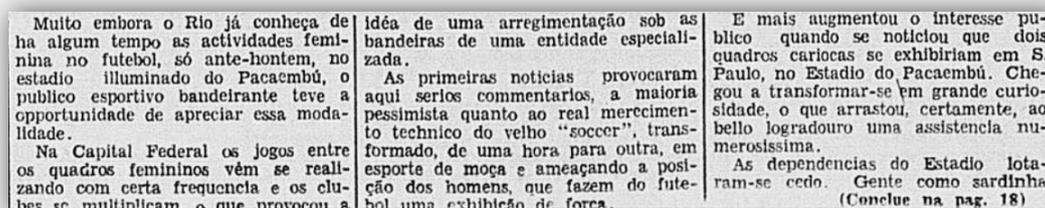


Imagem 7: Pela primeira vez, detalhes. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 maio 1940.

O periódico faz uma comparação sobre o conflito em torno da prática do futebol entre mulheres, pois: “As primeiras notícias provocaram aqui serios commentarios, a maioria pessimista quanto ao real merecimento tecnico do velho ‘soccer’, transformado, de uma hora para outra, em esporte de moça e ameaçando a posição dos homens”.<sup>9</sup> A noção de merecimento feminino, revela que a matéria opta por relegar o feminino a concepção e não a conquista e sua capacidade técnica,

<sup>9</sup> CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

evidenciando o quanto a presença de mulheres no futebol é preocupante para alguns setores da sociedade, a matéria continua a seguir:



Imagem 7: continua, o pela primeira vez. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 maio 1940.

Observemos que o jornal reproduz uma ideia equivocada sobre o que seria encontrado pelo público na partida feminina, para eles, por se tratar de um jogo entre mulheres “Pensava-se – e isso era natural, que fosse uma partida morosa e sem orientação. Um grupo de moças correndo atrás de uma bola, e depois, para finalizar, o cansaço geral”.<sup>10</sup> Esse o horizonte de expectativa reforça o preconceito em relação à competência feminina, pois sabemos que as partidas morosas e sem muita emoção, sem jogadas bem articuladas, estão presentes com frequência em partidas do futebol masculino e isso não é atribuído à “natureza” masculina. Mas essa perspectiva será quebrada quando em seguida temos a constatação de que “Nada disso se deu”.<sup>11</sup> A notícia passa a tecer elogios para com as atletas e a partida, sem deixar de lado o conflito produzido pela presença das mulheres em

<sup>10</sup> CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

<sup>11</sup> CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

campo, já que o futebol traz à tona o preconceito de gênero, vejamos a passagem em destaque da matéria, que acentua tal debate:

Naturalmente que o futebol tem sido, além do mais, um esporte de sexo. Suas características o fixam como jogo violento, que as condições biológicas da mulher não supportam. Há mesmo os que já estejam combatendo essa prática, armados desses preconceitos médicos e orgânicos, talvez sem um mais profundo exame à luz de nova theoria da sciencia.

Entretanto, há os que ponderam vários factores favoráveis para o desenvolvimento do futebol feminino: as suas adaptações às condições biológicas da mulher, como se faz com o cestobol, por exemplo. E surgindo uma regulamentação adequada poderiam elas também praticar esse esporte.<sup>12</sup>

O contraste das posições entre defensores e críticos do futebol feminino parece que está no desafio da criação de uma regulamentação própria para o futebol feminino, mas o artigo finaliza sua reflexão tendenciosa, pois considera, que a solução, “será um desastre para os nossos jogadores”.<sup>13</sup> O jornal apesar de apresentar entusiasmo quanto ao jogo e o crescimento do futebol feminino, apresenta-se cuidadoso na elaboração da matéria, aglutinando a notícia e análise do evento, refletindo seus efeitos na sociedade.



Imagem 8: Um Dispare. Fonte: *Diário da Noite* (RJ) de 07 maio 1940.

O debate foi tão intenso, que culminou no decreto-lei 3.199, fomentado por inúmeras matérias destinadas a frear o desenvolvimento do futebol feminino, como a famosa carta de José Fugeira ao Presidente Getúlio Vargas:

Na carta, encontramos os mesmos argumentos médicos e a preocupação com a violência que percorre a prática do futebol por mulheres, que sabemos ter

<sup>12</sup> CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

<sup>13</sup> CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

sido a justificativa central da proibição do futebol durante mais de 40 anos. A carta é reproduzida no periódico carioca na íntegra, e endereçada à Getúlio Vargas. Nela, José Fugeira, mesmo admitindo não “dispor das credenciaes de qualquer autoridade educacional ou científica”,<sup>14</sup> tece as justificativas médicas para se proibir a prática do futebol entre mulheres:

Refiro-me Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, attraíndo-as para se transformarem em jogadoras de football, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse sport violento, sem afectar, seriamente, o equilíbrio physiologico das suas funcções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a “ser mãe”.<sup>15</sup>

O futebol, como qualquer outro esporte ou congregação social, produz e reproduz vários mitos. Nesta notícia, o mito da fragilidade feminina ganha evidência, como, ampliada a importância dada à maternidade, que, muitas vezes, torna-se a justificativa para impedir que mulheres se dediquem a diversos esportes, mas acreditamos que no fundo a carta e as diversas matérias querem manter a hegemonia masculina, já que o futebol, por ser violento, seria admitido apenas entre homens, mesmo que a matéria do *Correio Paulistano* admita que “Devemos ainda frisar que no próprio futebol masculino há uma grande tendência a escolmal-o (sic) da violência”.<sup>16</sup>

A carta endereçada ao presidente e ao ministério foi publicada, alguns dias antes da realização do primeiro jogo de futebol feminino em São Paulo, o que denota que o debate vinha sendo construído, por conta da atuação das equipes femininas na capital federal. Mas após os jogos realizados em São Paulo e em Santos, identificamos a notícia sobre um caso de proibições de partidas de futebol feminino. A notícia circulou no periódico *A Batalha*, do Rio de Janeiro, vejamos a seguir:

---

<sup>14</sup> DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.

<sup>15</sup> DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.

<sup>16</sup> DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.

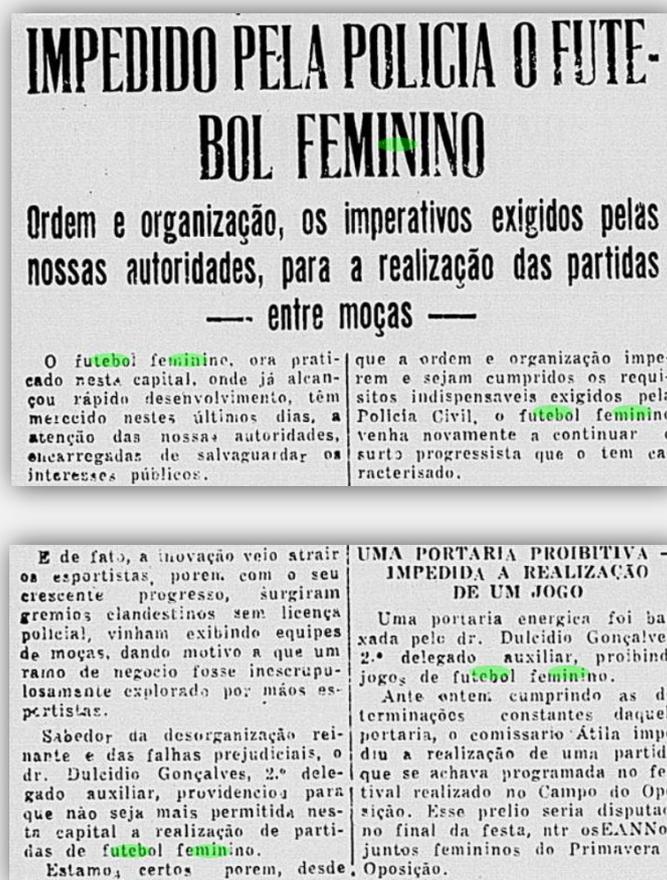


Imagem 9: Impedido pela polícia. Fonte: *A Batalha* (RJ), de 23 jun. 1940.

A justificativa da proibição das partidas na cidade do Rio de Janeiro está amparado pela falta de uma legislação adequada e regras específicas, mas o que percebemos é que mais uma vez os discursos conservadores e as práticas autoritárias é que determinam a proibição, a ilegalidade foi determinada, pelo fato de “surgiram gremios clandestinos, sem licença policial, vinham exibindo equipes de moças, dando motivo a que um ramo de negócio fosse inescrupulosamente explorado por maos (sic) esportistas”.<sup>17</sup>

No futebol esses mitos são bastante produtivos, uma vez que a ideia de feminino e da feminilidade, em vários momentos são atrelados ao erro, a fraqueza e a ante-desportividade no futebol. Um desses mitos recai sobre a expressão de “salto alto”, que tem sido usado para determinar a soberba e o excesso de confiança. Mas o “salto alto” não é uma construção para o feminino. Ao “cair do

<sup>17</sup> A BATALHA. Impedido pela polícia o futebol feminino, 23/05/1940.

salto”, temos a representação de um time, que acredita ser superior ao outro, e, quando usam salto à Luís XV, está passivo de cair.

Sim, a referência não seria ao feminino, mas aos reis franceses do século XVII, Luís XIV, que foi quem introduziu os saltos e o transformou em sinônimo de requinte fazendo com que a peça passasse a ser vista como um item da nobreza. Mas quem imortalizou o salto, foi seu sucessor Luís XV, ao ponto de, até hoje, conhecermos o famoso salto à Luís XV, que se tornou um modelo de elegância e nobreza quando nos referimos a sapatos altos.

Essa referência a queda de salto circula no meio futebolístico com vários índices de que a queda só acontece devido o clube desprezar o outro, na altivez produzida pelos saltos altos. Apesar de hoje os saltos estejam atrelados ao vestuário feminino ele representa a demarcação do território masculino, que de certo modo busca afastar o feminino do esporte.

Mas o que dizer da escrita feminina na contística produzida sobre o futebol? Quais as particularidades de seus textos em uma coletânea sobre o futebol? Foi nessa pegada na lateral do campo, pelas beiradas que resolvemos investigar essa coletânea de contos publicada no Brasil. A seguir temos uma breve descrição de cada um dos contos a serem analisados.

\* \* \*

Te descobres vivo sob um jogo novo.  
Te ordenas. E eu deliquescida: amor, amor,  
Antes do muro, antes da terra, devo  
Devo gritar a minha palavra, uma encantada  
Ilharga.

Hilda Hilst<sup>18</sup>

O primeiro texto é o de Hilda Hilst, que colaborou com o, até então, inédito “Aguenta coração”. Uma prosa poético-político-sexual, em que um narrador dá conselhos para seu interlocutor, como um locutor de futebol que segue uma jogada a caminho do gol. O artilheiro é o leitor! A bola é a protagonista do lance! Uma bola metamorfoseada, ora representa ela mesma, a pelota em jogo, ora se torna uma

---

<sup>18</sup> HILST. *Da poesia*, p. 227.

glande, ora se reverte na imagem do então candidato à presidência da república Luís Inácio Lula da Silva. A narração, locução de Hilst, se reveste da dubiedade no contraste com as jogadas no campo de futebol, pois estamos o tempo todo falando do corpo sensualizado, pois usamos o peito, as coxas, a cabeça, os pés, mas também, construções inusitadas, como uma bola-cabeça, uma bola-matriz, uma bola-vida, uma besta-bola, as quais se revertem no caminho do prazer e do nirvana, fincado no desejo de eleger Lula, golear, vencer!

O segundo texto que iremos analisar é “Escanteio”, de Ana Maria Martins, que publicou anteriormente no seu livro de contos *Katmandu*, de 1983. O conto oscila entre a voz do narrador onisciente e a voz da protagonista, uma senhora viúva, que percebe que se encontra em momento bem distinto de netos, que estão assistindo a um jogo da seleção brasileira na copa do mundo. No começo questiona como os torcedores são barulhentos no Brasil e como esses ruídos são ao mesmo tempo uma expressão dos silêncios que permeiam o cotidiano de um período sombrio, a ditadura civil-militar brasileira. Não há marca exata da temporalidade, mas o conflito existente sobre o desejo de torcer e a necessidade de rechaçar a possibilidade de vencer a copa e legitimar mais ainda os governos ditatoriais no Cone Sul, nos leva a cogitar que se trataria da copa de 78 na Argentina, período que Jorge Mendonça foi titular da seleção. O conflito se estende às interioridades da protagonista (sem nome) que reflete sobre como aquele momento do país revelava o apagamento da figura da mulher, que aos poucos foi anulada, posta de escanteio. A protagonista se choca ao ouvir um diálogo entre seu neto e um amigo, no intervalo do jogo, sobre situações de extrema violência contra um conhecido dos jovens, duramente torturado, o que leva a crer que os jovens estão envolvidos com os grupos de resistência à ditadura civil-militar brasileira. Só, na cozinha, após as comemorações do primeiro gol da seleção brasileira, resta a velha senhora a melancolia e desalento por conta da solidão, da ausência do marido e dos problemas recorrentes do futebol: “com certeza hoje não vai ter novela outra vez”.<sup>19</sup>

O terceiro conto que vamos analisar se chama “Que horas são?”, de Edla Van Steen, publicado a primeira vez no livro *Até sempre*, de 1985. O conto trata de um

---

<sup>19</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.

problema recorrente na história do futebol, como os craques e revelações do esporte com o passar do tempo entram no esquecimento, seja por conta de um empresário mal-intencionado, seja por conta de uma lesão, seja por não gerencia do seu patrimônio e dos ganhos que o futebol proporciona. O conto narra a história de abandono de Edu, uma revelação do futebol brasileiro que não se concretizou, primeiro, por não ter sido convocado para a copa 1950, depois por conta de uma lesão no joelho, que interrompeu sua carreira, levando-o ao esquecimento e ao alcoolismo. A narrativa fica entre idas e vindas do passado de Edu, que obriga Rosa de Carli a abandonar a carreira de atriz no teatro de revista, para ser sua esposa, o que revela também, as frustrações de Rosa Carli diante do aceite da imposição de seu marido. O conto aproxima dois tempos memoráveis do futebol brasileiro, a copa de 1950, início da derrocada de Edu e a copa de 1978, quando morre em um ataque cardíaco bem na hora do Hino Nacional.

As escolhas das três escritoras têm pontos em comum e particularidades que nos levam a pensar como as copas do mundo tem forte influência na vida social e na relação de homens e mulheres com o futebol. Hilda Hilst ao titular seu conto com a “Aguenta coração”, remete ao bordão de Fiori Gigliotti, um dos mais renomados locutores esportivos de rádio, na história do futebol brasileiro, que deixou frases memoráveis repetidas diversas vezes em transmissões de futebol, “eternizando bordões como ‘Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo’; ‘crepúsculo de partida...’; ‘é fogo, torcida brasileira’; ‘balão subindo, balão descendo’; ‘o tempo passa’”.<sup>20</sup> O título de Hilst traz consigo a atmosfera das grandes jogadas a caminho do gol. A memória desse locutor fica tênue no texto da escritora, que nos remete a necessidade de fazer articulações do futebol com a política e com os jogos corporais das insinuações sexuais, uma memória pouco acessada, mas de grande importância, pois o texto é construído quase sem interrupções em um único parágrafo, como se quisesse trazer à tona toda emoção das locuções de jogos pelo rádio, com paradas de interlocução com o espectador, a seguir reproduzo o texto na íntegra:

---

<sup>20</sup> MUSEU DO FUTEBOL. Fiori Gigliotti, S/P.

Olha, tenta: segura a bola e alisa, transfere, vagueia, como se a bola tivesse a lisura de uma boa cabeça, isso, pensa a cabeça do Lula, metalurgia lanosa, alisa agora bigodes, pradaria, encosta a bola na coxa, concentra, goza, não era um assim que você sempre queria? Segura aproximando, te cola, a cabeça entre os peitos, teus dois redondos e esse terceiro doce lubrico veemente, respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas, nos fundos alagados, cala, sofre a bola, pensa no perfeito de toda redondez, ama essa forma, lambe, respira mais fundo, mais, dá um tempo, conhece o reverso agora, os avessos, o reverso é a cabeça dos reis, escurece o gesto, pisoteia, pensa em todas as cabeças de fúria na fúria do teu pé, chuta curto pesado duro, pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro, no manso-melado que se fez teu ser, na cuspida de tantos sobre a tua vida, odeia, agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida trajetória, ponta de aço teu pé, liso cortante esse teu chute vai separar dente e raiz, pensa o redondo triturando o agudo de tudo, uma bola-matriz triturando farpas botas, esmaga com teu chute o rubro lucro das multi-irracionais, traz a bola de volta, leve líquida é apenas uma bola entre os teus pés, sobe sobre ela, sobre a vida, equilibra-te no ilimitado tenso, no lívido gramado, a bola-vida, a besta-bola, escuta os urros, patina sobre os escarros, desacertos ainda, como vês, mas de novo amor intenso como no início do relato, Lula de pé luzindo metálico sobre o gramado, respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.<sup>21</sup>

Observamos uma complexidade narrativa que diferencia o texto de Hilda Hilst, dos demais autores da coletânea, a escritora trabalha com jogos metafóricos no texto que fazem com que tenhamos muita atenção na leitura do conto, pois articula três paixões diferentes, mas aqui bastante articuladas: o futebol, o prazer sexual e a política da época, marcada por críticas ao capitalismo e a forma como o Brasil discute sua trajetória social.

O primeiro plano sógnico nos faz acompanhar uma jogada, em uma partida de futebol, quando um jogador:

[...] olha, tenta e segura a bola [...] respira mais fundo [...] chuta curto pesado duro [...] agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida trajetória, ponta de aço teu pé, liso cortante esse teu chute [...] traz a bola de volta, leve líquida é apenas uma bola entre os teus pés [...] respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.

<sup>22</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.

A remontagem que proponho busca evidenciar o jogo multimodal e fragmentário proposto pela escrita de Hilst, como forma de problematizar o jogo de futebol e mostrar outras perspectivas, que envolve o prazer, fica em segunda e terceiras instância interpretativas as relações com o desejo sexual e as reflexões políticas, talvez, a questão erótica e sexual esteja em primeiro plano, já que há muito mais elementos que remetem a este caminho interpretativo do que os que revelam o futebol e a política. Nesse sentido, a escrita da autora se faz resistente, como prenuncia Tânia Sarmiento-Pantoja, em *Resistência como desvio*, pois

[...] ao pensar o desvio como fundamento para a resistência minha inspiração mais próxima é Walter Benjamin, particularmente a ideia em Benjamin de que é necessário buscar as repetições ou tradições e assim tocar a falsa totalidade da obra, com vistas a identificar uma singularidade, que pode ser ao mesmo tempo um desvio [...] essa obra arrasta em forma de cadeias de resíduos, de ruínas, outras repetições, seja um cânone estético, seja uma moral estanque, seja um paradigma autoritário, seja uma forma de dar a ver o outro... enfim, lá onde um objeto mostra um desvio – ou ele própria comporta um desvio – ao deixar de replicar a herança, a repetição, o comum, o ordinário, o desconhecimento, lá está a resistência”.<sup>23</sup>

A resistência desviante na escrita de Hilst se configura no encontro com sua estética questionadora, uma repetição de seu projeto que busca da conta e dar a ver um outro sentido às experiências. Se a paixão pelo futebol é marcante, a quebra desse horizonte de expectativas sobre uma narrativa de futebol norteia o que Alfredo Bosi (2002) chama de resistência imanente, pois o desejo de desviar o olhar, para produzir outros sentidos é marcante na leitura do tempo histórico e na metamorfização do corpo, que se mistura e se hibridiza na escrita de Hilda Hilst:

[...] segura a bola e alisa [...] como se a bola tivesse a lisura de uma boa cabeça [...] encosta a bola na coxa, concentra, goza, não era um assim que você sempre queria? Segura aproximando, te cola, a cabeça entre os peitos, teus dois redondos e esse terceiro doce lubrico veemente, respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas, nos fundos alagados, cala, sofre a bola, pensa no perfeito de toda redondez, ama essa forma, lambe, respira mais fundo [...] pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro, no manso-melado que se fez teu ser, na cuspida de tantos sobre a tua vida, odeia, agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida

---

<sup>23</sup> SARMENTO-PANTOJA. *Resistência como desvio*, p. 172.

trajetória [...] pensa o redondo triturando o agudo de tudo, uma bola-matriz triturando [...] a bola-vida, a besta-bola, escuta os urros, patina sobre os escarros, desacertos ainda, como vês, mas de novo amor intenso como no início do relato [...] respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.<sup>24</sup>

Quando refaço esteticamente o jogo sexual que Hilst, nos propõe, observo que vários textos são utilizados para dar conta dos todos os sentidos que ela propõe, como estruturas chave, que se repetem nas três esferas de reflexão, podemos marcar entre eles formas plurais como “segura a bola”, que pode ser modelado pelo alisar, desejo do prazer sexual, mas também pode retomar ao “respira mais fundo”, como forma de dar ao eu-poético a função de ir além das expectativas ou das suas limitações, como ocorre na reconstrução política deste texto de Hilst, como podemos ver a seguir:

Olha tenta: segura [...] pensa a cabeça do Lula, metalurgia lanosa, alisa agora bigodes [...] respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas [...] conhece o reverso agora, os avessos, o reverso é a cabeça dos reis, escurece o gesto, pisoteia, pensa em todas as cabeças de fúria na fúria do teu pé [...] pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro [...] esmaga com teu chute o rubro lucro das multi-irracionais, traz a bola de volta [...] Lula de pé luzindo metálico sobre o gramado, respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.<sup>25</sup>

As três leituras que faço desse conto me levam a reconhecer que tanto o início, quanto o fim da narrativa estariam compatíveis às três formas de ler o texto, que deságua na proposta de fazer ecoar a necessidade de evocar a consciência do leitores em relação às eleições presidenciais de 1998, em que Lula (ex-operário e ex-metalúrgico) tenta a terceira eleição para presidente e a segunda contra o liberal Fernando Henrique Cardoso, que no texto é lembrado pelo “rubro lucro das multi-irracionais”,<sup>26</sup> já que o projeto de privatização das estatais brasileiras ia de vento em poupa e só um político, oriundo das bases trabalhadoras “pé luzindo metálico”<sup>27</sup> teria condições de golear, fazer com que houvesse uma mudança no placar político.

<sup>24</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.

<sup>25</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.

<sup>26</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39.

<sup>27</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 40.

A dimensão estética proposta por Hilda Hilst terá outros contornos no conto Ana Maria Martins, “Escanteio”, toca levemente também em aspectos políticos, mas essencialmente se propõem a pensar como as pessoas mais velhas e, principalmente, as mulheres são constantemente posta para escanteio, desprezadas e invisibilizadas, seja por acomodação, seja por abandono. A escritora nos direciona a buscar as concessões no texto com o tempo histórico, pois o conto narra uma experiência de uma senhora viúva, que recebeu seus netos e os amigos do netos para assistir a uma partida de futebol, mas o que mais tensiona a relação da velha senhora com os netos é uma conversa, quase sussurrante que ela escuta:

Entrou com a enorme bandeja, xícaras, bule, açucareiro e o indefectível adoçante, que essa gente já não põe mais açúcar em nada. Ossos à mostra e sempre com medo de engordar. Um dos rapazes afastou cinzeiros repleto de tocos, copos repletos de coca-cola, de uísque, e de uma outra bebida avermelhada que ela não identificou e abriu espaço para a bandeja. Em meio à fumaça e a escassez de luzes, tentou reconhecer as pessoas. O som dos comerciais, acrescidos das conversas, causava-lhe certo atordoamento. Procurou se concentrar no que se dizia a seu lado, em voz um tanto baixa:

- ... Literalmente arrebetado. Irreconhecível.
  - E depois os filhos da puta se irritam quando a imagem lá fora não é tão limpinha como eles querem que seja.
  - Quando vi o estado em que ele ficou quase vomitei.
  - E os sacanas ainda têm o desplante de dizer que não existe, que é invenção da gente.
  - Tenho a impressão que ele não se levanta mais daquela cama.
  - Terrível. Seria uma perda irreparável.
- Afastou-se para servir o café aos que estavam na extremidade oposta da sala. Preocupada. Quem seria esse fulano que não ia mais sair da cama? Que tinha seu neto a ver com essa gente e em que estaria metido agora?<sup>28</sup>

A reflexão e o desejo de saber “com quem seu neto estava metido agora?” deixa evidente que o tempo da narrativa é repleto de lacunas, neste caso provocadas pelo autoritarismo de estado de uma ditadura civil-militar, que não permite que as coisas estejam dentro da normalidade. A velha senhora, protagonista do conto, não possui nome, e se posta como uma clandestina, que precisa saber o que se passa, pensando como pode proteger seu neto. A passagem deixa evidente a necessidade de desmascarar o discurso de normalidade social, que perpassa às famílias de classe média brasileira. A política de apagamento da

---

<sup>28</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 50-1.

história fica evidente quando um dos jovens reflete: “E depois os filho da puta se irritam quando a imagem lá fora não é tão limpinha como eles querem que seja”.<sup>29</sup> Mas o companheiro relatado na conversa viveu as agruras do cárcere e da tortura e sua imagem destrocada produz um misto de pesar e revolta, pois “Quando vi o estado em que ele ficou quase vomitei”.<sup>30</sup>

O conto não se fundamenta na luta pela liberdade, ao mesmo tempo, que também o faz, pois a velha senhora pretende dessa relação se libertar de um conjunto de discursos que invisibilizam as mulheres e a colocam apenas como pessoas descartáveis, isso fica evidente em passagens como no início do conto, que ela reflete sobre sua condição de pessoa que não gosta da algazarra que o futebol produz, uma leitura de que por conta do futebol as pessoas se transformam:

Andou a esmo pela casa. Sentia-se completamente deslocada nesse dia. Nem mesmo em seu quarto conseguia permanecer. Risadas e gritos atravessavam as paredes e a porta, foguetes pareciam escolher o teto de seu quarto para estourar. Saiu pela porta dos fundos, fez a volta pelo jardim e deu uma espiada na rua: deserta. Nenhum eventual responsável pelo foguetório.<sup>31</sup>

Nessa passagem, a velha senhora mostra todo o descontentamento em relação ao barulho oriundos dos festejos de uma partida de futebol, como os fogos e a gritaria pode incomodar e até fazer mal às pessoas, mas por conta de aspectos culturais, poucos são aqueles que reclamam ou questionam essa atitude, por isso, temos uma dimensão de resistência que se diferencia da resistência temática, pensada por Bosi:

A escrita resistente (aquela opção que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes.<sup>32</sup>

Ela se fundamenta em um olhar diferenciado sobre sua existência, pois a própria condição da pessoa idosa, a torna sensível a alguns comportamentos socialmente aceitos, mas que são desconsiderados para a grande maioria das

---

<sup>29</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.

<sup>30</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.

<sup>31</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 49.

<sup>32</sup> BOSI. *Narrativa e resistência*, p. 22.

pessoas. Essa forma de compreender o mundo e respeitar as particularidades é destacada no artigo “Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas”, quando busco analisar tal conceito, compreendendo que nele perpassa

[...] a ideia de debater as existências, nos possibilita entrar em contato com outras formas de compreender o mundo, a partir do olhar testemunhal, pois estamos diante “da pessoa que fala e age” (SPIVAK, 2010, p. 32). De sua história ou a história de seu grupo, seja ele ligado ao passado, ao presente ou um desejo de futuro.<sup>33</sup>

No caso da personagem de Ana Maria Martins, temos um incômodo em relação ao barulho intenso em dias de jogo da seleção brasileira. A autora trata dos rojões, mas esses não são as únicas ferramentas incômodas, que podem atingir, diversos grupos, há sensibilidade a sons, por parte de idosos, recém-nascidos, cachorros, crianças, pessoas autistas, entre outros. Essa forma de compreender as experiências cotidianas como uma reflexão sobre sua existência, também observamos em outra categorização sobre a resistência, que desenvolvi junto com Luana Ribeiro no artigo “Resistências clandestinas”, que pontua:

Insistir em um objetivo frente a forças alheias é uma das formas mais genuínas de resistência, segundo Bosi, nesse sentido, é possível dizer que a menina loira tinha dentro de si uma força resistente pois mesmo diante das negativas e humilhações impostas, seu desejo era tão audaz que nada era motivo para lhes dissuadir e convencer a desistir.<sup>34</sup>

Essa persistência em conseguir viver melhor a experiência da velhice se materializa, na lamentação do final do conto, quando a personagem diante da quebra do silêncio novamente, reflete o quanto o futebol, mas especificamente a Copa do Mundo, mexe com o cotidiano das pessoas e causa estranheza e pesar, pois para a velha senhora ela só queria ter sua vida e sua casa de volta, mas isso ainda não seria possível, pois “alguns minutos mais tarde ouviu os gritos de alegria e os rojões [...]. É, suspirou, hoje com certeza não vai ter novela outra vez”.<sup>35</sup>

O terceiro conto que analisaremos se chama “Que horas são?”, de Edla Van Steen, já pelo título vemos que o texto vai problematizar a passagem e a

---

<sup>33</sup> SARMENTO-PANTOJA. Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas, p. 152.

<sup>34</sup> RIBEIRO; SARMENTO-PANTOJA. Resistências Clandestinas, p. 259.

<sup>35</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 49.

permanência do tempo. Neste conto o tempo é variável, narratologicamente temos idas e vindas no tempo, são confrontados dois momentos da história de um casal de personagens, o jogador de futebol “EDU, FUTURO ASTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO? UM CHUTE QUE VALE OURO. E A MAIS IMPRESSIONANTE REVELAÇÃO DESDE LEÔNIDAS DA SILVA”<sup>36</sup> e sua namorada, que passa a ser esposa, a atriz de teatro de revista “ROSA DE CARLI ABANDONA A NOITE POR EDU. A VIDA NOTURNA PERDE UMA ESTRELA. EDU E ROSA MARIDO E MULHER”.<sup>37</sup> Essas são inserções no conto, que expressam as manchetes sobre a vida do casal, colocadas no conto como uma citação, em caixa alta e com uma descrição, como legenda, das fotos da pseudo-reportagem.

O conto vai discutir o abandono vivido pelo casal, movido pela frustração de não ser convocado para a copa de 1950 e, depois, por uma contusão que tira Edu do futebol:

EDU NÃO É ESCALADO. FORA DA COPA DE 50 O CHUTE DE OURO DA VILA  
ATACANTE PERDE SUA GRANDE CHANCE  
(fotos do jogador cabisbaixo / abatido/ desolado).<sup>38</sup>

O contraste da vida de um jogador, que um dia pode ser a grande revelação ou esperança de um clube ou uma seleção, pode se tornar uma frustração sem tamanho. O que revela a incerteza sobre o futuro, que muda completamente a vida do casal:

Antes abraçado pela multidão e aplaudido nas manchetes dos Jornais. E agora? Agora ele se sente sozinho no sofá (as molas quebradas rangem) porque tem a mania de comer olhando a rua. Bem feito.

O que seria deles, meu Deus, sem a casa? – Rosa tenta enxotar o pensamento, mudando de posição. É tudo o que resta: a casa. Uma folia danada quando compraram. Tinha gente saindo pela chaminé na inauguração. Ela se embonecou de dar gosto. Dez vestidos de uma só vez. O pessoal do teatro elogiava embasbacado. “Valeu a pena, hein, garota” Ela se exibia. “Eu também largava esta porcaria de show se encontrasse alguém que me tratasse desse jeito”. Cavacos do ofício, ela argumentava, meu homem deu para andar de terno e gravata como os verdadeiros craques.<sup>39</sup>

O efeito gangorra pode ser visto em todas as profissões, mas quando falamos do futebol, sabemos que as expectativas sobre um jogador podem ser exorbitantes,

<sup>36</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 99.

<sup>37</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 100.

<sup>38</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 102.

<sup>39</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 100.

pois no mundo da bola, temos atletas que lutam para ganhar um salário-mínimo enquanto outros ostentam salários milionários, principalmente, se estiverem representando a seleção nacional ou em um clube de expressão. No caso do casal, a derrocada veio a cavalo, pois Rosa não tinha mais como voltar atrás, já havia firmado seu compromisso. Mas o alento seria a conquista da casa própria, que nos tempos áureos, rememorados por Rosa, lhe cobraram sua escolha, que foi defendida pelos convidados ou sua submissão, aceitando seu destino de estrela de um só homem.

— Que horas são?

— O arroz está no fogo. Daqui a pouco o almoço sai.

Há dias em que a revolta é insuportável – ela se serve de pinga. Àquela altura ele deve ter enxugado umas três doses.

Sentam-se em frente da TV, prato no colo. Ele chupa um osso de asa como se estivesse chupando o próprio joelho. Credo, que pensamento horrível. – Rosa se levanta.

No vídeo os times entram no campo. Estádio argentino lotado. Enquanto o locutor anuncia a escalação, ela prepara mais alguns goles. Edu fixa a TV, pálido. Branco que nem vela: estaria vendo a si a se perfilar para o Hino Nacional? Um fio de baba escorre na boca e no olhar, expressão de quem já se foi.<sup>40</sup>

Novamente temos uma incursão pela ditadura civil-militar brasileira, mas dessa vez sem referências à resistência política, pois a trama vivida por Rosa e Edu se trata de outra forma de resistência, cotidiana, pela sobrevivência e pela permanência das memórias de um passado que não volta mais. A referência é o Estádio argentino e a nota de jornal “ENFARTE MATA EX-CRAQUE. ÍDOLO DOS ANOS 50. MORRE DE EMOÇÃO DURANTE A COPA DE 78. (sem foto)”,<sup>41</sup> como determinação de que estamos diante dos anos de chumbo argentino, quando a ditadura utiliza a copa do mundo por eles sediada para dar um golpe final, ali metamorfoseada pela figura de Edu, que não “Aguenta coração”, depois de ser posto para “Escanteio”. O verdadeiro fundamento da insistente frase de Edu “Que horas são?”. O descontentamento, o impôs uma necessidade de procurar no tempo futebolístico o momento exato para encetar a vida, precisa de hora marcada para a chegada da morte, sem choro, nem vela. Ora, se a notícia fala da emoção em mais

---

<sup>40</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 103-104.

<sup>41</sup> COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 104.

uma vez tocar o Hino nacional, ironicamente ela revela o desalento por saber que não foi nem será campeão novamente, porque a ditadura, lhe tirou isso também.

### **NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR**

Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis como é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural  
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht.<sup>42</sup>

Ao nos depararmos com o poema “Nada é impossível de mudar” sentimos de perto a preocupação do poeta sobre os tempos obscuros que ele viveu e se adequa facilmente ao que propusemos neste texto sobre o conto feminino, pois discute a necessidade de ressignificar as certezas, as aparências e as trivialidades, movimento esse que coaduna com a necessidade de discutir problemas conceituais, epistemológicos e estéticos relacionados à resistência, que aqui discuto em facetas múltiplas como a resistência como desvio, a resistência com existência e a resistência clandestina. Trata-se de resistir contra o conservadorismo, contra os modelos de mulher, de mãe, de pessoa idosa. Mas ao articularmos isso tudo à relação da literatura, com a história do futebol feminino, acredito que conseguimos mostrar o quanto foi difícil para as mulheres construírem seu espaço no futebol, assim como é fundamental ler as mulheres escritoras sobre o futebol, pois com elas encontramos debates muito particulares, que denotam um olhar diferenciado, sensível e completamente antenado aos problemas e necessidades da sociedade.

O texto de Brecht nos alerta para a necessidade de resistir mesmo diante de discursos que combatem as conquistas sociais no trivial e vemos nos contos encontramos um conjunto de práticas danosas, que procuram subjugar e

---

<sup>42</sup> BRECHT. *Antologia poética*, p. 90.

instigação o ódio e a segregação de homens, mulheres, crianças, jovens e velhos, que não compreendam as pautas do conservadorismo fixada no lema de “Deus, pátria e família”, análogo ao fascismo e ao integralismo deveras danosos à sociedade contemporânea, mas que vimos presente, de certa forma nos discursos segregacionistas contra as atletas de futebol, no anos 1940, mas também, no conto de Edla Van Steen, que denuncia os anos 1950, as referências aos anos 1970, novamente no texto de Edla, mas também no texto de Ana Maria Martins, e aos anos 190, no conto de Hilda Hilst.

Brecht nos faz uma súplica para que não aceitemos, resistamos aos ataques terroristas e agressores às democracias. Nesse caminho, faço coro ao pensamento brechtiano, no sentido de dar voz aos subalternizados e não aceitar o autoritarismo imposto ao povo. Sabemos que nada é impossível de mudar e só conseguiremos essas mudanças, apoiados na percepção de que temos atentos, para que as mudanças de comportamento junto aos modelos subjugadores que ainda insistem em se manter forte, porque a resistência não se dá apenas quando precisamos derrubar um governo autoritário, se dá a cada dia pois temos que resistir às diversas formas de autoritarismo e mecanismos excludentes instantes nos debate sobre memória, identidade e emancipação. Sabemos que o percurso de tais investigações podem ser motivadas pela linguagem, pelas condições de sobrevivência de grupos ou indivíduos por muito tempo subalternizados, mas que hoje também tem seu lugar e sua fala. Expressam isso de diversas formas, com variadas lutas, seja quando resistem ou persistem em seu escopo analítico, no caminho da resistência proposta por Alfredo Bosi.

Vimos neste estudo o quanto as mulheres têm demonstrado seu papel para que essas transformações continuem. Hoje temos muito mais mulheres no futebol, em lugares que antes eram impensáveis, seja nas quatro linhas, como jogadoras, juízas, treinadoras, assistentes técnicas, médicas, seja fora delas, como dirigentes, comentaristas, narradoras, escritoras, cronistas, produtoras, editoras. O certo é que temos ainda um longo caminho para resistir e mudar nossa percepção sobre a presença e a existência da mulher no futebol.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- A BATALHA. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BOSI, A. Narrativa e resistência. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerário**, Araraquara, n. 10, 1996.
- BRASIL, Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm).
- BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.
- CORREIO DA TARDE. São Paulo, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- COSTA, Flávio Moreira da; MARTINS, Ana Maria (Orgs.). **Onze em campo e um banco de primeira**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1998.
- DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro. 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- FOLHA DA NOITE. São Paulo, 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
- HILST, Hilda. **Da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MUSEU DO FUTEBOL. Fiori Gigliotti. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/507170>.
- SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas. **Revista Moara**, n. 61, 2022.
- RIBEIRO, Luana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Resistências clandestinas. **Margens**: v. 16. n. 27, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i27.10596>.
- SARMENTO-PANTOJA, Tânia. Fora da caixa. Resistência como desvio. **Revista Moara**, n. 61, 2022.

\* \* \*

Recebido em: 18 dez. 2023.  
Aprovado em: 11 jun. 2024.

## **Nos paradoxos da linguagem: relatos sobre futebol e sexualidades**

In the paradoxes of language:  
narratives about football and sexualities

**Wagner Xavier de Camargo**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil  
Doutor em Antropologia Social, UFSCar  
wagnerx@unicamp.br

**RESUMO:** Texto ensaístico, que aborda o futebol sob a ótica pessoal do autor, tecendo sarcasmos sobre este universo na inter-relação entre homo e heterossexualidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Globalização; Gênero; Sexualidade; Linguagem.

**ABSTRACT:** An essay that addresses football from the author's personal perspective and that weaves a touch of sarcasm about this universe in the interrelationship between homo and heterosexuality.

**KEYWORDS:** Football; Globalization; Gender; Sexuality; Language.

Vou linguar seu cu, juiz filho da puta!

Arquibancada de um estádio, 2019.

A ideia de escrever este ensaio veio do resgate da lembrança deste grito, ouvido de um torcedor irrequieto e falante, na arquibancada do Allianz Parque, durante um jogo de futebol tenso entre Palmeiras e Corinthians, num sábado à tarde, em novembro de 2019. Um lance duvidoso gerou este protesto inusitado, proferido próximo a mim, e que me deixou alguns minutos absorto em relação ao jogo e pensando no xingamento.

A primeira questão que me veio à mente foi pensar em como a língua passada no ânus do árbitro poderia ser um insulto? E se o árbitro não se importasse com o ato? Ou se seu ânus estivesse suado e cheirando a fezes, será que mesmo assim o torcedor enfurecido o lamberia? E ainda: diante do xingamento, e se o oficial se incomodasse mais com a ofensa à sua mãe chamada de puta, do que com a ação de alguém dizendo que o lamberia?

Sem entrar no mérito filosófico do porquê se xinga em estádios de futebol, passei a outro nível de indagação, qual seja, o por que o ânus foi acionado tão violentamente, naquele lugar que, aparentemente, não teria nada a ver com esta parte íntima. E concluí rapidamente que estava enganado. A região anal de um homem tem tudo a ver com o futebol e, por isso, haveria xingamentos recorrentes para que árbitros fossem “tomar no cu”.

O ânus é o lugar sagrado da masculinidade, um local intocável, que nem o próprio homem manipula. Quando muito, sua companheira (ficante, namorada ou, quiçá, a esposa) é autorizada a passar ali o dedo. Mas não a irem muito fundo com ele, é verdade. Passar a língua lá, então nem pensar. Vai que isso cause um tesão incontável e o pequeno gesto faça algum homem virar a casaca, mudar de orientação.

A língua no ânus de um homem heterossexual, portanto, seria uma ofensa sem tamanho. Aliás, duplamente inimaginável: primeiro porque necessitaria adentrar uma região sagrada e intocada; e segundo, no caso do árbitro em questão, porque para isso ele deveria estar de quatro apoios, algo considerado humilhante para

qualquer homem (árbitro ou não) de posse de sua masculinidade heterossexual e viril. No entanto, deixemos isso de lado. Quero focar na língua e no futebol.

Muito se discute sobre o futebol ser uma linguagem universal, uma língua global entre os povos, do Oriente e Ocidente, dos hemisférios Sul e Norte, dos países pobres e ricos. Talvez ele seja, de fato. Não só seus códigos e regras, os estilos e modos de jogo, e sim o que está entranhado nele, ou o que ele carrega sem saber.

Se entendermos *universal* como *comum*, a situação é bastante clara, pois parece que a história é sempre a mesma. Os xingamentos atingem a todos, a todo tempo. E começam cedo, independente de classe social, condição econômica, escolaridade ou qualquer outro indicador. Nem bem a criança (entenda-se um menino) nasceu e seu pai lhe designa um time pelo qual vai torcer e profetiza: “esse vai ser palmeirense/atleticano/esmeraldino, não um ‘filho da puta’ qualquer!”. Os nomes de times aqui podem ser substituídos por quaisquer outros; e os adjetivos (des)qualificatórios também.

As meninas ganham status de torcedoras por seus pais quando não há saída: no famigerado chá de revelação o balão explodido soltou fumaça rosa; no nascimento do primogênito não veio o esperado varão; nas tentativas posteriores, o pai “fraquejou” – para lembrar uma deplorável expressão de um ex-presidente brasileiro. Todas essas, situações secundárias, inferiores, marginais. Em todas, meninas nasceram. Então, quase como regra, vai torcer para o time do pai. Há exceções, é verdade!

Contudo quando nós, meninos ou meninas, crescemos um pouco e entendemos algo da vida, a gente sente no lombo. E para isso não precisa ser menina, basta ser o filho “estranho”, o “quietão em seu canto”, que vai cotidianamente “decepcionando” seu pai. Para ele a língua cala, torna mudo o macho regozijador. “Filho meu não é viado!”. E se o for, que esteja longe dos holofotes dos amigos do futebol.

Na escola, particularmente nas aulas de Educação Física, basta um erro, um equívoco ou mesmo uma distração que algum insulto vem a galope. Inclusive do próprio professor (macho-alfa) de Educação Física. Com dez anos foram associar minha inabilidade com o futebol à uma necessidade de usar óculos para enxergar: “chuta a bola direito, quatro zóio”. E depois vieram outras nomeações pouco afá-

veis: “caolho”, “fundo de garrafa”, “cegueta”, “oclinho”, “vesguinho”, e uma infinidade de apelidos depreciativos.

A vida tem dessas coisas. As pessoas praticam violência verbal/física, e depois simplesmente se esquecem delas. Quem sofreu comigo as agressividades dos xingamentos foi minha mãe, que me defendia de tudo o que podia, às vezes, sem nem entender do que se tratava. Mães dispõem de uma linguagem pouco compreendida, mesmo com toda a tecnologia que se tem hoje à disposição. Elas falam, porém o mundo não as escuta adequadamente.

O engraçado (e talvez trágico disso tudo) não foi a coleção de adjetivos que qualificavam minha (in)habilidade ao jogar futebol, e sim o fato de que nunca ouvi um grito me sugerindo algo produtivo, como “agora dribla”, “isso, faz o passe”, “faz uma finta para a esquerda”, “recupera essa bola”, “cobra esse lateral”. Frases que seriam produtivas, que me ajudariam a entender mais a modalidade e a melhorar o que diziam ser meu “futebol ruim”.

A língua é viva, ela desfere ofensas, e vai decantando camadas de preconceitos contra a pessoa. E isso passa: de turma para turma, de estudante a estudante, de escola antiga à escola nova, de um para outro dentro da família. Muitas vezes nem as meninas perdoam. São cooptadas pela lascívia da facilidade de ofender em alternativa à ternura do se identificar – a tal empatia por vezes está ausente.

De fato, hoje sei que não é que eu não soubesse jogar futebol; nem que não tivesse condição física para correr, visto que tenho muita energia desde tenra idade. Mas eu sempre pensei no que estava rolando, nas jogadas, nos deslocamentos de meus amigos, nas demarcações das linhas. Nunca vi qualquer amigo meu que jogasse futebol se questionar o porquê eram àquelas dimensões e não outras, porquê uma linha e não duas, porquê àquele gol pequeno e não um maior, porquê mentir num lance polêmico que comprometia a própria equipe.

Para mim, as linhas do campo de jogo sempre foram enigmáticas, porque estavam delimitadas arbitrariamente. Com 11 anos de idade, época em que adquiri todos aqueles apelidos pouco carinhosos, eu tinha mais curiosidade em saber sobre os motivos das coisas e de suas explicações do que propriamente correr atrás da bola, atividade muito simples perto do que se passava dentro de minha cabeça juvenil naquele momento. Os meninos corriam atrás da bola e xingavam. Eu ficava

parado analisando seus comportamentos. Talvez eu soubesse mais sobre eles naquele instante do que eles acerca de si mesmos.

Uma querida professora de português da época tem um pouco de mérito nisso, digo, no incremento de minhas conexões neurais voltadas ao entendimento do esporte (e, de quebra, do futebol). Certa vez levou um texto bem complexo, com as posições e jogadas do futebol, para que a classe fizesse um trabalho. Enquanto os meninos detestaram falar sobre coisas que já sabiam, eu e as meninas estudamos aquilo tudo ferozmente, inclusive repetindo em voz alta nos recreios para mostrar aos meninos que “sabíamos” algo profundo daquele futebol que diziam conhecer na prática. Curiosa esta língua que brada: tanto quando xinga, como quando inferioriza outros com o saber adquirido.

Entretanto, se as meninas sempre eram “cartas fora do baralho” em meus tempos escolares em que professor de Educação Física (costumeiramente um homem com H maiúsculo) ostentava fama de ser galanteador das professoras dos anos iniciais, mostrando virilidade à flor da pele (quando coçava o saco e ajeitava seu pênis), os meninos não tão masculinos, como prescrevia os padrões brasileiros dos anos 1980, eram o alvo predileto do momento. A primeira vez em que uma língua me atingiu foi num jogo “pra valer”, entre as então quintas séries da escola. Ouvei um estridente grito em meu ouvido: “sai fora, viado, você não sabe jogar futebol!”.

Prezada leitora, prezado leitor: você sabe o peso do palavreado “viado” para uma criança de onze anos? Você tem noção do quanto isso pode ser estigmatizador e precocemente violento para meninos-homens em formação? Se você é brasileira ou brasileiro, imagino que tenha ideia de quanto este xingamento é pesado em nossa cultura. Se você se identificar como homem, tente se imaginar na situação de ouvir isso.

Naquele dia, um buraco temporal se abriu em minha vida. Parece que eu fui lançado à outra dimensão. Enquanto paralisei no meio da quadra, o jogo continuou, o professor riu, todos caçoaram, a torcida infante pirou, a diretora que via o jogo nem se moveu e o diretor vibrava com o prosseguimento das jogadas. Naquele abril de 1985, não apenas morreu Tancredo Neves, que ouvíamos falar por todos os la-

dos como o primeiro presidente não militar do país. Morri também como homem e mataram minhas chances de permanecer no futebol.

Além da troca de modalidade esportiva, pois então vieram o vôlei e as meninas, nasci “viado”, “gay”, “bichinha” e uma infinidade de outros xingamentos para o mundo escolar. O duro da língua quando nomeia é que ela não explica ao nomeado as consequências de sua então classificação. Fui taxonomizado como “bicha”, um macho inferior em formação, numa sociedade violentamente machista, sexista e homofóbica.

Nesse contexto, parece que a pecha recai sobre o indivíduo de modo definitivo e ele segue a vida aceitando aquilo, como se tivesse, deste modo, que encarnar a condição de inferiorizado imputada por outros. Foi o que ocorreu comigo: na escola e mesmo em outros lugares sociais, comecei a me aproximar das meninas e mulheres, que me davam suporte, mesmo sem querer. E dali fui percebendo que fazia alianças silenciosas, de dor e resistência, com iguais. No entanto, sofria longamente com assédios, acossos, ou o que hoje chamam de *bullying*.

O caso mais paradigmático e perverso do mundo da macheza instituída foi Zé Roberto, um garoto que estudou comigo em parte do ensino fundamental I. Ele me batia, roubava meus lanches do recreio, minhas miniaturas de carrinhos de ferro e bradava ostensivamente em meus ouvidos. Suas agressões verbais me deixavam com medo e seus murros ou pontapés me machucavam. A vida nos separou quando ele foi transferido de escola e nunca mais o vi. No entanto, no meio da pandemia de coronavírus, quase 40 anos depois, quando as pessoas se isolaram e adoeceram por toda aquela situação vivida, eis que ele me reencontra no Facebook e propõe amizade.

Achei estranho tudo aquilo, mas, como a vida contemporânea não questiona muito, seguimos no “fluxo das conexões”, teclamos no chat interno, passamos para o *WhatsApp*, sempre com a desculpa dele de reencontrar antigos colegas de sala do passado. Não demorou muito para um assunto vir à tona: Zé Roberto reconheceu que durante seus anos de adolescência pensou em mim, em como eu teria me desenvolvido fisicamente e se eu teria acalentado algum sentimento afetivo por ele; imaginou um suposto sentimento de afeto entre nós. Hoje casado, pai de três fi-

lhos/as, além de estar no armário, disse que não poderia continuar vivendo sem se declarar a mim, um então “amor do passado”.

Perplexo, nada respondi. Não consegui, mesmo porque ele acionou em mim memórias ruins, de sofrimento que já estava enterrado e fossilizado em algum lugar. A língua não salva o que o corpo sentiu; nenhum afeto cresce num canteiro de violências. Zé Roberto que se resolva com o passado: “não sinto e nunca senti afeto por você!”, tecliei na última mensagem.

Ney Matogrosso regravou uma canção, “Homem com H”, de Antônio Barros, que naqueles tempos do ensino fundamental ainda tocava no rádio em que minha mãe ouvia trabalhando no açougue da família, e que de repente voltou em minha mente:

Nunca vi rastro de cobra,  
Nem couro de lobisomem,  
Se correr o bicho pega  
Se ficar o bicho come  
Porque eu sou é home'  
Porque eu sou é home'  
Menino eu sou é home'  
Menino eu sou é home'  
E como sou.<sup>1</sup>

Para além do significado da letra, visto que na época eu não tinha condições de refletir a respeito, muito menos entender as pautas identitárias de homens gays, soava a mim que possivelmente o *status* de homem do cantor tenha sido questionado. E talvez a intenção de gravá-la fosse uma resposta sobre o quanto o cantor se considerava macho, “homem com h”, apesar de ofensas e xingamentos que provavelmente deve ter ouvido.

Eu, então nos idos da fatídica idade de 11 anos, me vi inevitavelmente numa corrida sem fim em busca de quem, de fato, eu era. Se corria, o bicho me pegaria. Se ficasse, o bicho me comeria. Na literalidade da língua, no contexto de vida de um pré-adolescente, não havia muito uma situação confortável. O “bicho” era meu pai. Por isso, nem bem tinha completado 17 anos, cai na estrada, correndo para longe o máximo possível dele e daquela cidade em que nascera.

---

<sup>1</sup> MATOGROSSO. Homem com H, 1981.

Paradoxalmente, sua masculinidade escrota, que assediava atendentes de comércios, que galanteava gerentes mulheres de bancos, que ajustava seu pênis dentro da calça em público ou que ostentava uma sexualidade exacerbada entre homens num churrasco, era a que eu sempre persegui. Inclusive quando recomecei a fazer esportes como jovem adulto.

Minha língua desejou percorrer seu corpo suado, sua bunda peluda, seu pênis de prepúcio alongado. Desejei currá-lo num cocho qualquer de um de seus sítios, onde ele alimentava suas vacas. Imaginei sua bunda aberta, com seu ânus reluzente e piscando, querendo meu pênis entumecido ali dentro.

Na verdade, quando o tesão bateu no auge de minha adolescência, desejei meus tios e todos os homens da família. Minha língua simbolicamente os lambia inteiros quando nos encontrávamos, particularmente um tio jogador de futebol de um dos clubes da cidade. Aquele torso, aqueles pelos, aquelas coxas roliças foram elementos que definiram o que sentia por homens e o que, num futuro sexualmente ativo, viria a buscar.

E, assim, eis que os xingamentos consolidaram em mim o ser que me tornei. Eu não conseguia ser ou fazer o que os garotos futebolistas faziam, não conseguia ser o homem que era meu pai, não atendia o que se esperava de mim como sujeito do sexo masculino. Mas me tornei um híbrido, de macho e gay, de gay-macho, de homem gay masculinizado, que ostentava uma ojeriza por mulheres super femininas, que negava outras bichas afeminadas e tinha aversão a pessoas travestis.

Na vida adulta me refugiei no esporte para pessoas com deficiência. Meu cuidado para com outros era o lado bom e afetivo de um ser que conseguia transpor toda a violência sofrida em ações positivas; porém, meu lado perverso mantinha um macho gay escroto escondido, que viria a acertar as contas contigo mesmo quando decidiu se enveredar pelos estudos de gênero.

O primeiro baque que levei foi numa palestra no primeiro ano de doutorado, nos idos de 2008. Falando sobre identidades de gênero e orientações sexuais para uma plateia de homens gays afeminados, mulheres lésbicas, pessoas *queer* e travestis, universalizei pronomes no masculino, fui misógino com o grupo lesbo e desfilei uma série de preconceitos escondidos em meu eu. “Alto, lá, viado! De que lugar você pensa que está falando?” – a voz de uma travesti cortou a sala e me atingiu a ca-

beça como uma bigorna. A língua ofende, a língua explica, a língua situa, uma hora a língua educa.

A cautela começou a se coadunar com minha língua e meus pronunciamentos no campo da pesquisa. Nas investigações sobre práticas esportivas e futebolísticas, uma pluralidade de identificações e modos afetivo-sexuais de ser na sociedade se fizeram presentes. Com as trans voleibolistas aprendi a relativizar o rendimento esportivo: podiam ser extremamente femininas, com unhas longas e afiadas, e mesmo assim ganhar de homens cis testosteronados no mano a mano.

Nas corridas de pista do atletismo entendi que corpos considerados “anormais”, como foram nomeados na mesa de inscrição para provas de corridas, também ganhavam medalhas. Eram atletas que desafiavam o binarismo categorial da competição. Diziam “não” à divisão masculino e feminino das provas. Podiam competir nos 400 metros com barreira feminino e no salto em altura masculino.

No diverso futebol gay, percebi que a língua ressignifica xingamentos do futebol hétero, recolocando-os para além da dicotomia. Dicotomia hétero/homossexual que é tardia, datada das discussões da área de estudos de gênero, particularmente nos Estados Unidos, na metade do século passado. Frases como: “vai, bicha, faz o gol”, “que chute arrasador foi esse, viado?”, “mete a bola no gol, delícia”, entre outras, são o revés, o contragolpe, a subversão linguística. Possivelmente impensáveis no contexto futebolístico heterossexual (de torcedores e atletas), elas são gritos efusivos de ordem no futebol entre homens gays, bissexuais e outros.

Aliás, uma dimensão que aparece aí é a do desejo em relação aos corpos que correm, suam, fazem gol e se abraçam. Jogadores, torcedores e expectadores deste futebol gay (nomeação que tem ganhado mais letras nos últimos tempos, tornando-se um difuso futebol LGBT) não se furtam de comentar jogadas e, inclusive, as qualidades dos corpos que as executam.

Esses futebóis explicitam o que o futebol hétero esconde; ressignificam práticas e recolocam em jogo o desejo homoerótico entre iguais, muitas vezes denegado no campo da macheza heterossexual. No limite, a linguagem futebolística no campo semântico da homossexualidade (e de outras orientações) escancara o que é escondido por trás dos xingamentos preconceituosos de boleiros héteros.

Gosto da língua audaciosa de Luiz Carlos Lacerda quando se refere ao mundo do futebol. Particularmente em seus poemas da série “No gramado”, como em “No campo”, que aborda sentimentos homoeróticos que circulam em uma partida de futebol:

sacode seu pau  
na grama já molhada  
de chuva  
cospe como sempre  
flagrado na fotografia

espalha, assim, suas sementes sobre bolas  
e as bolas coçam  
no roçar da cueca  
coça-as

e a multidão delira, silenciosa.<sup>2</sup>

De fato, o futebol é uma língua global. Não só no que tange ao jogo, aos modos de torcer ou estilos de jogar, aos xingamentos proferidos dentro e fora das quatro linhas, globalizados pelos hemisférios. O futebol moderno, oriundo da sistematização britânica de fins do século XIX, é uma forma de comunicação universal que transcende a própria linguagem específica do futebol: ela tem a ver com uma economia do desejo que circula, entre héteros e homossexuais, bi ou assexuais, e por toda sorte de sujeitos sexualizados. Ela trata de futebol, mas também daquilo que o futebol em sua propalada “essência” não quer falar a respeito.

Independente das categorias classificatórias em circulação, a língua ou linguagem do futebol torna-se um elemento simbólico, a ser interpretado tanto em cada realidade local, como naquilo que a sintetiza sob espectro global.

Num mundo cada vez mais de certezas questionadas, inclusive sobre identidades de gênero imutáveis e orientações sexuais fixas, eu deixaria um aviso para os macho-alfas de plantão: “Ei, cuidado! No bate-bola da vida, a língua que me xinga é a mesma que um dia me chupa!”.

\* \* \*

---

<sup>2</sup> LACERDA. *Reis de paus*, p. 18.

## REFERÊNCIAS

LACERDA, Luiz Carlos. **Reis de paus** [poesia]. Recife: Mariposa Cartonera, 2017.

MATOGROSSO, Ney. Homem com H. Composição: Antônio Barros. **Ney Matogrosso**. Brasil, Ariola, faixa 5, 1981.

\* \* \*

**Recebido em:** 05 nov. 2023.  
**Aprovado em:** 23 mar. 2024.

# Uma análise sobre a cobertura de dois podcasts de futebol durante os primeiros dias da Copa do Mundo FIFA 2022

An analysis on the coverage of two football podcasts during the first days of the 2022 Fifa World Cup

**Lucas Pasetto Koerich**

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, Brasil  
Graduação em Jornalismo, Univali

**Carlos Roberto Praxedes dos Santos**

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, Brasil  
Doutor em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná

**RESUMO:** Este estudo analisa a cobertura de dois podcasts durante a Copa do Mundo do Catar, em 2022. Este trabalho se justifica a partir do crescimento do formato “podcast” e de seu consumo, a presença de podcasts esportivos no mercado e a importância da Copa do Mundo como evento no Brasil e no mundo. São analisados três episódios dos podcasts “Futebol no Mundo” e “Posse de Bola”, entre os dias 20 e 22 de novembro de 2022. Utilizando pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevista semiestruturada, o trabalho tem o objetivo de demonstrar as divergências editoriais dos dois programas diante dos mesmos acontecimentos veiculados por meio da exposição, comparação e interpretação dos assuntos debatidos em cada episódio. Conclui-se que os podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo” realizaram duas coberturas diferentes, mesmo diante dos mesmos fatos, evidenciando as diferentes linhas editoriais no meio jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Podcast; Futebol; Copa do Mundo FIFA 2022; Futebol no Mundo; Posse de Bola.

**ABSTRACT:** This study analyzes the coverage of two podcasts during the Qatar World Cup in 2022. This work is justified by the growth of the “podcast” format and its consumption, the presence of sports podcasts in the market and the importance of the FIFA World Cup. Mundo as an event in Brazil and in the world. Three episodes of the podcasts “Futebol no Mundo” and “Posse de Bola”, between November 20 and 22, 2022, are analyzed. Using bibliographical research, content analysis and semi-structured interview, the work aims to demonstrate editorial divergences of the two programs in the face of the same events conveyed through the exposition, comparison and interpretation of the subjects discussed in each episode. It is concluded that the podcasts “Posse de Bola” and “Futebol no Mundo” carried out two different coverages, even in the face of the same facts, evidencing the different editorial lines in the journalistic environment.

**KEYWORDS:** Podcast; Football; FIFA World Cup; Futebol no Mundo; Posse de Bola.

## INTRODUÇÃO

O formato “podcast” surgiu há aproximadamente dezoito anos.<sup>1</sup> No entanto, ganhou notoriedade durante os últimos três anos. De acordo com pesquisa realizada, em 2021, pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), encomendada pela Rede Globo, constatou-se que houve um aumento de sete milhões de novos ouvintes de podcasts no Brasil, com idade superior a 16 anos, que possuem uma frequência mensal de consumo. Esse aumento foi observado entre 2019 e 2020, passando de 21 milhões para 28 milhões de ouvintes. Durante este período, o mundo viveu a pandemia da Covid-19 sem a presença de uma vacina para contê-la, momento em que a população se manteve em casa, para evitar a contaminação e proliferação do coronavírus.

Em outubro de 2020, segundo o Ibope, dentre os entrevistados que declararam ouvir podcasts, 57% relataram que começaram a escutar durante a pandemia. Já os outros 43% afirmaram que já ouviam antes da pandemia, sendo que aproximadamente um terço dessa parcela passou a consumir mais produtos em formato de podcasts durante a pandemia do que antes.

De acordo com a Podpesquisa (2021), realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (AbPod), o consumo de podcasts no Brasil tem tido uma constante em seu crescimento. Estima-se que atualmente existam cerca de 34 milhões de ouvintes no país. Este formato de áudio sob demanda tem ganhado popularidade por sua praticidade, permitindo que o ouvinte possa escutar os conteúdos durante a realização de outras atividades. O Brasil é o terceiro país que mais consome podcasts no mundo, ficando atrás apenas da Suécia e da Irlanda.<sup>2</sup> O relatório “Digital News Report 2022”, lançado no final de julho de 2022 pelo Instituto de Estudo de Jornalismo da Agência Reuters, revelou que 34% dos entrevistados no mundo afirmaram ter ouvido um ou mais podcasts durante o mês anterior à pesquisa, um aumento de 3% em relação ao resultado da edição anterior.<sup>3</sup> Os números citados sinalizam a consolidação dos podcasts como um formato de mídia que está em

---

<sup>1</sup> LUIZ. Reflexões sobre o podcast, 2014.

<sup>2</sup> ZANDT. Where podcasts are most popular, 2021.

<sup>3</sup> REUTERS. Digital News Report, 2022.

crescimento e indicam que o formato “podcast” é uma alternativa eficiente para a produção e distribuição de conteúdo em diferentes áreas.

A principal razão da chegada de novos ouvintes de podcasts é por meio da busca de conteúdo que aborda assuntos de interesse.<sup>4</sup> Com isso, o podcast virou um formato de produção de conteúdo que abastece uma grande quantidade de ouvintes interessados em saber mais sobre determinados assuntos. A partir dessa conclusão, podcasts que abordam assuntos esportivos também ganharam notoriedade neste período, principalmente programas que falam de futebol, tendo em vista a grande variedade de programas disponíveis.<sup>5</sup>

O futebol é o esporte preferido de 70% da população brasileira, de acordo com a pesquisa da *Think with Google* (2022). Este número comprova a paixão que o cidadão brasileiro possui pelo futebol, fazendo com que o esporte seja consumido em massa, por meio de diferentes formatos de mídia. De quatro em quatro anos, é realizada a Copa do Mundo FIFA. Segundo a FIFA (2018), aproximadamente metade da população mundial (3,5 bilhões de pessoas) assistiram ao menos a um jogo da Copa do Mundo de 2018, realizada na Rússia. Mais de 1,12 bilhão de telespectadores assistiram à final entre França e Croácia, em Moscou. No entanto, a entidade máxima do futebol mundial não disponibilizou os números de audiência referentes à competição de 2022, até o final desta pesquisa.

De acordo com a pesquisa Sponsorlink, do IBOPE Repucon, em 2022, 80% dos brasileiros com acesso a TV e Internet se consideram fãs de Copa do Mundo. Como prova disso, os jogos do Brasil na Copa do Catar conquistaram uma audiência incommum na maior emissora do país. Segundo o Kantar Ibope (2022), a TV Globo atingiu médias de 49,8 pontos e 46 pontos de ibope<sup>6</sup> na Grande São Paulo nos dois jogos iniciais da Seleção Brasileira na Copa de 2022, contra Sérvia e Suíça, respectivamente. Este número não era alcançado desde a Copa de 2018. A título de comparação, a maior média da emissora em 2022 havia sido com a novela *Pantanal*, com 34 pontos.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> GLOBO. Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros, 2021.

<sup>5</sup> MAGRI. A febre dos podcasts sobre futebol preenche lacunas e atrai pesos pesados, 2020.

<sup>6</sup> Cada ponto do ibope representava 74.666 domicílios na Grande São Paulo assistindo à determinada programação, em novembro de 2022.

<sup>7</sup> PADIGLIONE. ‘Pantanal’: último capítulo ultrapassa 34 pontos em SP, 2022.

A cada quatro anos, o evento Copa do Mundo toma conta da programação e das pautas em diferentes meios, como TV, rádio, jornal e plataformas do jornalismo digital. Com 73 profissionais in loco, a TV Globo transmitiu 56 dos 64 jogos totais, com exceção das partidas simultâneas da última rodada da fase de grupos. Foram cerca de 160 horas em canal aberto e 300 horas em canal fechado, no SporTV.<sup>8</sup>

Tendo em conta essa premissa, o objeto de estudo deste trabalho une os dois fenômenos citados anteriormente, podcast e futebol. Durante a Copa do Mundo 2022, dois podcasts brasileiros fizeram coberturas especiais do torneio. Com a produção de um episódio por dia, o Posse de Bola (UOL Esportes) e o Futebol no Mundo (ESPN Brasil) trabalharam para debater os assuntos mais importantes de cada dia da competição.

A escolha destes podcasts como objeto de estudo leva em consideração o alcance que estes dois programas possuem no âmbito do Jornalismo Esportivo. O Posse de Bola e o Futebol no Mundo estão entre os 10 Podcasts mais escutados do Brasil na categoria de esportes do Spotify. Por todos estes motivos, o principal questionamento desta pesquisa consiste em saber: quais são as diferenças entre as coberturas da Copa do Catar feitas pelos podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo”? Este trabalho tem como objetivo geral analisar a cobertura jornalística de ambos os podcasts durante os três dias iniciais da Copa do Mundo FIFA 2022. Os dois programas abordam futebol, no entanto, possuem diferentes maneiras de ver os acontecimentos do dia durante uma competição esportiva. Os objetivos específicos deste trabalho são: apontar diferenças e semelhanças editoriais entre os dois podcasts durante a cobertura; descrever e comparar as pautas desenvolvidas nas três edições iniciais; demonstrar assuntos que abordam o futebol, a situação social e/ou política do Catar, a Seleção Brasileira e outros assuntos extras.

## **HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO PODCAST COMO FORMATO NO BRASIL**

De acordo com Kischinhevsky (2007), o rádio via internet já estava ganhando força no fim da década de 90. A partir disso, o MP3 foi criado, abrindo portas para que

---

<sup>8</sup> ROSÁRIO; MARIANO. Despedida de Galvão, câmeras especiais e versões compactas de jogos: entenda como será a transmissão da Copa na Globo, 2022.

fosse desenvolvido o podcast. O podcast foi criado por meio da adaptação do programa *Really Simple Syndication* (RSS) para a utilização em áudio, usado anteriormente apenas para blogs. O sistema funcionava para notificar leitores de que novos conteúdos haviam sido postados em um determinado blog.<sup>9</sup>

De acordo com a autora Nair Prata (2012), em uma perspectiva radiofônica, é importante frisar que o podcasting não é considerado uma forma de rádio convencional. O gênero deve ser identificado como um avanço tecnológico em um arquivo no formato de áudio. Facilitando o entendimento do gênero, o autor Alex Primo (2005) aponta que o podcast se diferencia do formato do rádio por meio de diferentes formas de distribuição, acesso, emissão de informações e também a forma de ser produzido, requerendo um microfone mas sem a necessidade de ser gravado em um estúdio de rádio.

O surgimento dos primeiros podcasts no Brasil ocorreu com um formato semelhante aos programas de rádio, com pouca edição, em outubro de 2004. Em dezembro de 2005, foi realizada a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcasts (PodCon), um evento exclusivamente dedicado a podcasts.<sup>10</sup> Durante o encontro, foi organizada a Associação Brasileira de Podcast (AbPod), entidade responsável por apoiar os produtores de podcasts nacionais e que se mantém ativa até os dias atuais.

No entanto, com o "Podfade" (fenômeno que ocorreu no final de 2005 e início de 2006, em que vários podcasts acabaram), surgiram novos programas com uma abordagem diferente. Agora inspirados em programas de rádio, os novos podcasts eram voltados para o público jovem, fazendo a combinação de humor, técnica e mixagem de som. No Brasil, o Nerdcast foi o programa precursor desse novo modelo. Mesmo os podcasts com temas específicos adotaram particularidades que são vistas até hoje, usando mais humor, edição e mixagem de som para desenvolver seus assuntos.<sup>11</sup>

No ano de 2008, o mercado de podcasts passou a se profissionalizar internamente com o objetivo de analisar a comunidade de ouvintes de podcast no país. Então, foi criada a PodPesquisa, idealizada pela AbPod. Em sua primeira edição,

---

<sup>9</sup> LUIZ. Reflexões sobre o podcast, 2014.

<sup>10</sup> LUIZ. Reflexões sobre o podcast, 2014.

<sup>11</sup> LUIZ. Reflexões sobre o podcast, 2014.

foram apenas quatrocentos e trinta e seis respostas no questionário. Entretanto, no ano seguinte, a participação foi muito mais expressiva e teve como a principal informação de que a maior parte dos ouvintes de podcast (36,8%) eram provenientes do iTunes, plataforma de áudio criada pela Apple para abastecer seus dispositivos, como o iPod.<sup>12</sup>

Em 2012, surge a "Radiofobia", uma das primeiras empresas especializadas na produção e edição de podcasts no Brasil. A companhia foi idealizadora de alguns projetos pelo país, incluindo o "Alô Técnica!", um podcast abordava a produção de podcasts, voltado para ouvintes com o interesse na produção de programas. Em 2014, as plataformas de streaming de áudio, Spotify e Deezer, chegaram ao Brasil. No entanto, essas empresas ainda não tratavam o formato podcast como relevante. Neste mesmo ano, é criado o Programa "Mamilos", podcast de notícias que ainda está entre os 15 mais escutados de seu gênero, de acordo com o Podcast Charts do Spotify. A partir destas informações, é possível notar outra fase da profissionalização do formato "podcast".<sup>13</sup>

Segundo Assis (2014), o crescimento do podcast como formato caminha junto da aprovação da tecnologia na sociedade e compara o cenário do podcast com o que aconteceu com o rádio no passado:

A aceitação do podcast depende da aceitação da tecnologia. O podcast ainda é muito comparado ao rádio, como talvez o rádio fora comparado ao teatro ou à literatura na época de seu nascimento. Notícias são transmitidas pelo rádio da mesma forma que são no meio impresso. Dramas são produzidos nele da mesma forma como no teatro. O podcast também sobre dessa mesma comparação, pois o que se faz no podcast também se faz no rádio.<sup>14</sup>

A partir de 2017, grandes veículos de comunicação passaram a investir no mercado de podcasts, como o Estado de São Paulo, a CBN, o "O Globo", o Grupo Globo e a Folha de São Paulo. Nesta fase, o formato começou a se popularizar, tendo 2019 como o ano de maior crescimento no mercado de "podcasts". O Grupo Globo passou a colocar alguns de seus jornalistas renomados como Guga Chacra,

---

<sup>12</sup> TIGRE. Podcast S/A, 2021.

<sup>13</sup> TIGRE. Podcast S/A, 2021.

<sup>14</sup> ASSIS. Reflexões sobre o Podcast, 2014.

Sandra Annenberg e Renata Lo Prete para a formação de seus programas de áudio.<sup>15</sup>

#### CONSIDERAÇÕES SOBRE EDIÇÃO E LINHA EDITORIAL

Segundo Ferraretto (2001), editar um noticiário significa selecionar e ordenar as informações. O autor ressalta que, por mais planejado que seja, todo programa ao vivo só acaba de ser editado quando o programa termina. No rádio, de acordo com Ferraretto sempre há a possibilidade de uma notícia de última hora ser incluída, exigindo agilidade e conhecimento por parte do editor.

O editor, identificado como diretor de redação, na obra *Sociologia do jornalismo*, de Érik Neveu, é tido como o definidor da linha editorial de uma publicação. É responsabilidade do editor decidir qual será o posicionamento político, qual o tipo de informação e qual será o tratamento do fato que a publicação privilegia, proporcionando um destaque maior.<sup>16</sup> O sociólogo francês Érik Neveu (2006) segue seu raciocínio e exemplifica a importância da linha editorial com a reflexão de escolher a “primeira página” de um jornal ao noticiar a queda de um Concorde, modelo de avião francês: “Valorizar a emoção ligada ao drama ou comentar propor um comentário distanciado sobre a segurança do transporte aéreo e a saturação dos aeroportos parisienses?”.<sup>17</sup>

Denominada linha editorial ou política editorial, ela consiste em um conjunto de parâmetros de trabalho norteadores de uma empresa de comunicação, é definida com base em quatro tópicos: no posicionamento ideológico da empresa; na estrutura e as possibilidades econômicas da emissora; em uma ideia do que o público deseja em termos de programação; no senso comum do que é socialmente aceito.<sup>18</sup>

Para Ferraretto (2001), o posicionamento de uma empresa de comunicação como instituição possui a maior influência dentro da linha editorial. Esta postura está inserida por todo o conteúdo que é publicado pela emissora. A opinião expressa por comentaristas, âncoras e profissionais da emissora devem coincidir

---

<sup>15</sup> TIGRE. Podcast S/A, 2021.

<sup>16</sup> NEVEU. *Sociologia do Jornalismo*, 2006.

<sup>17</sup> NEVEU. *Sociologia do Jornalismo*, 2006.

<sup>18</sup> FERRARETTO. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*, 2001.

com a opinião colocada pelo veículo, tendo uma proximidade com a ideologia definida internamente.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar este estudo, identificando as semelhanças e diferenças editoriais dos Podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo” durante a cobertura da Copa do Mundo 2022, foram utilizados três métodos de pesquisa: Pesquisa Bibliográfica, Análise de conteúdo e entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica foi importante para entender o cenário histórico dos podcasts no Brasil, buscando compreender o contexto da Copa do Mundo para veículos de comunicação e para conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto.

Em seguida, foi implementada a análise de conteúdo por meio da audição e decupagem dos três episódios iniciais de cada Podcast apresentado durante a Copa do Mundo, com o objetivo de compreender as semelhanças e as diferenças editoriais de cada programa diante dos mesmos fatos ocorridos no dia. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo se divide em três etapas: 1) a pré-análise, fase em que o objeto de estudo é organizado e possui a formulação de hipóteses; 2) a exploração do material, quando as técnicas estipuladas na pré análise são colocadas em prática e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, quando é necessário interpretar o resultado final.<sup>19</sup>

Para esta pesquisa, foram analisados três episódios do podcast “Futebol no Mundo” e três episódios do podcast “Posse de Bola” durante a cobertura da Copa do Mundo, colocados em comparação. Os episódios escolhidos foram o #1, #2 e #3, da cobertura da Copa do Mundo de cada podcast. A decisão de escolher estes episódios partem da ideia de que por se tratar do início da competição, havendo uma amplitude maior de fatos (uma quantidade maior de jogos, mais questões a serem levantadas) a linha editorial dos programas durante esta cobertura estaria mais exposta dentro dos episódios iniciais. Os critérios adotados para a análise consistiram na interpretação e identificação das pautas debatidas nos episódios dos três dias e a indicação do período utilizado no episódio, colocado em igualdade através

---

<sup>19</sup> BARDIN. *Análise de conteúdo*, 2011.

do cálculo de porcentagem, mensurando o nível de relevância atribuído à cada assunto.

Frações dos episódios detectados como trechos sem a finalidade de debater pautas ligadas ao programa, tais como aberturas, vinhetas, anúncios publicitários, considerações do apresentador, interações com os ouvintes, diálogos isolados, encerramentos, entre outros, não estarão incluídos nas tabelas, mas fazem parte do período total do programa presente no cálculo realizado. Este critério foram adotados durante as análises dos dois podcasts.

Esta pesquisa também contou com entrevistas semiestruturadas com dois produtores, um de cada podcast. Nestes casos “[...] não há um conjunto específico de questões, mas alguns guias de ordem geral. O pesquisador supõe que pouco ou nada conhece do assunto em pauta e sua função é ouvir e entender”.<sup>20</sup> A intenção, com as entrevistas, foi entender o posicionamento editorial e os critérios de edição de cada podcast analisado.

## **FUTEBOL NO MUNDO**

O Podcast “Futebol no Mundo” é proveniente do programa mais antigo do Canal ESPN Brasil, criado em 1995 e exibido até 2021. O programa costumava ir ao ar de segunda a sexta, e aos domingos, no formato de revista eletrônica e possuía suas pautas baseadas nas principais ligas europeias, em campeonatos espalhados pelo mundo, no futebol alternativo, nos brasileiros em destaque e, também, com destaque para diferentes culturas ao redor do mundo, informação verbal.<sup>21</sup>

Em setembro de 2021, o Programa Futebol no Mundo teve sua última edição na televisão, após 26 anos sendo exibido. Houve uma reformulação na grade de programas do canal pertencente à Disney e então chegou o programa ESPN FC, para substituir o Futebol no Mundo, mantendo o futebol internacional como prin-

---

<sup>20</sup> MOREIRA. *O método fenomenológico na pesquisa*, 2002.

<sup>21</sup> Informação obtida por meio de entrevista com o jornalista André Donke, comentarista do podcast Futebol no Mundo, realizada de forma remota, 26 maio 2022. Todas as citações referentes a Donke foram extraídas a partir desta entrevista.

cipal tema.<sup>22</sup> Com isso, o “FNM”, como é abreviado, ficou disponível apenas para plataformas de streamings de áudio e vídeo, no formato de podcast.

Contudo, o projeto do “Futebol no Mundo” no formato de podcast já estava pronto e em funcionamento quando o programa deixou de ser transmitido pela televisão.<sup>23</sup> Até maio de 2023, mais de 230 programas já foram produzidos. O “Futebol no Mundo” é apresentado e editado pelo jornalista Alex Tseng, com normalmente três comentaristas que alternam a presença no programa, como Gustavo Hofman, Leonardo Bertozzi, Ubiratan Leal, Mário Marra, André Donke e Fernando Campos. Os programas são gravados e postados com uma frequência de um episódio a cada três dias, com a duração de aproximadamente uma hora cada.

Para a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, a ESPN Brasil decidiu fazer uma cobertura especial destinada aos seus consumidores de podcasts. Um episódio de “Futebol no Mundo” por dia para repercutir todos os acontecimentos diários da maior competição de seleções do futebol mundial com correspondentes presentes *in loco*. Foram 29 dias de Copa e 29 edições do programa. Com episódios menores (média de 37 minutos de duração), todos os jogos da competição e outros assuntos foram pautados e debatidos pelos especialistas. Esta cobertura rendeu mais de 400 mil visualizações totais no YouTube e o programa se mantém no Top 10 da plataforma Spotify entre os Podcasts mais escutados sobre Esportes, de acordo com o site Spotify Charts. Partindo dos conceitos de Rodrigo Tigre (2021), o “Futebol no Mundo” se encaixa no conceito de Mesacast, que consiste em um podcast no formato de mesa-redonda, com especialistas que promovem uma discussão sobre determinados assuntos, com pontos de vistas diferentes entre os interlocutores.

## **POSSE DE BOLA**

O Programa Posse de Bola é um podcast do Uol Esporte, em que jornalistas do nicho esportivo debatem os principais acontecimentos do futebol durante a semana, com destaque para o futebol brasileiro. Juca Kfourri, Mauro Cezar Pereira, Arnaldo

---

<sup>22</sup> DONKE. Entrevista, 2023.

<sup>23</sup> DONKE. Entrevista, 2023.

Ribeiro, José Trajano e Eduardo Tironi são os principais nomes presentes no podcast. Todos estes nomes que compõem o time de comentaristas são ex-jornalistas do Canal ESPN Brasil, onde possuíam blogs e participavam de programas no formato “mesa-redonda”, com destaque para o “Linha de Passe – Mesa Redonda”, que nesta época, era o programa líder de audiência do canal, informação verbal.<sup>24</sup>

A saída de parte dos membros dos canais ESPN fez com que novos projetos fossem criados externamente. Eduardo Tironi e Arnaldo Ribeiro apresentaram o projeto do programa “Posse de Bola” para o UOL Esportes, que concordou com a ideia e recomendou que fosse em formato de podcast.<sup>25</sup> Com episódios toda segunda e sexta-feira, o Posse de Bola está presente nas plataformas agregadoras de áudio desde setembro de 2019. Com um tempo de duração por episódio de aproximadamente 1h e 5 minutos, o programa que tem Eduardo Tironi como âncora já ultrapassou a marca de 320 episódios produzidos em maio de 2023.

Durante o período de Copa do Mundo, o Posse de Bola escolheu fazer uma cobertura especial para discutir os acontecimentos do maior torneio de futebol, que aconteceu entre novembro e dezembro de 2022, no Catar. Ao invés dos costumeiros dois episódios semanais, os episódios foram produzidos em uma frequência diária, do início ao fim do torneio. Com alguns comentaristas *in loco*, foram 29 edições que lhe renderam mais de 3 milhões e 300 mil visualizações no YouTube e a colocação entre os 10 Podcasts mais ouvidos no Tema “Futebol”, de acordo com o Spotify Charts. Seguindo com as ideias apresentadas por Rodrigo Tigre (2021), o “Posse de Bola” se enquadra ainda mais no conceito de um podcast que consiste no formato de discussão de uma mesa-redonda, com o debate que levanta diferentes percepções sobre determinados assuntos.

## OS EPISÓDIOS ANALISADOS

Com relação aos títulos dos episódios dos podcasts, o “Posse de Bola” trouxe destaques da Seleção Brasileira nos três dias de competição. Além disso, a perspectiva

---

<sup>24</sup> Informação obtida por meio de entrevista com o jornalista Eduardo Tironi, âncora e editor do podcast Posse de Bola, realizada de forma remota, em 26 de maio de 2022. Todas as citações referentes a Tironi foram extraídas desta entrevista.

<sup>25</sup> TIRONI. Entrevista, 2023.

do podcast do Uol Esporte é voltada mais para seleções campeãs mundiais (França, Inglaterra e Argentina), que conseqüentemente, são seleções rivais do Brasil. O Catar foi a única exceção, sendo um destaque negativo do primeiro dia. Já o programa da ESPN cita mais jogos e sem falar do Brasil. No primeiro dia, o destaque foi para Enner Valencia, atacante do Equador que marcou dois gols na estreia. No segundo dia, os três jogos foram contemplados no título do “Futebol no Mundo”. No terceiro dia, houve semelhanças entre as abordagens dos dois programas, que colocaram em seus títulos os jogos da Argentina e da França. No entanto, o Futebol no Mundo trouxe à tona o caso da saída de Cristiano Ronaldo do time inglês, Manchester United, quando o Posse de Bola destacou a notícia sobre a escalação do atacante Vinícius Jr. no time titular da seleção brasileira.

Número do episódio (Edição Copa do Mundo)	Títulos dos episódios do Posse de Bola (Spotify)	Títulos dos episódios do Futebol no Mundo (Spotify)
1	Brasil chega empolgado; França ainda é favorita? Qatar é a pior anfitriã?	Enner Valencia brilha, e Equador estreia com vitória
2	Inglaterra impressiona na estreia? Rec 5 do Tite e protestos vetados	Show inglês, vitória holandesa e empate entre galeses e americanos
3	Fiasco da Argentina, goleada da França e Brasil com Vini Jr titular	Zebra saudita, goleada da França e CR7 sem clube

Tabela 1: Títulos dos três episódios iniciais dos podcasts durante a Copa do Mundo. Fonte: pesquisa dos autores.

Durante a introdução do primeiro episódio do “Futebol no Mundo”, o apresentador Gustavo Hofman sinalizou como pautas sociais e/ou políticas devem ser tratadas no programa: “Será muito bom contar sobre todos os bastidores de uma Copa do Mundo, que é extremamente polêmica e não vamos fechar os olhos para isso. Mas vamos falar muito de futebol porque é o sonho de milhões de pessoas e é o maior torneio de seleções do mundo”.<sup>26</sup> Por outro lado, José Trajano, jornalista e comentarista do Posse de Bola, deixou claro durante o primeiro episódio que os problemas da Copa do Mundo no Catar serão constantemente lembrados no pro-

<sup>26</sup> FUTEBOL NO MUNDO: #161, 2022.

grama do UOL Esporte. "Nesta cobertura da Copa nós temos que falar da bola rolando, mas temos que ter uma visão muito crítica com o que está acontecendo no Catar. Não podemos deixar passar a oportunidade".<sup>27</sup>

Considerando os dados apurados, o programa "Posse de Bola" dedicou 48,5% do tempo total de duração do primeiro episódio debatendo assuntos que relacionam futebol e os problemas sociais e/ou políticos associados à Copa do Mundo de 2022. Além do mais, o programa dedicou 42,6% do tempo total para discutir assuntos ligados apenas ao futebol, sem fazer referência ao Catar. No podcast "Futebol no Mundo", os assuntos que contêm as questões sociais e/ou políticas do Catar tomaram 15,8% do tempo total do primeiro episódio da cobertura especial da Copa do Mundo de 2022. Por outro lado, 66,8% do tempo do programa foram utilizados para repercutir e analisar temas estreitamente ligados aos acontecimentos dentro do âmbito do futebol. Os 17,4% restantes foram separados com os mesmos critérios do "Posse de Bola".

Com base nos resultados obtidos, foi possível observar diferenças e semelhanças entre as abordagens dos programas "Posse de Bola" e "Futebol no Mundo" na cobertura do primeiro dia da Copa do Mundo 2022. O programa "Posse de Bola" abordou tanto a partida quanto a cerimônia de abertura feita pela FIFA e pelo governo catari. Por outro lado, o "Futebol no Mundo" direcionou seus comentaristas para priorizar o embate dentro de campo entre Equador x Catar. Além da primeira partida da competição, foram identificadas duas pautas idênticas (VAR polêmico; Benzema fora da Copa) e ambos os programas abordaram a Seleção Brasileira na parte final dos episódios, mesmo três dias antes da estreia contra a Sérvia.

Vale ressaltar que o "Posse de Bola" fez uma conexão entre Copa do Mundo e Futebol Brasileiro (notícia do novo técnico do Corinthians), mesmo com a temporada de futebol no Brasil já concluída. Ao fim de cada episódio, o âncora Eduardo Tironi leva um quadro aos comentaristas para escolherem um destaque positivo e um destaque negativo do dia de Copa do Mundo, chamado como "Gatão de Ouro e Ração de Bronze". Os participantes do "Posse de Bola" possuem liberdade para escolher seus destaques, abrangendo tanto os temas

<sup>27</sup> POSSE DE BOLA: #Copa01, 2022.

sobre futebol quanto as sociais ou políticas, como foi o caso do primeiro episódio: o ex-jogador Walter Casagrande, destacou positivamente o atacante equatoriano, Enner Valencia, e de forma negativa, a cerimônia de abertura da Copa do Mundo, caracterizada como “machista”.

Posse de Bola ( <b>Tempo total do primeiro episódio: 73 min e 35 segundos</b> )	Futebol no Mundo ( <b>Tempo total do primeiro episódio: 33 min e 34 segundos</b> )
<b>Pauta:</b> Futebol e social e/ou política dentro do futebol / Posse de Bola analisa a Abertura da Copa do Mundo e suas primeiras impressões <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 36,9%	<b>Pauta:</b> Futebol / Vitória tranquila do Equador, Enner Valencia faz história. <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 27%
<b>Pauta:</b> Futebol / VAR polêmico anula o gol mais rápido das aberturas <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,6%	<b>Pauta:</b> Futebol / Caso a lesão de Enner Valencia não seja grave, o que acontece no grupo? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 6,2%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro do futebol / FIFA veta tarja de capitão com arco-íris de Kane, diz jornal <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,8%	<b>Pauta:</b> Futebol / O VAR no jogo de estreia da Copa. <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,2%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro do futebol / A Copa do Catar lembra a Copa de 1978 pela questão do regime? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,8%	<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro do futebol / Fake News sobre o Qatar ter “comprado jogo” na Copa do Mundo <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,8%
<b>Pauta:</b> Futebol / França ainda é uma das favoritas mesmo sem Benzema? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 16,4%	<b>Pauta:</b> Futebol / Benzema está fora da Copa do Mundo <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 10,9%
<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / A empolgação com a seleção brasileira se justifica? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,4%	<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / Primeiro dia de treino da seleção brasileira e as possíveis escalações. <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 18,5%
<b>Pauta:</b> Futebol brasileiro / Corinthians será treinado por Fernando Lázaro, auxiliar do Tite <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 13%	<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro do futebol / Chegada dos torcedores sul-americanos ao Catar <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 10%
<b>Pauta:</b> Futebol e social e/ou política dentro do futebol / Gatão de ouro e Ração de Bronze <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4%	

<b>Pauta:</b> Futebol / O que é imperdível amanhã? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,2%	
--	--

Tabela 2: Edições do dia 20/11/2022 dos Podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo” Fonte: pesquisa dos autores. Obs.: No primeiro dia de Copa do Mundo, aconteceu um jogo da Copa do Mundo 2022.

Após o término do segundo dia de jogos da Copa do Mundo, os dois programas começaram destacando a vitória da Inglaterra em cima do Irã, por 6x1. A forma como o atacante inglês Harry Kane se posiciona em campo também foi levada em conta por ambos podcasts. A vitória da Holanda contra Senegal foi uma pauta em comum entre os dois podcasts, no entanto, de forma mais aprofundada por parte do “Futebol no Mundo” (8,4% do tempo total), e no “Posse de Bola” foi apenas comparada à atuação da Inglaterra, que recebeu maior destaque

A Seleção Brasileira virou pauta do programa “Posse de Bola” ao repercutir o vocabulário tático utilizado pelo técnico Tite, quando usou o termo “Rec 5” para falar da marcação que o Brasil aplica com o objetivo de recuperar a bola com agilidade. O tema foi tratado com ironia e irritação por parte dos comentaristas do programa do Uol Esporte. No programa “Futebol no Mundo”, a Seleção Brasileira foi mencionada apenas ao final (3,7% do tempo do programa), com o relato do correspondente Gustavo Hofman sobre o dia de treinamento do Brasil no Catar. A partida entre Estados Unidos x País de Gales foi apenas abordada na abertura do programa apresentado por Eduardo Tironi, sem ser debatida entre os comentaristas. Por outro lado, o programa da ESPN, usou 10% do seu tempo total para falar sobre o empate em 1x1 entre as seleções do Grupo B, desta forma, dando destaque às três partidas do segundo dia de competição.

Neste dia, pautas sociais e políticas que envolviam a Copa do Mundo foram muito trabalhadas pelos dois programas. Cerca de 35,1% do segundo episódio do “Futebol no Mundo” foram dedicados às pautas sociais e políticas que envolviam a Copa do Mundo e 43,4% destinados às pautas sobre o futebol praticado no torneio. Já no “Posse de Bola”, 49% do tempo do programa foram utilizados para comentar sobre temas de cunho social e/ou político, sendo os protestos da torcida do Irã um dos temas em comum.

Posse de Bola ( <b>Tempo total do segundo episódio: 60 minutos e 55 segundos</b> )	Futebol no Mundo ( <b>Tempo total do segundo episódio: 34 minutos e 29 segundos</b> )
<b>Pauta:</b> Futebol / Inglaterra sobe na cotação após atropelar o Irã? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,3%	<b>Pauta:</b> Futebol / Goleada espetacular da Inglaterra em cima do Irã, empolgou? O Irã decepcionou <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 11,6%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro da Copa / Torcida do Irã e jogadores da Inglaterra protestam <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,2%	<b>Pauta:</b> Futebol / A movimentação de Harry Kane durante a partida contra o Irã ” <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,3%
<b>Pauta:</b> Futebol / Holanda e Inglaterra podem chegar forte desta vez? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 15,1%	<b>Pauta:</b> Social e/ou Política dentro da Copa / Os protestos dos jogadores do Irã e a luta das mulheres por conta do futebol <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 7,2%
<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / Tite inova no vocabulário com “Rec 5” na seleção brasileira <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,5%	<b>Pauta:</b> Social e/ou Política dentro do futebol / Grealish homenageia garoto inglês com paralisia cerebral <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,9%
<b>Pauta:</b> Futebol / Neymar consegue fazer a mesma movimentação que Harry Kane faz na Seleção Inglesa? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,5%	<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro da Copa / FIFA avisa que aplicaria punição esportiva para a braçadeira do Arco-Íris <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 10,1%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro da Copa / Impressões da Copa do Mundo in-loco <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4%	<b>Pauta:</b> Futebol / Holanda vence Senegal em jogo disputado <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 8,4%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro da Copa / Neymar é o símbolo do projeto da Copa do Qatar? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 18,6%	<b>Pauta:</b> Futebol / Desempenho dos árbitros brasileiros no segundo dia de Copa e acréscimos intermináveis <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,7%
<b>Pauta:</b> Social e/ou política dentro do futebol / “Americanização” do futebol; efeito do capitalismo no futebol <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 12,2%	<b>Pauta:</b> Futebol / EUA e Gales fazem o jogo mais equilibrado do dia <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 10%
<b>Pauta:</b> Futebol e Social e/ou Política dentro do futebol / Gatão de ouro e ratão de bronze <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 12,6%	<b>Pauta:</b> Social e/ou Política dentro do futebol / Relatos da cobertura da Copa in loco, o consumo de álcool em Doha <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 12,9%
<b>Pauta:</b> Futebol / Qual o jogo imperdível do terceiro dia de Copa? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 2,1%	<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / O dia de treinos da Seleção Brasileira no Catar <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,7%
	<b>Pauta:</b> Futebol / A primeira substituição

	por concussão da história da Copa do Mundo <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,5%
	<b>Pauta:</b> Futebol / Explicação do protocolo de concussão <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,9%

Tabela 3: Edições do dia 21/11/2022 dos Podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo”.  
Fonte: pesquisa dos autores. Obs.: No segundo dia de Copa do Mundo, aconteceram três jogos da Copa do Mundo 2022.

O terceiro dia de Copa do Mundo foi marcado pela derrota improvável da Argentina para a Arábia Saudita, por 2x1. Os dois programas trataram de debater o assunto logo no começo, com prioridade. O “Futebol no Mundo” analisou a partida com informações táticas e provenientes de dados estatísticos, fazendo uma interpretação aprofundada do jogo dentro das quatro linhas, que tomou pouco mais de um quarto do tempo do episódio (26,4%). Já o “Posse de Bola” inicialmente abordou o jogo da Argentina, mas fazendo a comparação com a vitória da França em cima da Austrália, seleções que viriam a ser finalistas da Copa. No entanto, a Seleção Argentina foi o tema principal do episódio (48,7% do tempo total do episódio), prevalecendo até a parte final do programa.

Já o “Futebol no Mundo” passou brevemente pelo empate entre México e Polônia e, em seguida, analisou a vitória francesa. Também foi abordado no programa da ESPN o empate em 0x0 entre Dinamarca e Tunísia. A partir disso, é possível notar uma diferença entre os enfoques dos programas. O “Futebol no Mundo” abordou todos os quatro jogos do dia com conteúdo, mesmo que tenham sido empates entre seleções menores e jogos de um nível técnico inferior. Por outro lado, o “Posse de Bola” se concentrou nas partidas de França e, principalmente, Argentina, trazendo uma visão mais focada em seleções favoritas a vencer a competição.

Neste episódio do “Posse de Bola”, dois temas foram abordados por comentaristas que fugiram das pautas de futebol ou das pautas sociais e políticas que envolvem a Copa do Mundo do Catar. A primeira, a morte de Erasmo Carlos, citada e lamentada pelo jornalista José Trajano, que falou da importância do músico para a cultura brasileira. O segundo, protagonizado pelo jornalista Juca Kfoury, em que ele elogia o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Alexandre

de Moraes, por responder de forma dura e objetiva uma acusação por parte de Valdemar Costa Neto, presidente do partido de Jair Bolsonaro, ao alegar que havia urnas fraudadas no Segundo Turno das Eleições de 2022. Estas abordagens demonstram uma certa liberdade editorial por parte dos comentaristas no programa do Uol Esporte.

<b>Posse de Bola (Tempo total do segundo episódio: 63 minutos e 15 segundos)</b>	<b>Futebol no Mundo (Tempo total do segundo episódio: 31 minutos e 04 segundos)</b>
<b>Pauta:</b> Futebol / França reforça o favoritismo com goleada na estreia e Argentina decepciona <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,2%	<b>Pauta:</b> Futebol /Argentina perde por 2x1 para a Arábia <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 26,3%
<b>Pauta:</b> Futebol / A diferença entre França e Argentina em nível de jogo <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 9,2%	<b>Pauta:</b> Futebol / México empata com a Polônia com pênalti perdido por Lewa <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3%
<b>Pauta:</b> Futebol / Argentina reclama do VAR; a “videogamização” do futebol <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,2%	<b>Pauta:</b> Futebol / Giroud faz dois e França vence de virada a Austrália <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 12,8%
<b>Pauta:</b> Cultura brasileira / A morte de Erasmo Carlos <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,1%	<b>Pauta:</b> Futebol / Dinamarca e Tunísia empatam no 0x0 <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,3%
<b>Assunto: Política no Brasil / O protesto de Valdemar Costa sobre as urnas e a resposta de Alexandre de Moraes</b> <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 1%	<b>Pauta:</b> Futebol europeu / CR7 fora do Manchester United e impacto da notícia na seleção portuguesa <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 19,8%
<b>Pauta:</b> Futebol / O VAR faz mal para o futebol? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 4,7%	<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / Escalação definida para o Brasil <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 7%
<b>Pauta:</b> Futebol / Derrota da Argentina é a maior zebra das Copas? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 18,3% <b>Pauta:</b> futebol	
<b>Pauta:</b> Futebol / A Argentina vai conseguir reagir?; O papel de Messi nessa seleção <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 13,3%	
<b>Pauta:</b> Futebol / Os jovens roubam a cena na Copa; Neymar e Mbappé serão os grandes nomes <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 3,1%	
<b>Pauta:</b> Seleção Brasileira / Brasil terá Vini Jr	

titular e Thiago Silva capitão na estreia <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 5,1%	
<b>Pauta:</b> Social e/ou Política dentro da Copa / Herdeiro do Catar visita treino fechado do Brasil <b>no episódio:</b> 1%	
<b>Pauta:</b> Futebol e Social e/ou Política na Copa / Gatão de Ouro e Ração de Bronze <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 9%	
<b>Pauta:</b> Futebol / O que é imperdível amanhã? <b>Tempo utilizado no episódio:</b> 1,6%	

Tabela 4: Edições do dia 22/11/2022 dos Podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo”. Fonte: pesquisa dos autores. Obs.: No terceiro dia de Copa do Mundo, aconteceram quatro jogos da Copa do Mundo 2022.

## ENTREVISTAS

Para complementar este trabalho, foram realizadas entrevistas no formato semiestruturado com um integrante de cada Podcast. O representante do “Posse de Bola”, foi o âncora do programa, Eduardo Tironi. Já o entrevistado do “Futebol no Mundo” foi o comentarista André Donke. Ambas entrevistas foram realizadas de forma remota.

Quando questionado sobre a produção do “Futebol no Mundo”, André Donke apontou que o programa é bastante democrático entre os comentaristas e jornalistas que participam dele, pois as pautas são definidas, sugeridas e discutidas por meio de um grupo de WhatsApp no qual todos os integrantes do Podcast estão presentes. Donke também citou que, em alguns momentos, foram realizadas reuniões virtuais para definir os assuntos do dia durante a Copa do Mundo, mas o grupo de WhatsApp foi a principal ferramenta.<sup>28</sup> Por outro lado, Eduardo Tironi, do “Posse de Bola”, contou que ele mesmo é o editor do programa e é responsável pela produção da pauta e do roteiro, acompanhado pelo colega e jornalista, Arnaldo Ribeiro. Tironi explicou que os outros membros não sabem exatamente o que vai ser falado no programa, mas que têm a noção pelo fato de serem jornalistas.<sup>29</sup>

Ambos os programas falaram da Seleção Brasileira durante os episódios, no entanto, com enfoques diferentes. Segundo André Donke, o objetivo da cobertura

<sup>28</sup> DONKE. Entrevista, 2023.

<sup>29</sup> TIRONI. Entrevista, 2023.

do “Futebol no Mundo” era falar de todos os jogos da Copa do Mundo e, naturalmente, citando a Seleção Brasileira, mas com menos ênfase:

Se você ligar a TV, você verá uma cobertura focada na seleção brasileira e nas grandes seleções. (...) Dá pra ter assunto sobre o Brasil durante a Copa inteira, mas sabendo que essa cobertura seria ampla na TV, o Futebol no Mundo era o local para quem gosta muito da Copa como um todo, que quer ouvir das 32 seleções.<sup>30</sup>

Por outro lado, o objetivo do “Posse de Bola” na cobertura da Copa do Mundo, foi algo oposto, voltado ao público interessado em saber sobre a Seleção Brasileira e seus rivais, como Eduardo Tironi afirmou:

Não dá pra fazer um debate diário durante a Copa do Mundo sem falar todos os dias da Seleção Brasileira. Claro que os fanáticos por futebol vão querer saber sobre o Canadá ou sobre o Equador. Mas o grande público quer saber do Brasil e um pouco das outras, comparando a Seleção Brasileira. Por exemplo, ‘por quê o Messi é o cara da Copa e o Neymar não é?’, este é o assunto que vai estar sendo falado no bar da esquina.<sup>31</sup>

Nos episódios analisados, foram encontrados muitos assuntos sociais e políticos voltados à Copa do Mundo do Catar, abordados pelos dois programas. No entanto, levando em consideração as respostas dos entrevistados, é possível notar uma diferença de linha editorial na forma que esses temas eram tratados nos programas. No “Futebol no Mundo”, os comentaristas tinham a liberdade de sugerir pautas para o editor Alex Tseng, podendo incluir temas que abordassem o extracampo. O foco do programa estava no futebol da Copa do Mundo, mas alguns temas sociais e políticos tinham de ser abordados:

Sempre temos liberdade para trazer assuntos diferentes, com abordagens que fogem da ‘bola’. Isso também é algo característico do “Futebol no Mundo”. Na Copa do Mundo, o foco acaba sendo o jogo em si. [...] A Copa do Catar deu muito o que falar, então se tivesse algum acontecimento polêmico, por exemplo, o protesto da seleção alemã contra a proibição das braçadeiras LGBTQIA+, foi algo que trouxemos. Não é só porque estávamos em um ritmo acelerado da Copa, que esses assuntos seriam deixados de lado.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> DONKE. Entrevista, 2023.

<sup>31</sup> TIRONI. Entrevista, 2023.

<sup>32</sup> DONKE. Entrevista, 2023.

Por outra perspectiva, Eduardo Tironi explicou que a forma em que o programa é conduzido, proporciona a liberdade para que os comentaristas possam debater assuntos que eles queiram falar e que o programa vá se moldando conforme as opiniões. Existe um entrosamento do elenco do “Posse de Bola” e isso impacta na forma que o âncora conduz seus comentaristas, incluindo no debate de assuntos sociais ou políticos que envolviam a Copa do Mundo:

Quando você tem um elenco desse, muito do que você faz é apenas direcionar as coisas. Tudo fica mais fácil. Eu conheço cada um deles e sei sobre o que eles vão querer falar sobre cada assunto. Não temos nenhum comentarista que só fale do ‘taticuês’, e também entendemos que o futebol é muito mais do que isso [...] O programa foi indo e quando você tem um elenco tão rico de conteúdo, é natural que esses assuntos sejam abordados. Foi algo positivo e, também, muito semelhante ao que era o Linha de Passe.<sup>33</sup>

As informações obtidas nas entrevistas realizadas corroboram com a hipótese levantada de que os podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo” apresentaram coberturas distintas da Copa do Mundo de 2022. As divergências na produção e na linha editorial dos programas acarretam duas abordagens diferentes diante dos mesmos fatos em evidência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apontar as diferenças entre as coberturas da Copa do Mundo de 2022 feitas pelos podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo”, utilizando três procedimentos metodológicos para realizar este estudo: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevista semiestruturada. Os resultados atingidos por meio destes métodos sinalizaram divergências editoriais presentes na comparação entre a cobertura dos podcasts “Posse de Bola” e “Futebol no Mundo” durante um período da Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar. Os assuntos abordados evidenciaram a capacidade dos dois programas de terem abordagens distintas, mesmo estando diante dos mesmos fatos e no mesmo período.

Por meio da interpretação dos dados e da exposição em tabelas, foi possível concluir que a linha editorial do programa do Uol Esporte difere consideravelmente

---

<sup>33</sup> TIRONI. Entrevista, 2023.

quando comparada ao programa da ESPN Brasil. O “Futebol no Mundo” realizou uma cobertura destinada a um público que busca um conteúdo voltado exclusivamente ao futebol, abordando a todos os jogos de cada dia com uma percepção tática, e cedendo um espaço moderado para questões sociais e políticas que envolviam a Copa do Mundo do Catar. A Seleção Brasileira não foi a campo nestes dias, mas o programa reservou um período de tempo para relatos sobre a rotina do Brasil na Copa do Mundo. Por outro lado, o “Posse de Bola” realizou uma cobertura voltada a um público maior e com o enfoque na Copa sob o ponto de vista da Seleção Brasileira, recebendo destaque nos três episódios mesmo sem jogar e tendo a comparação com seleções rivais, como Inglaterra, França e Argentina. A linha editorial do programa proporciona liberdade para seus comentaristas conduzirem as pautas durante o programa, como as questões sociais e políticas do Catar e do Brasil, o que fica comprovado na entrevista realizada com o jornalista Eduardo Tironi, âncora do programa. Esta pesquisa demonstra como podcasts de nichos específicos podem ter diferentes abordagens do ponto de vista jornalístico, estando diante dos mesmos acontecimentos.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ABPOD. **PodPesquisa**, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2fdv692e>. Acesso em 26 mar. 2024.
- ASSIS, Pablo de. Reflexões sobre o Podcast. In: LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o Podcast**. Marsupial Editora, São Paulo, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.
- COPA do Mundo 2022: volume de fãs atualmente supera o de 2014, quando foi realizada no Brasil. **Ibope Repucon**, São Paulo 16 nov. 2022. Notícias. Disponível em: <https://tinyurl.com/ya46yp5a>. Acesso em 18 abr. 2024.
- DONKE, André. **Entrevista com o comentarista do podcast Futebol no Mundo**. Google Meet. 26 maio 2024.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre. Editora Sagra Luzato, 2001.

FRITOLI, A.; MELCHERT, J. Os brasileiros e o esporte: como as pessoas estão se exercitando e consumindo conteúdo esportivo no país? **Think with Google**. Disponível em: <https://tinyurl.com/4tztz5a7>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FUTEBOL NO MUNDO: #161 - Dia 1: Enner Valencia brilha, e Equador estreia com vitória [Locução de]: Alex Tseng; Gustavo Hofman e Mário Marra. **ESPN Brasil**, 20 nov. 2022. Podcast. Disponível em: . Acesso em: 21 mar. 2024.

FUTEBOL NO MUNDO: #162 - Dia 2: Show inglês, vitória holandesa e empate entre galeses e americanos [Locução de]: Alex Tseng; Gustavo Hofman e Ubiratan Leal. **ESPN Brasil**, 21 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://tinyurl.com/27fe4w66>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FUTEBOL NO MUNDO: #163 - Dia 3: Zebra saudita, goleada da França e CR7 sem clube [Locução de]: Alex Tseng; Gustavo Hofman e Leonardo Bertozzi. [S.l.]: **ESPN Brasil**, 22 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdxmresz>. Acesso em: 21 mar. 2024.

GLOBO. Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. **Globo Gente**. 17 jul. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr48xdep>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda**: Convergência Digital E Novos Desafios Na Radiodifusão. E-papers, 2007.

LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o Podcast**. Marsupial Editora, São Paulo, 2014.

MAGRI, Diogo. A febre dos podcasts sobre futebol preenche lacunas e atrai pesos pesados. **El País**. Online. Disponível em: <https://tinyurl.com/2s3tz2nv>. Acesso em: 8 jun. 2024.

MIYASHIRO, Kelly. Copa do Mundo: a audiência altíssima da Globo com Brasil x Sérvia. **Revista Veja**. Online. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdh829ws>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MIYASHIRO, Kelly. Copa do Mundo: a audiência expressiva da Globo com Brasil x Suíça. **Revista Veja**. Online. Disponível em: <https://bit.ly/3IT8VPL>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MELHOR Copa do Mundo da história teve audiência recorde em 2018, diz Fifa. **Portal Terra**. Online 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3TtrH5e> . Acesso em: 7 jun. 2023.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVEU, Erik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PADIGLIONE, Cristina. 'Pantanal': último capítulo ultrapassa 34 pontos em SP. Coluna Zapping. **Folha de S. Paulo**. 8 out. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/43vgEgd> Acesso em 12 ago. 2024.

POSSE DE BOLA: #Copa01: Brasil chega empolgado, França ainda favorita? Qatar é a pior anfitriã? [Locução de]: Eduardo Tironi; José Trajano; Juca Kfourir; Walter Casagrande Jr e Arnaldo Ribeiro. **UOL**, 20 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/3TsORZn>. Acesso em: 21 mar. 2024.

POSSE DE BOLA: #Copa02: Inglaterra impressiona na estreia? Rec 5 do Tite e protestos vetados [Locução de]: Eduardo Tironi; José Trajano; Juca Kfourir; Milly Lacombe, Mauro César e Arnaldo Ribeiro. **UOL**, 21 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/43ya9cB>. Acesso em: 21 mar. 2024.

POSSE DE BOLA: #Copa03: Fiasco da Argentina, goleada da França e Brasil com Vini Jr titular [Locução de]: Eduardo Tironi; José Trajano; Juca Kfourir; Milly Lacombe,

Mauro César e Arnaldo Ribeiro. **UOL**, 22 nov. 2022. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/4arP9X4>. Acesso em: 21 mar. 2024.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Editora Insular, Florianópolis, 2012

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora**: as interações no podcasting. Intexto, Porto Alegre, 2005.

REUTERS. Digital News Report 2022. **Reuter Institute**. Online. Disponível em: <https://bit.ly/4aiNfZa>. Acesso em: 4 abr. 2024.

ROSÁRIO, Mariana; MARIANO, Laura. Despedida de Galvão, câmeras especiais e versões compactas de jogos: entenda como será a transmissão da Copa na Globo, 2022. **Extra**. Online. 20 set. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/498Cibl>. Acesso em 10 jan. 2024.

SPOTIFY. Podcast charts. Disponível em: <https://podcastcharts.byspotify.com>. Acesso em: 18 abr. 2024.

TIGRE, Rodrigo. **Podcast S/A**. Campanha Editora Nacional, São Paulo, 2021.

TIRONI, Eduardo. **Entrevista com o editor e âncora do podcast Posse de Bola**. Google Meet. 26 maio 2024.

ZANDT, Florian. Where podcasts are most popular. **Statista**. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/4ahMRtM>. Acesso em: 6 jun. 2024.

\* \* \*

**Recebido em:** 21 ago. 2023.

**Aprovado em:** 23 mar. 2024.

**Time do Povo e Fiel Torcida:  
as contexturas das construções simbólicas  
do Corinthians em produtos editoriais  
– entrevista com Celso Unzelte**

‘Time do Povo’ and ‘Fiel Torcida’:  
the contextures of the symbolic constructions of  
Sport Club Corinthians Paulista in editorial products  
– interview with journalist Celso Unzelte

**Núbia Azevedo**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil  
Doutora em Comunicação, Unesp-Bauru  
nubiaazevedolhp@gmail.com

**RESUMO:** Entrevista a Celso Unzelte, jornalista, pesquisador e escritor, a respeito das construções simbólicas em torno do Sport Club Corinthians Paulista e a sua composição em produtos editoriais. O autor discorre acerca do processo de produção da obra *Bíblia do corintiano*, bem como no tocante à edificação e gestão dos conceitos simbólicos relacionados ao clube do Parque São Jorge. São abordadas questões referentes às antinomias que envolvem as representações do time paulista e a elaboração de livros em edições especiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Celso Unzelte; Construções simbólicas; Sport Club Corinthians Paulista; Produtos editoriais.

**ABSTRACT:** Interview with Celso Unzelte, journalist, researcher and writer, about the symbolic constructions around Sport Club Corinthians Paulista and its composition in editorial products. The author discusses the production process of the *Bíblia do corintiano*, as well as the construction and management of symbolic concepts related to the Parque São Jorge club. Issues relating to the antinomies involving the representations of the São Paulo team and the preparation of books in special editions are addressed.

**KEYWORDS:** Celso Unzelte; Symbolic constructions; Sport Club Corinthians Paulista; Editorial products.

Celso Dario Unzelte nasceu em São Paulo, em fevereiro de 1968. Autor de 18 livros, é também professor universitário e comentarista esportivo. Celso Unzelte realiza pesquisas a respeito do esporte mais popular do país, âmbito no qual se destaca *O livro de ouro do futebol*,<sup>1</sup> obra de sua autoria. Corinthiano, tornou-se também um dos principais pesquisadores da história do clube.

Parte integrante da tese “Do *mythos* ao *lógos*: um mapeamos das construções simbólicas em produtos editoriais acerca do Sport Club Corinthians Paulista”, a entrevista realizou-se de forma remota, via Google Meet, em janeiro de 2024. Nesta conversa, Unzelte discorre acerca do processo de produção da *Bíblia do corintiano*,<sup>2</sup> de sua autoria; e do *Nação Corinthians*,<sup>3</sup> livro do qual é coautor. O pesquisador acredita que, apesar de ocorrer por parte do clube uma potencialização dos simbolismos à sua volta, sempre existiu no Corinthians um

<sup>1</sup> UNZELTE. *O livro de ouro do futebol*.

<sup>2</sup> UNZELTE. *Bíblia do corintiano: livro e documentos históricos de um centenário de conquistas*.

<sup>3</sup> Corinthians. *Nação Corinthians*.

‘quê’ de diferente, a existência de evidências que justificam a produção de uma mística corinthiana.

### **Celso, como surgiu a ideia da *Bíblia do corintiano*?**

A *Bíblia do corintiano* é uma exceção no meu trabalho. A base do meu trabalho é o *Almanaque do Timão*, que é a análise fria de resultados e biografias de jogadores e técnicos; talvez nem tão frias a partir dos comentários que eu faço, mas eu te garanto que são comentários muito menos apaixonados do que eram os do seu Antoninho de Almeida e dos que são atualmente, eu não sei se você acompanha nas redes sociais o Fernando Wanner. Wanner é quase messiânico né?! Acho legal ele fazer isso, mas eu sou jornalista, não me coloco em um papel assim. Por mim, eu colocaria 10 a 0 para o Corinthians em todos os jogos. O que eu quero dizer é o seguinte, que essa primeira literatura mais apaixonada, como diz o Plínio Labriola,<sup>4</sup> ela se ocupava menos de dados e mais de ufanismo. Então eu lembro que por exemplo, seu Antoninho; agora recente-

<sup>4</sup> NEGREIROS. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916*.

mente lançaram um pequeno livrinho com anotações do seu Antoninho lá no Corinthians, uma coisa só para sócios. O pessoal, o Raul Correia, que era lá do financeiro do Andrés, ele tem uma chapa né, uma chapa 83 de valores, uma das chapinhas do Corinthians e ele produziu esse material sobre o seu Antoninho. O seu Antoninho de Almeida passou a vida inteira querendo escrever um livro que ele chamaria ‘História de um grande clube escrita pelo próprio povo’, que ele nunca infelizmente conseguiu fazer esse livro da maneira como ele queria. E a própria história do seu Antoninho é comovente, ele não tinha os dois braços. Ele perdeu os dois braços quando era criança numa moenda de cana. Ele foi funcionário, não por 70 anos, mas ligado ao Corinthians de 1930 até o dia que morreu, em 2000. E ele respondeu sobre o Corinthians em um antigo programa ‘O céu é o Limite’ nos anos 1960. O próprio Lourenço no *Coração Corinthiano*<sup>5</sup> fala: “Sem esse homem a história do Corinthians seria folhas ao vento”. E seriam mesmo porque era ele quem colhia. Ele passou a vida inteira por exemplo, falando da saga dos dois jogos contra Minas Gerais e

---

<sup>5</sup> DIAFÉRIA. *Coração corinthiano*.

São Paulo do Bixiga. Dois jogos que deram vaga no Campeonato Paulista, e ele vivia falando “time dos operários, o time dos operários”, mas a data do jogo ele não dava. Precisei eu folhear o jornal todo do ano de 1912, e também até março de 1913, para descobrir que o jogo tinha sido em março de 1913.

Então eu acho que essa é uma primeira diferença assim do meu trabalho em relação aos outros. Você citou a *Bíblia do corinthiano*, aquilo é uma ideia mais editorial do Marcelo Duarte que era o dono da Panda Books. A ideia da *Bíblia do corinthiano* surge porque eu ganhei uma caixa de uma amiga minha que foi à Inglaterra, ela me deu uma caixa com um memorábilia da história do Chelsea, ela torce pelo Chelsea. E eu mostrei essa caixa para o Marcelo e o Marcelo falou: “vamos fazer uma dessa para o Corinthians?”, que estava se aproximando o centenário do Corinthians. Aí eu falei, vamos, podemos fazer. Aí eu juntei basicamente a memorábilia que tem lá, reprodução de jornal, Campeão de 54, reprodução do ingresso de 77, aquela história toda; e junto veio o livrinho que o Marcelo chamou de *Bíblia do corinthiano*, que ele brinca, fala que o Co-

inthians tem seus santos, São Neco, São Wladimir, mas eu não tive uma participação tão direta nesta ideia. Tanto que depois a mesma editora publica a *Bíblia do São Paulino* e a *Bíblia do Palmeirense*. Então, no fim, acabou não sendo propriamente uma ideia só do Corinthians. A gente sabe dessa devoção quase religiosa do corinthiano, mas não é uma obra assim tão diferente porque os outros dois também tem. E eu lembro que na época eu encontrei numa festa, num evento, um rapaz que era lá do departamento jurídico do Corinthians e ele contava que foi meio polêmico ali liberar *Bíblia do corinthiano*, porque estavam com medo de ofender religiões. Religiões constituídas, mas ele me disse que liberou. Mas enfim, o bastidor da tal da *Bíblia do corinthiano* é mais ou menos esse que eu te passei.

**Algumas pesquisas mostram uma “preterição” dos torcedores pelos livros de seus clubes, o que pode justificar o fato destes produtos dificilmente ser disponibilizados em número grandioso. Com relação à Bíblia, qual foi a tiragem? Como chegaram a este número?**

Olha, mais do que a tiragem, o que me assustou foi o preço na época. Eu lembro que, bom é uma caixa né?! Uma caixa enorme, não sei se você tem a caixa. A produção teve custos altos. E eu lembro que ela estava sendo vendida por R\$ 160,00. O que é muito mais, a média dos meus livros sobre o Corinthians é de R\$ 30,00. Em média, uns mais baratos, uns mais caros, mas em média são R\$ 30,00. *Os 20 maiores jogos, Os 10 maiores ídolos*, tudo isso aí era na casa dos R\$ 30,00, quando muito R\$ 40,00. E o Marcelo falou em R\$ 160,00, e eu falei: “Marcelo, não vai vender”. Nós lançamos inclusive no dia do centenário, na noite do centenário, 1º de setembro de 2010, ali na Avenida Paulista; e para a minha surpresa é um livro sobre o qual eu recebo royalties até hoje. Eu não sei te dizer o número de vendas, mas é muito significativo porque 10% de R\$ 160,00 são R\$ 16,00. Eu, pra ganhar 10% em cima daqueles livrinhos, pra ganhar R\$ 160,00 em cima daqueles livrinhos de R\$ 30,00, eu tenho que vender cinco livros. Então, tenho pra mim; eu também desenvolvo há 10 anos o aplicativo Almanaque do Timão, que nada mais é do que o almanaque em forma de aplicativo de celular. E a gente tem tocado o apli-

cativo nesses nove anos com muita dificuldade, um número muito baixo de pessoas. Nós cobramos R\$ 5,00 por mês e R\$ 70,00 por ano. Não, R\$ 70,00 nada, R\$ 35,00 por ano e mesmo assim nós estamos encerrando as atividades porque realmente o público é muito baixo. O público não enxerga. Eu acho que a gente tem um problema com a questão do público leitor no Brasil antes de tudo. Nesses projetos todo mundo se empolga, fala: “ah são 20 milhões de loucos, se 10% comprarem”, não chega. Não chega a 1% nunca, então temos muitas barreiras nisso. Eu não sei te dizer em termos de números de venda, mas eu sei te dizer que me parece que é um público, e aí eu já amplio o público do futebol em geral. Eu produzo muita coisa para o público do futebol em geral. Eu estou me convencendo cada vez mais que a gente faz coisas para menos pessoas que não se importariam em pagar mais. A *Bíblia do corinthiano* é um exemplo disso.

**Como foi o processo de licenciamento do livro? Foi necessário solicitar uma autorização? O clube realiza uma revisão da obra?**

Bom, eu sempre faço questão de tentar fazer os produtos licenciados, porque eu como jornalista defendo a ideia de que o clube de futebol precisa enxergar todas essas coisas como fontes de renda. Então, até para ser coerente com o meu discurso, eu gostaria que todos os meus produtos fossem licenciados. A questão é que os clubes infelizmente, aí não só o Corinthians, mas os clubes nos tratam como se nós fizéssemos bonés, chaveiro, caneta. Eles não entendem o valor cultural disso. Eu já tive sérios problemas inclusive, em outras administrações, isso varia muito de administração para administração, mas já chegaram a ligar na minha casa querendo rever contrato do aplicativo porque o dinheiro não entrava. Então, segundo eles, não seria um produto interessante. Aí eu falei pelo telefone: “Olha ainda bem que vocês me ligaram mesmo porque isso aí só me dá prejuízo. Eu mantenho esse aplicativo porque gosto e porque sou corinthiano. Se vocês quiserem me liberar disso, estejam à vontade”. Aí num segundo momento alguém percebeu que era importante pro marketing, para eles chuparem meus números, enfim e aí a coisa ficou até hoje mal parada. O clube em alguns momentos até, em administrações

anteriores chegaram a colocar *Almanaque do Timão* na própria camisa do Corinthians. Mas a gente tem muito problema com rede social, com site. Os clubes terceirizam isso, é uma questão muito política. Eles realmente não nos enxergam como parceiros no sentido deles. Eles querem só ceder a marca e colher frutos, e não é assim que a coisa funciona. Por lei, toda vez que você trabalha com informação, você não precisa pagar royalties. Você precisa pagar royalties em cima do uso do escudo, em cima do direito de imagem de jogadores, técnicos, aí entra toda uma questão jurídica que dificulta essa situação. Muitas vezes já falei, em diversos momentos: “Se vocês pagassem um mês de salário desses jogadores que não dão certo para montar um departamento histórico decente vocês não precisariam de mais nada”. Mas isso não é uma prioridade, infelizmente, porque não dá dinheiro né?! Não dá dinheiro no volume que eles querem. Não se vende tanto. Aí entra naquilo que você falou, o torcedor não enxerga o livro como um bem, como ele enxerga uma camisa ou até mesmo um chaveiro, enfim, coisas menos culturais.

**Em uma das matérias que li sobre a Bíblia, vi que a pesquisa para a sua produção durou 15 anos. Como foi o processo de seleção dos fac-símiles que entrariam na caixa? Existiu um critério para seleção destes documentos?**

É, eu acho que assim, toda a minha produção em relação ao Corinthians é em cima de uma base de dados que é o *Almanaque do Timão*. Quando eu falo que a produção para Bíblia durou 15 anos, não era propriamente para a Bíblia, era em cima do trabalho *Almanaque do Timão* e de onde eu tiro subprodutos, no melhor sentido da palavra subprodutos. A Bíblia é um deles. Para transformar em Bíblia, aí a gente tinha que ter um apelo bastante visual e iconográfico. Coisas que as pessoas pudessem pegar, mexer, então nós trabalhamos em dois sentidos. Um dos sentidos era cobrir os grandes momentos da história do clube. Tinha que ter alguma coisa sobre o campeonato de 54, do IV Centenário, e aí a gente reproduziu a primeira página do jornal *A Gazeta Esportiva*; que aliás eu tenho original aqui, guardado pelo meu velho tio Túlio, meu falecido tio Túlio. Quando estava doente fez questão de me dar e falou: “ó, você vai guardar”. Aí, por uma questão também comercial,

resolvemos substituir por uma reprodução da página de jornal lá do arquivo da Gazeta que estava mais bem conservada. Tinha que ter alguma coisa de 77 e aí nós reproduzimos os ingressos da final de 77; tinha que ter alguma coisa do Mundial de 2000, e nós reproduzimos o ingresso também de 2000. Tinha que ter alguma do Brasileiro de 90, também tem reprodução do ingresso. E um outro caminho era coisa que eu já tinha a mão. Eu tinha uma xerox de uma foto assinada do time bicampeão paulista de 1951-52, assinada por todos os jogadores. Quem me deu essa xerox foi um senhor que eu conheci no estádio, numa noite em 1992, que o Corinthians perdeu do Inter de Porto Alegre de 4 a 0. O senhor chamado Sr. Daniel era professor de português e assessor de imprensa do Rui Falcão, jornalista e político. Aí conheci o Sr. Daniel lá no estádio, dei carona pra ele até a casa dele e ele me fez entrar, me deu um vinho do Kibutz e aquela xerox do time campeão de 52. Então eu utilizei aquela xerox. Então trabalhamos em duas mãos. O memorabília que eu tinha e o memorabília que a gente precisava correr atrás, em função do título, em função

daquele marco na história do Corinthians. Foi um trabalho bem gostoso de fazer.

**Você também contribuiu com o livro *Nação Corinthians*. Esse *collectors book* foi lançado em edição limitada, para colecionadores, comercializado a um alto valor. Assim, podemos concluir que ele é destinado a uma parcela da torcida do Corinthians que possui alto valor aquisitivo. Pensando na *Bíblia do corintiano*, o público-alvo foi também definido de forma restrita ou consistia no corinthiano de modo geral?**

Não, é claro que a gente sabia que a produção de uma Bíblia como aquela ia custar caro. Inclusive a própria negociação com o Corinthians. O Corinthians para oficializar mordeu um pedaço dos royalties. O Marcelo conversou comigo para eu abrir mão também de um pedaço do meu, dos meus direitos e eu cedi. Mas ali houve um problema mais de custo mesmo, de se fazer. É difícil fazer uma Bíblia a um preço mais baixo, a caixa demanda custo, o corte, são papéis diferentes, a própria inserção daqueles papéis, ela é manual, você tem que pagar

alguém pra botar um daquele em cada uma, sem erro. Então tudo isso tem custo a parte. Ali foi mais uma questão de custo. O da editora Toriba que eu também acompanhei bem de perto, o *Nação*, está inserido – e eu não sei se você sabe, mas depois ele fez uma versão menor do *Nação* –, que eu também tenho aqui, aquilo está inserido em um contexto maior. Eles não fizeram só livro do Corinthians, eles fizeram livro sobre a Ferrari, eles fizeram livro sobre o Roberto Carlos, cantor. Fizeram livro, ou se inspiraram, se não me engano, se não foram eles que fizeram, eles se inspiraram num livro sobre o Muhammad Ali. Acho que fizeram um livro sobre charutos, whiskys. Enfim, aquela ideia é dar um presente diferenciado, isso quem me falou foi o pessoal nas reuniões. Dar um presente diferenciado para quem já tem tudo. Então usaram o Corinthians como paixão, como são outras paixões aí, a Ferrari, o Roberto Carlos, qualquer outra. Outro tipo de paixão de pessoas de um poder aquisitivo mais alto. A gente não pode esquecer, tem o estereótipo do corinthiano pobre, mas o Corinthians é maioria em todas as classes. O Corinthiano é maioria entre os ricos, inclusive o corinthiano é maioria entre as mi-

norias. Um dia nós vamos viver em um mundo suficientemente civilizado em que o marketing do Corinthians vai brigar com o São Paulo. Essa coisa do estereótipo, que o São Paulo até não gosta dos homossexuais ligados ao São Paulo. O Corinthians tinha que puxar isso pra si. Falar assim: “Nós somos maioria também entre as minorias”, ou as chamadas minorias né?! Então, essa é uma outra questão, talvez em um mundo mais civilizado do que o que a gente vive hoje. Mas o fato é que também tem essa coisa do corinthiano, as pesquisas mostram muito corinthiano nas classes altas. Esse era um livro na faixa acho que de R\$ 5.000. Quando me chamaram para fazer os textos eles falaram: “Ah quanto você quer ganhar para escrever os textos?”. Eu falei: Eu quero um livro porque acho que vocês não vão me pagar R\$ 5.000 para fazer. No fim me pagaram o freelancer e ainda me deram o livro, felizmente eu tenho o livro aqui, o *Nação*. Eu tinha muito medo de não ter esse livro. Mas é uma outra concepção. Ali sim muito mais ligada a uma ideia ali da editora Toriba de fazer esses chamados livros de luxo. Até para chamar atenção pelo tamanho,

pelo peso, foi um marco na época. Mas é, sem dúvida, uma ideia comercial bem diferente da *Bíblia do corinthiano*.

**Direcionar um produto como este, especial, ligado ao Centenário, para esta parcela de torcedores do Corinthians, não representa uma ruptura com o ideal de Time do Povo, com essa ideia da origem humilde, de torcedores humildes?**

É, sem dúvida não é a cara do Corinthians. A cara do Corinthians é outra, é mais popular. Eu, particularmente, não sou contra. É mais ou menos como a questão da elitização dos estádios. O problema da elitização dos estádios não é ter ingressos caros, é ter menos ingresso barato. É tomar o espaço dos ingressos mais baratos. Então eu sou corinthiano desde sempre, desde os nove anos de idade, desde que foi campeão em 1977. Mas quando eu comecei a acompanhar assim no estádio eu era um office boy e eu gastava quase todo o meu dinheiro nos ingressos pro Corinthians. Hoje um office boy não tem condições de ser um Fiel Torcedor. “Ah, mas na média é mais barato”, mas não importa, o cara não tem aquele dinheiro. Eu tive prova disso em 2000 quando lancei o *Almanaque do Timão*

por R\$ 12,00, R\$ 12,90 nas bancas. Em 2000, achamos que estávamos fazendo um grande negócio. Naquela semana fui em um treino do Corinthians, fui abordado por um menino de chuteirinha debaixo do braço, que era lá das categorias de base. Ele tinha me visto no programa Cartão Verde, falar do livro, e ele me perguntou se eu não tinha um livro, porque ele tinha visto na banca que era R\$ 12,90, mas R\$ 12,90 significava 10% de tudo que entrava na casa dele. Era um salário mínimo, R\$ 120,00. Eu então fui no meu carro e dei um livro pro menino. Você percebe como a gente se engana. Fica nesse nosso mundinho e não percebe. Agora, eu não sou contra ampliar. Como eu te falei, o Corinthians também tem uma parcela significativa entre os mais ricos. Só não pode esquecer dos mais pobres. Tem que ser para todo mundo.

Eu acho que o problema está na exclusão. É o caso das camisas um pouco mais baratas. Que todo mundo reclama da pirataria, mas é porque é o que as pessoas têm acesso. Então, que tivesse um livro Nação no centenário, ótimo. Mas desde que acompanhado de outros tantos, que até teve. Eu mesmo vi ali uns mais baratos, tinha outras opções de acesso né?! Essa é

uma velha discussão, por isso que eu te falei que a tese do Plínio Labriola lá chama Resistência e Rendição: os primeiros anos do Sport Club Corinthians Paulista. O que que ele quer dizer com resistência e rendição? Ele quer dizer que o Corinthians foi fundado como um time de bairro, no Bom Retiro, para jogar futebol da várzea, por gente muito humilde. Os primeiros jogadores, o Neco, o velho Neco, ensinou o zagueiro Fúlvio, Fúlvio Benti, a assinar o nome dele para pelo menos preencher a súmula, porque nem assinar o nome eles sabiam. Era um time de operários. E aí há um momento em que o Corinthians tem que se render ou resistir. Aí vem algumas ideias do tipo: “Vamos mudar a sede para o centro da cidade?”, “Vamos jogar futebol oficial ao invés de jogar só na várzea?”, “Vamos sair do Bom Retiro para a Praça da Sé?”, “Vamos dar títulos de sócios para gente como o dentista João Batista Maurício lá do Bom Retiro?”, ou como o Antônio Alcântara Machado, vereador que ajudou muito a arrendar o terreno para o primeiro campo na Ponte Grande. “Vamos dar o salto?”. Essa era a questão do Corinthians. E aí as pessoas se dividiram. Algumas queriam resistir, “não, vamos ser fiéis às nossas raí-

zes”. E outras resolveram se render, “não, traz os pistolões”. Que na época chamavam pistolão né?! O cara com diploma, o dentista, o engenheiro, o vereador. Vamos mudar a sede para o centro. A gente viu um exemplo disso agora a pouco. Tinha quem resistisse querendo ficar no Pacaembu, e tinha quem se rendeu aos encantos de uma Arena moderna onde teve jogo de Copa do Mundo. Então a história do Corinthians é toda essa, de resistência ou rendição. Essa história é contada, essa história volta toda hora. Essa questão que você propôs, “ah, mas ter um livro de R\$ 5.000 não está na contramão do que é o Time do Povo?” Está, mas é uma rendição, ou pode ser também um complemento, depende da ala que você estiver ouvindo.

**Uma das principais construções simbólicas em torno do Sport Club Corinthians Paulista é a de Time do Povo. Na sua visão este simbolismo se deu de forma natural ou foi uma estratégia consciente dos gestores para diferenciação do clube das demais agremiações?**

Eu acho que a potencialização existiu, mas sempre teve um ‘quê’ diferente no Corinthians, o Corinthians sempre atraiu as

minorias. O Corinthians sempre foi mais ao leste. O Corinthians sempre foi primeiro dos operários, depois dos negros, depois dos migrantes do interior de São Paulo, depois dos migrantes dos outros estados, dos nordestinos. Teve a questão dos 22 anos sem título, daquela valorização do sofrimento. Um fenômeno que na minha opinião não ocorreria nos dias atuais porque as pessoas hoje são muito mais voltadas para valorizar o ter do que o ser. As gerações atuais não acham nada bonito não ser campeão, ter time ruim. Tanto que elas acompanham o futebol europeu, porque elas estão atrás de qualidade, estão atrás de craque. O Corinthians de essência, ele não está preocupado com isso, ele torce pro Corinthians. O adversário, a divisão em que está, tudo isso. Eu acho que com o tempo, e é natural isso, as novas gerações estão perdendo um pouco isso. Você conversa com, meu pai tem 94 anos, ele é corinthiano desde os seis anos de idade. E agora na passagem do ano a gente estava conversando, ele falou: “Não sei porque eu sou corinthiano, eu sou porque sou”. Essa coisa independente de qualquer coisa. Eu acho que nos últimos tempos isso tem se perdido. Acho que se os 22 anos sem ganhar um cam-

peonato fossem de 2000 a 2023, a gente não teria a bonita história que teve pra contar de 1954 a 1977. Aquilo foi um fenômeno que transcendeu o futebol, tinha peça de teatro sobre o Corinthians não campeão. Tinha filme, filme do Mazaropi, *O Corinthiano*. Tinha música, tinha cartaz em bar, em boteco: “Fiado só quando o Corinthians for campeão”. Então se tornou um case social, você nem precisava acompanhar futebol para ouvir falar nisso, do time que não era campeão. E de uma torcida que só crescia atrás disso. Eu acho que as condições da sociedade hoje já não são as mesmas. Agora é muito, como você enxerga né?! Eu, ideologicamente, eu gostaria muito que o Corinthians fosse essa coisa pura, dos operários. Mas se você conversar por exemplo com Victor Birner, que é jornalista, e que é são-paulino, ele tem uma tese que é totalmente oposta. Ele garante que o Corinthians é o time do status quo, do governo, das empreiteiras, enfim, da própria mídia. Os outros torcedores são muito enciumados. Quando ganham um campeonato falam: “Ah se fosse o Corinthians saía livro, saía filme”. Por que não sai? Não sai porque não tem o mesmo apelo. Outro dia num grupo de *WhatsApp* tinha um pessoal, um

até ficou bravo com o outro, porque a TV Cultura estava mostrando umas retrospectivas do programa *Grandes Momentos do Esporte*, e aí fez um *Grandes Momentos do Esporte* especial sobre o Corinthians Campeão Paulista de 1977. E aí um são-paulino despeitado no grupo colocou: “É, o São Paulo foi campeão brasileiro naquele ano, porque não tem um *Grandes Momentos do Esporte* sobre isso?”. Aí um corinthiano espi-rituoso respondeu: “Talvez por falta do adjetivo ‘grandes’” [risos]. É isso, não dá pra medir, pra mensurar. Essa métrica burra de hoje em dia. Ah porque Paulista, Brasileiro é maior do que Paulista. O Corinthians foi campeão em 1977, São Paulo era o nosso mundo. Nós fomos campeões do mundo. Do nosso mundo, nosso mundo era aquele. Era um mundo sem internet, sem celular, que a gente namorava mais tarde do que essa molecada aí que já está namorando com 13, 14 anos. Eu com 13 anos estava empinando pipa. Era um outro mundo. Isso não pode deixar de ser contextualizado.

Agora eu acho que tem duas frentes. Você perguntou essa coisa, se é natural do Corinthians ou se é uma construção. Eu acho que as duas coisas se retroalimentam. Existe uma

construção porque tinha uma brecha para isso. Claro que não é do nada. Você tem registros. A invasão do Maracanã, por mais que queiram alguns desvalorizar, dizer que era tudo flamenguista e vascaíno que estavam lá, o que é uma grande bobagem né?! É só ver o número de pessoas que se deslocaram na época. Que não tenham sido 70 mil, que tenham sido 50, 40, 30, fecha em 20. Ainda é grande coisa. Era uma época em que não tinham rede social, não tinha meio de comunicação, não tinha nada. A gente estava às portas de um racionamento de combustível, postos iriam logo fechar de fim de semana e queimou-se uma gasolina e um diesel danado para metade daquele Maracanã ser de gente que veio de São Paulo. Isso não é todo mundo, não é qualquer um que faz. A mesma coisa se repetiu no Japão. Então há evidências. Por mais que queiram discordar, desvalorizar. E eu falo como jornalista: só tem uma coisa pior que o corinthianismo cego, é o anti-corinthianismo, esse é uma coisa irritante. Tem gente com muito boa formação que insiste em ser anti-corinthiana por ser anti-corinthiana. Porque é aquela coisa do “ah, já que eu não sou eu vou negar”. Isso existe na política, nos gêneros

musicais. A resistência a aquilo que chama muita atenção. E o Corinthians, pode falar o que quiser, mas ele antes de tudo, ele chama atenção, de uma maneira diferente. Para o bem ou para o mal, inclusive em relação aos que torcem contra. Não se catalisa tanta gente contra assim à toa. Existe uma força em movimento aí, existe algo. Que em algum momento de fato, talvez tenha sido exagerado nessa literatura, nessa representação, mas tem um porquê por trás disso aí. Tem uma legião de pessoas que se orgulham disso. O sorriso que um corinthiano abre quando sabe que está encontrando outro corinthiano. O corinthiano tem orgulho, o olho brilha como dizem os meus filhos. Os meus filhos dizem que o meu olho brilha de uma maneira quando eu falo do Corinthians que não é com outra coisa. É uma coisa espontânea. Em contraposição até a outros torcedores, tem torcedor que adora falar que não acompanha, que acompanha de longe, que não está vendo, que acompanha golfe, vôlei, basquete. O corinthiano você não ouve falar disso, o corinthiano tem orgulho de ser corinthiano sempre. Corinthiano não praticante é uma exceção. Claro que existem, mas o corinthiano antes de tudo é muito envolvido. O Corinthians é

uma parte cotidiana da vida das pessoas. As pessoas pensam no Corinthians de manhã, de tarde, de noite. Pessoas com formações, as mais diversas, eu acho uma coisa fantástica isso.

**Pensando na construção simbólica de Fiel Torcida. Podemos dizer que o período de jejum, de 1955 a 1977 foi um período de legitimação dessa construção? A partir dali é que se inicia o viés do corinthiano, maloqueiro, mas principalmente sofredor?**

É, eu te confesso que eu ainda devo uma pesquisa mais apurada a respeito do termo 'Fiel'. Eu tenho impressão que o Thomaz Mazzoni, que era quem tornava esses termos mais conhecidos aqui em São Paulo pela *Gazeta Esportiva* né?! Mosqueteiro, Piriquito, o nome dos clássicos: Derby, Majestoso, Choque Rei. Eu tenho a impressão, mas ainda não fiz essa pesquisa, que o termo Fiel Torcida já era utilizado nos anos 40 no período do primeiro jejum. Que a gente não pode esquecer que o Corinthians fica sem ser campeão de 1941 a 1951 também, só vendo São Paulo e Palmeiras campeões. Então o 'Fiel', eu acho que vem de um pouco antes, porque sempre foi o clu-

be que arrastou multidões nos seus jogos. O corinthiano sempre foi um frequentador de estádio muito mais praticante que os outros. Na época em que o Palmeiras do Ademir da Guia ganhava tudo, o Palmeiras chegou a fazer uma campanha. Tem até na Revista *Placar*, eu acho que tinha campanha na televisão também, o time posado do Palmeiras, aquele time clássico: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca, Dudu e Ademir da Guia, Edu Bala, Madruga, Leivinha e Nei, e com a frase: “Estes homens precisam de você”. Para o palmeirense ir ao campo e o palmeirense sofreu um fastio de títulos. Depois, de 1976 a 1993 sofreu, mas teve uma época que o palmeirense não ia. São-paulino então era conhecido por só ir na boa. Até a popularização do São Paulo, com o time do Telê nos anos 1990, o São Paulino era conhecido como a torcida que só ia na boa. A do Santos passou a existir a partir do Pelé, com o pessoal mais jovem. Antes não tinha a torcida do Santos, pelo menos não no nível das outras grandes torcidas. E o corinthiano não, o corinthiano ia sempre. Tem registro inclusive de cariocas que vieram para São Paulo, principalmente jornalistas a quem eu tive acesso, e eles contam que no Rio eles cos-

tumavam ir pro Maracanã, até porque o Maracanã era fácil né, central. Eles iam junto com amigos para ver jogo de todo mundo. Ver o Botafogo do Garrincha, ver o Flamengo, ver o Fluminense, independente do time que eles torciam. E aqui em São Paulo eles percebiam que o torcedor que mais tinha esse hábito era o torcedor corinthiano, então já tinha essa coisa do estádio.

É, quando é campeão em 1954, tem um discurso do Pedro Luiz, logo que acaba o jogo em que ele fala que o campo está sendo invadido por alguns representantes da maior torcida paulista. Então já era reconhecidamente a maior torcida de São Paulo. O sofredor não, o sofredor é mais ligado àquele período. Sem título, sem vitórias sobre o Santos, sem vitória sobre o Pelé. Aí é uma outra saga. A saga que finalmente acaba em 1977. Era um tempo mais simples, as torcidas eram particulares, o torcedor era civil. Eu ia pro estádio, a gente fazia a nossa própria bandeira de pano, de cano de PVC. Não era torcida organizada. Tinha as torcidas organizadas, mas aquele espetáculo quem proporcionava era as pessoas, o torcedor civil. Era mais barato, o ingresso era acessível, era uma outra

maneira de se viver. Mas o corinthiano sem dúvida era um frequentador assíduo de estádio, é por isso que essa questão da elitização bate muito forte na torcida do Corinthians. Porque sempre foi antes de tudo uma torcida popular, uma torcida das classes menos abastadas e que dava o seu dinheirinho lá pro jogo de futebol. Só você pegar as médias de público campeonato a campeonato, você vai perceber que o Corinthians sempre liderou, estando bem ou estando mal. E isso desde os tempos, vamos chamar menos, menos comerciais. Até esse horrível Campeonato Brasileiro que fez esse ano com média de 40 mil pessoas para não verem nada. As pessoas vão lá para ver a camisa do Corinthians. Então, não é uma campanha espetacular, não é um craque que é fora de série, não tinha nada disso. O corinthiano continua, pra usar essa expressão, que a gente ainda precisa de uma pesquisa mais apurada pra saber onde começou, continua Fiel. Essa coisa do Fiel, é um torcedor diferente nesse sentido. O corinthiano sempre teve essa cultura *in loco* né?! Estar no estádio. “Eu estava lá”, “eu fui”, “eu viajei”. Talvez até por não ter um estádio, agora tem um estádio, mas durante muito tempo se falou que o Corinti-

ans não precisava de um estádio porque ele fazia a sua casa em todo lugar. A torcida ia e ocupava. Você tem registros de ocupações já nos anos 1930. Em 1931 quando se decidiu o campeonato de 30 houve uma grande invasão a Santos, de trens inteiros de corinthianos. Muitos morreram na volta porque comemoravam o título sem camisa em cima dos vagões, isso nos anos 30. Até nos anos 40. O Corinthians voltou a ser campeão na Vila Belmiro em 1941 e na volta o pai do Boni – que durante muitos anos foi o todo poderoso da Rede Globo –, o pai do Boni morreu numa dessas invasões. Morreu de pneumonia como consequência de uma dessas invasões. Então tem muita história do corinthiano como corpo. Antes mesmo da Gaviões, antes mesmo da torcida organizada. Essas manifestações ligadas ao Corinthians existiram desde sempre e também motivaram o tipo de produção que a gente falou aqui. Essa coisa, uma coisa retroalimentando a outra né?! Produção de toda uma mística a partir de fatos que justificavam essa mística.

**Em sua opinião, hoje como um dos principais pesquisadores da história do Corinthians, o clube se preocupa com**

**a questão da identidade organizacional ou apenas retroalimenta estas construções simbólicas, de Time do Povo e de Fiel Torcida, com o objetivo de obter vantagem no mercado?**

Eu acho isso tão difícil de definir. Porque isso vai tanto em função de quem está no poder né?! O poder acabou de mudar. Na administração anterior a gente via essas coisas muito mais da boca para fora do que na prática. Se dizia um time democrático, um time preocupado com questões sociais e ao mesmo tempo escolheram um técnico aí que tinha um problema que acabou resolvendo só depois. Se é que resolveu, mas enfim, sobre uma acusação de estupro, o técnico acabou ficando só duas partidas. Então, na prática, infelizmente o próprio futebol feminino do Corinthians, que foi o responsável por absolutamente todas as glórias do ano passado, você não via nenhuma manifestação por parte do futebol masculino em relação a isso. Então, internamente, me passa muito a impressão de que o Corinthians não justifica seus atos teóricos na prática. Eu queria ver mais coisas na prática. Uma coisa mais coerente no sentido do caminho que o Corinthians está tri-

lhando. Talvez eles tenham algum tipo de medo, porque a torcida tem também maioria entre os conservadores. Porque tem corinthiano conservador, claro que tem, e tem direito também de ser. Tem corinthiano reacionário, tem corinthiano terraplanista. E aí eu acho que é uma junção complicada. Acho que tem essa questão política, poucos clubes no Brasil têm coragem. De se posicionarem, de serem coerentes o tempo todo. Você vê muita manifestação no papel. Contra racismo, contra homofobia, eu queria ver mais atitudes na prática, inclusive do Corinthians. Do futebol em geral, que é um meio muito retrogrado, reacionário, conservador, mas o Corinthians dentro disso, ele tem uma história, ou pelo menos um pedaço de história a zelar. A própria Democracia Corinthiana, e eu falo muito isso, a Democracia Corinthiana é uma exceção na história do clube. O clube em 110 anos de história você pega de 10 a 20 anos para meia dúzia de caciques. Alfredo Trindade, Vicente Matheus, Wadih Helu, o Andrés mais recentemente, variando as nuances de quem estava no poder, mas era o “Andrésismo” ainda né?! Em 100 anos de Corinthians citei cinco nomes aqui que morderam 70% da vida política do clube. Então

a Democracia Corinthiana foi uma exceção. Não é o clube da liberdade, da democracia, o tempo todo não.

**Para fazermos uma comparação com a literatura apaixonada do Plínio Labriola, citada por você. Em sua visão, a comunicação do clube, atualmente, busca se amparar mais nos dados e menos nos ufanismos? Procura uma linguagem mais direta e menos romântica? Para exemplificar, a gente observa tanto na *Revista Corinthians* de 1933, como no livro *Nação*, uma preocupação maior em ressaltar a grandeza do clube e não os simbolismos em torno da agremiação.**

Aí tem duas coisas. Primeiro o tempo. A revista é de 1933, então era um momento de afirmação. Um clube de 23 anos que precisava se afirmar como grande. E era uma produção interna, do Corinthians para o Corinthians, pelo Corinthians. No caso do Diaféria, acho que tem uma característica aí, ele era antes de tudo um cronista. A escrita do Diaféria, independentemente do texto que ele escrevesse, e ele foi um grande cronista durante anos, da *Folha de São Paulo*, do Jornal das sete horas da Rede Globo, tinha crônica do Lourenço Diaféria

toda noite. Ele era um cronista, ele não estava preocupado com dados. É uma romantização da história do Corinthians. Muito bem feita, por sinal. Acho que no momento o Corinthians não tem nem uma visão sobre isso, ou se tem essa visão nunca me passou. E também não tem obrigação de me passar porque eu não sou funcionário do Corinthians. Eu sou um jornalista que pesquisa a história do Corinthians. Tenho a impressão de que ultimamente, na medida em que tem legitimado o trabalho do Fernando Wanner, a tendência é ser mais apaixonado, porque o Wanner é apaixonado. O Wanner é o herdeiro de uma literatura apaixonada, como a do Seu Antônimo, quase místico em alguns momentos. Isso está em redes sociais, ele é apresentado como historiador do Sport Club Corinthians Paulista. Então, quero crer que no momento o Corinthians tenha feito uma opção em relação a isso, ou pelo menos uma concessão em relação a isso. Está assinando embaixo. Acho que é a política, mas sinceramente não acho que haja uma política, uma preocupação no Corinthians em relação a isso. Acho que isso vai muito ao sabor das necessidades de momento, de campanhas muito pontuais, específicas, de ne-

cessidades ali de rede social, do que dá mais clique. Estão mais preocupados com isso.

**Houve alguma consulta a você ou alguma relação com a Bíblia, o lançamento da campanha Corinthianismo?**

Não, não. Aquilo foi por conta do marketing ali naquele momento e não me consultaram nada. A única coisa nesse sentido foi quando a gente quis registrar o nome *Bíblia do corinthiano*. Dentro do clube houve uma certa resistência, mas aí eu acho que acabou vencendo aquela ala que assume o corinthianismo como algo próximo de uma religião. Não precisa ser ofensivo a ninguém. Eu acho que o sentido disso, a gente não está querendo substituir a religião de ninguém. A gente está querendo definir um sentimento mais próximo do sagrado, como você colocou. Eu acho isso natural. Tem aí uma certa aproximação inclusive com outras coisas, como São Jorge como padroeiro do clube, o dia de São Jorge, a capela de São Jorge. O próprio Wanner lá nas aparições dele usa a capa de São Jorge, carrega um São Jorge para dentro do gramado. Eu acho tudo válido. As pessoas hoje em dia estão se ofendendo de-

mais com tudo né?! Tudo é excludente. Ao falar que o corinthianismo é uma religião, não estou desmerecendo o catolicismo, o protestantismo, o budismo, o espiritismo, que nem se define como uma religião, mas como uma doutrina. Mas enfim, são crenças. Eu particularmente sou mais corinthiano do que qualquer outra coisa. Se eu for definir a minha religião, minha religião é o Corinthians.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Núbia. **Do *mythos* ao *lógos***: um mapeamento das construções simbólicas em produtos editoriais acerca do Sport Club Corinthians Paulista. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2024.

CORINTHIANS. **Nação Corinthians**. São Paulo: Toriba, 2011.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração corinthiano**. São Paulo: Fundação Nestlé, 1992.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e rendição**: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910-1916. Dissertação (Mestrado), PUC, São Paulo, 1992.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

UNZELTE, Celso. **Bíblia do corinthiano**: livro e documentos históricos de um centenário de conquistas. São Paulo: Panda Books, 2010.

\* \* \*

**Recebido em:** 04 abr. 2024.  
**Aprovado em:** 23 maio 2024.

## Messi

Mário Alex Rosa \*

Da esquerda pra direita  
da esquerda pelo meio  
e num passe de mágica  
a bola some.

Em ritmo de tango avança contra  
qualquer retranca,  
driblando pernas e braços  
dança outros compassos.

Pé ante pé  
no tempo elástico do bandoneon  
que se alonga na medida certa  
Messi acerta o ângulo.

## Messi

De la izquierda a la derecha  
de la izquierda al centro  
y en un destello de magia  
la pelota desaparece.

En ritmo de tango avanza contra  
cualquier obstáculo,  
apilando piernas y brazos  
baila a otros ritmos.

Pie en pie  
al tiempo elástico del bandoneón  
que se estira en su justa medida  
Messi la clava al ángulo.

\* \* \*

Tradução: Gabriel Amorim Braga

Em tempos de futebol argentino em alta, a *FuLiA/UFMG* apresenta o inédito poema "Messi", do mineiro Mário Alex Rosa – em português e em espanhol, traduzido por Gabriel Braga.

O poema nos lembra da genialidade deste jogador argentino, um dos mais extraordinários de todos os tempos, demonstrando habilmente uma fusão feliz entre o esporte e a arte ao utilizar elementos poéticos para descrever a forma como Lionel Messi se movimenta em campo. A menção ao bandoneon, instrumento característico do tango, cujo som elástico se adéqua perfeitamente aos movimentos do craque, adiciona um toque de sensualidade e dramaticidade à descrição, exaltando a precisão e o controle impecáveis do *hermano*.

Desta forma, o poeta ressalta a concepção de que Messi vai além de ser um jogador de futebol excepcional; ele é um verdadeiro artista nos gramados.

\* \* \*

\* **Mário Alex Rosa** é poeta, autor dos livros *Cartas ao mar* (Scriptum, 2023), *Diário de Casa* (Galileu Edições, 2021), *Casa* (Impressões de Minas, 2020), *Poemas pitorescos* (Galileu Edições, 2020), *Via Férrea* (Cosac Naify, 2013) e *Ouro Preto* (Scriptum, 2012), além dos livros infantis *ABC Futebol Clube* (Aletria, 2015) e *Formigas* (Cosac Naify, 2013; Impressões de Minas, 2024). Como coorganizador, também publicou as antologias *Pelada poética* (Scriptum, 2013 e 2014).

Mário é formado em História pela UFOP, mestre e doutor em Literatura Brasileira pela USP. Foi curador do FELIT (Festival de literatura de São João del-Rei). Atuou como Coordenador de Biblioteca e Literatura no SESC/MG. É professor e pesquisador de Literatura Brasileira.

**FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes**  
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da  
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
Junho, 2024